

RITOS ESTRANHOS NO MUNDO

JACQUES MARCIREAU

ENIGMAS
DE TODOS
OS TEMPOS



DIFEL

Che Guavira



Selo de qualidade

Digitalizado em junho de 2013

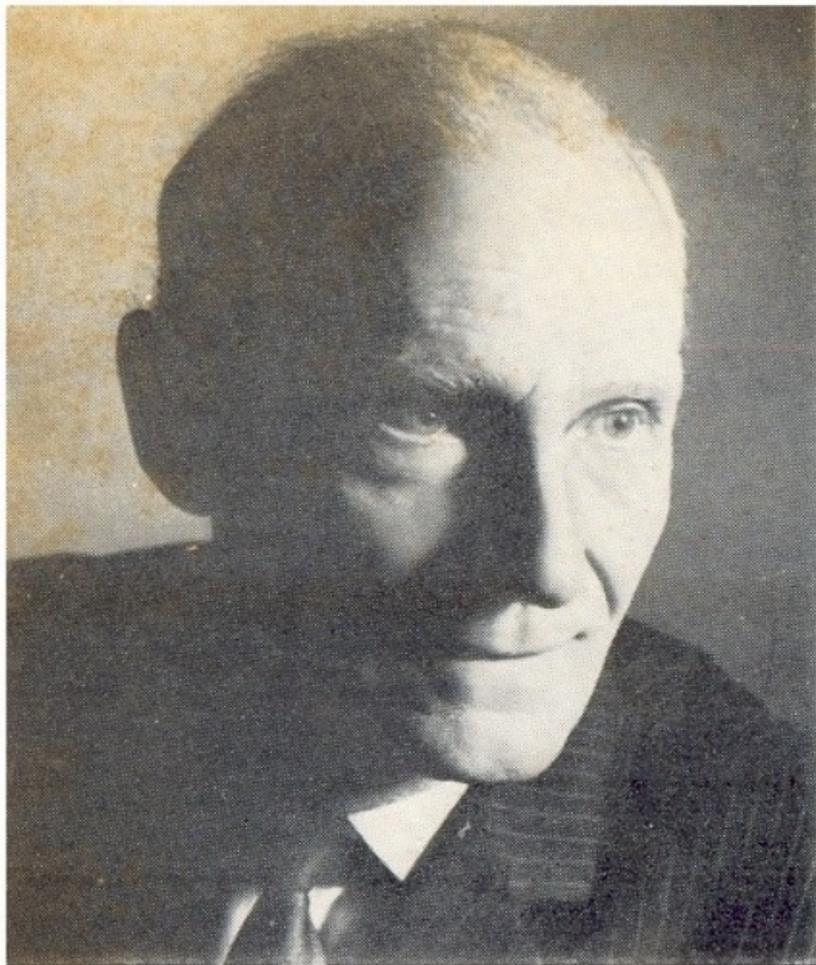
Ritos estranhos no mundo

Jacques Marcireau
Título original francês:
Rites étranges dans le monde
Capa de José Cândido
Tradução de
Noêmia Seixas



Difel
Apartado 37, Amadora

© 1974, éditions Robert Laffont, SA
© 1975, livraria Bertrand, SARL, à língua portuguesa
Todos os direitos reservados à edição brasileira desta obra pela Difusão Editorial,
SA, São Paulo
Composto e impresso nas oficinas gráficas da livraria Bertrand (imprensa
Portugal-Brasil)
Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora
Acabado de imprimir em outubro de 1975

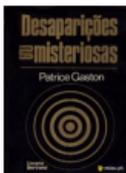


Desde muito novo **Jacques Marcireau** se apaixonou pela arte literária. Ainda jovem estudante liceal, já se iniciava na redação e na edição de revista juvenil. Sucessivamente jornalista, editor e livreiro, se dedicou, a partir de 1956, à investigação e à escrita. Se interessou pelo naturismo e esoterismo, elaborando por isso textos sobre cultura psíquica, iniciação, ocultismo, longevidade e agentes físicos da cura: A água, o calor, o movimento.

História dos ritos sexuais é um primeiro ensaio através do qual procura esclarecer o mistério da origem humana, revelando certos usos e costumes e certas cerimônias e tradições dos povos ditos primitivos. Nessa linha surge *Ritos estranhos no mundo*, um livro de leitura apaixonante.



As respostas e as soluções pra nossas angústias não caem do céu. Céu onde a ciência de hoje redescobriu os tais inumeráveis mundos habitáveis que já os sábios medievais anunciavam.



A revelação de toda uma série de misteriosas incursões de extraterrenos, das quais resultaram inexplicadas desapareições de pessoas e bens. Será que além da Terra existem outras civilizações mais evoluídas que a nossa?



Sem provar mas revendo todas as teorias e denunciando grandes segredos, Charroux nos faz entrar num mundo que até é o nosso mas analisado segundo uma dimensão de profundidade desconhecida: A quarta dimensão.



O dilúvio universal deixou traços na expressão simbólica de diversas civilizações, da polinésia à européia, da egípcia à inca. Entre esses traços Pöesson denuncia o mistério da inclinação do eixo de rotação terreno. O eixo foi manipulado pra que o dilúvio se derramasse sobre uma humanidade excessivamente numerosa?

Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora
Impresso em outubro de 1975

Introdução

Esta introdução não se refere diretamente às mortes rituais mas deve contribuir pràs explicar. Neste livro, página a página, se tratará de reflexo, homem mágico (ou primitivo), cerimônia e culto.

OS REFLEXOS

Ainda não há muito tempo, na formação literária dos jovens franceses, havia uma frase que se repetia de geração a geração: Racine apresenta o homem tal como ele é. Corneille mostra como seria.

O homem, tal como é, é o homem-reflexo. O homem, como deveria ser, é o homem-razão.

O ensino, sob a forma de instrução ou de educação, é uma tentativa de fazer do homem-reflexo um homem-razão.

Além disso se costuma considerar o ato racional como normal e o ato reflexo como anormal. Os livros de história e de psicologia, os artigos de jornais e revistas, leis e regulamentos partem, invariavelmente, desse ponto de vista.

Se desejaria que a idéia fosse a causa do ato. Quanto ao reflexo, conhecido sob o nome de instinto, se desejaria que não representasse papel na evolução do homem, e que o melhor que se poderia fazer a respeito seria o dominar.

Tentando reconstituir a origem, se vê que a primeira causa do ato é o reflexo. A idéia apareceu depois, como consequência e como representação do ato.

Vemos também que quando, tardiamente, a razão apareceu na história do homem, já existia o alicerce desses palácios suntuosos chamados religião, sociedade, arte, moral, ciência, técnica.

A idéia e a razão não fizeram mais que embelezar o que o reflexo e a magia criaram, do mesmo modo que os sacerdotes, substituindo os feiticeiros, não fizeram mais que os imitar, continuando sua ação.

O objetivo deste livro é mostrar que todas as instituições atuais se apóiam, não sobre idéias e raciocínios, como se julga, mas sobre reflexos multiplicados, tendo como essência um objeto ou um gesto, dum modo geralmente fortuito, desempenhando, às vezes, a vontade do homem nesse processo simplesmente a função de fermento.

O que são os reflexos e qual é sua origem?

O reflexo é o ato provocado pelos vestígios deixados na consciência humana por um gesto frequentemente repetido.

É hereditário.

Em 1875 Artur Omerod, com sete semanas, tinha a expressão do avô no dia da morte dele.

Auguste Lumière menciona o caso dum bebê que, pouco tempo depois do nascimento tinha o mesmo tique que uma das avós, falecida havia muitos anos.

Os políglotas nascem nas margens do Danúbio e nas regiões onde passavam as grandes vias de comunicação das tribos de mercadores no primeiro e no segundo milênio antes de Cristo (e não nos cantos afastados da Bretanha).

Nos lugares onde se praticou com mais ardor a cabala, a astrologia, a alquimia e o talmude, apareceram, depois do princípio do século 19, alguns dos espíritos mais geniais (pensadores e sábios) dos tempos modernos.

Reflexo religioso hereditário:

Em 1852 o governador de Porto-Príncipe, Vil Lubin, encontrou, estendida diante da porta da catedral, uma das damas mais ricas e das que ocupavam melhor posição em Porto-Príncipe. Vestida com o fato azul das mulheres do campo e descalça, murmurava sortilégio (Wanga).

Reflexos psicológicos:

Casanova (1725-1798) entrou no quarto duma jovem. Um odor recente feriu o olfato e o abandonou imediatamente o desejo amoroso.

Boucher de Perthes (1788-1868) contou a aventura dum noivo que chegou a um salão: Mas que horrível cheiro! Exclamou, imediatamente sua bem-amada. Começam a procurar e viram que o sapato do rapaz estava sujo. O noivado se desfez porque, explicou a moça, todas as vezes que o via aquele cheiro subia ao nariz.

Descartes, em criança, foi assaltado por um sentimento amoroso por uma mocinha que entortava os olhos. Quando se tornou homem as mulheres que entortavam os olhos, em vez do afastarem, o atraíam.

Reflexos sociais:

Outrora, na Alsácia e no sul da Alemanha, se via sempre chegar às feiras corretores judeus com um chicote em volta do pescoço, sinal de sua profissão.

O corretor judeu funcionava como mediador, entre as duas partes interessadas, fazendo baixar as exigências do vendedor e subir a oferta do eventual comprador. Os camponeses, habituados a esse gênero de corretor, eram incapazes de comprar ou de vender cabeça de gado sem ele presente.

E se citava a seguinte história:

Duas pessoas instruídas inteligentes queriam, a primeira vender um cavalo e a segunda o comprar. Eram duas pessoas que se conheciam muito bem. Mas sem o corretor judeu se sentiam incapazes de levar a operação a bom termo. E não havia corretor. Recorreram a um amigo comum, lhe pedindo que desempenhasse o papel de intermediário, como o corretor judeu. O outro aceitou. Não sendo corretor nem judeu, enrolou um chicote em volta do pescoço e empregou o vocabulário, acentuou as entoações e fez os gestos dum verdadeiro corretor israelita. E o negócio se fechou.

Um frade, que em 1710 estava no Marrocos (onde havia um grande número

de judeus), observou: Um mouro não faz compra sem que tenha um judeu a seu pé, pra fechar o contrato.

Reflexos psíquicos:

Os carneiros de H. F. Lidell, habituados a viver a certo ritmo (de metrônomo), se mostraram incapazes de comer e de dormir e começaram a lutar entre si quando o ritmo do metrônomo se alterou.

John Broadus Watson conseguiu pôr um cão completamente doido, o fazendo ter reflexos através de choques elétricos.

Os ritos, que nos parecem estranhos, são reflexos. Sua sobrevivência, no tempo moderno, demonstra a universalidade que tiveram nas épocas pré-históricas. São, portanto, pra nós, uma ajuda preciosa pra compreender o homem no passado mais distante, sua alma antiga!

O HOMEM MÁGICO

Em 1905 o jovem austríaco Rudolf Kassner, intelectual e artista, chegou a Tânger, onde viu os berberes descerem das montanhas cum a grande espingarda na mão.

A alma antiga lhe foi revelada nesse dia.

Reencontrou pouco tempo depois, na Bretanha:

No dia da Assunção, em Cancala, viu, na noite, um altar levantado na praia, e, à claridade dos círios, um idiota fazendo chacota e dizendo frases entrecortadas, deitado num carrinho de mão. Em volta dele, em semicírculo, estavam, ajoelhados: Crianças na primeira fila, moças atrás das crianças e, finalmente, as mães. De lado, alguns velhos se mantinham em pé.

Uma cena idêntica, na outra extremidade da Europa: Em Lavra de Quiève, [\[1\]](#) célebre peregrinação russa, duas camponesas levavam, cada uma, sua louca. As loucas gritavam, se sujavam, vomitavam...

Rudolf Kassner foi sensível à alma, plena de vibração, da multidão espanhola: A tourada é um espetáculo mágico porque há uma comunhão entre os atores e o público, entre o toureiro e o animal que ele se prepara pra sacrificar.

Rudolf Kassner foi ao oriente. No Turquestão, em Samarcanda, encontrou cortesãs hieráticas como deusas e, na Índia, o asceta de Amedabá, cujo emprego consistia em deixar as mulheres estéreis ou que desejavam ter mais um filho lhe tocarem no sexo.

Mas o que o impressionou mais foi aquilo a que deu o nome de trabalho rítmico:

Em Bombaim, da varanda do hotel onde se hospedava, viu transportar um piano através duma praça: Que profusão de pernas humanas, de ombros humanos, de vezes humanas, donde, em seguida, saiu um canto, que subiu até mim!

Em Porto-Saíde: De todos os que lá passaram, quem não se lembra dos ritmos obscuros que marcam o compasso dos cantos e dos gestos dos estivadores carregando, a pá, o carvão ao vapor?

No deserto da Arábia: Doughty contou como o fato de moer alguns grãos de café num pequeno almofariz representa um ato rítmico numa extrema riqueza, cheio de transbordante humanidade, da parte do próprio xeque, que agita no almofariz o pequeno pilão.

No Egito, Rudolf Kassner foi testemunha de cenas como existem no *Ouro do Reno* entre Alberico e os anões que lhe levam o tesouro dos nibelungos.

Não só o povo mas também a elite diferia dos europeus.

Alguns anos antes de 1914, na estação de Nikolaiewski, em São Petersburgo, Rudolf Kassner viu o enviado do dalai-lama, acompanhado dum criado, que lhe preparava o arroz e lhe fazia o chá, cum rosário de 108 pérolas enrolado em volta dum a mão e, na outra, uma pequena estátua de Buda. Não olhava coisa alguma, só a dentro de si. Nada vira dos numerosos países que atravessara.

E essa mesma gente oferecia espetáculo capaz de vencer a ciência dos ocidentais:

O encantador de serpente do Grande Soco, o lugar do mercado de Tânger, que deixa uma mamba negra, uma serpente perigosa, o morder no braço e na língua. O aissauá em transe que engole escorpião, caco de vidro e cacto.

A alma antiga não faz diferença entre técnica e cerimônia, como testemunha a cena, de que o europeu não compreende o sentido, mas ao feitiço da qual não escapa:

Uma tribo índia, numa região onde há bisão, executa danças durante dias inteiros, até o momento em que aparece um daqueles animais. A magia é a ligação entre a dança dos indianos e o aparecimento do bisão.

Rudolf Kassner, depois de ver tudo isso, pretendeu saber por quê e em que pormenor aqueles homens diferiam dos europeus.

E chegou à seguinte conclusão: Não têm individualidade. Vivem da vida coletiva de seu grupo, a tribo.

Em vez de dar o nome de primitivos, como os etnólogos, os chamam homens mágicos.

O homem mágico faz parte de seu grupo, casta, tribo, corporação, como a criança faz parte da família. Não tem pensamento nem desejo numa individualidade independente. Lhe falta essa forma de imaginação que leva o intelectual a projetar, a delimitar, a dividir o mundo que o rodeia. O homem mágico não se separa do mundo onde está enraizado. O mundo do homem mágico, puramente espacial, é diametralmente oposto à vida européia, onde os olhos estão fixos no relógio. (Rudolf Kassner.)

Como conclusão de suas viagens e reflexões, Rudolf Kassner disse em seu *Livro de memória* que o homem mágico é doutra espécie, com outro ritmo de

vida, outro sentimento do presente, com outra profundez.

Pra quê falar do homem mágico (o primitivo dos etnólogos) na introdução dum trabalho consagrado aos ritos estranhos?

Porque os ritos estranhos são precisamente uma coisa própria dos homens mágicos.

ORIGEM DOS CULTOS

Não se pode pôr em dúvida que o clero desempenhou um grande papel na formação das religiões, portanto da sociedade e da civilização. Mas o clero sempre se limitou a adaptar, dar forma, interpretar, intelectualizar ou sublimar os materiais fornecidos pelo povo.

O intelectual, o clérigo, o civilizado, perdeu a faculdade de divinizar os objetos e já não sente a veneração de que essa faculdade é acompanhada.

Tudo o que impressiona a sensibilidade do homem (invenção, novidade, fenômenos imprevistos) deu lugar a um culto num determinado tempo e lugar. A veneração jorra da profundez psíquica dos seres simples. As crenças de ordem intelectual são uma coisa muito diferente.

O homem primitivo é crédulo e ingênuo. Os objetos que venera são muitas vezes grosseiros, mas só eles possuem o verdadeiro sentimento religioso.

O simbolismo, depois o racionalismo, se inseriu num passado popular digno de consideração.

O rito, o gesto, é anterior ao idolo.

O deus é um embelezamento do idolo.

A mitologia explica o deus através da imaginação. A teologia pela razão.

Os colégios religiosos aperfeiçoaram, transformaram e adaptaram os cultos populares. Não os inventaram nem os impuseram.

Froelich, nos *animismos*, escreveu:

Parece, realmente, que ainda hoje, na África, aparecem novos cultos. Por exemplo, a religião de Zelamme Nogol, que data dos últimos anos:

Se trata duma pequena confraria cujo grande sacerdote se chama Zelamme e usa um boné de general.

Essa nova confissão tem um evangelho. O general era um grande chefe branco que libertou os negros. Os brancos o crucificaram mas o general ressuscitou.

Foi assim que se formaram os ritos antigos.

Em lugar de sorrir deveríamos admirar essa faculdade que perdemos, que permite divinizar objetos usuais ou personagens familiares, e a veneração que acompanha essa faculdade. É onde reside o verdadeiro sentimento religioso.

Hyatt Verril mencionou o caso dum indígena das Guianas que, à maneira de fetiche, conservava preciosamente um saco-de-mão, dos que usam as mulheres

européias, e uma lanterna. Reparara que os brancos mostravam um grande interesse por esses objetos e que, ao irem dum lado a outro, os levavam na mão. Deduziu daí que o saco e a lanterna eram divindades protetoras.

Existem aeródromos (e torres de controle) em ilhas da Oceania habitadas por tribos completamente primitivas.

Algumas vezes, os indígenas vêm rondar atrás das grades que, por motivo de segurança, rodeiam o aeródromo, e contemplam, fascinados, aquele mundo tão diferente. Depois, voltando a suas montanhas, constroem um avião com pedaço de madeira, assim como uma torre com ramos de árvore.

Feito isso, ficam acocorados em volta do aparelho, esperando. Na noite acendem fogueira e continuam esperando pacientemente.

Esse avião de madeira ajuda a compreender o pensamento primitivo (ou mágico), pensamento a dois tempos, que precedeu o pensamento racionalista, o qual se efetua a três tempos.

O pensamento moderno, racionalista e científico, corresponde à introdução dum terceiro tempo, o do motor.

Foi necessário um longo período de pensamento a dois tempos, ou duas dimensões, pra preparar a razão ou pensamento a três dimensões.

A fórmula desde que... (desde o momento em que...) exprime muito bem o pensamento primitivo ou mágico.

Desde o momento em que um objeto é considerado santo, divino, sagrado, útil, vantajoso ou eficaz, bastam analogias de forma, de natureza ou de comportamento pra conferir a outro objeto as propriedades sagradas, as propriedades de divindade ou de eficácia, etc.

Basta uma semelhança aproximada pra garantir a identidade.

A ação mágica consiste em imitação e simulacro, e a arte, sendo imitação e simulacro, é magia.

A história do homem consistiu em imitação, até o aparecimento do racionalismo (e da experiência).

Viajantes, missionários, exploradores, etnólogos se fartaram de perguntar aos *primitivos* sobre a origem e a causa de seus costumes, mas todas as respostas que obtiveram se resumiriam numa, que repetimos, em sua grandiosa simplicidade: Foi assim que nossos antepassados fizeram. É assim que deveremos fazer. É assim que nossos filhos farão.

A religião consiste no respeito às coisas antigas dignas de veneração e respeito porque são antigas, e o fim das cerimônias religiosas é as transmitir, através de rito, de geração a geração.

Mas a história, que é uma formidável reação em cadeia de reflexos, perturba constantemente a observação formalista do rito antigo, não se cansando do associar a novas imagens e novas noções.

AS CERIMÔNIAS

Este livro é feito, em grande parte, com descrições de festas e de cerimônias, coisas tão correntes que se lhes não presta atenção.

No entanto as cerimônias e as festas antigas contam a história da origem humana.

Porque toda cerimônia é comemoração.

Na festa se esqueceu o motivo da comemoração mas é possível descobrir.

Por exemplo, os bonecos queimados nas fogueiras, em sinal de alegria, no decorrer de festas populares, são sobrevivências de mortes rituais através do fogo.

Nos ritos funerários se encontram todos os métodos utilizados pra exterminar o vampiro.

Os suplicios em nome da lei se sucederam às imolações religiosas.

As cerimônias antigas são todas comemorações. Dito com outras palavras, são imitações.

A imitação de pormenores, referentes ao vestuário, deu os costumes rituais:

Buda, assistindo à incineração duma pobre mulher, apanhou a roupa esfarrapada (sari) e esse gesto é comemorado pelos monges budistas, cujas túnicas imitam os farrapos do sari apanhado por Buda.

As mulheres árabes têm o costume de pintar o cabelo com hena. As moças devem tingir de vermelho. Pràs mulheres casadas a cor é o negro, obtido com hena misturada com noz de galha. É um costume que dá felicidade, porque Maomé procedeu assim com seus filhos.

Maomé tinha a barba ruiva e, pra se lhe assemelharem, os muçulmanos piedosos tingiam a barba com hena.

No século 17, todos os anos, no dia 5 de novembro, andavam nas ruas da cidade de Londres cum boneco a que davam o nome de Guy Fawkes, que queimavam no fim da festa. Era a forma de comemorar a prisão de Guy Fawkes, em 5 de novembro de 1505, no momento em que se preparava incendiar um barril de pólvora.

Existe em toda a parte o costume de passear cum boneco na rua e do queimar. Devia ser usual em Londres muito antes de 1505.

Depois da *conspiração da pólvora*, deram ao boneco o nome de Guy Fawkes. É um caso frequente depois duma revolução. Até o clero celebra a mesma cerimônia em honra a um novo chefe.

Durante uma festa popular mexicana, que comemora a execução do arquiduque Maximiliano, em 1867, levam bonecos em procissão com a farda dos militares franceses do segundo império.

Pomposas e enfáticas nos cultos oficiais, as cerimônias se tornam, às vezes, burlescas, quando dão liberdade de ação ao gênio popular.

Outrora, no burgo de Aenwich, Nortúmbria (Inglaterra), em 25 de abril, dia de São Marcos, os habitantes da localidade se juntavam na praça do Mercado, a cavalo, vestidos de branco, levando todos uma espada e uma espécie de touca de dormir na cabeça.

Dirigidos por quatro camareiros e precedidos de músicos, se dirigiam a um pântano que ficava no limite da comuna. Depois de tirar a roupa se metiam no pântano até a cintura e saíam de lá cobertos de lama. Então voltavam a vestir os fatos, bebiam um copo duma bebida alcoólica e voltavam a montar, percorrendo a comuna a galope. Voltando à praça, eram recebidos pelas mulheres, cheias de laço e fita, que lhes ofereciam grinalda e flor, fazendo tocar campainha. A cerimônia terminava cuma festa.

A causa do costume era a seguinte: O rei João caíra no dito pântano. Era em comemoração desse incidente que se realizavam a cerimônia e a festa.

Uma tribo da Nova Guiné, do vale de Asaro, tem uma festa que é caracterizada por uma dança guerreira, à qual os indígenas cobrem o corpo de argila branca e põem uma máscara de aspecto medonho.

Ser trata duma comemoração. Os guerreiros do vale de Asaro estavam assim pintados e mascarados no dia em que alcançaram uma grande vitória, muito tempo antes.

Os hábitos primitivos, às vezes, tornam a aparecer em nossa época, em circunstância quase inesperada:

Mao Tsé-tung tinha 71 anos quando, em julho de 1966, se atirou à água pra descer o Iang-tsé-quiangue. Segundo se diz, nadou um percurso de 15km. Depois disso, todos os anos, jovens chineses comemoram o acontecimento, nadando nas ribeiras, nos rios e nos lagos da China, completamente vestidos e levando suas armas.

Quanto às cerimônias atuais é somente na forma que diferem das antigas. O fundo é o mesmo. A estátua substituiu o ídolo. O discurso evoca, pelas palavras, a ação, ainda recentemente representada pelos bonecos ou pelos momos.

Agora, como noutros tempos, a cerimônia forma o laço social, e somente a religião, a tribo, o povo ou o partido vitorioso têm o direito da celebrar.

Capítulo 1

O PRETENSO CULTO AO MORTO

Os ritos funerários não provêm do respeito aos mortos e da crença noutra vida (imortalidade), mas do desejo de impedir o regresso do morto (fantasma, alma do outro mundo) através dum tratamento especial do cadáver.

AS OFERENDAS E OUTROS MISTÉRIOS

Na maior parte das vezes os sábios falam dos costumes funerários pré-históricos nos seguintes termos:

Logo que as idéias religiosas nascem, aparecem as práticas funerárias. (Mortilet.)

A religião, como atividade de grupo, se manifesta, em primeiro lugar, na idade neolítica. As anteriores populações de caçadores professaram crenças nos valores espirituais e o homem de Neandertal enterrava, às vezes, os mortos numa forma que indicava a preocupação numa vida futura. (Hibben.)

Disse mais: Os homens de Neandertal inumavam os mortos. Escavavam sepultura (La Chapelle-aux-Saints, Moustier, La Ferrassie, Arcy-sur-Cure). Nesses túmulos havia oferenda, osso esculpido, sílex. É a prova do culto ao morto, do sentimento religioso, da crença na vida futura, etc.

Mas há outros sábios que não partilham esse ponto de vista e dão uma interpretação diferente dessas práticas:

O culto prestado aos mortos comuns se inspira sobretudo no desejo de impedir o regresso. (P. W. Schmidt, *Origem e história da religião*.)

A incineração correspondia ao mesmo fim que a inumação na terra ou sob um túmulo. Era uma precaução contra o vampiro. (Henri Hubert, *Os celtas*.)

Henri Hubert, autor de várias obras sobre os celtas e sobre os germanos, publicadas cerca de 1930, escritor de formação universitária, não arriscaria uma opinião tão subversiva sem poder a apoiar em documentos suficientemente numerosos e seguros.

Todos os costumes funerários, que nos parecem revelar respeito aos mortos, por causa do cenário dos quais tradicionalmente se revestem, derivam de processos de destruição do cadáver.

Uma grande parte das práticas religiosas provêm do cuidado com que reuniam as assadas prãs conservar num esconderijo que se tornava o objetivo de visita de vigilância, de tal modo era grande o pavor do regresso ou reparição do morto.

Em 1866 os escavadores descobriram, na gruta do cro-magnon, três esqueletos, o dum velho, o dum mulher jovem, com o crânio fraturado, e o dum feto. A gruta continha dente de animal, chifres de rena, sílice esculpidos,

fragmento de marfim e concha.

Se falou, a propósito dos restos do Cro-Magnon, duma *simples notícia da pré-história*.

Porém, parece mais provável que o crânio fraturado indique uma vítima ritual, assim como o feto. Os dentes, os sílices, etc., são oferendas.

Outro exemplo de *crônicas da pré-história*:

Em 1939 foi descoberto um crânio na gruta de Guatari, no monte Circeu (entre Roma e Nápoles). O crânio estava cingido por uma coroa de pedras *como se tivessem querido honrar esse fragmento ósseo*.

O sábio italiano Sergi verificou que o indivíduo a quem pertencera o crânio, um homem entre 40 e 50 anos, morrera dum ferimento provocado por uma arma pontiaguda. A cavidade occipital fora alargada como pra deixar passar uma mão.

Isso quer dizer que a vítima dum assassinio, agravado com mutilação e talvez com tortura, recebeu honra póstuma.

É um modo de agir que está em contradição com nossos costumes e idéias. Não chegamos a compreender. Procuramos encontrar, presse fato, uma explicação que corresponda a nossa lógica.

Mas encontramos, a cada passo, a mesma anomalia, não somente na arqueologia mas também na história religiosa e entre os primitivos. E se é obrigado a adotar a explicação seguinte: Houve uma espécie de celebração religiosa da morte e dos ritos que consistia em matar.

Foi somente nos 10 mil anos que precederam a era cristã que as religiões começaram a glorificar a vida com rito de ressurreição.

A presença de oferenda ao lado de ossadas não prova rito funerário (como os compreendemos).

Em todos os lados, nos tempos antigos, o cadáver e os restos do homem ou do animal que foi morto e supliciado dão lugar a um culto, portanto a oferenda. A vítima se torna divindade.

Há, em toda parte, vítimas sagradas:

Num túmulo de Eguisheim o crânio fraturado duma mulher.

Em Wingersheim um crânio humano no qual estava enterrado um machado.

A igreja fortificada de Vals-d'Ariège, perto de Mirepoix, foi edificada numa gruta onde, numa galeria, havia crânios fendidos com machados de pedra da chamada Época Neolítica. Encontraram também fragmentos de maxilares inferiores, um frontal, restos de crânios humanos apresentando estrias de sílex.

Essas assadas são provavelmente relíquias de vítimas rituais, recolhidas e guardadas cuidadosamente. Mas o homem moderno tem dificuldade em compreender que se rodeie de tal respeito os restos de pessoas que se mataram e que até se comeram!

Pode se supor que:

Se respeitavam as ossadas do mesmo modo que as estátuas das divindades nos tempos modernos.

Se lhes prestava culto.

Esse culto se traduzia em oferenda.

O temor ao vampiro seria uma boa explicação pra origem da oferenda. Todavia é insuficiente. Porque a oferenda não exprime simplesmente o temor. Se deve ver igualmente nela a veneração e a gratidão. O vampiro era morto, não era detestado. Matar (o que é um fato bem desconcertante pra nós) antigamente não era um gesto de ódio. Era um gesto de adoração.

Se tem mesmo a impressão de que o vampiro aceitava voluntariamente morrer. É uma idéia que existe na maior parte dos cultos.

Aceitando esse fato inicial, tudo o que se refere aos costumes funerários e às oferendas se torna explicável pela reação dos reflexos em cadeia.

Apresentemos alguns exemplos de oferendas que se relacionam com os tempos mais antigos:

Em Moustier um esqueleto de adolescente, deitado sobre o lado direito, com as pernas dobradas, a cabeça encostada ao cotovelo direito. Sob a nuca, pequenos pedaços de sílex. Ao redor, instrumentos de pedra e oferendas animais. O túmulo deve ter 70 mil anos.

No norte do Iraque (gruta de Xanidar) esqueletos *sobre um leito de flor*.

Na gruta de Teshik-Tash, Usbequistão, URSS, o esqueleto duma criança rodeado de cornos de caprídeos novos.

Se vê aparecer um uso singular, prefiguração da urna funerária:

No planalto de La Marconnière (Seine-et-Oise), no chão dum túmulo com dólmen, cinco crânios, que não foram queimados, cheios de fragmentos ósseos, uma parte dos quais sofrera a ação do fogo.

Em Coizard, quatro crânios, cheios de osso. Um continha o resto dum esqueleto de criança de tenra idade, outro vértebras de criança, conchas, falanges e um fragmento dum crânio.

Noutro sítio um crânio cheio com os ossos duma criança, pequenos ossos dos pés dum adulto, etc.

As sepulturas de animal põem em evidência o mal-entendido que se refere ao pretenso culto ao morto. Os animais se beneficiaram, muitas vezes e em muitos lugares, das mesmas honras funerárias que os homens.

No Egito a necrópole de Tebas (atualmente Carnaque e Luxor) é dividida em grupos correspondentes a classes diferentes. As colinas de Gournah-Murray, de Abd-el-Gournah, de Assassif, parecem ter sido reservadas aos sacerdotes. Os despojos dos reis e das rainhas estavam encerrados em profundos vales. Os macacos tinham uma necrópole particular (com 4km de comprimento por 2km de largura).

Nos museus os vasos de argila ou de alabastro, de origem egípcia, são urnas

funerárias que contêm múmias de animal: Gatos e macacos. Há também múmias de boi, de cão, de íbis e de crocodilo. Nas grutas de Maabdeh há crocodilos embalsamados e crias de crocodilo, embrulhados e enroladas em faixas, e até ovos de crocodilo.

Charles Keller e Zacarias le Rouzic descobriram (1904–1907), num grande túmulo da Bretanha, uma pedra tumular inteiramente reservada a um boi.

Se sabe que os celtas levavam animais a Carnaque pra serem sacrificados e, no fim do século 19 os camponeses iam até lá pra oferecer gado, que era vendido em proveito da igreja.

Na Albânia os comunistas abriram uma sepultura venerada numa mesquita (1972) e viram que continha um esqueleto de cão.

Se encontrou ainda:

Na Francônia, na gruta de Datershoele, perto de Velden, num nicho escavado numa parede, cinco crânios e ossos longos de urso.

Em Mixnitz, na Síria, trinta crânios de urso numa fossa de 3m³.

Noutro sítio 310 caninos de urso num espaço de 3m².

Em Meiendorf renas novas, cuja caixa torácica estava cheia de grandes pedras.

A forma como, no tempo moderno, se celebrava o culto ao urso, na Sibéria, permite compreender todos os cultos totêmicos análogos àqueles nos quais o homem era imolado e comido, sendo sua ossada conservada e venerada. Todos os anos o animal é sacrificado ritualmente, sendo o crânio guardado e venerado. Se come o urso, e as mulheres executam uma dança que imita a do urso. Os crânios se acumulam de ano a ano.

Os antigos se preocupavam muito com sua sepultura, como ainda as populações tradicionalistas, enquanto os evoluídos, os progressistas, os intelectuais, mesmo os que têm princípios religiosos, deixaram de dar importância a esse fato.

A preocupação da sepultura corresponde a uma das duas crenças seguintes:

A sepultura é indispensável pra que o cadáver não se transforme em vampiro.

A sepultura é necessária pra assegurar uma sobrevivência feliz no Além.

A primeira idéia é primitiva, a segunda apareceu com as religiões.

No Egito todos os soberanos, ao subirem ao trono, mandavam preparar, num subterrâneo, cuja entrada dissimulavam cuidadosamente, sua sepultura, que era formada por várias salas, nas paredes das quais estavam representados os acontecimentos de seu reinado. Se o faraó morria antes da sepultura estar acabada, o sucessor não a mandava completar. Sêti I, que viveu 13 séculos antes de nossa era, foi inumado num monumento em construção. Assim o túmulo era considerado um assunto pessoal e não uma homenagem prestada aos defuntos.

Disse capitão Cook O principal fim da ambição destes povos [de Taiti] é ter um magnífico morai.

A sepultura cobiçada, cara, era privilégio dos ricos. Os humildes usufruíam a honra duma sepultura de acordo com a medida em que dependiam duma poderosa personagem, de cuja comitiva continuavam a fazer parte no túmulo, como fizeram em vida.

No Egito as múmias dos servos eram colocadas no chão, enquanto as múmias dos senhores eram instaladas sobre pedras no centro da câmara funerária.

Em Tantonville (Meurthe-et-Moselle), cemitério da alta idade média (do século 5 ao 8) as pedras tumulares dos guerreiros formam os raios dum grande círculo, no centro do qual fica a sepultura dum chefe.

Quanto aos mortos comuns, tanto entre os antigos quanto entre os primitivos, ninguém se preocupava com sua sepultura.

Os cafunes lançam os cadáveres a uma fossa, escavada na imediação das aldeias.

Em redor das cabanas dalgumas tribos esquimós, o chão está juncado de ossada de homem e de animal.

A pira funerária, que dava origem a uma enorme despesa, era reservada aos ricos e aos chefes, na Índia, em Roma e noutros lugares.

Os ritos funerários e a sepultura se concediam ao morto, como membro duma comunidade ou duma confissão (confraria). Os cemitérios, nos lugares onde existiam, nunca estavam abertos a toda gente.

Ninguém tem direito de repousar aqui, a não ser que seja um iniciado de Baco, declarou uma inscrição do século 5, em Cumes. O cemitério era reservado a uma confraria.

Os conventos tinham cemitério pra seus monges, nas cercas, em jazigos, nos claustros.

Os cristãos da igreja primitiva tinham um grande cuidado em não enterrar os mortos no meio dos túmulos profanos. Marcial, bispo espanhol, foi censurado por ter enterrado crianças juntamente com estrangeiros.

Não sendo recebidos nos cemitérios católicos, os luteranos se habituaram a enterrar os mortos num jardim, num campo ou num bosque. É essa a razão por que em Deux-Sèvres, na Mothe-Saint-Héraye, em Moncoutant, Melle e Saint-Maixent, na região de Lusignan e de Saint-Sauvant, se encontram frequentemente cemitérios familiares e, às vezes, túmulos isolados.

Eis um resumo acerca das sepulturas:

As ossadas das vítimas rituais se guardam em locais de difícil acesso, juntamente com oferendas.

As mesmas honras se prestaram depois a alguns privilegiados: Chefes e sacerdotes.

As ossadas ou túmulos que estão agrupados são sempre da mesma comunidade, guerreiros da mesma tribo, membros da mesma seita.

OS VAMPIROS

No começo, existiam as forças psíquicas, que se materializaram e individualizaram, a pouco e pouco, e, ao fim duma longa evolução, apareceram os seres psíquicos.

Esses seres psíquicos desejavam, devoravam o sangue que lhes fazia falta e, se acasalando com os animais, deram lugar ao nascimento de diversos monstros, dos quais algumas espécies tomaram lentamente um aspecto humano, por seleção e eliminação.

Durante muito tempo criaturas semipsíquicas, semicorpóreas, existiram conjuntamente com seres meio animais meio humanos. A luta entre todas essas espécies foi horrorosa.

Os primeiros seres se agitavam num turbilhão perpétuo, o que permite compreender o caráter religioso da dança e das epidemias dançantes, como a tarântula e a dança de São Guido (doença de São Vico).

Um grande número de gerações nasceram cegas, mudas e surdas, o que explica que ainda haja cegos e surdos-mudos de nascença. A faculdade de ver, ouvir, emitir som, foi a primeira, e como foi difícil!, conquista da pré-humanidade.

Os homens primitivos se assemelhavam aos atuais simples de espírito e deve ser essa a explicação do costume de respeitar os loucos como personagens sagradas. Os escoceses e alguns povos orientais achavam que o nascimento dum idiota era uma bênção pra família.

Muitas superstições e ritos podem se considerar em relação com a passagem dos seres informes das origens para natureza mais humana. Os seres primitivos tinham de lutar pra se libertar de suas origens psíquicas e, ao mesmo tempo, de suas alianças animais.

Os ritos, os cultos, as religiões comemoram a destruição e a desapareição progressiva dos monstros, com marcas acentuadamente psíquicas ou acentuadamente animais, e sua substituição pelo homem.

Esses monstros, por mais diferentes que fossem entre si, tinham uma característica comum: Não morriam de morte natural. Era preciso os matar. Eram vampiros.

O homem só foi verdadeiramente homem no dia em que começou a morrer de morte natural.

Mas quanto esforço foi necessário pra que a morte se tornasse um fenômeno normal! A conquista da morte foi a primeira grande experiência da espécie humana.

Se não se admitir a hipótese desse *desejo à morte*, o passado religioso da humanidade permanecerá incompreensível.

Como explicar, com efeito, que o fato de morrer e de matar foram as práticas

religiosas fundamentais?

- O que é o vampiro?
- Um ser que recusa morrer.
- Porque é ele perigoso pros vivos?
- Porque é ávido de sangue.

Se desembaraçam do vampiro:

- Cortando a cabeça.
- Metendo uma estaca no corpo.

Nos costumes religiosos arcaicos, são manifestos a obsessão à alma do outro mundo, do fantasma, e o temor ao vampiro. Tratam o defunto com respeito porque têm medo. Quando a morte parece definitiva rebenta a alegria. Assim o cenário de todos os cultos e de todas as cerimônias fúnebres é, em primeiro lugar, o temor e a apreensão, que os modernos tomam por desgosto e aflição, e depois uma alegria transbordante.

É, de fato, um exemplo significativo o costume dos antigos caraíbas:

Colocavam o morto numa cova redonda e durante dez dias levavam comida bebida. Se no fim desse prazo não desse sinal de vida lhe deitavam as vitualhas sobre a cabeça até que a cova ficasse cheia. Acendiam sobre a cova uma grande fogueira e dançavam gritando.

Suponhamos que, em consequência duma descoberta científica o homem consiga suprimir a decrepitude, assim como a morte natural, mas que a morte por acidente ou crime continua a ser possível e que tudo o que se relaciona com o casamento e o nascimento permanece inalterável.

Se pode conjecturar que, no fim de pouco tempo os homens recorreriam a um extermínio sistemático, onde os mais idosos, assim como os recém-nascidos, seriam as primeiras vítimas.

A desapareção da morte natural levaria a conflitos e guerras entre as gerações. O crime seria de novo considerado um ato meritório e útil à sociedade.

No princípio da história humana existiu uma situação desse gênero.

Os seres psíquicos, que precederam os homens, se assemelhavam às sombras das quais fala Homero na *Odisséia*. Se trata duma viagem no Hades, nos infernos, e é Ulisses quem falou):

Agarrei as vítimas e as degolei sobre a cova acabada de escavar. O sangue corre em borbotão. As sombras vêm de todos os lados. Se vê mulheres jovens misturadas com velhos, numa confusão. Se comprimem mesmo em redor da cova, soltando grito agudo.

Ordeno a meus companheiros despir as vítimas, as queimar. E eu continuava, de espada desembainhada, pra afastar as sombras e as impedir de beber o sangue, do qual são tão ávidas.

Ainda restam, nos costumes fúnebres, vestígios dessa avidez de sangue. Nas tribos indianas, quando um prisioneiro é supliciado, se convidam os manes dos

antepassados a vir beber seu sangue.

Os albaneses do Cáucaso regavam com sangue o túmulo dos mortos degolando uma ou várias ovelhas.

O estado vampírico faz parte dos fenômenos chamados sobrenaturais que escapam a todo controle científico.

Se encontra esse estado vampírico no mundo cristão sob a designação de *odor de santidade*. Os vampiros cristãos são santos e bem-aventurados e seu corpo morto é um *cadáver estranho*.

O cadáver com odor de santidade exala continuamente sangue, óleo ou água. Como o vampiro, não se decompõe. Citemos, como exemplos, Rosalina de Villeneuve, Teresa de Ávila e São Francisco Xavier.

Os ossos de santa Catarina suavam continuamente um óleo onde metiam a cabeça, no mosteiro do Sinai.

O monge maronita Charbel, falecido em 1884, foi enterrado num ponto alto do Líbano. De seu cadáver brotava água mesmo depois do exposto ao sol.

Os jornais da França e da Holanda começaram a publicar histórias de vampiros depois de 1693, originárias da Áustria, da Morávia, da Boêmia, assim como da Lorena, da Prússia, da Silésia, da Polônia e do norte da Europa.

As criaturas vampíricas (espíritos, almas do outro mundo, fantasmas, etc.) se tornaram objeto duma crença universal.

No Taiti e noutras ilhas da Polinésia as almas do outro mundo têm o nome de *tutapau*. As almas dos mortos (*tii*) abandonam os túmulos durante a noite, se introduzem nas cabanas e se alimentam do coração ou das entranhas das pessoas adormecidas.

Os índios da América contam histórias de almas do outro mundo devorando os cadáveres e sugando o sangue dos vivos.

A maior parte dos africanos pensa que há seres que vagueiam durante a noite pra se sustentar da carne e do sangue dos vivos adormecidos.

Os lêmures, que, entre os romanos, correspondem às almas do outro mundo, são ávidos de sangue humano.

As lâmias são mulheres que visitam os cemitérios, desenterram os cadáveres e os comem, deixando apenas ossada.

Há o vampiro nas mitologias. Pros maias um vampiro celeste, que simboliza o morcego, mata e devora imediatamente tudo o que encontra na frente.

Um dos sete grandes demônios da religião do persa, instituída por Zoroastro, Vazireche (*que não deixa em paz os corpos mortos*), é uma personificação do vampiro.

O DESCARNAR E A EXPOSIÇÃO

Se trate do descarnar ou da exposição, o fim, originariamente, foi obter a

certeza da destruição do cadáver pelo testemunho da ossada.

A sepultura em duas etapas foi praticada na Europa durante os dois milênios que precederam a era cristã.

P. W. Schmidt, em *Origem e história das religiões*, disse: É costume usar, frequentemente, duas espécies de sepultura. A provisória, até o esqueleto ficar descarnado. E a definitiva, conservação do crânio e das partes ósseas.

Em 1870 René Galles formulou esta hipótese:

Os mortos eram colocados junto a um menir ou pendurados no monumento. Quando só restavam a ossada a recolhiam e levavam ao dólmen.

Exemplos, na América, de sepulturas em duas etapas:

Os índios do Mississipi expunham os cadáveres à ação do ar e às bicadas das aves, sobre um estrado, no cimo das árvores.

Quando o esqueleto já não tinha carne a ossada era recolhida, limpa e sepultada, envolvida em pele, no túmulo.

No Utá, no Colorado, no oeste, e entre os esquimós do Alasca, depunham a ossada em gruta ou em fenda do rochedo.

Os guaimis do istmo do Panamá chamavam um mágico, um feiticeiro (*sukia*) assim que um de seus adoecia. Se o *sukia* declarava que o doente morreria, o transportavam ao meio do arvoredo e instalavam numa espécie de maca (cama que servia de caixão) rodeada de ramo de árvore. O doente se tornava *sukura* (tabu) e ninguém devia se reaproximar. Quando, finalmente o *sukia* verificava a morte, enrolavam o cadáver em folha de palmeira. No fim dum ano um dos membros da tribo limpava os ossos, que se embrulhavam e eram transportados à sepultura familiar.

Os talamancas penduravam os mortos entre duas encruzilhadas. Quando os ossos ficavam bem limpos os enterravam num túmulo construído no alto das colinas, longe da aldeia.

No lugar onde se edificou Nova Iorque os índios instalavam os cadáveres em canoas feitas de casca de árvore e assentes em estaca, e todos os anos os filhos do morto, levavam provisão.

Os caraíbas deitavam o cadáver numa maca, que as mulheres da tribo guardavam.

Os salivas (no Orenoco), depois de amarrar o cadáver, o deitavam ao rio, onde era devorado pelos peixes. A ossada, recolhida num cesto, era pendurada no teto da casa.

Os roamainas, do Peru, desenterravam o cadáver, quando a carne já desaparecera, e colocavam a ossada num recipiente de argila e o transportavam à cabana da família. Nessa altura se executavam os segundos funerais.

Os patagões expunham o esqueleto sobre ramo de árvore, pra secar e branquear. Uma mulher que desempenhasse um papel importante na tribo vigiava a operação.

Um ano depois os ossos eram reunidos dentro numa pele, carregados sobre o dorso dum cavalo e levados ao cemitério. Depois, o esqueleto, reconstituído e seguro por meio de liana, revestido de colar e de pluma, era colocado numa cova quadrada.

Foi capitão Cook quem nos revelou a cerimônia do funeral, realizado em duas etapas, no Taiti, no século 18:

O cadáver, colocado numa base de madeira, envolto numa esteira e tecido branco. A base de madeira, segura por pilares de 1,5m, se ergue numa choça de 5m de comprimento e 3m de largura, aberta num lado e parcialmente vedada nos outros três por um ripado.

Em toda a Oceania existiam costumes análogos:

Na Austrália o corpo era exposto sobre ramos de árvore, mantidos no ar por meio de quatro varas bifurcadas cravadas no chão.

Noutros lugares levavam os mortos a pontos elevados, juntavam os crânios usando um arco de pedra.

Os habitantes das ilhas Andamã (golfo de Bengala) enterravam os cadáveres sentados. Quando a carne se decompusera, o esqueleto estava exumado. Cada parente tomava conta dum osso.

Os maoris da Nova Zelândia conservavam o corpo durante três dias, o esfregavam com óleo e lhe vestiam o melhor fato. Depois o enterravam num lugar afastado, rodeado por uma paliçada.

Em seguida os feiticeiros retiravam a ossada do túmulo e limpava antes de a levar ao sepulcro da família, que era túmulo ou gruta.

Os mincípios (indos-melanésios) recolhiam a ossada, limpavam e, em seguida, depois de a quebrar, distribuíam os fragmentos pra fazer colar e talismã.

O crânio ou o maxilar inferior, preso a um cordel, era levado sucessivamente por cada membro da tribo.

Os tagbanuas da ilha Busuanga (Filipinas) tinham ilhotas que serviam de cemitério. Uma espécie de maca, suspensa entre duas árvores, recebia o corpo nu.

Com o tempo a maca e o conteúdo acabavam caindo ao chão. Recolhiam a ossada e a depositavam numa gruta, num pequeno caixão de madeira ou num grande vaso.

Entre os arrossi de São Cristóvão (ilhas Salomão) a família limpava a ossada do morto e a expunham ao ar livre ou conservavam em lugar sagrado.

A exposição e a sepultura em duas etapas eram usadas pelos antigos habitantes do norte da Europa.

O pó ocre, que recobre os ossos, indica tanto a exposição anterior como o descarnar do cadáver. As sepulturas que contêm osso colorido, como existem na Rússia, no Cáucaso e na Europa Ocidental, só podem ser ossuário.

Os albaneses do Cáucaso (restos de tribos indo-européias) retiravam do túmulo

a ossada do defunto no fim de três anos e a colocavam num ossuário.

Os suecos e os godos penduravam o cadáver nos ramos das árvores ou suspendiam o corpo dissecado e mirrado nas traves do teto de suas casas.

Os groenlandeses fechavam os mortos em grandes cestos, que penduravam nas árvores.

No tempo histórico, na Espanha, no Escorial, havia uma câmara especial onde os reis mortos esperavam a sepultura definitiva, câmara que tinha o nome de *El pútrido*.

Na Sicília e na Bretanha conservaram o costume dos ossuários ou amontoavam os ossos em pilha. Na imediação de Palermo reuniam o morto, depois de perder a carne, em ossuário onde recebia visita da família.

O descarnar do cadáver, que não é o resultado da exposição mas que é obtido imediatamente pelo esquartejamento do defunto e pela raspagem dos ossos, se segue imediatamente à morte.

Contemos o modo como procediam os australianos quando as circunstâncias tornavam impossível a exposição do cadáver:

O cadáver era decapitado e o corpo cortado em pedaço. Homens, mulheres e crianças, toda gente, se lançava ao trabalho, com faca, pequenos machados e raspadeira. Um cortava um joelho, outro desarticulava uma coxa. O corpo ficava limpo num momento. A gordura servia pra friccionar os que participavam na operação.

Barba, cabelo e todo pêlo são queimados, e a fumaça é aspirada a plenos pulmões. Os ossos, uma vez limpos, servem pra fazer jóia, juntamente com cascas de cores.

O esqueleto se torna um N'gobera (um deus doméstico), que, fazendo parte da família, a acompanha quando têm de se deslocar, especialmente nas expedições.

Quando os esqueletos se tornam muito numerosos, os enviam a um ossuário ou os penduram nos ramos das árvores. Como um esqueleto inteiro ocupava muito espaço e os australianos se deslocavam constantemente, conservavam apenas uma pitada de cinza, um astrágalo, algumas vértebras, a que davam a forma de colar, ou metade dum crânio, do qual faziam uma taça.

Foram encontrados sacos com osso. No duma australiana havia uma tibia e uma cabeça. Uma velha conservava a pele do filho e a punha junto ao lume, pra a aquecer.

Eis outro rito funerário, observado no Tibete por padre Huc:

Quando um homem morria lhe punham a cabeça nos joelhos e as mãos entre as pernas. Ligado com cordas, o suspendiam num saco de couro ou num cesto pendurado numa trave. Então toda a família se juntava e o lama dizia as orações.

Depois disso coziavam o cadáver em manteiga, na presença das imagens dos deuses.

Quando o corpo estava na conta era entregue aos cortadores, que o colocavam

sobre uma mesa de pedra, o cortavam em pedaço e o davam a comer aos cães. É o que se chama a sepultura terrestre.

Há também a sepultura celeste. A preparação é a mesma, mas em vez de ser dado aos cães o corpo é dado aos abutres, em grandes cercas reservadas a esse fim.

Os cortadores exigem uma retribuição pecuniária pra cortar um cadáver. Trabalham em grupo, cum chefe, que tem o nome de *dheba*.

Há uma terceira sepultura, chamada aquática. Quando o morto é pobre lançam o corpo à água.

A exposição do cadáver durante um longo período, com o fim do descarnar, se conservou, como rito religioso, na exposição do morto durante um dia ou dois (ou mais).

Os romanos expunham os defuntos junto à porta da casa.

Os judeus num lugar elevado chamado cenáculo.

Quando os cristãos puderam exercer livremente seu culto, expunham os cadáveres abertamente, os rodeando de tochas cintilantes.

No Butão, pequeno reino himalaico, tendo o soberano morrido no mês de setembro de 1972, o corpo foi embalsamado, depois exposto num palácio de Tinfu durante um mês, antes de ser queimado.

Nos países civilizados se substituiu a exposição do morto pela exposição da urna ou da essa, cuja forma evoca o túmulo.

Capítulo 2

O SANTUÁRIO

Os lugares sagrados dos antigos são onde precisamente se guardam os ossos.

REGIÕES ARQUEOLÓGICAS E LUGARES DE CULTO

A 16km de Montpellier, no Hérault, os Matelles (Saint-Gely-du-Fesc) eram habitados há 100 mil anos. Ali se puseram a descoberto vários períodos pré-históricos, datados de -30.000, -25.000 e -3000, se deu o nome de *templo neolítico* a uma espécie de edifício que compreende várias aberturas, recantos e salas.

Perto dali, em Suquet-Coucolière, há uma cavidade que serviu pra incineração de corpos durante nove séculos. As ossadas, limpas e escolhidas, eram enterradas em volta dos dolmens vizinhos. Se contaram mais de 3000 dentes e 97 restos de maxilar.

O Baoussé-Roussé (rocha vermelha) é como um quebra-mar de calcário, cavernoso, na fronteira entre a França e a Itália, perto de Mentão, com nove grutas, situado 25m acima do nível do mar:

Na gruta das crianças, explorada a 8 de junho de 1901, há dois esqueletos de crianças de quatro a seis anos, deitadas juntas, com centenas de pequenas conchas até a cintura.

Na quarta gruta, o esqueleto dum adulto, com concha, canino e osso de veado. Envolveram o morto numa pele de animal. As oferendas estavam polvilhadas com ocre. À esquerda, ossadas coloridas de vermelho, rádios de criança de 12 anos, falanges, dedos grandes do pé, ossos do pé direito dum homem de grande estatura.

Na quinta gruta, um esqueleto humano estendido de costas, com oferendas de sílex.

Na sexta gruta, um esqueleto humano, polvilhado de ocre, um dente canino de veado, calhaus de sílex coloridos de vermelho. Um segundo esqueleto, sob o primeiro, com oferendas, dentes de veado, colares e braceletes... Depois, a 80cm do segundo esqueleto, o esqueleto duma criança de 15 anos, estendida de barriga a baixo.

Notar que os esqueletos que acabamos de descrever foram descarnados por um rápido processo artificial, porque os tendões e os tecidos fibrosos estavam à vista. Foram os esqueletos, e não os cadáveres, que pintaram de vermelho e ornaram de adereço.

As galerias da caverna do Herm, perto de Foix, Ariège, continham, juntamente com esqueletos de urso, ossadas humanas de 30 indivíduos dos dois sexos e de todas as idades.

O espeleólogo Norbert Casteret descobriu estátuas feitas de argila, com a

idade de 20 mil anos, na gruta de Montespã (Alto Garona) e desenhos parietais pré-históricos nas duas salas da gruta de Peyrot (Ariège).

Em Lozère, na caverna do Homem Morto, em São-Pedro-dos-Tripés, estavam deitados, sobre a areia fina, 50 esqueletos. A entrada estava entaipada.

Não pretendemos fazer a história dos dolmens, galerias, túmulos, câmaras sepulcrais, e, pra terminar, mencionemos o hipogeu, que é uma espécie de templo, sem deixar de ser uma sepultura, e o vaso funerário, que é somente uma sepultura, mas que igualmente provém da gruta sepulcral, passando pelo dólmen.

Pra acabarmos rapidamente o importante período dos megalitos, chamaremos a atenção ao dólmen tão antigo de Três Mosteiros (Viene), onde se encontraram assadas divididas em sete grupos e dispostas de forma estranha. Umás estavam agrupadas em forma de aspersório, outras formavam retângulos ou quadrados, no meio dos quais estavam pequenos ossos em desordem e um crânio quebrado. Um pouco afastadas, estavam ossadas que levadas àli já descarnadas. Tudo isso parece realmente indicar o canibalismo ritual.

Mais recente é o grande dólmen de Manné-Lud, Finisterra. Uma vez levantadas as cinco pedras que o cobriam, se viu que cada uma suportava uma cabeça de cavalo e que o túmulo central continha dois esqueletos, um queimado e o outro não, o que indica a prática de ritos totêmicos e guerreiros de tribos pré-célticas.

Subindo o vale do Saone, em Macão, um dos dois picos que se avista à esquerda é Solutré. Como Leucade e outros rochedos, foi um lugar de morte ritual, um lugar de culto, um cemitério. Existe lá um enorme monte de ossada. 40 mil cavalos ali foram sacrificados, aos quais partiram os ossos pra extrair a medula. O fato de não existir animal jovem ou velho mostra que não se trata de armadilha. Depois de ser um santuário onde se sacrificava cavalo, Solutré passou também a servir como lugar de sepultura humana (neolíticas, romanas, e depois merovíngias) e foi considerado um lugar sagrado até a época cristã.

O que se encontra nas regiões arqueológicas que acabamos de mencionar que pertencera a épocas tão diferentes?

Invariavelmente ossadas, tanto esqueletos completos quanto fragmentos ósseos, que são o produto, todavia, não do acaso mas duma escolha deliberada das pessoas que os guardaram.

Há também oferenda. Se considera a oferenda uma prova de culto ao morto. De fato, faz parte de todos os cultos, por mais diversos que sejam.

Há gravuras ou desenhos parietais, o que é comum aos santuários, às sepulturas e a todos os edifícios onde os homens se juntam. Os australianos cobrem as paredes rochosas com figuras de animais. É ao lado dessas figuras que realizam suas cerimônias.

Julgaram ter encontrado nas grutas uma separação, que correspondia à nave e ao santuário das igrejas, porque a parte mais decorada, ou seja, a que contém os

crânios, maxilares e ossadas, fica sempre longe da entrada, da qual está separada por uma passagem estreita ou por uma ribeira subterrânea.

Num local ou noutra as regiões arqueológicas contêm ou apresentam objetos ou motivos que encontramos nas religiões: Laje, célula ou nicho, galeria, abóbada, pilar, poço, mesa ou altar, cinza, assim como o ingênuo arranjo de osso, calhau, flor e diversos abjetos que se encontram nos altares dos túmulos.

As ossadas provêm de sacrifícios rituais. Se contam nesse número vítimas voluntárias e prisioneiros ou crânios trazidos dos combates, como na caça às cabeças.

Os lugares de culto, que são, ao mesmo tempo, santuários e ossuários, são os antepassados da cripta, do hipogeu, do templo e da necrópole.

Mas ainda há mais. Todas nossas instituições derivam dali, porque, à medida que os homens inventaram novas atividades sociais, as instalaram e organizaram em volta dos lugares onde tinham o hábito de se reunir.

Explicamos dando alguns exemplos:

O gado era levado a recintos vizinhos dos megalitos. Se pode conjecturar que os mercados mais antigos, onde se negociavam esses animais, se efetuavam depois de sacrifícios. As feiras sempre se realizaram ao lado de lugares sagrados.

Os druidas faziam justiça junto a árvores sagradas. As sessões ou audiências aconteciam depois dos sacrifícios habituais. O tribunal é como uma extensão do lugar do culto.

Ossadas de vítimas ou de antepassados ornavam os megalitos do mesmo modo que as árvores dos druidas.

O caso mais impressionante dum lugar de culto dedicado a múltiplos fins é o dos túmulos das tribos índias:

Na Jórquia o túmulo de Tugalao (que data do ano 500) se eleva numa espécie de praça, onde se efetuavam espetáculos e jogos.

O fogo sagrado ficava guardado numa espécie de capela que servia de ponto de reunião aos chefes e aos antigos. Esse túmulo foi descoberto em 1539 por Hernando de Soto, chegando do Peru, comandando 600 homens. No fim de cada período de 52 anos, os índios queimavam todas as riquezas acumuladas nos túmulos.

O gigantesco túmulo de Virgínia (com a altura de 30m, tendo no cimo um diâmetro de 15m, e o centro escavado em anfiteatro) era um ossuário. De 12 a 12 anos, na altura dum grande festa, as tribos levavam àli os esqueletos de seus mortos, adornados com colar e pele. Todas as tribos e todas as famílias, em ordem hierárquica, iam até ali pra depor os restos dos seus, acompanhados de oferenda. A cerimônia era precedida de longa marcha de aldeia a aldeia.

Só com estes dois exemplos se vê o papel religioso e político que os túmulos desempenhavam.

Considerando a importância e a maneira como essas reuniões se efetuavam

periodicamente, é provável que os índios as aproveitassem pra regular as desavenças e trocar, acordar e traficar.

Os morais da Oceania, que são lugares sagrados onde se encerram estátuas de divindades e igualmente ossadas de reis, desempenhavam o mesmo papel político. Era ali que se efetuava a circuncisão dos novos reis (na Polinésia o filho mais velho do rei tomava, assim que nascia, o lugar do pai, que perdia o título), assim como as assembléias dos chefes.^[2]

Em resumo: Religião, exército, justiça e comércio tiveram origem nos lugares de culto, no mesmo lugar onde se imolavam as vítimas rituais.

MONTANHAS E GRUTAS SAGRADAS

As montanhas, lugares de sepultura e lugares de culto, lares iniciáticos, desempenharam um papel importante nas tradições religiosas.

O Olimpo, morada dos deuses, é uma cordilheira entre a Macedônia e a Tessália.

A Acrópole foi construída sobre um rochedo escarpado, cujo cume foi teatro de sacrificio antes de estar coberto de templos e de estátuas.

Se realizava sacrificio no alto do monte que depois teve o nome de Capitólio. O templo de Júpiter, por esse motivo, foi ali edificado.

Saint-Sabas, montanha sagrada, era habitada por 20 mil eremitas, que viviam em cela. O monte Atos, coberto de claustros, mosteiros e capelas, é uma península montanhosa com altura de cerca de 2km.

As montanhas e as grutas figuram constantemente nas tradições bíblicas:

Foi no cimo do monte Horebe que Deus apareceu a Moisés na sarça ardente.

Davi cortou a fimbria (orla talar) da túnica de Saul na gruta de Engadi, a 10km de Belém.

O profeta Elias, pra se afastar de Jezebel, se refugiou numa gruta no monte Horebe.

É no monte Hebrão (caverna de Makhpelah), próximo de Belém, que estão as sepulturas de Abrão, Sara, Jacó, Isaque, Rebeca e Lia.

O templo de Salomão se eleva no monte Moriá, num dos dois cumes da montanha do Sião.

Os israelitas de Babilônia se reuniam em caves fechadas, que tinham como única abertura um alçapão, onde se descia numa escada. Talvez pra evitar serem surpreendidos, mas também porque a idéia dum lugar de acesso difícil, separado do mundo e pequeno, como são as grutas, é uma tradição religiosa.

Os israelitas escondiam os livros sagrados em subterrâneos inacessíveis, pras tornar ainda mais sagrados, mais rodeados de mistério. Se descobriram os manuscritos do mar Morto, dos Essênios, em 1948, nas grutas da Jordânia. Na proximidade estava um cemitério de 1100 sepulturas bem alinhadas, os mortos

da comunidade.

As tradições cristãs conservam a idéia da montanha e da gruta:

Jesus nasceu em Belém, numa gruta (antigo santuário de Tamuz).

Pedro, depois de ter negado Jesus, se refugiou na gruta de Galicanto.

Antes da Paixão Jesus suou sangue e água numa gruta.

Jesus subiu ao monte Tabor na companhia dos discípulos Pedro, Joaquim e João.

A gruta de São João, onde se entra em três buracos no rochedo, se abre na parede duma escarpa. Tem no interior uma mesa da própria rocha que se chama *leito de São João*.

As revelações do Apocalipse se fizeram ouvir numa fenda dum rochedo numa gruta na ilha de Patmos.

A gruta de Santo Elias fica no cume do monte Carmelo (Djebel-Mar-Elias). Situado entre São João de Acre e Caifa, o Carmelo tem a altura de 600m, 20km de comprimento e 6km de largura. Era um reino do qual Josué se apoderou. Uma divindade síria, Carmelo, tinha ali um altar numa cintura de muralhas descoberta. É, ao mesmo tempo, uma montanha e um deus, disse Tácito. Os sacerdotes de Baal sacrificavam ali, onde existe um promontório rochoso de grande altura.

O Carmelo continuou a ser a montanha sagrada dos cristãos. Os eremitas que ali residiram antes de nossa era receberam regras (414) e depois tiveram um mosteiro (1155), antes de serem chacinados pelos muçulmanos (1187 e 1291). Voltaram a se instalar no Carmelo no século 17.

Na Etiópia a igreja troglodita de Tékla Haïmanos, pra a qual Marie Edith de Bonneuil chamou a atenção em 1935, cum teto baixo e doze pilastras esculpidas no rochedo, e os corpos de 666 santos enterrados sob as lajes, se abre nos flancos duma montanha onde outrora viviam milhares de religiosos, em celas ou em retiros solitários. Houve um anacoreta que se dedicou, ali, à criação de serpentes sagradas.

Nas grutas de Mitra (as mais conhecidas das quais são as de Meragha e de Takti Bostan, na Pérsia, a de Montpellier, e o templo subterrâneo de Eddernhein, Alemanha, existem altares, baixos-relevos e representações simbólicas. Mitra é o filho do rochedo.

Apolo, Cibele, Deméter, Hércules, Hermes, Mitra, Poseidão foram adorados em grutas e foi edificado um templo a Apolo no cume do monte Soracte, perto de Roma.

Caríbdis é um rochedo, entre a Itália e a Sicília, onde havia uma gruta habitada por um monstro fêmea.

Os habitantes da Jórquia mandavam construir, no alto das montanhas, em lugares de difícil acesso, pequenas igrejas aonde quase nunca iam.

Uma montanha da Pérsia tem o nome de Kouh Thelim. *Kouh* significa montanha. *Thelim* se aproxima de Talismã. Portanto *montanha mágica* ou

sagrada.

O Elburs, no Cáucaso meridional, é a montanha sagrada dos circassianos.

Outra montanha sagrada do Cáucaso é o monte Ararate, onde encalhou a arca de Noé. O Ararate se eleva no antigo reino da Armênia, conquistado por Bizâncio em 1045, depois pelos turcos e pelos russos. Foi uma região habitada, durante muito tempo, por anacoretas ou cenobitas, que viviam em verdadeiras colméias, como Wardzia, mosteiro escavado numa colina que se precipita do Cur a uma altura de 200m. Num caminho abrupto se atingem vários andares, com celas escavadas na rocha e intercomunicando em escadas, galerias interiores e varandas exteriores. Outro mosteiro semelhante é o de Uplhis-Tziche, na estrada de Tiflis.

Montanhas lendárias: os gregos lançavam vasos de ouro e de prata ao Etna (Gibel). O magistrado de Lucerna só dava permissão de subirem ao monte Pilato. Os cavaleiros ficavam encantados na caverna do monte Cenate, em Espanha. Carlos Magno continuava a viver no Oldenbergue, na Alemanha.

Montanhas místicas: Os muçulmanos dizem que a Terra fica no meio da montanha Kaf, como um dedo num anel, e os persas afirmam que o monte Bórdi é o ovo da Terra.

Todas as montanhas chinesas eram habitadas por um gênio, o que quer dizer que desde tempos imemoriais os camponeses chineses celebravam festa e sacrificavam no cume das montanhas.

O caráter sagrado do gênio e de seu duplo, a montanha, foi depois transferido a lugares (templos, cidades), pessoas (sacerdotes, senhores), plantas e animais (divindades, emblemas, brasões), e pra usos civis ou religiosos.

Especialmente na China há um grande número de pagodes no alto das montanhas.

Na beira da ribeira de Cantão se ergue um templo sobre um rochedo de mármore cinzento de 2km de altura. É formado por salas escavadas umas sobre as outras, salas às quais se tem acesso em barco. O serviço de culto era celebrado por sacerdotes de Fo e se adoravam heróis e virtudes personificadas. (Macartney, 1793.)

Em setembro de 1973 presidente Pompidou visitou as grutas de Yun-Kang, no Chansi, a 350km de Pequim. Escavadas numa rocha há 15 séculos, essas grutas têm as paredes e os tetos cobertos de baixos-relevos e contêm 51 mil estátuas de Buda, cujo tamanho vai de estátuas com 17m a outras que medem apenas alguns centímetros.

O monte Valeriano, perto de Paris, era um lugar de culto pré-histórico, como Montmartre e o monte de São Miguel. Os romanos edificaram ali um templo de Ísis. Depois Luís XIII mandou construir ali um calvário com três crucifixos de tamanho natural. Antes da revolução faziam uma peregrinação a esse lugar na noite de Sexta-Feira Santa. Os penitentes transportavam cruzeiras pesadas e pediam

que os chicoteassem durante o caminho. Peregrinos e peregrinas faziam paragens simbólicas (estações), durante o percurso, no bosque de Bolonha, escreveu Dulaure, fazendo alusão a outro gênero de culto, o de Vênus.

Pra concluir, o cimo das montanhas foi, desde sempre, o lugar preferido, onde as tribos celebravam cerimônias das quais faziam parte imolações e outros sacrifícios, o que explica o caráter sagrado que conservaram.

PRA QUÊ TODOS ESSES CRÂNIOS NAS GRUTAS?

Se deve tomar apenas como um fato do acaso a natureza e a localização dos mais antigos vestígios humanos inventariados pelos arqueólogos?

Se descobriu:

Em 1856, um crânio fossilizado em Neandertal, na gruta de Feldhofer, junto a Dusseldórfia, na Prússia renana.

Em 1891 metade dum crânio, perto de Trinil, na encosta dum vulcão, encontrado por Eugène Dubois.

Em 1924, nas pedreiras do sudoeste do Transval, metade dum crânio de criança de seis anos, depois a face correspondente.

Em 1929 uma caixa craniana nas grutas de Chucutiém, China.

Em 1936, nas cavernas de Sterkfontein, a 50km de Joanesburgo, uma calota craniana.

Recentemente, no Chile, sob uma camada de 50cm de areia, três crânios, do tipo de Neandertal (encontrados pelo padre belga le Paige, fundador dum museu arqueológico em São Pedro de Atacama).

Nas grutas de Ofnet (no sul da Alemanha) crânios revestidos interior e exteriormente de ocre vermelho, rodeados de pérolas, conchas e dentes de animal.

Em 1880, numa sepultura neolítica de Sgurgola, em Anagni, um crânio humano cujo rosto estava colorido de vermelho com cinábrio.

Crânios, igualmente coloridos de vermelho, em grutas na província de Palermo.

Em 1852, escavando numa espécie de nicho, em Aurignac, Alto Garona, encontraram, atrás duma laje vertical, uma quantidade de ossada e vários crânios pertencentes a 17 indivíduos.

Nas grutas de São Jorge de Lévejac, no desfiladeiro do Tarn, um prodigioso amontoado de ossada.

Numa gruta próxima de Baumes-Chaudes, as ossadas de 300 mortos, dentro duma espessa camada de cinzas. Os crânios estavam à parte, ao longo da parede da direita.

Junto do menir de Ménebrée, perto de Guingamp, vários crânios humanos.

Na imediação de Quimper, 11 cabeças de mortos numa tosca bacia de argila.

Num dólmen de Quiberão, 10 crânios reunidos em cima dum montão de ossadas, que serviram pràs segurar (amparar), sobre uma mesa de 95cm de lado.

No dólmen de Mériel, em Seine-et-Oise, os restos de 70 esqueletos misturados, com os crânios quase todos arrumados no mesmo lugar da câmara.

Num dólmen da Suécia três crânios colocados uns sobre os outros.

Noutro dólmen, também na Suécia, crânios agrupados num lado e, no outro lado, as vértebras.

Nos sarcófagos de São Martinho da Riviera, todos contendo vários indivíduos, as ossadas de cada morto reunidas num monte, e o crânio colocado em cima, com a cara virada a baixo.

Em Schoewitz (perto de Berlim) um crânio colocado sobre um monte de ossada.

Num subterrâneo da montanha de Cordes, uma gruta com 4m de largura e 24m de profundidade, onde se confundiam os ossos e os crânios de mais de 100 pessoas.

Na gruta de Placard, perto de Rochebertier, Charente, dentes, maxilares e falanges.

Na sepultura de Ecuelles, perto de Moret, Seine-et-Marne, fragmentos de crânios e de ossos longos, mas não vértebras nem maxilares inferiores, e poucas falanges).

Recentemente Francis Mazière fotografou, nas grutas da ilha de Páscoa, crânios humanos, que pareciam estar de guarda à entrada das grutas.

Como explicar a presença de certas partes do esqueleto, como o crânio, e a ausência das outras?

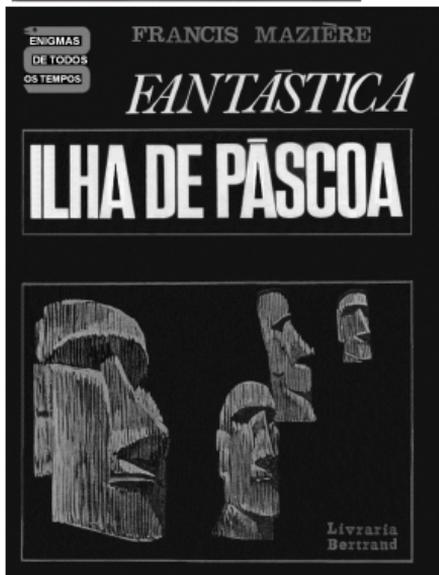
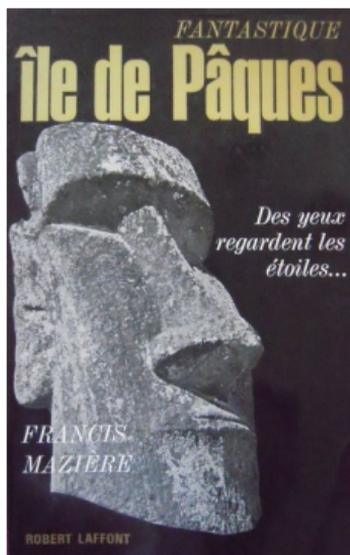
Alguns costumes dos taitianos dos tempos modernos nos permitem compreender que raspavam e lavavam as ossadas dos defuntos e as enterravam, mas, quando se tratava dum *earee* (chefe), o crânio era posto à parte, envolto num tecido precioso e guardado numa pequena caixa especial, que se colocava no morai (altar).

Nem todos os ossos têm o mesmo valor. Cook viu no Taiti, num lugar chamado Papara, uma porção de costela e de vértebra. Se informou e lhe disseram que eram os restos duma chacina. Os guerreiros levaram os crânios e os maxilares e deixado no mesmo lugar as costelas e as vértebras.

Cook soube, em seguida, que os crânios e os maxilares eram levados aos templos, onde se guardavam e veneravam.

A capa de *Fantástica ilha de Páscoa* reproduz uma cabeça esculpida muito expressiva. É um crânio estilizado, mas poderia ser também uma divindade.

É uma imagem que ajuda a compreender a passagem da ossada a deus e como a veneração ao crânio se transformou em religião.



Respectivamente as edições
original francesa e luso-brasileira
(inserto do digitalizador)

OS OSSUÁRIOS

Em 1832 o pastor protestante sueco Bruzelius, num estudo acerca da colina sepulcral de Asa, foi o primeiro a apresentar a hipótese de que os dolmens eram ossuários.

O hipogeu do sepulcro continha uma grande quantidade de ossada humana, separadas em duas camadas por uma espessura de areia de 15cm. Os ossos foram descarnados. Não havia sinal de vértebra. Os crânios estavam agrupados a parte.

Bruzelius encontrou processos idênticos de inumação no Taiti e no Sião. Um dinamarquês, V. Boye, chegou à mesma conclusão em consequência de fatos observados por Schoolcraft na América do Norte.

Na Dinamarca colocavam uma enorme laje logo que o túmulo estivesse completamente cheio de ossos antecipadamente descarnados e separados entre si, que ficavam, assim, comprimidos com o peso da laje.

Na Sabóia, nas grutas de Challes, sobre a estrada Chambéry-Montmélian, encontraram uma grande porção de ossadas humanas postas a trouxe-mouxe e cobertas com destroço ou enterradas na lama. Segundo Cartailhac, os mortos só vinham a esta gruta depois de estar um tempo em sepultura provisória, provavelmente expostos ao ar.

A gruta de Pena-Blanche, no maciço de Arbas (Alto Carona), se abre na rocha, a 800m de altura. Tem um vestibulo espaçoso. Corredores profundos conduzem a um abismo impraticável, que, segundo Cartailhac, era um ossuário.

Cartailhac, num estudo que fez acerca do esqueleto da caverna de Duruthy (Landes), diz que o mesmo já devia estar descarnado e desconjuntado quando o levaram até lá.

O ossuário de Mizy, perto de Dormans (no vale do Marne), é um subterrâneo de 5m, lajeado, em cujas paredes foram escavados nichos, que estão cheios de ossos. Os crânios estão nos de cima e os ossos curtos e chatos nos de baixo e do meio.

O ossuário de Buno-Bonnevaux, encontrado por Milly (Seine-et-Oise), continha os restos intatos duns 40 mortos, assim como ossadas queimadas.

Na Suíça, na beira do lago Neuchâtel, o ossuário de Auvernier continha simplesmente crânios e ossos longos, com objetos do período de transição entre a idade da pedra e as do metal.

Nos século 19 havia ossuário na Bretanha, sob pórticos ou arcadas, ao pé da porta das igrejas, ou ainda nos cemitérios, em jazigos cavados sob edículas (nichos pra imagem), de diversos estilos arquitetônicos. A disposição das ossadas variava dum a outro e existiam, às vezes, em número considerável.

Prosper Mérimée descreveu assim um ossuário: Na Bretanha, os parentes do morto o mandam exumar ao fim dalguns anos. Os ossos recolhidos são colocados

numa pequena construção edificada junto à igreja, que tem o nome de relicário. Alguns conservam a cabeça do morto pra meter numa caixa.

Mérimée acrescentou, como comentário: Os ossuários não inspiram aos camponeses desgosto nem respeito. Vi alguns se abrigarem ali da chuva, outros comerem lá. Alguns esperavam eu passar, pra fazerem amor com as amantes.

Na Bretanha, depois da revolução, ainda se usava caixa pra guardar crânio. O decreto do ano 12 sobre as sepulturas fixou um prazo de 5 anos, depois do qual a família podia recolher o crânio. Então o colocava num pequeno cofre de madeira. A forma usual era a duma arca que tinha na parte superior uma pequena cruz. A caixa era pintada de cinza, branco ou negro e tinha uma inscrição: Aqui jaz o chefe de..., frequentemente com data. Tinha uma abertura, que permitia ver o conteúdo, a traseira ou a frente do crânio.

Havia caixa com crânio em Saint-Pol-de-Léon. Estavam colocadas na catedral sobre a parede do coro. Eram reservadas aos eclesiásticos, às pessoas mais importantes e aos benfeitores da igreja. O costume das caixas com crânio é originário da parte armórica (costas do norte e, principalmente, Finisterra). Há caixa com crânio em Paimpol, Plouha, Hanloup, La Méaugon, Kermaria-an-Isguit, Tuimillian, junto de Morlaix, Portspoder e Landunvez (que têm ossuário) e Saint-Thélo.

Depois duma batalha travada contra Carlos, o Temerário, em Morat, em 1476, os suíços ergueram, nas margens do lago, um monumento construído com as ossadas dos borgonheses que foram mortos.

Em 1795 os realistas, refugiados na Inglaterra, enviaram uma expedição a Quiberão. Além dos homens que morreram na altura do desembarque, mais dum milhar, feitos prisioneiros, foram depois fuzilados na proporção de 50 a 70 por dia. Ao todo, 711, enquanto nas prisões morriam 400. As execuções duraram mais dum mês. Conservaram as ossadas na capela de Chartreuse d'Auray, ossuário que se tornou um lugar de peregrinação e excursão.

Na Baviera, de quinze a quinze anos, abrem as sepulturas do pequeno cemitério de Hallstatt. Tiram os crânios, os lavam e depois um artista especializado os decora, escrevendo na frente o nome e as datas do nascimento e do falecimento do morto. Lhe põe uma cruz, uma rosa, uma coroa...

Feito isso os crânios são expostos na igreja. É um ritual ainda em vigor.

Capítulo 3

O CADÁVER DIVINO

Eis o grande mistério, incompreensível ao homem atual: A morte é adorada, as ossadas sagradas, os túmulos santuários.

O CULTO AO CRÂNIO

Em toda parte as ossadas foram lavadas, limpas, raspadas, pintadas ou ornamentadas a fim de fazer objeto de culto. Mas a parte do esqueleto mais geralmente tratada assim foi o crânio.

-8000 anos, em Tell al-Sultan, Jericó, a preparação dos crânios se completava cum a modelação de argila, representando a cabeça, com conchas no lugar dos olhos.

A veneração aos crânios existiu nas grandes religiões da antiguidade. Daremos alguns exemplos:

Um autor cristão do século 5, Sócrates, contou que os cristãos de Alexandria exploraram uma gruta onde durante muitos anos celebraram o culto a Mitra. A pesquisa descobriu uma quantidade de crânios de homens sacrificados.

O nome de Capitólio (de caput, cabeça) é devido à descoberta duma caixa craniana no terreno onde escavavam o alicerce do templo de Júpiter. Colocaram o crânio numa cavidade sob a estátua do deus.

Jerusalém não só é construída sobre montanhas mas é rodeada de montanhas. Jesus foi crucificado numa delas, cujo nome é Gólgota, que significa crânio. Segundo a lenda a cabeça de Adão foi ali enterrada.

Se diria que a presença dum crânio é suficiente pra santificar o lugar onde o encerraram.

Se encontrou, sob a plataforma dum rochedo debruçado ao mar, em Mári, nas ilhas Havaí, um esqueleto humano cujo crânio repousava sobre uma grande peça nacarada.

O culto ao crânio persiste nos costumes funerários. No século 19, os nagas da Índia erigiam sobre o túmulo uma espécie de estátua. Prendiam o crânio do morto entre duas estacas, no lugar da cabeça.

Nas ilhas Nicobar, em Teressa, encontraram, em 1931, o crânio dum indígena cum chapéu alto, na parte de cima duma estátua de madeira.

Em Nova Caledônia todas as viúvas deviam levar o crânio do marido num açafate, do qual nunca mais podiam se separar.

Os papuas colecionavam os crânios dos parentes mortos.

Nas tribos da Nova Zelândia, conservavam as cabeças dos chefes, que se

tornavam o objeto de culto. Algumas vezes uma tribo trazia, do campo inimigo, a cabeça dum dos antigos chefes.

Os habitantes das ilhas Guam tinham feiticeiros cuja principal função consistia em guardar os crânios dos mortos em cesto.

Na África, em Daomé, capitão Canot viu uma espécie de trono, herança de ao menos vinte gerações de reis, dos quais cada pé assentava sobre o crânio dum chefe indígena. De três a três anos os habitantes da região se julgavam obrigados a arranjar crânios novos, pra assegurar a firmeza do trono.

Em certas tribos africanas, o parente mais próximo cortava a cabeça do morto e a encerrava numa caixa cheia duma espécie de greda branca pastosa, sendo essa caixa considerada sagrada e só se abrindo em certas ocasiões. Em março de 1972 o crânio *objeto de culto, objeto de arte*, deu lugar a uma exposição no museu Cantini, de Marselha.

Odorico de Pordenona, um europeu que penetrou em Lassa, no Tibete, cerca de 1330, descreveu os funerais do seguinte modo:

Quando um tibetano morre, o filho convoca os lamas, os músicos e os vizinhos. Levam o corpo do defunto a um altar erigido no meio do campo. Um lama corta a cabeça do morto e a dá ao filho. Toda a gente começa a cantar e a salmodiar orações. O cadáver é cortado em pedaços lançados às águias e aos abutres. Os crânios dos mortos se conservam guardados em caixas em forma de taça.

Fernão Mendes Pinto fez uma descrição do Muxipará, ou Tesouro dos Mortos, que viu em Pequim em 1537. Num recinto rodeado de muralha e de fosso, com torres e estátuas, nos dois lados duma longa avenida de 2km, com arcadas, havia templos cheios de crânio, do chão até o teto. Atrás dos templos, de ambos os lados, montículos de ossadas colocadas umas sobre as outras, de modo especial e muito bem arrumadas.

Essa espécie de cemitério era administrado pelos talagrepos, *que faziam o registro de todas estas ossadas* e arrecadavam todos os anos 5 milhões de direitos.

No centro da cidade se elevava a estátua dum gigante, que agarrava com as mãos uma bola de ferro e fazia o gesto da arremessar sobre um dragão de bronze. O gigante, Mucluparão, tesoureiro dos mortos, protegia todas as ossadas encerradas na cidade contra o dragão, que tentava se apoderar delas. Num futuro distante o gigante conseguiria matar o dragão, o que faria ressuscitar todas as pessoas cujas ossadas lá estivessem.

Os espanhóis, companheiros de Cortez, tiveram a paciência de contar os crânios dispostos como troféus nas muralhas dos templos mexicanos. Uma vez chegaram a 136 mil.

Nunca mais se deixaria de falar nos crânios. Os toltecas separavam as calotas cranianas pra fazer taça. Calicum, chefe duma tribo índia da Colúmbia Britânica, deitava a cabeça num travesseiro que continha os crânios dos antepassados. ou dos inimigos (1788).

O CULTO À CABEÇA

O grande número de santos cristãos cujas efigies se apresentam com sua cabeça nos faria surpreender se não fosse uma adaptação do culto ao crânio.

Uma das principais censuras que se fizeram aos templários foi o culto à cabeça. Vamos dar o depoimento de irmão João: Vi sobre o altar uma cabeça de prata. Se dizia que era a cabeça duma das 11 mil virgens. Desconfio que era um ídolo. Tinha dois rostos, um aspecto terrível e barba de prata. E um pouco depois: Irmão P. tirou uma cabeça dum armário e a colocou sobre o altar.

Em Marselha se conservou, durante muito tempo, uma cabeça dourada apanhada dos templários. Em 1818 M. de Hammer descobriu, no museu imperial de Viena, cabeças de templários de caráter simbólico.

Os necromantes praticavam a adivinhação por meio da cabeça.

Na história lendária de Roma, a cabeça de Gabríno canta e profetiza. Em Turnê, na época de Clóvis, uma cabeça, que tinha o nome de Ebrão, respondia às perguntas feitas por sinais. Se conta que um rei cristianíssimo mandou cortar a cabeça duma criança de 10 anos pra obter resposta a uma pergunta que o preocupava. Em seguida morreu de remorso.

Odim, depois de matar o gigante Mimir, conservou a cabeça, e pedia conselho em casos difíceis.

Finalmente, no século 17, havia um charlatão que recebia os clientes numa sala quase escura. A cabeça de São João Batista, de cartão pintado, sobre uma travessa, proferia oráculo, porque estava ligada, por um tubo, à boca dum cúmplice.

Se prova a antiguidade do culto à cabeça pelos esqueletos sem cabeça descobertos nas sepulturas.

Pra expor a cabeça se começava a separando do corpo, que, por sua vez, se guardava em lugar santo.

Numa gruta sepulcral, ao pé do monte Tauch, o monte mais elevado dos Corbières, há esqueletos em cofres de pedra, mas a cabeça fora arrancada.

Em 1823, no País de Gales, em Pavilândia, Buckland encontrou, numa gruta, um esqueleto de mulher, sem cabeça, com os ossos pintados de vermelho.

A história seguinte prova a importância que se dava à cabeça no tempo antigo.

Em 474 os godos, derrotados pelos arvernos, tiveram de bater em retirada, precipitadamente.

Como não tinham tempo pra sepulturar os cadáveres dos camaradas, cortaram as cabeças, as levaram e abandonaram os corpos no lugar onde caíram.

Em Nova Orleães, em meado do século 19, os cemitérios se tornaram o objeto de contínua visita e peregrinação, principalmente da parte das mulheres. Xavier Eyma observou: Se pudessem levariam a ossada dos antepassados, como fazem os índios, ou conservariam os crânios mirrados de seus chorados mortos pros

beijarem ao nascer e ao pôr-do-sol.

O CULTO À RELÍQUIA

O culto ao osso e à sepultura forma a base das religiões. Isso é tão verdadeiro pros hebreus e pros cristãos quanto pros oceânicos ou pros africanos.

Os judeus veneravam os ossos de José e faziam prece aos túmulos dos patriarcas.

Julião, o apóstata, adversário dos cristãos, dizia, se referindo a eles: Abandonam o culto a deus pra venerarem os restos dos cadáveres e das ossadas.

Designava assim as relíquias. No ano de 362. Mas ignorava que os deuses romanos tinham também começaram como *cadáver e ossada*.

A mandíbula que a mulher canaca traz ao pescoço e o relicário de luxo, fabricado por um ourives, correspondem ao mesmo reflexo, que explica igualmente a gruta de Chucutiém.

A veneração à ossada é universal. Os pais têm sempre o cuidado de reclamar os ossos dos filhos que morreram longe, disse Dumont d'Urville se referindo aos habitantes das ilhas da Oceania. Nas terras austrais, como na Europa, as ossadas são amuletos que protegem contra as doenças ou garantem o êxito na guerra e na caça.

A persistência do culto ao osso e ao crânio, no catolicismo, mostra sua importância antes da era cristã.

O CULTO AO TÚMULO

Os lugares santos precederam os deuses. E os lugares santos são as sepulturas. A peregrinação a um jazigo é o mais antigo ato religioso. Ao lado desse fato primordial a teologia e a moral não são grande coisa.

Os deuses nasceram nos lugares onde havia sepultura e peregrinação.

O túmulo de Zeus estava em Creta. As sepulturas de Dioniso e de Apolo estavam em Delfos, o jazigo de Cronos na Cilícia, o de Hermes em Hermópolis e o de Afrodite em Chipre. Um dos grandes cumes de Pamir, montanha sagrada da Ásia, tem o nome de Mustagata (Mus-Tag-Ata). É venerado pelos quirguizes, mongóis, muçulmanos, budistas e tibetanos. No cume de Tagata (Tag-Ata) fica o túmulo de Moisés (Haret-Y-Musa).

Junto ao túmulo de Maomé, em Medina, o de sua filha Fátima, esposa de Ali, é um dos principais santuários do Islã, com a altura de 4m, coberto de veludo branco, aonde se sobe em degraus de prata maciça.

No século 4, em todo o próximo oriente, assim como no Egito, os túmulos eram vastos edifícios, que serviam, sendo preciso, de habitação. Um papa, cujo pontificado durou 46 anos, sendo proscrito pelo imperador Valente (328-378), se

conservou escondido, durante quatro meses, no túmulo do pai.

O triunfo do cristianismo tem relação com as peregrinações a Jerusalém.

Se edificava na montanha do Calvário um templo consagrado a uma deusa. O imperador Adriano o votou ao culto à Vênus Calipígia. Imperador Constantino o mandou deitar abaixo. Cerca de 329 sua mãe, Helena, mandou construir igreja em Belém e no monte das Oliveiras, depois de descobrir a Cruz, guiada por um hebreu. Desde então, começaram as peregrinações.

As basílicas são igrejas edificadas sobre sepulturas de santo. O bispo São Germano, basílica de Auxerre, depois de 494; São-Lobo, Abadia de São-Lobo, em Troves (século 5); São Martinho, basílica de São Martinho (472).

Os peregrinos tocavam nos túmulos dos mártires com objetos que assim se tornavam sagrados e que veneravam ou faziam venerar, como relíquias, no regresso.

O peregrino conseguia, às vezes, obter algum fragmento dum corpo santo e o levava a seu país, onde se tornava cobiçado por todos. No século 13 os cristãos de toda a Europa desejavam possuir relíquia romana nas igrejas, nos conventos ou em casa.

Jerusalém e Roma são os dois pólos do cristianismo.

No século 15 centenas de milhares de peregrinos visitavam os santuários alemães que continham relíquias (Wilsnack, Niklashausen, Alttötung, Sternberg, Durren, Ratisbona). Muitos, ao entrarem na igreja, caíam em êxtase ou ficavam prostrados, deitados no chão, com os braços estendidos. Outros beijavam os relicários.

O costume de peregrinar a um túmulo deve ter sido realmente universal, pois que, antes da chegada dos Europeus à África, já existia entre os hotentotes.

Outrora, durante as peregrinações, se comia e dormia nos lugares santos. Na Índia ainda existe esse costume. Na idade média o povo levava barrica de vinho às igrejas e fazia lá grandes banquetes. Em 1914 havia fiéis que passavam a noite na igreja de Sartene (Córsega), na véspera dalgumas festas.

Nos antigos cultos se venera menos o deus ou os deuses oficiais que os túmulos, aos quais fazem peregrinações mesmo quando se trata de sepultura real.

No Islã, o ato religioso mais importante é a peregrinação a um túmulo.

Em Tuba (Senegal), todos os anos, 200 mil peregrinos senegaleses afluem ao túmulo de Amadu Bamba, numa gigantesca mesquita. O túmulo é rodeado por um gradeado. Atiram cédulas de banco sobre a muralha.

Os muçulmanos erguem sepulcros monumentais, não só às imagens religiosas que adoram, mas também aos chefes militares, assim como a pessoas célebres, como a heroína de *As 1001 Noites*, a sultana Zobeida, que foi a favorita de Harum-al-Rachide. Mostram seu túmulo, uma pirâmide com 30m de altura, num bairro suburbano de Bagdá. O termo *morabito* designa ao mesmo tempo o monumento que se mandou erigir sobre o túmulo dum santo e igualmente

qualquer religioso do Islã.

Na Argélia, Marrocos, Tunísia, os morabitos são pequenos edifícios quadrados, caiados, terminando numa cúpula. Lá dentro há uma sala contendo um sarcófago, coberto com estandarte, que as pessoas transportam na ocasião de certas festas.

No Líbano há um lugar de culto muçulmano, ligado, pela lenda, a uma personagem bíblica.

Jonas viveu cerca de século -8. Embarcando num navio fenício, em Jafa, foi deitado borda afora ao largo da Fenícia e engolido por uma baleia, que o arremessou à costa.

Seu túmulo, numa mesquita em Nabi Yunes, um lugar de peregrinação visitado por mulheres que desejam ter filho, tem como guarda um velho de 80 anos, Maomé al-Koujouk, que declarou: Minha família guarda a mesquita e o túmulo desde o ano 618. Transmitimos este cargo de pai a filho. (Segundo Raymond Loir.)

Pra criar um culto, basta uma sepultura e um guarda. O santuário se unifica com o túmulo.

Stavorinus viu em Surate, em 1775, um pagode junto ao qual estava o túmulo dum faquir.

A 25 passos de distância, outros dois faquires fixaram residência numa cabana colocada sob umas árvores e rodeada dum cerca, cum muro feito de bambu. Tinham a seu cargo a vigilância do túmulo. Quando morressem deviam os enterrar com o outro faquir, enquanto novos membros da mesma casta seriam encarregados de tomar conta da sepultura.

Durante uma viagem à América do Sul, em 1925, Louis Pierard viu, na beira dum caminho, uma modesta habitação, diante da qual se erguia uma cruz coberta de camisa, blusa e lenço. Os transeuntes paravam diante da cruz, escolhiam um dos objetos expostos, deixavam uma oferenda e partiam.

No casebre vivia, havia anos, uma viúva, e a cruz estava cravada sobre o túmulo do marido. Como era costureiro, confeccionava peça de vestuário, que assim punha a venda.

Na antiguidade, houve numerosos lugares de culto análogos a esse. Basta que exista um túmulo pra que o terreno que o rodeia seja sagrado. O guarda do túmulo se torna, ipso facto, personagem religiosa.

Em Palermo, Sicília, há poucos anos, foi inaugurado um culto desse gênero. Uma mãe de família, tendo morrido seu filho, esmagado por um ônibus, lhe consagrou uma capela, que era visitada por um público constituído por gente do povo.

O altar está guarnecido com objetos religiosos, círios, no meio dos quais sobressaem os retratos do papa e do jovem morto. Se conservou, como relíquia, o ônibus que esmagou o jovem.

As exéquias, como os túmulos, centralizam forças passionais, por isso são utilizados pelas facções políticas.

O exemplo mais conhecido é o do funeral do general Lamarque, vítima da cólera aos 52 anos. O enterro se realizou a 5 de junho de 1832, às 10h da manhã. O fim do discurso de la Fayette deu lugar a uma sublevação, que se prolongou até o dia seguinte e causou 148 mortos e 531 feridos.

Os sentimentos populares, sejam de reprovação ou de simpatia, se exprimem espontaneamente em ocasião de funeral.

Cerca de 1930, uma dançarina judia de Túnis, Habiba Messika, foi queimada pelo amante, o tunisiano Yau Minuni, que embebeu o leito em petróleo.

Os tunisianos, por sua popularidade e pela morte atroz que teve, fizeram a Habiba Messika suntuoso funeral. O bei de Túnis se fez representar, assim como o cônsul do governo francês, e uma enorme multidão acompanhou os restos mortais ao cemitério israelita, na estrada da Goleta.

Mencionemos uma adivinhação difundida na antiguidade: As pessoas iam dormir sobre os túmulos porque se dizia que os mortos inspiram sonhos proféticos.

O BANQUETE SAGRADO

Os primitivos, tanto na Europa quanto na Oceania, na África, na Ásia e na América, se juntavam em volta dum corpo humano pra o comer, e nessa ocasião realizavam ritos religiosos e atos sociais, cerimônia que antecedeu as refeições sagradas, que há em todas as religiões, e os banquetes laicos que se realizaram depois.

JÁ EM CHUCUTIÉM

Daremos, ao acaso, algumas notas que provam que o canibalismo ritual se praticou na Europa desde os tempos mais antigos.

Em Cheveau, na Bélgica, foram exumadas ossadas de adolescentes e de mulheres. Os ossos que podiam conter medula estavam partidos, fendidos, e apresentavam vestígio de fogo.

Na ilha de Stora Carlso, a oeste de Gotlândia, encontraram numa caverna (Stora Förvar) camadas sobrepostas, correspondendo uma à idade da pedra, 3,5m. O estado e a posição das ossadas pareciam indicar canibalismo.

Abrigados sob a rocha de Krapina, Iugoslávia, perto de Zagrebe, descobriram 21 esqueletos cujas ossadas foram quebradas, queimadas, fraturadas. A calota craniana duma mulher mostrava sinais de ter levado pancadas cuma moca. A cabeça estava separada do corpo. O crânio fora aberto pra extrair o cérebro. Essa cabeça tinha 50 mil anos.

É também o caso dos mortos enterrados nas valas comuns em Anoviz, no centro da Boêmia. Antiguidade: Cerca de -1000.

No dólmen da Estremadura, alguns fêmures e úmeros apresentavam incisões feitas por golpes. Um grande número de ossos estavam fendidos longitudinalmente.

Segundo Jean Piveteau, um crânio com a idade de 200 mil anos, encontrado numa gruta do maciço de Corbières (perto de Tautavel, Pireneus Orientais), pertenceria a um homem entre 20 e 25 anos que *fora comido por seus semelhantes*.

Encontraram, na gruta de Gourdain, Alto Garona, restos (duma refeição) onde havia fragmento de crânio e de maxilar. A pele fora raspada e só as cabeças foram transportadas.

Doutor Prunières colecionou 15 fragmentos ósseos (provenientes das grutas das margens do Tarn, em Lozère) onde estavam incrustadas pontas de flechas de sílex. O estudo dessas ossadas revelou *práticas religiosas, talvez sacrifícios humanos*.

Há alguns pormenores difíceis de conciliar com o fato de se tratar de simples

ferimento. Nalguns casos tem de se admitir que introduziram no corpo o sílex depois de, previamente, tirar as vísceras. (M. de Baye)

Passemos a Chucutiém, considerado um dos jazigos arqueológicos mais antigos.

Foram encontradas assadas nas furnas numa colina situada perto de Chucutiém, que é uma aldeia perto de Pequim, furnas habitadas episodicamente desde há 500 mil anos. Descobertas em 1920, começaram a ser exploradas depois de 1927. Devem ter de 240 mil a 550 mil anos de existência.

Os despojos são formados por 5 crânios mais ou menos completos, 14 maxilares, 152 dentes e fragmentos de ossos dos membros, pertencendo tudo a 40 indivíduos dos dois sexos, entre os quais 15 crianças. Alargaram a cavidade occipital dalguns crânios.

Como explicar todas estas ossadas? Ó! De modo muito simples. Citando a narrativa dum viajante do século 19, Garnier, que assistiu a uma festa entre os canacas:

40 jovens pegaram uma carga de inhame e colocaram o fardo aos pés dos chefes. Os seguia uma multidão ululante. Em seguida se efetuou um combate simulado. A cerimônia terminou num banquete ritual ao qual reservaram certo número de prisioneiros de guerra. Chegado o momento, puseram a cozer, numa cova, os membros das vítimas, arrancados a machado.

Garnier assistiu, em seguida, o espetáculo *pouco agradável* dum velho chefe, com longa barba branca, se preparando pra comer uma cabeça. Depois de tirar o nariz e as faces, sacudiu o crânio pra fazer sair o cérebro. Meteu uma haste de madeira nas meninas dos olhos, depois pôs a cabeça ao calor da chama, e o cérebro, tomando a consistência de geléia, começou a escorrer lentamente nos orifícios.

A descrição que acabamos de fazer se refere a um pilu. Havia pilus pra todas as circunstâncias da vida, o nascimento, a morte, o casamento, as colheitas, a guerra, etc.

Um pilu, qualquer que seja seu fim, é uma festa religiosa. A cerimônia que descrevemos é um pilu de colheita.

Se pode supor que as ossadas encontradas em Cheveau, Stora, Förvar, Krapina, Anoviz, na Estremadura, em Tautavel, nas grutas de Enlène, de Gourdan ou de Lozère, como, bem entendido, as de Chucutiém, provêm de *banquetes* análogos ao que Garnier descreveu.

ISTO É MINHA CARNE!

O canibalismo não tem como causa fome, o gosto por carne humana nem ferocidade. É uma prática ritual.

Os ciclopes, gigantes com único olho, que habitavam na Sicília ao pé do Etna,

eram canibais do mesmo modo que os lestrigões, povo fabuloso, igualmente da Sicília.

Se encontram, amiúde, vestígio duma cerimônia religiosa que consistia em esquarterar um ser humano vivo ou um animal e em comer a carne ainda quente.

Os mistérios da ilha de Creta se celebravam na noite, no bosque, e eram acompanhados de gritos dos participantes, tomados de furor sagrado. Despedaçavam um touro e devoravam a carne crua.

Nos tiases (banquetes sagrados dos gregos) dos sabázios os iniciados despedaçavam uma criança.

No tempo moderno os aissauás, seita árabe, foram acusados de fazer o mesmo.

Os atacotas, pequeno povo bretão, se alimentavam de carne humana. As nádegas dos rapazinhos e os seios das mulheres faziam sua delícia. Isso no século 4.

No século 8, na Europa, desenterravam e comiam os cadáveres dos feiticeiros, que eram suspeitos de vampirismo. Ora bastava comer um pouco da carne pra ter certeza de que não se será vampiro.^[3] Se encontrava a mesma crença, no século 18, nos Balcãs.^[4]

Marcel Granet, falando dos antigos chineses, disse: Comer a carne decomposta do morto era o primeiro dever... Quem desejasse suceder ao defunto tinha obrigação de consumir o cadáver... Os filhos de Yi, o grande arqueiro, se recusaram a comer a carne cozida do pai. Foram banidos.

Comer o morto era *libertar seus ossos da infecção funerária*. Tai-kia sucedeu ao pai, Tang, depois de se ter submetido ao rito.

Igualmente na China arcaica, durante uma cerimônia ritual chamada Festa Real, se realizavam uma sarabanda (dança) e depois uma roda de homens e de mulheres nus enquanto um rapazinho, pintado de vermelho, simbolizando o Sol, rodopiava.

A Festa Real terminava numa orgia sexual, presidida por uma *rainha*, a quem, no fim da cerimônia, sacrificavam ritualmente e comiam em comum. (Marcel Granet)

Marco Polo (1254-1323) mencionou casos de canibalismo, de assassinio ritual e de termo da vida. Fala dalgumas tribos do norte da atual Birmânia, nos seguintes termos:

Comem a carne dos homens que não morrem de morte natural. Antes de irem à guerra, raspam a cabeça e fazem tatuagem em si com as lanças. Bebem o sangue dos inimigos.

E, se referindo aos habitantes de Chang-Tu:

Quando um homem é condenado à morte e executado, o buscam, põem cozinham e o comem. Não comem os homens que morrem de morte natural.

E noutros lugares:

Em Angrigã, quando alguém da terra adoecer, consultam um feiticeiro, que diz se pode se curar. No caso de não ter cura é visitado por outro feiticeiro, que o sufoca metendo um pedaço de tecido na boca. Então cozinham o defunto e a família se reúne pra o comer.

Os tibetanos comiam os corpos dos pais que morriam de velhice.

No século 19, no noroeste da Índia, os cafires comiam um pedaço do coração e bebiam um pouco de sangue dos inimigos que acabavam de matar.

O vedismo (na Índia) é uma religião evoluída. Do culto fazia parte o sacrifício do cavalo e o sacrifício dum homem chamado Parexameda. Não se observou canibalismo no tempo histórico mas ofereciam a vítima a Agni, deus do Fogo, sendo o rito o mesmo. A preocupação de não macular o altar com sangue (preocupação que os primitivos não tinham) fazia os sacerdotes tomarem estranhas precauções. Só se punham sobre o altar os pulmões e o coração, revestidos duma camada de manteiga e de farinha.

Uma notícia recente mostra o apego a este gênero de rito nalguns sítios, onde o reflexo ainda existe:

Em setembro de 1931 um *rari* brâmane (asceta) e um *maa* brâmane foram acusados, em Bancura, Índia, de desenterrar o corpo duma criança, inumada pouco tempo antes, o levarem a casa e o cozinhar, tendo comido uma parte.

O *rari* brâmane confessou ter comido um pedaço do coração, acrescentando que era uma prática religiosa.

Odorico de Pordenona, 1330, disse que, entre os insulares das Andamã, perto do Ceilão e da Malásia, o pai come o filho, o filho come o pai, o marido a mulher e a mulher o marido. Não comem os prisioneiros de guerra, mas, quando se trata dos habitantes das ilhas, depois dos terem sacrificado, bebem o sangue e comem um pouco da gordura, crua, e igualmente a carne do peito, cozida.

Na Oceania, os pedaços escolhidos da vítima humana eram antigamente o coração, o fígado, a língua, a mão direita e, sobretudo, o sangue. Os canacas comiam carne humana durante os pilus. As mãos, o coração e o cérebro cabiam aos chefes. Deixavam a carne pros guerreiros.

Michael Rockefeller foi comido pelos indígenas da Nova Guiné em 1961, em consequência duma provocação das autoridades. Os atos hostis dos primitivos são geralmente a resposta ao que consideram uma agressão.

Falando dos indígenas da ilha de Piva, arquipélago de Viti (Fiji), Dumont d'Urville (1822-1825) relatou: Só se guerreiam entre si pra fazer prisioneiro. Celebram em certas épocas do ano festas que exigem determinado número de vítimas. Se não houver prisioneiro matam algumas mulheres. Há uma festa, em que o velho *tamao* manda matar a pancada 30 mulheres pruma refeição pública. As famílias, sem se lastimarem, tomam parte no festim. Apenas os homens assistem a essas refeições.

Nas ilhas Fiji conduziam os prisioneiros a uma espécie de templo, onde sofriam o suplício e onde os comiam.

Numa ilha situada a cerca de 100km do Taiti, capitão Cook, interrogando um velho indígena, através de intérprete, obteve a seguinte resposta: Só comemos o cérebro. E mostrou quatro cabeças de homens. O cabelo e a carne ainda estavam intatos mas tiraram o cérebro. A carne não estava seca mas a preservaram da putrefação. Não exalava cheiro desagradável. Ao examinar uma cabeça, Cook notou que tinha um ferimento numa das fontes, provocado por uma pancada que fraturara o crânio.

La Pérouse, se referindo aos índios da costa pacífica do Canadá (1758-1788), contou: Não percebemos vestígio de canibalismo mas é um costume tão geral entre os índios da América que ocorreria certamente se tivessem tido uma guerra e se fizessem um prisioneiro.

O padre Lafitau observou: Nalgumas tribos comem a carne dos guerreiros. Os esqueletos conservam nas cabanas e levam nas expedições, como estandarte.

No Brasil os catanágua, ^[5] que vivem nas margens do Magni, comem a carne dos mortos depois de cozer.

A natureza ritual, portanto religiosa, do canibalismo dos índios se verifica observando tabus referentes à alimentação, relações conjugais, trabalho e divertimento, que se realizam depois de todas as refeições de carne humana.

Na África o canibalismo está em relação com as atividades guerreiras e as cerimônias rituais.

No Alto Ubangui, na tribo dos banziri (1895), a carne humana é um alimento nobre reservado aos homens.

O explorador M. du Chaillu estabeleceu, pouco antes de 1880, acampamento numa aldeia de *fās* ^[6] canibais:

Quando cheguei, acabaram de esquarterar um homem em pequenos pedaços, cuja quantidade correspondia ao número de habitantes da aldeia. O chefe reservara pra si os olhos e o cérebro. O corpo desse chefe estava pintado de vermelho-vivo; as costas, o peito e o ventre estavam ornados de tatuagens; o cabelo entrançado e enfeitado com pérola, enquanto as pontas do bigode, retesado, estavam igualmente adornados com pérola. Enfeitava o peito um colar de três ordens. Tinha os dentes limados em ponta.

François Levaillant (naturalista, 1753–1824) encontrou, na África meridional, indígenas que comiam os pais que chegavam a certa idade. Era glorioso, pros guerreiros, se deixar matar em combate, o que proporcionava a honra de serem comidos pelos chefes.

Em 1885 um aduma da missão de Georges Brousseau morreu com beribéri. Um chefe pauim propôs comprar o cadáver. Brousseau se recusou e mandou inumar o cadáver discretamente nas margens do Oguê. Alguns pauins o desenterraram e o comeram. Colocaram o crânio e o colar numa gaveta (caixa-

feitiço).

Horn, que viveu muito tempo entre os canibais da África equatorial, se refere a pequenos bosques onde devoravam as vítimas: Vi um grande número desses bosquetes e as cruzeiras à qual as vítimas eram pregadas.

Cada tribo canibal tinha seus costumes. Os oxebas só comiam os camaradas caídos durante o combate. Os pangóis, somente os inimigos.

Isso foi confirmado pelo explorador Barbot:

Entre os ansicos não se hesita comer o filho, o irmão. Qualquer que seja o gênero de morte, a carne do defunto é devorada.

Nalgumas tribos se come os parentes mais próximos assim que morrem. Algumas vezes a viúva é obrigada a comer o marido morto, sob pena de castigo, durante um banquete fúnebre e na presença da parentela mais próxima.

Em 1961 dois soldados da ONU foram comidos pelos balubas.

O BANQUETE FÚNEBRE

O banquete, que desempenha um papel importante na vida social e política dos povos, é uma herança do canibalismo ritual.

Comer o cadáver era um bom meio de afastar o perigo dos vampiros. Mas grupos progressistas descobriram um meio menos selvagem de convencer o morto a não importunar os vivos, dando de comer no túmulo.

Foi dali que surgiu uma proliferação de costumes que vão do alimento dado ao morto até a refeição fúnebre consecutiva ao enterro. Os usos que se notaram um maior número de vezes foram os seguintes:

1 • Deixam os alimentos no túmulo ou entram ali em seguida, graças a uma abertura feita pra esse efeito.

2 • O ato de colocar o alimento que se dá ao defunto é acompanhado dum festim sobre a sepultura, no qual tomam parte os parentes e amigos.

3 • Se efetua um sacrifício sobre a sepultura. Comem a vítima (animal).

4 • Se transfere o banquete fúnebre do túmulo à casa mortuária.

5 • Em vez de dar alimento ao morto se lhe erige a efígie, que participa no banquete fúnebre e à qual se oferece alimento. Também se pode deixar seu lugar vazio.

6. Os costumes precedentes podem substituir-se por gestos simbólicos ou fórmulas rituais dirigidas ao morto, ou o evocando.

Pra animar com imagem esta seca enumeração, referiremos, um pouco ao acaso, alguns costumes folclóricos, que têm relação com os defuntos, onde encontraremos, combinados de diversas maneiras, os elementos que acabamos de mencionar.

As observações dos arqueólogos confirmam o costume das refeições sobre as sepulturas. Encontraram várias vezes, na camada que cobre a laje superior dos

túmulos, ossos humanos, resto de carneiro, de cavalo e de boi, vasos quebrados e outros objetos.

Degolavam sobre o túmulo um escravo pertencido ao morto, depois matavam qualquer peça de gado, que comiam sobre a sepultura, e os ossos, quebrados e calcinados, ficavam no meio das pedras e da cinza, no lugar onde fizeram a fornalha. (Jacques de Morgan)

O costume das festas, orgias e banquetes fúnebres está patente nas imagens reproduzidas nos sarcófagos: Cenas báquicas, sátiros e bacantes, etc.

Fustel de Coulanges disse que os romanos espalhavam leite e vinho sobre a terra do túmulo... Escavavam um buraco pra fazer chegar o alimento ao morto... Algumas fórmulas convidavam o morto a comer e a beber...

Depois da vitória dos gregos sobre os persas, em Platéia, -479, deram um banquete de aniversário aos guerreiros mortos em combate.

O banquete fúnebre, no qual participavam as pessoas que assistiram às exéquias, era da praxe entre os primeiros cristãos. Os cristãos do século 4 faziam libação sobre o túmulo, da qual fala santo Agostinho.

No século 9 se fazia um banquete fúnebre depois do funeral, outro no sétimo dia, o terceiro no fim dum mês e o quarto no fim dum ano.

Todas essas refeições terminavam num espetáculo de momo, executado por homens mascarados de demônio, chamados *talamasco*. Se tratava de verdadeira festa onde participavam dançarinas profissionais e animais, ursos e macacos. Depois, se bebia copiosamente.

Rei Carlos, o Calvo, proibiu esse gênero de espetáculo.

Na idade média os parentes do morto ofereciam garrafa de vinho e um pedaço de pão branco ao padre que celebrava a missa de aniversário.

Quando os reis da França faleciam os expunham num leito mortuário, e enquanto lá permaneciam lhes serviam as refeições habituais.

No Saara central a cerimônia do aniversário da morte dum parente, o *tascar*, se celebrava cum grande banquete fúnebre. Isso se efetuava durante sete anos pros particulares. Pros reis, durante todo o reino de seu sucessor.

Em Miranda, Portugal, se perpetua a tradição dos banquetes fúnebres. Geralmente sóbrios. Nessas ocasiões os mirandeses comem e bebem sem moderação, sempre elogiando o defunto.

Em certos lugares das Cévennes, o termo *festa fúnebre* designa resto de cerimônia antiga.

Os eslavos, misturando os costumes populares e as práticas cristãs, ofereciam refeição aos defuntos na ocasião das festas religiosas.

Em Narva, Livônia, Letônia, na véspera de Pentecostes, as mulheres cobriam os túmulos com toalha. Colavam sobre elas peixe frito e ovos pintados de cores. Depois, enquanto os popes queimavam o incenso, gritavam e se lamentavam.

Os albaneses do Cáucaso, na quinta-feira da Semana Santa, na meia-noite,

punham no meio de cada herdade uma mesa, que guarneciam de pratos tradicionais e colocavam almofada nos assentos.

Em meado do século 19, no Haiti, veneravam os mortos simultaneamente segundo o rito vudu e segundo o rito cristão.

Quando Suluque se tornou cristão mandou celebrar no Pequeno Goave, onde nascera, um serviço fúnebre de aniversário, à mãe. Na noite se dirigiu, acompanhado dum cortejo, ao cemitério e, com as próprias mãos, imolou uma ovelha pra regar o túmulo da velha escrava que dera um imperador ao Haiti.

Esse sacrifício foi o princípio duma festa que se prolongou durante uma semana. Suluque mandou sacrificar cem bois, que foram distribuídos a milhares de convivas, que acorreram de todos os cantos do país.

Na Ásia meridional, já na época contemporânea, ofereciam aos defuntos um banquete, que tem o nome de *gie* e que devia ser tão suntuoso quanto possível. O herdeiro dirigia um discurso de saudação ao morto. Em seguida, toda a assistência gemia e fazia uma reverência, convidando o desaparecido a se sentar à mesa e a comer, ajoelhando com a fronte a terra, pra receber sua bênção.

O uso de pratos especiais pros banquetes fúnebres parece ter se espalhado bastante. Citemos a cutia dos gregos bizantinos e dos eslavos, um bolo de farinha de arroz cuma cruz feita de uva-passa, apresentado sobre um guardanapo, numa travessa branca. Na França se servia, nos banquetes dos funerais, feijão, lentilha e, sobretudo fava, símbolos de tristeza por causa da semelhança com lágrima.

O medo aos vampiros acabou desaparecendo ou subsistindo apenas em casos esporádicos. Em muitos lugares deixaram de dar de comer aos mortos mas, como ficaram com o hábito de comer no túmulo, se comiam entre si ou continuaram a mastigar no vazio.

É essa, ao menos, a única maneira de interpretar algumas tradições e alguns costumes:

Nos séculos 17 e 18 a recordação aos mortos que comem não estava perdida, pois dois autores, Michel Raufft e Ph. Rhérius, compuseram *tratados sobre os mortos que mastigam nos sepulcros* e os alemães diziam: Mastigam como porcos e os ouvimos grunhir enquanto devoram.

Há três costumes, referentes aos cadáveres, que estão em relação com o desejo de os impedir de mastigar.

- Apertam o queixo cum lenço, com toda força, pra fechar a boca ou, ainda com o lenço, estrangulam.

- Põem um torrão de terra sob o queixo.

- Metem uma moeda na boca.

Essa última prática é o óbolo, que já os egípcios e os gregos usavam e que se interpreta habitualmente como o tributo pago a Caronte, barqueiro dos infernos, que passa os mortos, em sua barca, sobre o Estige.

A vida social é o produto da fidelidade do homem a ritos dos quais esqueceu a

origem, do poder imaginativo com que tenta os explicar e do engenho com o qual é capaz de os transformar. Quanto à razão, é uma faculdade que apareceu no curso dos dez milênios que precederam a era cristã e somente num pequeno número de lugares do mundo.

ISTO É MEU SANGUE!

O sangue é usado de três formas rituais: Pintar toscamente (pintalgar), beber e aspergir.

Os ídolos, ou representações primitivas das divindades, são pedaços de madeira pintalgados de sangue.

O sangue dos animais sacrificados é usado pra pintar as máscaras dos animais e as gravuras das paredes das rochas.

Nos países nórdicos as estátuas dos deuses eram revestidas de sangue humano, e por essa razão chamadas Oeden (Odim) e *blotries* (*blood*, sangue, em inglês).

Oda significa destruir e *Ode* a morte.

Blotta significa degolar a vítima do sacrifício.

Nos mistérios de Apolo, em Larissa, uma sacerdotisa bebia o sangue dum cordeiro. No culto a Júpiter Latiáris, se bebia sangue humano.

Originariamente os mistes, sacerdotes ou devotos do culto a Mitra, despedaçavam um touro e bebiam o sangue quente.

Mais tarde o rito se celebrou assim:

O miste se deitava numa cova. Recebia o sangue do touro degolado sobre si, num pavimento cuma clarabóia. O sangue corria através das fendas de madeira à fossa. O iniciado colocava a cabeça de modo a receber as gotas de sangue que caíam e expunha também o fato e o corpo. Se deitava de costas, pra que as faces, as orelhas, os lábios, as narinas e os olhos também fossem aspergidos. Umedecia a língua com o sangue.

Em seguida, se oferecia à veneração da multidão.

Pra honrar os deuses subterrâneos, escavavam fossas onde espalhavam o sangue das vítimas.

Em Esparta os adolescentes sofriam uma flagelação terrível com o fim de aspergir com sangue o altar da deusa Órtia (Artêmis), flagelação que tinha o nome de diamastigose. Os pais assistiam. Plutarco disse que viu morrer rapazes com as pancadas. Essa espécie de morte, considerada gloriosa, substituiu o crime ritual.

Em Roma, nos combates de gladiador, o sangue do vencido corria através das lajes, crivadas de buraco, sobre uma personagem, instalada numa fossa, a quem davam o nome de Saturno.

No cemitério de Sião (Meurthe-et-Moselle), havia um frasco de vidro. Frequentemente se encontrou, nos túmulos, pequenas garrafas (uma espécie de

frasco) originariamente cheios de sangue.

O sangue contido no frasco devia ser dum animal sacrificado sobre o túmulo.

Nesse caso se vê que o sangue, em vez de se espalhar na terra, é cuidadosamente conservado.

O sangue foi utilizado como ingrediente em muitos cultos. No Levítico se lê:

Moisés degolou o cordeiro, apartou o sangue e o pôs sobre a orelha direita de Arão, no polegar da mão direita e no dedo grande do pé direito.

Os sacerdotes chineses empregavam sangue nas cerimônias, conjuntamente com perfumes e vapores odoríferos.

O sangue desempenha um importante papel na feitiçaria. A maior parte das mortes rituais são cometidas pra arranjar sangue.

Em 1862 encontraram um homem apunhalado caído numa rua de Porto-Príncipe. Um bambu, que servira pra sugar seu sangue, estava metido na ferida. Fora esse o motivo do crime.

O sangue figura em muitas tradições cristãs em relação com Jesus ou com São João Batista.

A morte de Cristo não é sangrenta mas o sangue de Jesus ocupa um grande lugar na religião. A lançada na ilharga de Jesus faz correr o sangue e a água.

No sacrificio de Odim trespassavam cuma lança as vítimas penduradas na árvore sagrada, quando já estavam mortas.

No culto a Mitra feriam os touros no lado.

Os albaneses do Cáucaso imolavam vítimas à Lua e trespassavam o flanco cuma lança sagrada.

Como explicar a cor ocre frequentemente empregada pra dar cor aos ossos dos mortos ou à pele humana?

A melhor resposta é a mais simples: O ocre diluído na água produz um líquido que se assemelha ao sangue.

No Japão os esqueletos eram polvilhados de ocre vermelho.

Pra nós a cor negra simboliza a morte e o luto. Noutros tempos e noutros países o vermelho tinha um significado análogo.

Na Turquia o vestuário vermelho é de luto. Depois do assassinio de Gandhi o pândita Neru assistiu as exéquias com o rosto revestido duma camada de ocre vermelho.

A púrpura (o vermelho cor de sangue) é símbolo de grandeza e do poder supremo, porque as mais elevadas funções sociais foram, na origem, ocupadas por personagens que faziam correr seu sangue suicidando ou se fazendo imolar voluntariamente, ou o sangue dos outros, no sacrificio ritual.

Plínio disse:

A maior glória reside na cor do sangue coalhado, denegrido e brilhante.

Reis e magistrados usaram veste de púrpura. A palavra latina *púrpura* exprime a dignidade.

No México empregaram outro substituto do sangue.

O copal, uma árvore com a casca vermelha, que produz uma resina também vermelha, figurava em todas as cerimônias religiosas dos maias por causa da semelhança de sua seiva com o sangue.

A goma, resina do copal, além de ter a propriedade de coalhar como o sangue, espalha um forte aroma ao arder.

Na Guatemala se prendia a vítima ritual à árvore e se recolhia o sangue no vaso do sacrifício, enquanto o líquido vermelho, que também coagulava, que escorria da árvore.

Revelaremos ritos nos quais se esfolava o rosto.

A tradição exigia que as viúvas polinésias fizessem incisões na fonte cum dente de tubarão.

James Bruce contou que, na Abissínia, cerca de 1770, as mulheres faziam na frente, em sinal de luto, uma chaga do tamanho duma moeda, onde podiam meter a unha do dedo mínimo.

A lei judia determina: Não rasgarás o rosto em atenção aos que morreram. Porém, o costume de ferir o rosto e de arrancar o cabelo persistia ainda nas famílias judias da Argélia, no século 19.

Na Europa, no século 16, o povo chamava *desaforados* os membros duma seita cristã porque arranhavam o rosto cum prego pra fazer sangrar. Era a sua forma de administrar o batismo.

O esfolar o rosto faz parte duma família de ritos muito difundidos, sobretudo na América e na Oceania: O derramamento de sangue.

Os astecas, em todas as festas religiosas, faziam jorrar jatos de sangue por incisão. No Peru, pra celebrar a festa de maio, os rapazes se submetiam a um jejum e a um banho, depois faziam uma incisão no nariz, entre os olhos. O sangue se dissolvia numa pasta pra revestir a pele e untar a porta dos templos ou das casas.

OS OGROS

Procurando qual fora a mais antiga função do sacerdote ou, mais precisamente, qual é a função que, através de muitas metamorfoses, acabou levando à personagem do sacerdote, se chega à seguinte conclusão:

No princípio da humanidade, houve indivíduos mais hábeis e mais corajosos que assumiram o papel de exterminadores das criaturas vampíricas.

Isso explica que ainda o momento culminante da missa cristã seja um sacrifício divino, uma oferenda de carne e de sangue.

Não podemos deixar de nos sentir profundamente perturbados pelo augusto significado desse símbolo, que continua através de milhares e talvez de milhões de anos, um gesto hoje terrível, o assassinio, mas de que então dependia o destino

da espécie humana.

O templo de Jerusalém estava cheio de sacerdotes, que assumiam múltiplas funções. O mais importante desses sacerdotes era o *grande sacrificador*, cujo papel consistia em degolar carneiro e os cortar em pedaço.

O exame objetivo dos fatos nos obriga a concluir que o feiticeiro ou o sacrificador, que degola o animal ritual, e o padre, que celebra um sacrifício simbólico, são dois ramos saídos do mesmo tronco.

Mas ainda há um terceiro ramo, o ogro mítico, o papel do qual se reconstitui, com a ajuda das lendas, criando a personagem religiosa pré-histórica, assassino e canibal.

Gigantes ou ogros, se apoderando de quem lhes caísse nas mãos, pros cozer e comer, habitavam:

- Na gruta de Patho, na Suíça italiana.
- Numa gruta perto do castelo de Roche Lambert.
- Numa gruta perto de Vesdun (Cher), o forno de Porchas.
- Numa gruta do Périgord.
- Na Auvérnia, numa caverna da montanha de Rez de Sol.
- No Sul da França, com o nome de Drac, se conhecia um ogro cujo covil ficava na beira do Ródano e que se alimentava de carne humana.

Se encontra o ogro nos contos e nas literaturas antigas.

Em *O vizir castigado, 1001 noites*, um jovem príncipe perdido é encontrado por uma mulher que o levou à casa dela. Ela disse aos filhos:

— Eis um rapaz bem gordo.

E o príncipe compreendeu se tratar dum ogro.

É uma história que se parece com a do Pequeno Polegar.

Polifemo da Odisséia é um ogro.

O assassinio ritual, formando um clero, que exercia a sua função num santuário, se encontra na antiguidade clássica. Aqui estão três exemplos:

Entre os trácios havia um templo consagrado às vítimas humanas. Seu serviço religioso era exercido por sacerdotes que usavam um punhal pendurado no pescoço, insígnia de suas funções.

Plutarco narrou:

Um sacerdote de Ochomene, cidade grega, usando um direito tradicional, trespassou, cum a espadeirada, uma das bacantes, que perseguia.

O sacerdote do bosque sagrado e do templo de Diana Aricina, perto de Roma, pra obter seu ministério, tinha de matar o antecessor num combate singular.

O caso que transcreveremos está em relação com o mesmo gênero de crime ritual, se bem que não seja o próprio sacerdote a matar:

Os talapões do Laos vendiam aos fiéis o direito de matar.

Quem adquirisse tal direito se reunia, em seguida, cum mercenário, que se postava num canto dum bosque e matava quem passasse primeiro. Se ninguém

aparecesse tinha de se matar, a mulher ou um filho.

O fim desses assassinios era tirar o fel à vítima pra certas cerimônias. Então o sacerdote se entregava a operações mágicas sobre o cadáver.

Depois que desapareceram os crimes religiosos a classe sacerdotal continuou a se ocupar dos cadáveres.

Em Tenerife os sacerdotes dos guanches abriam e cortavam os cadáveres dos chefes, que tinham o nome de *neneceis*, se servindo de facas sagradas de obsidiana, uma pedra cortante.

Na Polinésia a divisão do corpo das vítimas era feita por uma classe sacerdotal.

Se compreende que existiram cerimônias especiais referentes ao cadáver, independentemente do assassinio ritual e do canibalismo.

Quase nada se sabe sobre a preparação ritual do corpo dos defuntos.

Mas é a única explicação de toda essa classe sacerdotal, cuja única função era realizar os ritos funerários.

Quando um cidadão de Tenostitlã soltava o último suspiro recorriam a uns velhos que exerciam função religiosa. (Torquemada)

No Japão a única coisa que os bonzos fazem é conduzir os cortejos fúnebres, tratar da inumação, cremação, consagração e manutenção do túmulo.

Pra acabarmos o assunto do ogro citemos uma cerimônia tão cruel quanto espetacular, que se efetuava no princípio do século 19 em Lagos, Nigéria, África, na ocasião da festa do princípio do ano:

Logo que o crescente da lua de novembro aparecia, o grande sacerdote (juju) fazia a habitual ronda na cidade. Enquanto o juju visitava era proibido sair de casa depois do pôr-do-sol.

Na meia-noite o juju deixava a mata sagrada (reservada à sua confraria religiosa) cum saio de pele negra, da cintura aos pés. Uma capa da mesma qualidade, presa ao pescoço, cobria as costas. Levava um gigantesco boné, semelhante aos dos granadeiros do primeiro império. O rosto coberto cum máscara branca, com nariz pontiagudo e as mãos terminando pata de tigre. Serviam de escolta dez negros gigantes, igualmente vestidos e mascarados, tocando cada um instrumento.

As portas de todas as casas deviam estar abertas e os moradores deviam se manter prosternados, com o rosto em terra.

O juju percorria a localidade, durante toda a noite, entrando às vezes numa casa, e realizando nessa ocasião um assassinio ou dois.

No nascer do dia o juju escolhia como vítima a virgem mais bela e a levava a um lugar secreto. A família devia se manter prosternada, com o rosto no chão, sem queixume. A mãe da jovem tinha de ficar lisonjeada com a escolha do juju. Durante dois dias nada acontecia. No terceiro dia o rei, acompanhado dos vassallos, de traje de gala, e com música, se dirigia à margem da ribeira.

A vítima, conduzida pelo feiticeiro, aparecia com todo o corpo coberto com espessa camada de greda branca.

Avançava ao rei, em passo cadenciado. Quando parava, o feiticeiro a amarrava, nos pés e nas mãos, a um banco, diante dum tronco de árvore.

O feiticeiro elevava os olhos e os braços ao ar. Depois, cum golpe do facão, arrancava a cabeça da vítima, que rolava à ribeira.

O corpo era depositado à sombra duma árvore sagrada, sobre uma esteira, e na noite o feiticeiro o levava.

Os jujus, confraria religiosa, apóiam o poder duma família real. Esta narrativa figura nas memórias de capitão Canot, 1820-1840.

Existia um costume análogo no Benim. Em certas épocas o rei mandava oficiais prender alguns vassallos. A prisão só podia ser levada a cabo em plena treva. Um raio de luar ou um fio de luz tornavam a operação ilegal. As vítimas eram enviadas aos feiticeiros e tinham a possibilidade de se resgatar.

Assim se vê como o crime ritual pode chegar a atos que nos são familiares, os pareceres jurídicos e as traficâncias financeiras.

Capítulo 5

OS OBJETOS SAGRADOS DA MORTE

Os objetos tradicionalmente ligados à morte provêm dos assassinios rituais e dos diferentes modos de destruir o vampiro.

A ESTACA

A prática tradicional pra se desembaraçar do vampiro consistia em atravessar o corpo cum pau.

O pau é a estaca, instrumento de suplício bastante difundido.

Na Sérvia atravessavam o coração dos assassinos cuma estaca.

Na antiga Índia havia uma cerimônia a que davam o nome da cerimônia da *vaca furada de lado a lado* (empalada). O animal era morto ritualmente cuma estaca aguçada que em seguida cravavam no corpo e na parte de cima da qual estava segura uma travessa redonda, onde se colocava a carne do animal, antes da distribuírem aos assistentes. Nos altares dos gregos representavam uma espécie de harpa, que era a estaca. Noutras palavras, o pau que servia pra empalar, com uma travessa pra impedir que o ferro se afundasse muito.

A estaca sagrada era uma arma de arremesso utilizada na caça pra ferir o touro. Os termos comuns tauróbolo e criobólio designam a ação de esperar o animal.

Mais tarde esta estaca se transformou na espada, sabre e lança.

A lança se assemelha ao pilar, que é um motivo de arquitetura religiosa que simboliza a estaca da empalação e igualmente o falo.

A ÁGUA

A água figura nas cerimônias funerárias. A razão deve ser o fato dos povos que viviam perto dum rio ou do mar lançarem até lá os cadáveres, em vez de enterrar, incinerar ou expor.

Os pigmeus do Gabão colocavam os mortos em pé dentro dum fosso cavado no leito duma ribeira que desviavam momentaneamente o curso.

No Brasil os salivas¹⁷¹ lançavam ao Orenoco os mortos e tudo o que lhes pertencia.

Na Oceania capitão Cook viu o corpo duma mulher flutuando na água, perto da costa duma ilha.

Segundo o costume, amarraram uma pedra ao cadáver e o lançaram ao mar, mas o corpo se soltara.

A água está constantemente associada aos ritos funerários. Apresentamos alguns exemplos:

Entre os romanos um sacerdote aspergia água três vezes sobre os assistentes, cum ramo de oliveira ou de loureiro.

No México, os maias-quichês moíam alguns ossos do morto, que dissolviam em água e bebiam em seguida, enquanto os chortis bebiam a água que servida pra lavar o cadáver.

Com muita frequência, há o costume de manter, ao lado da sepultura, um pequeno reservatório de água, que encontramos sob a forma de piscina funerária entre algumas pessoas importantes.

Os nagas escavavam, junto aos túmulos, uma fossa que pudesse reter a água.

Os brâmanes bisnóis (sul da Índia) colocavam uma bilha de água junto de cada túmulo.

No Japão cavam, ao lado do túmulo, uma pequena cova, onde despejam água fresca.

Um europeu moderno não faz ligação entre a ablução do cadáver e a imersão.

Lavar um morto, aos olhos dos antigos, era fazer o morto se beneficiar do rito da imersão, que se juntava ao rito do esconder, quando o corpo era enterrado.

Do mesmo modo, a presença de tochas nos funerais pode ser interpretada como uma substituição da incineração. Um morto lavado, depois enterrado, à luz das tochas, beneficia portanto de três ritos: Da água, do fogo e da terra.

A ablução do cadáver foi um ato praticado em todo o mundo:

Os circassianos lavavam o corpo dos defuntos. Faziam uma exceção quando um guerreiro sucumbia combatendo, porque nesse caso o enterravam com todo o equipamento, sem ser lavado.

Em Balobédia, África, os corpos das rainhas mortas eram lavados todos os dias, indefinidamente. Finalmente, conservavam a pele num vaso, à chuva, e guardavam os últimos resíduos.

Fazer a toailete ao morto era um costume dos mincípios.

Nas grandes religiões combinam alguns de seus ritos com ritos doutra natureza. Na Índia associam os ritos d'água aos ritos do fogo, sendo a água personificada pelo rio Ganges.

Os funerais (por meio de incineração) dum brâmane se desenrolam assim:

Assim que entra na agonia, o levam ao ar livre num leito formado por gramínea de certa espécie (cusa). O aspergem com água do Ganges, cantando estrofes dos Vedas. Depois da morte lavam o corpo, perfumam e coroam com flor. Acendem a fogueira (pira) cum tição do fogo sagrado. A assistência lança água sagrada sobre a cinza, que a família recolhe e guarda embrulhando em folhas, que são enterradas e, mais tarde, lançadas ao Ganges.

Nos povos do norte, no mito escandinavo de Sigurde, o artigo 9º duma lei formada por 9 artigos determina:

Honrar os restos dos mortos, qualquer que fora o gênero de sua morte. Lavar, pentear, enterrar sob a colina tumular e convidar a dormir em paz.

A expressão *qualquer que fora o gênero de sua morte* é digna de atenção porque deve corresponder a uma idéia que, em seu tempo, parecia progressista.

No cristianismo subsistiu até o século 10 o hábito de lavar os mortos nos mosteiros. Em Cluny havia uma grande pia (tina) destinada a esse fim. Tinha 2m de comprimento, a profundidade de 20cm, um travesseiro pra cabeça e uma cavidade pros pés.

No século 18, nas catedrais de Ruão e Lião, havia simples mesas de pedra, que serviam pra lavar o corpo dos cônegos que faleciam.

No Marrocos lavavam os mortos duas vezes, uma com água quente e outra com água fria, sendo os homens lavados pelas mulheres e as mulheres pelos homens.

Quando o espírito do homem se compromete num sentido, procura sempre fazer melhor. É por essa razão que, depois de se terem servido da primeira água que encontravam, passaram depois a usar águas especiais.

Os chortis do México lavavam o cadáver na água virgem duma fonte e a derramavam igualmente sobre o túmulo.

Os primeiros cristãos praticavam ritos da água. Além do papel desempenhado por são João Batista, Jesus quis lavar os pés de são Pedro, que protestou. Essa é uma passagem dos evangelhos, que prova uma idéia mestra do cristianismo: A humildade.

Nos primeiros santuários cristãos haveria fonte e bacia pra ablução ritual. Era o caso da igreja de São Paulo, em Roma, no século 5, onde se via no átrio uma tina com a largura de 60m e com 120m de comprimento.

Em certa altura tiveram a idéia de substituir a água por resina de árvore ou óleo.

Nas sociedades ricas e civilizadas se criou o hábito de lavar o cadáver com líquido raro e caro. Vem dali o uso de óleo aromático e de perfume sacerdotal, como o episódio do jardim das Oliveiras, na Paixão.

Antes do levarem ao sepulcro, o corpo de Jesus foi unguido com mirra e aloés e deitado numa pedra, chamada pedra da unção (com 2,3m e cerca de 60cm de largura).

Os cristãos empregavam várias espécies de aromáticos durante os primeiros cinco séculos. Mais tarde, se empregou simplesmente a mirra pra unguir os cadáveres.

Os óleos sagrados, chamados *myrone* pelos gregos, eram considerados indispensáveis, pelos cristãos orientais, pra remissão de pecado e pra estado de graça. Só o patriarca tinha o direito de consagrar o óleo, que era vendido aos fiéis pelo clero. Se utilizava o óleo e não a água pro batismo. Os armênios friccionavam o corpo do morto com óleo. Era seu principal rito funerário.

Em meado do século 17 o patriarca armênio de Erevã quis usurpar o monopólio dos óleos sagrados, que dividia com o patriarca de Jerusalém, donde surgiu uma questão que durou anos e processos que o arruinaram, porque a decisão dependia do sultão de Constantinopla.

A unção com óleos era um rito importante no culto a Mitra e entre os persas.

Nas ilhas Marianas friccionavam os cadáveres com óleo perfumado.

Óleo com verniz havia apenas um, com o qual os muíscas do México untavam a cabeça dos mortos.

A idéia de morte está muitas vezes ligada aos rios, lagos, piscinas e barcas, que permitem os atravessar.

Despejavam os cadáveres aos lagos e, do mesmo modo, aos rios e ao mar. Os lagos eram sagrados.

Ainda há pouco, os camponeses faziam libação e sacrifício nas margens do lago de Guevodã Durante três dias só havia festa e orgia. Segundo Gregório de Tours, um padre quis acabar com a superstição dos lagos mas em 1872 ainda não estava extinta. Os camponeses deitavam à água a lã das ovelhas, queijos e muitas moedas. Veneravam um santo, Andeol, que tomava o lugar do deus Dis.

No que diz respeito às piscinas funerárias, continuaram a ser usadas, em Java, pelos soberanos, do século 11 ao século 15. A mais conhecida é a do monte Penangungã, que faz parte duma sepultura real.

O Aqueronte, *O rio que transporta dor* (a corrente da amargura), na água do qual erravam sombras, é um rio do Epiro que se lança ao mar Jônio. Se prestava culto ao morto em suas margens. Anteriormente ali aconteceram sacrifícios humanos.

A morte ritual por água (imersão) pertence à categoria daqueles cuja recordação só foi conservada nas lendas. Era geralmente o caso duma virgem sacrificada a um deus aquático, ou então, quando o sacrifício não se realizava, arrancada a um monstro. Os antigos egípcios imolavam todos os anos uma virgem ao rio Nilo.

Do mesmo modo que a púrpura é o atributo do poder e o arminho o da justiça, a barca foi, na antiguidade, o símbolo da morte e dos funerais. Era usada, no Egito, nas exéquias. Em 1954 se descobriu um barco funerário de madeira de cedro-do-líbano (desmontado), junto da pirâmide de Queops, numa fossa coberta por lajes gigantesas. Data de -2700.

Não havendo mar nem curso d'água, foram os precipícios, as lagunas e os pântanos que receberam os mortos. Depois escavaram buracos aos quais deram o nome de poço.

O precipício, a laguna, o pântano, o poço foram, como as grutas, os rochedos e as ilhas, lugares sagrados. Quer dizer, lugares onde se realizavam imolação ritual, real ou simbólica.

Havia no Egito, perto de Heliópolis, um lago sagrado chamado Aquerúsia, que

os mortos tinham de atravessar numa barca, depois de ser julgados dignos da honra da sepultura.

DAS TORRES MEXICANAS AOS POÇOS RITUAIS

O arqueólogo ianque F. C. Hibben publicou, em 1944, o artigo *O mistério das torres de pedra*, empoleiradas no alto de picos, que orlam os rochedos da ribeira Galina, no norte do Novo México.

Foram exploradas 16 dessas torres, mas teriam de explorar 500, num território com a largura de 55km e 80km de comprimento.

Hibben e a sua equipe descobriram, dentro desses edifícios, uma espécie de múmia. Um homem cum machado de pedra enterrado no crânio, uma mulher com 16 flechas no peito e no ventre, um rapaz com uma flecha na anca, etc. Todos tinham arco nas mãos. As torres foram queimadas por flechas incendiárias. As ruínas datam de 1143 a 1248.

Hibben achou que as torres de Galinas eram edifícios militares, torreões. Apresentaremos alguns argumentos que antes as permitem considerar edifícios religiosos destinados a sacrifício:

1 ● As paredes interiores, de estuque, eram decoradas com flores, pássaros e plantas. Encostadas às paredes havia arca de pedra contendo concha, báculo, fato, máscara, corno, objeto feito com plumas e pó pra cerimônia, assim como haste de flecha e ponta de sílex.

2 ● Em todo o mundo os rochedos foram lugares sagrados. Não se compreende a presença de construções defensivas num lugar onde é tão fácil se emboscar e se esconder, e num deserto que oferece todas as possibilidades de fuga. Se compreende ainda menos que o povo que edificou tais fortificações não deixasse vestígio de importância na imediação.

3 ● Em caso de cerco seria impossível sair dessas torres quadradas, sem abertura, que tinham 6m de largura e de 7m a 9m de altura. Ora os *defensores* desse povo, por mais numerosas que as tivessem construído, consistiam em onze pessoas pra uma, seis pra outra, e contando com mulheres e crianças.

4 ● Os guerreiros e conquistadores se apoderam dos lugares, se instalam neles, saqueiam e devastam. Nos sacrifícios, ao contrário, os seres e as coisas são destruídos pelo fogo ou doutro modo, mas os lugares e os despojos do sacrifício se tornam tabu e são respeitados. Os antigos guardavam a cinza da fogueira e a respeitavam.

Não é de duvidar o destino ritual das torres de Galina. Podemos as comparar aos poços de sacrifício e os pântanos (tanques) sagrados dos mexicanos, assim como com os poços funerários e de oferenda encontrados na Europa.

Em Azcapotzalco se encontrou, num poço de sacrifício tolteca, um recipiente vermelho de terracota contendo coxas e ancas dum homem, assim como

estatuetas.

No México os chortis tinham um tanque sagrado, onde imergiam a imagem do deus tribal, enquanto os tepchua lançavam numa laguna a imagem duma criança recortada num papel. Quanto aos astecas, eram crianças vivas que precipitavam na laguna do México.

Em Chichén-Itza, no Iucatão, existe um antigo templo ao qual se sobe numa escada abrupta. Se abre no cimo um cenote (poço sagrado dos maias).

Nos períodos de seca os sacerdotes levavam até lá rapazes e moças, que eram lançados ao poço, com ofertas de jóias e baixelas de ouro.

Transcrevemos a narrativa de Diego Sarmiento de Figueroa, alcaide de Valhadoli (1579):

A nobreza e as pessoas importantes, depois dum período de jejum e de abstinência de 60 dias, vão em procissão ao poço, ao nascer do Sol. Mulheres das melhores famílias são empurradas ou se lançam voluntariamente ao poço. Não as amarram.

O dia passa, depois lançam cordas às vítimas que ainda vivem. As sobreviventes se aquecem junto a fogueira de copal. Têm de contar *o que viram no poço* e o que dizem é uma profecia.

O poço tem forma oval. O maior diâmetro mede aproximadamente 60m. Do nível do solo à água vão cerca de 20m, e a espessura do lodo e água é igualmente cerca de 20m. Encontraram no poço estatuetas de jade, de ouro e de cobre, ossada, lança, dardo, pedaço de tecido. As placas de ouro ou de jade estavam quebradas.

Na França, na gruta de Lascaux (15 mil anos), há um poço estreito e de difícil acesso, aonde se chega depois de passar em duas grandes salas e em galerias. Se pode perguntar se esse poço seria o santuário. Noutras palavras, o lugar dos sacrifícios.

O Garagai é um precipício aonde foram arremessados cem prisioneiros, por Mário, general romano, depois da vitória sobre os teutões (-102). A batalha foi em 24 de abril. No dia seguinte, Mário, ladeado por sua sacerdotisa, a sibila Galla, mandou acender uma grande fogueira na montanha e realizou o sacrifício.

Carca de 1820, em Vauvenargues (Bouches-du-Rhône), uma peregrinação comemorou esse acontecimento. Foi dita uma missa na montanha e vieram peregrinos até o precipício.

Os túmulos com cúpula da ilha de Chipre são poços funerários ricos. Se atinge a câmara funerária numa rampa oblíqua cuja entrada estava fechada cum laje. Um monumento desses, onde se encontraram vasos, candelabros e anéis de ouro e de prata, era, ao mesmo tempo, túmulo e templo.

Os túmulos com cúpula da ilha de Malta têm várias salas. Na ilha de Mínorca há uma espécie de torres chamadas talaiotes (ou atalaias), que são poços funerários.

Os poços funerários, no sul da França, são muito numerosos. São da época galo-romana e dos séculos seguintes.

Eram covas profundas onde precipitavam tanto cadáveres quanto assadas.

Não era um processo muito fácil de se desembaraçar dos mortos, porque, a par desse gênero de poço, abriram outros de duas espécies:

Nos primeiros se lançavam oferendas. Nos segundos nada se despejava. Ficavam vazios. Eram os poços dos deuses nos quais ninguém devia tocar.

Este conjunto (poços dos deuses, poços dos mortos e poços das oferendas) devia formar um lugar de culto, onde os povos que lá viviam celebravam cerimônia.

Em todas as religiões há poços rituais, chamados poços de sacrifício ou de oferenda.

Seis poços, contendo pequenas taças, foram descobertos no Fórum, em Roma. A Bíblia menciona o poço de Jacó. Os muçulmanos têm o poço de Zem-Zem, em Meca. Várias santas cristãs têm um poço, Genoveva, Proxede, Pudenciana. Houve um poço milagroso de nossa senhora, em Lovaina (Bélgica).

AS PEDRAS ASPERGIDAS DE SANGUE

A palavra *altar* designa qualquer espécie de elevação onde habitualmente se realiza sacrifício.

O lugar sagrado fica separado do resto do mundo por uma grande sala. Lá dentro há mesas (altares) e pilares.

Se conservam ali as ossadas das vítimas.

Se podem dividir os altares em três categorias, segundo o gênero de sacrifício que lá se celebra:

O sacrifício sangrento.

O sacrifício sem sangue.

O sacrifício simulado e simbólico.

Os megalitos foram inicialmente altares de sacrifício sangrento, onde o sangue jorrava como nos templos mexicanos.

Levistre, em 1900, estudou o monumento que tem o nome de Ré Bougnoux, megalito de Allier, onde viu um altar de sacrifício em virtude de seu aspecto, da forma, das dimensões, do sítio onde se eleva, da disposição das bacias e dos entalhes, da presença dum pequeno canal, que não era natural, e da vizinhança doutras bacias.

Em 1893 doutor Jacquinet descreveu várias pedras megalíticas, que encontrou em Nièvre, assim como altares de sacrifício.

La Sauvagère e Caylus assinalaram uma concavidade numa pedra de Carnaque, que servia de altar pra sacrifício.

Em *Os Santuários de Carnaque e de Locmariaquer*, publicado em 1897,

Panaguia vê em cada dólmen um altar onde se invocava o Sol, ao qual se sacrificava vítima.

No cume da montanha que domina a baía de Douarnenez, a grande pedra rasa, que tem o nome de São-Nis, servia pra sacrificio humano.

A uma distância de cerca de 4m de cada dólmen havia uma pedra menor, em forma de soco, ^[8] onde o padre permanecia, enquanto a vítima jazia sobre o altar. A imolação sangrenta sobre os megalitos se praticava da mesma forma que nos templos mexicanos. No século -1 Diodoro da Sicília descreveu o rito dos druidas assim:

Se sacrifica um homem o ferindo cuma faca sobre o diafragma.

Em Anju, havia um monumento formado por dois dolmens justapostos, um grande e outro pequeno. As vítimas eram sacrificadas na mesa do dólmen menor.

Disse o autor de Trader Horn:

Havia muitos druidas em Iorquecher e no norte do País de Gales, e há ali um grande número de antigos lugares de sacrificio.

Perto de Guiglo (Guiné), enormes pedras rasas de vários metros quadrados rodeiam quatro rochedos de granito, da altura de 25m, que foram mesas de sacrificio.

As cúpulas são cavidades cavadas na pedra. Existem nos megalitos na França, Inglaterra, Alemanha, Escandinávia, Portugal.

O fim das cúpulas era reter e conservar o sangue, ao menos enquanto durasse a cerimônia, que devia ser longa. As cúpulas são a melhor prova do importante papel desempenhado pelo sangue nos sacrificios praticados sobre os megalitos (cujo aparecimento está fixado em -3000. As cúpulas desaparecem depois da idade do bronze, -300).

Algumas vezes cavavam as cúpulas nas paredes verticais ou nos tetos das grutas. Quer dizer, num sítio onde não podiam receber nem conservar líquido. A explicação é que fazer cúpula era uso antigo, portanto sagrado. Exatamente como depois das terem feito sobre as pedras de sacrificio, continuaram fazendo nas sepulturas.

As pedras com cúpula continuaram a ser veneradas muito tempo depois de terem perdido destino referente ao culto.

No Ain as moças e viúvas iam em peregrinação à capela de São Brás. No caminho paravam em Thoys, junto a uma pedra coberta com cerca de 60 cúpulas, e se entregavam a certas práticas pra arranjar um marido durante esse ano.

Nos Pireneus, junto de Bagnères-de-Luchon, o penedo dos Pintinhos foi buscar o nome em suas 62 cúpulas. Era muito venerado.

Nos países escandinavos as pessoas depositavam oferenda pros mortos nas pedras com cúpulas chamadas Elfenstenars, pedras dos elfos. Existe o mesmo

costume na Suíça.

Na Índia as mulheres levavam água do Ganges às montanhas de Penjabe, pra aspergir as pedras com cúpula.

Há nas tradições a memória dos sacrifícios sangrentos:

No Allier, da mesma forma que na península de Guérande, quase em meado do século 19, jovens de ambos sexos se entregavam a um simulacro que se realizava sobre uma pedra e os participantes tinham o nome de Sangrador e Sangrado.

Em Bourbonnais, em Courtine, há uma rocha cuma bacia, que foi um altar de sacrifício. Eram os filhos das famílias mais nobres que lá se imolavam.

Em São-João-de-Alcas (Aveirão), no principal dólmen de Peyrussas, todos os anos se sacrificava um rapazinho em determinada data.

Na Mayenne, na pedra de São Guilherme, em Montenay, havia um ogro que vinha, na noite, degolar as crianças. As roubava pra comer.

No bosque de Molette (Loire) as pedras das Fadas serviam pra imolação.

No Loire os monges de Pradelles iam todos os anos degolar um porco na grande cavidade do Rochedo da Barrica.

As sombras das vítimas das imolações rituais apareciam num pântano do Loire-Marítimo.

O lugar do culto era tanto mais sagrado quanto mais antigo fosse e quanto mais número de vítimas ali fossem sacrificadas.

Na Grécia, em Olímpia, um colégio de sacerdotisa fazia sacrifício no monte Cronião, em honra a Crono, personagem mítica da classe dos gigantes, ou titãs (anteriores aos deuses).

Em Gezer, Canaã, imolavam as vítimas sobre um rochedo com cúpula, que ficava no centro de imensa esplanada.

Antes do Islã os árabes imolavam as vítimas sobre uma pedra sagrada, a Caaba (cubo), em volta da qual se edificou Meca, cidade aonde vão em peregrinação.

Perante um lugar de culto se deve ter o cuidado de não dizer: Ali se fazia assim. É que se começava fazendo assim e depois se fazia doutra forma. Se construindo muitas igrejas no lugar onde foram antigos lugares de culto, a missa católica se celebra frequentemente no mesmo lugar onde outrora se realizou sacrifício humano.

Em Changé, Sarthe, havia uma mesa de pedra, num plano inclinado, que se equilibrava sobre dois suportes. Depois de ter servido pra sacrifício sangrento e, em seguida, pra incineração, esse monumento passou a ter nova utilização quando os homens começaram a usar arma. A vítima ritual subia ao plano inclinado pra alcançar a parte mais elevada da pedra rasa, donde era obrigada a se precipitar sobre as lanças e as espadas.

A FOGUEIRA E A CINZA

A fogueira funerária e a imolação da vítima no fogo são o mesmo rito. A assada calcinada pode pertencer tanto a uma vítima ritual quanto a um defunto, sendo ambos venerados da mesma maneira.

Eis um exemplo de imolação no fogo:

Os gauleses faziam um boneco colossal cuma armadura de vime.

Faziam entrar animais de toda espécie, misturados com seres humanos, e acabavam de encher o boneco com feno e madeira, antes de atear fogo.

Durante mais de 1000 anos, nas tribos guerreiras da Europa, a incineração, honra provavelmente reservada aos chefes e aos homens mortos em combate, dava lugar a uma festa noturna, na qual participava toda a tribo.

O caráter espetacular da incineração teve êxito. O fogo fascina a multidão, e mesmo o menor incêndio as fará acorrer.

No período das invasões os funerais dum chefe guerreiro germânico se celebravam assim:

Colocavam o corpo sobre um monte de lenha resinosa, com as armas, o cavalo, os cães e até os escravos.

Enquanto o fogo devorava o corpo os assistentes soltavam grandes gritos e os guerreiros batiam com os escudos e com as armas.

Na Ásia a incineração do corpo do rei de Pegu, Birmânia, se efetuava a bordo duma barca, que deixavam ir à deriva. Os talapões ateavam as fogueiras de madeira de sândalo cantando e se regozijando até a carne ser consumida.

O culto à cinza figura no calendário. Quarta-Feira de Cinza é o dia seguinte à Terça-Feira Gorda, o primeiro dia da Quaresma.

Outrora guardavam no túmulo não só o resto do corpo queimado mas também a cinza da fogueira.

Algumas indicações arqueológicas:

Em Villeneuve, no Seine-et-Marne, se encontrou um esqueleto humano a uma profundidade de 2,3m. As ossadas não conservavam vestígio de incineração mas a cabeça repousava sobre um monte de cinza e carvão.

Em Ribemont, Aisne, duas fossas neolíticas contendo resto de cerca de 100 indivíduos permitiram reconstituir a cerimônia fúnebre:

Acendiam a fogueira na vizinhança dum poço. Quando estava em plena combustão juntavam a ossada, que lançavam ao poço com pedaços de carvão ainda ardente. Cobriam tudo cuma laje, sobre a qual amontoavam terra.

No relato da viagem de capitão Baudin, 1804, se refere à descoberta dum naturalista, Péron (falecido em 1810, com 35 anos), na costa sudeste da Austrália.

Num vasto relvado, à sombra dum pequeno bosque, encontrou uma pirâmide formada por cascas de árvore e mantida sobre uma base de quatro perchas

(medida antiga) por meio de tiras feitas de casca.

Péron tirou as cascas e descobriu embaixo uma segunda pirâmide, menor e feita com triângulos de relva. Escavando, encontrou um grande monte de cinza branca, onde meteu a mão e tirou um maxilar de homem ao qual ainda estavam agarrados pedaços de carne.

Péron pensou ser um túmulo e que os australianos queimavam os mortos.

A maxila provinha, certamente, dos restos dum banquete canibal, mas a presença de verdura, de flor, de árvore, de relva, a disposição feita com cuidado, tudo provava que as vítimas eram veneradas.

Inumado há 2100 anos e descoberto em 1973, o corpo duma chinesa, encerrado no fundo de seis urnas, umas dentro das outras,^[9] enterrado a 16m de profundidade, sob 5t de madeira carbonizada.

Parece realmente que o carvão e a cinza estão relacionados ao rito do fogo e devem ter sido uma oferenda. No caso da chinesa, a lenha carbonizada é talvez o resto duma fogueira acesa na ocasião da cerimônia fúnebre.

O que é significativo é o costume de enterrar a cinza (ou a madeira carbonizada) junto com a ossada (ou o corpo).

Os gregos ofereciam hecatombe aos deuses, quer dizer, sacrifício de 100 animais da mesma espécie, efetuado ao mesmo tempo, sobre cem altares, por cem sacerdotes. Originariamente os animais sacrificados eram bois. Depois foram também leões, águias, etc.

Depois do sacrifício ficava uma considerável porção de cinza e de madeira carbonizada, na qual não deviam tocar.

Dali a importância religiosa da cinza e sua presença nos túmulos, santuários e cultos.

Na cerimônia da Igreja Católica que tem o nome de Cinza, o padre ungia orotrora a frente dos fiéis com os resíduos dos ramos bentos queimados.

O uso da cinza se conservou na feitiçaria.

A cinza de animal e de planta foi considerada substância mágica. Se fazia sutil distinção entre a cinza de rã, de rosa, etc.

Misturavam cinza com sal ou com água e o produto era um remédio. Se dizia que havia na cinza cadáveres de sementes, que podiam se reproduzir.

A cinza tomou o lugar do sangue. Noutras palavras, a incineração, empregada pros vivos ou pros mortos, substituiu o sacrifício sangrento, em relação aos vivos, e o esartejamento e o descarnamento, pros cadáveres.

A civilização apareceu nos lugares onde se praticava o culto ao fogo. O fogo é um sacrifício sem sangue, que deixa resíduo nobre: A cinza.

Com a incineração o sacerdote deixou de ser carniceiro. O lugar de culto deixou de espalhar odor nauseabundo. O altar deixou de ser ossuário.

Os megalitos, com ou sem cúpula, não tornaram a ser aspergidos com sangue. Mas as piras se erigiram junto, o que explica que lá se descobrija cinza.

Noutros sítios fizeram altar de madeira, que o fogo consumia ao mesmo tempo que as vítimas e as oferendas. Os altares formados com a cinza dos precedentes tinham mais fama que os outros.

A cinza deu lugar a uma espécie de adivinhação: A espodomancia, arte de adivinhar por meio da cinza.

A cinza, além de se acumular a tonelada, como no caso da chinesa (o que representa uma fogueira gigantesca ateadada durante muito tempo), tinham o inconveniente de se misturar com a terra e se confundir com ela imediatamente.

Tomaram, pois, o hábito das meter numa espécie de caixa. Foi a origem das urnas funerárias.

A arqueologia nos deu a saber que, cerca do ano -1200 a cinza dos defuntos se encerrava, com os ossos, em pequenas caixas de madeira, espécie de urna, que se colocavam entre duas pedras: Uma embaixo e outra encima. Com o desenvolvimento da olaria (cerâmica) começaram a se servir, presse fim, de bilhas vulgares. No entanto, algumas urnas têm formas especiais: Um rosto, uma casa.

A urna funerária teve um grande êxito, e os campos de urna substituíram, nalguns lugares, os túmulos e os poços funerários.

O campo de urna de Lausite, Silésia, que data do ano -1000, continha centenas de sepulturas. Foram encontrados outros campos de urna nas margens do Danúbio, Hungria, Eslováquia e norte dos Alpes.

O uso das urnas se difundiu tanto, e durante tanto tempo, que sobreviveu à incineração. Além da ossada, punham nas urnas oferendas como água benta, pedaços de carvão e incenso. Se manteve o costume de decorar as capelas funerárias com urna.

As tribos de camponeses e os guerreiros nômades tinham o costume de acender enormes fogueiras em plena natureza, pra celebrar funeral, que se efetuava sempre na noite.

Pegando o hábito de cerimônia noturna, o mantiveram também na cidade, mas as fogueiras gigantesas foram substituídas por archotes.

O cerimonial dos archotes (tochas e depois círios) se conservou, depois do costume da incineração desaparecer, mesmo nas cerimônias diurnas.

A tocha se tornou um dos símbolos dos funerais e se estendeu às cerimônias religiosas.

Como era um hábito pagão, o clero cristão o quis extinguir. Em 206 um concílio proibiu acender círio em pleno dia.

Mas os costumes religiosos se enraízam profundamente na alma do povo e, como aquele nada tinha de afrontoso, se criaram rapidamente, no clero cristão, acólitos, cuja função consistia em acender e apagar os círios durante os ofícios.

Dos antigos ritos do fogo, subsistiu vestígio, durante muito tempo, na sociedade cristã, como as lanternas dos mortos e as fogueiras rituais:

Nas sepulturas da alta idade média existem pedaços de carvão, cinza, pedra avermelhada ou decomposta pelo fogo. É resto de fogueira ritual.

As lanternas dos mortos são formadas por uma torre redonda, compreendendo interiormente uma sala abobadada, coberta por uma cúpula alongada. A torre continha uma lanterna onde se colocava uma candeia que, nos tempos mais antigos, estava perpetuamente acesa. Mais tarde, só se acendia em ocasião de falecimento.

Abordaremos mais alguns costumes derivados dos ritos do fogo:

O clero católico fazia ainda recentemente três procissões, cantando salmo em volta das fogueiras de São João.

Na altura dalgumas festas, em lugar de se queimar pessoa viva ou morta, se queima árvore, boneco ou animal. Por exemplo, gatos.

Se o fogo reduz o cadáver a cinza, um fogo lento, de longa duração, ajuda a o conservar. A exposição ao calor, provocando a dessecação, permitiu obter a múmia.

Quando, em setembro de 1870, Schliemann abriu um túmulo em Micenas, notou, com surpresa, a *incineração prematura dos cadáveres*. Supôs que os assassinos tiveram pressa em partir.

Schliemann estava enganado. Os corpos foram intencionalmente cozidos e dessecados sobre uma camada de carvão vegetal estendida em cima dum leito de pedra.

Encontraram noutros sítios mortos deitados sobre pedras rasas aquecidas até ficarem incandescentes.

Outras vezes o corpo estava incinerado mas a cabeça, protegida do fogo, estava conservada.

Tudo isso são ritos de transição, formas funerárias precursoras da múmia.

É de notar um fato frequentemente observado em etnologia. É o caso de se empregar o mesmo rito pra fins opostos. No caso presente se trata de destruição e conservação.

O CALDEIRÃO

A incineração de vítimas animais ou humanas oferece o inconveniente de ser acompanhada dum considerável desperdício de carne. Os fiéis comiam uma parte das oferendas queimadas em honra aos deuses se mas perdia muita carne. Com o caldeirão apareceu a idéia da economia e da eficácia nas tribos mais avançadas do norte.

Num pântano, junto a Gundestrup, Jutlândia,^[10] encontraram um grande caldeirão de prata que devia ser de -500. Era adornado com placas quadradas, de prata ornadas com figuras cinzeladas que representavam uma cerimônia, um sacrifício humano consumado num caldeirão.

O túmulo de Kivik é formado por um cabeço feito com pedras amontoadas, tendo 10m de altura e 75m de diâmetro. No centro uma câmara funerária de 3m de comprimento e 1m de largura. Uma das paredes laterais representa um enorme caldeirão, cheio de vítima aguardando o sacrifício vigiadas por guardas armados.

Os cimbrós, nas expedições guerreiras, eram acompanhados por sacerdotisas, que se reconheciam pelo cabelo branco, cinto de cobre, vestido também branco, preso por uma echarpe, e por irem descalças.

Quando, depois dum combate, traziam prisioneiros, os entregavam às sacerdotisas, que começavam os coroando com flor.

Os cimbrós tinham um gigantesco caldeirão, ao qual apoiavam uma pequena escada. A principal sacerdotisa se punha no cimo dessa escada e iam lhe levando os prisioneiros, um a um, que degolava de modo que o sangue jorrasse a dentro do caldeirão.

Os desenhos formados pelas manchas de sangue, assim como as entranhas das vítimas, davam lugar a um exame e a uma interpretação profética.

O caldeirão céltico, de bronze, encontrado em Vix, perto de Châtillon-sur-Seine, Costa de Ouro, em 1953, pesa 200kg, 1,65cm de altura, 1,27cm de diâmetro e capacidade de 100ℓ. Data de -500. A figura duma górgona ornamenta a asa, e a tampa tem em cima a estátua duma mulher (deusa?). O caldeirão estava na sepultura da *dama de Vix* juntamente cum carro de parada, um diadema de ouro e um colar de âmbar. A dama de Vix seria uma sacerdotisa, vítima ou, como se diz, uma princesa chorada pelo esposo?

No *Calevala*, epopéia finlandesa, a filha do deus subterrâneo Tuoni, sentada numa grande pedra da montanha, manda cozer as dores do mundo no caldeirão. Não faz lembrar o mito de Cristo resgatando os pecados dos homens ao morrer na cruz?

O caldeirão foi o objeto sagrado dos povos que descobriram a metalurgia. Se substituiu a carne crua ou grelhada pela carne cozida. Foi a primeira vez que o sangue desapareceu da alimentação.

Seriam os povos do norte da Europa que *inventaram* o caldeirão? Ou foram os chineses?

Antigos textos chineses, citados por Marcel Garnet, fazem alusão ao costume de mandar cozer o cadáver, tanto da vítima quanto do morto, de beber o caldo e com a carne, depois de guardar a ossada e a homenagear, a venerando.

Há o caldeirão nas tribos guerreiras da Ásia e da Europa:

O túmulo de Sadovy, na Sarmácia, século -11, continha dois caldeirões.

No sul da Rússia os hunos esculpiram cinco caldeirões num rochedo, no século 2 ou no século 3.

O caldeirão foi, durante séculos, um objeto sagrado entre os turcos, em relação aos janízaros, soldados a quem serviu de emblema. No século 19 os

viajantes europeus troçavam das *marmitas dos janízaros*.

O caldeirão, ou odre, abandonado como objeto sagrado pelos cultos oficiais no tempo moderno, permanece na feitiçaria. Vem dali a fórmula: Bebi no caldeirão, me tornei uma feiticeira. O termo *odre* designava originariamente uma vasilha de pele de bode onde conservavam o caldo do sabá.

A lei sálica dos francos do século 5 diz: Quem chame feiticeiro a um homem ou o acuse de levar o caldeirão ao sabá será punido com uma multa de 72 moedas (soldos).

Acontece que um instrumento ou objeto, depois de servir pra algo que lhe valeu muita veneração e honra, caiu em descrédito. Então o populacho se apoderou dele e só ele o usava, até que um dia o referido objeto foi redescoberto pelos esnobes. É assim certamente que se explica o estranho costume que narraremos:

Houve, na França, no século 13, uma estranha corporação a que chamavam hanuardos, carregadores de sal, a quem estava a cargo descarnar os cadáveres.

A cara honra de ser assim tratado era reservada aos grandes senhores e aos reis. Os corpos eram cortados em pedaço e salgados. Os coziavam pra separar o osso da carne.

O corpo de Henrique V, rei da Inglaterra, que morreu em Vincennes no mês de agosto de 1422, foi cortado em pedaço e posto a cozer num caldeirão.

Lançaram a água num cemitério, com as devoções usuais. Os ossos, com a carne, foram guardados num cofre de chumbo, com especiaria e perfume. Foram tratados da mesma forma Luís Bonacheirão, Carlos Calvo, são Luís, Filipe Ousado e sua mulher Isabel de Aragão. Algumas partes dos corpos foram espalhadas em lugares santos.

Caindo em desuso o caldeirão, em seguida se formou uma variedade do suplício do fogo reservado aos moedeiros falsos, enquanto a fogueira punia os heréticos.

Os despejavam numa caldeira cheia de água ou de óleo fervente.

A FAIXA, A URNA, A MORTALHA, A PEDRA TUMULAR

A posição do esqueleto, dobrado, acorçado ou enroscado, indica que o morto esteve ligado.

Numa gruta da Criméia, Kiik-Koba, dois esqueletos, um homem e uma criança de 1 ano, estavam nessa posição, dobrados.

Em Laugerie-Basse, Dordonha, um esqueleto humano estava dobrado sobre si e deitado de lado, com as mãos no pescoço e os cotovelos nos joelhos.

A gruta de Raymondin, perto de Chancelade, Dordonha, continha um esqueleto dobrado sobre si, numa flexão forçada sobre o lado esquerdo, com a cabeça pendida a diante, com as mãos no pescoço e os joelhos à boca.

Os cadáveres assim dobrados, enroscados, são uma característica de esqueletos chamados de Neandertal. Se observou a mesma posição na China, nos túmulos da América do Norte e no Peru. Na Europa, em Bruniquel, em Schwann Meclenburgo, na gruta de Oscevala (Ostrogótia) e no Cáucaso.

O costume de rodear os mortos de faixas estreitamente apertadas deriva do antigo uso de amarrar os cadáveres.

Os egípcios empregavam tiras de linho de mais de 1km de comprimento. Começavam na cabeça e acabavam nos pés, mas não cobriam o rosto.

Os judeus envolviam os mortos em faixa e, ao mesmo tempo, empregavam a mortalha.

Nos primeiros séculos da igreja cristã envolviam o corpo numa mortalha, depois o ligavam fortemente com faixa. A cor tradicional das faixas e da mortalha era o branco.

Todas as manhãs, nos templos egípcios, o sacerdote envolvia a estátua do deus em faixas coloridas, pra formar a múmia divina.

A urna se relaciona com o culto à árvore. Se colocava o morto na concavidade duma velha árvore da floresta ou num tronco de árvore, que se cortava e escavava. Se faziam também urnas com prancha. Algumas vezes introduziam os cadáveres em enormes troncos de carvalho, que escavavam. Houve também urnas de pedra, com tampa de madeira.

Em vez de ligar ou amarrar os mortos, tiveram a idéia dos meter num saco, quer dizer, numa pele de animal cosida em forma de saco.

Depois, em lugar de usar a pele como saco, a empregavam como tapete. Na Dinamarca deitavam os mortos sobre uma pele de boi.

A pele funerária se tornou, ao longo do tempo, o sudário ou mortalha, que é o rito mais comum, uma vez que a urna era cara. Os muçulmanos inumavam os cadáveres num sudário de linho, utilizando a urna somente pra transportar o morto até a fossa (cova).

A memória ao vampiro persiste em todos os ritos funerários que ainda se usam:

As ligaduras, as faixas, o saco de pele de animal, a mortalha, a urna, que é uma caixa onde prendem o morto, foram inicialmente outros tantos métodos pra impedir o regresso do morto.

A pedra tumular ou laje funerária, assim como todas as pedras em bruto ou trabalhadas associadas a costumes funerários (como as estelas), provêm do rito que consiste em esmagar o cadáver numa grande pedra.

E, bem entendido, o costume de enterrar o morto, às vezes a vários metros de profundidade, ou do esconder no recanto duma gruta, são igualmente precauções que têm em vista o mesmo fim.

No norte da Europa descobriram corpos de animais esvaziados e cheios de pedra. Não foi encontrado cadáver humano arranjado dessa forma, mas isso não quer dizer que nunca os houve, porque os animais não foram tratados dum modo diferente do empregado aos homens.

Esse processo poderia ser, em todo caso, a origem do embalsamamento e da mumificação e mais um processo pra eliminar o terrível vampiro.

A mumificação começou sendo um processo mágico, com o fim de obter a definitiva imobilidade do cadáver. Na Suméria embalsamavam e mumificavam.

No Egito dessecavam os cadáveres dos pobres por meio de sais e os envolviam num pano.

O defunto rico era embalsamado com unguento e especiaria, enfaixado e colocado numa urna de cedro ou de sicômoro.

As múmias negras foram simplesmente revestidas de sal, de peze e de betume.

Encontram algumas múmias em cofres de madeira ou dentro de pedaço de pano revestido de betume.

Na profissão de embalsamador havia várias especialidades:

O que marcava o cadáver, cuja função era desenhar, no lado esquerdo do corpo, o lugar a ser aberto.

O cortador fazia a incisão. Abriam o corpo cuma pedra cortante, mesmo na época em que já havia instrumento de ferro. Extraíam o cérebro cuma haste de ferro recurva.

Um embalsamador retirava as vísceras, exceto o coração e os rins. Outro lavava o cadáver com vinho de palmeira e líquidos odoríferos.

As múmias têm uma longa barba e cabelo que descem até meia perna, unhas muito compridas, douradas ou pintadas de cor de laranja. Têm sobre o ventre estatuetas de ouro, prata ou terra-verde. Todas as múmias têm uma moeda sob a língua.

Os coptas, descendentes dos antigos egípcios, perfumavam o cadáver durante mais de trinta dias com goma de cedro, mirra e diversos perfumes. Assim conservavam o corpo perfeitamente durante muito tempo e espalhando um odor suave. Então o defunto era rodeado de faixa e colocado numa urna, que a família conservava, a mantendo direita, encostada numa muralha.

A mumificação dos chefes era praticada assim:

Na América, nas tribos da Virgínia, Carolinas e Flórida, a pele, fendida nas costas, era completamente separada dos ossos. O esqueleto, depois de dessecado, tornava a se meter na pele, que secavam e tratavam com substâncias gordas. Enchiam o espaço vazio com areia muito fina.

No Taiti tiravam os intestinos e as outras vísceras no ânus e enchiam o ventre com tecido. O corpo, depois de friccionado durante muito tempo com óleo de noz era exposto.

Na Ásia os nagas punham os cadáveres a curar a defumar, fazendo uma

fogueira de lenha, enquanto os casias conservavam os defuntos em mel.

AS TORRES DO SILÊNCIO

Na Pérsia o masdeísmo pôs fim ao enterramento. O Avesta considera o amortalhamento dos mortos na sepultura ou a incineração práticas ímpias.

Os persas expõem os cadáveres em torres como as que Stavorinus encontrou em Surate em 1775:

É uma torre, construída num campo, que se eleva até 6m acima do solo. Tem um pouco mais de 100m de circunferência. A abertura, onde se introduzem os cadáveres, a 2m do chão, tem uma fechadura de pedra, cuma espécie de cadeado e uma inscrição em persa.

O anfiteatro é dividido em três filas, dispostas em círculos. A que fica mais próxima da parede é reservada aos homens, a segunda às mulheres e a terceira às crianças. Cada corpo ocupa um leito especial, guarnecido com um rebordo. Entre os leitos há uma vala estreita.

A 4m da torre quatro pequenos poços recolhem a água proveniente dos cadáveres através de canais que comunicam cum grande poço. É impossível ter idéia do terrível mau cheiro que infecta a imediação.

A 80m da torre, uma grande tina, cheia de água, serve pra lavar o corpo do morto. Junto à tina se eleva um pequeno templo quadrado, coberto por uma cúpula onde se mantêm, dia e noite, um fogo cintilante ou ardendo num estado latente sob a cinza.

O corpo lavado, fica a cargo dum guarda. É proibido, aos próprios persas, se aproximar da torre além da tina.

Um corpo levado à torre não pode ser retirado de lá. Se uma pessoa, que julgavam morta, voltar a si, o guarda tem o dever da matar imediatamente. Há sempre um grande número de corvos e gralhas sobre o balaústre da torre.

Capítulo 6

AS VÍTIMAS

A imolação ritual poupa ninguém, do feto no aborto ritual ao velho no termo da vida, do sacerdote e do rei ao escravo e o prisioneiro.

O TERMO DA VIDA

O termo da vida é a prática que consiste em não esperar a morte natural e em pôr fim à existência das pessoas de idade. É um vestígio do tempo em que a existência do homem se prolongava indefinidamente, só se podendo obter a morte por assassinio.

Na França se usou o termo da vida, o que é provado por algumas tradições.

Cerca de 1845 os habitantes da montanha de Mané-Guen contavam que os velhos se dirigiam ao alto da montanha, onde um druida lhes dava a morte por meio duma maçã sagrada.

Em Caurel matavam os velhos a paulada. Depois do cristianismo guardavam na concavidade duma árvore, ao lado da porta da igreja, um grande martelo de madeira, previamente bento. Quando um velho se tornava pesado à família, diziam: Temos de ir a Caurel pra buscar o madeiro bento.

Entre os trogloditas, nômades do golfo Arábico os velhos tinham obrigação de pôr termo a seus dias quando chegavam à idade de 60 anos.

Os hérulos, aparentados aos godos e que recentemente deixaram a Escandinávia, devastaram as margens do Mediterrâneo até a Espanha, no século 6. Considerados absolutamente selvagens, tinham o costume de, quando se viam quase sucumbindo à doença ou à velhice, mandar que os apunhalassem sobre uma pira.

Heródoto menciona várias tribos do próximo oriente que praticavam o termo da vida:

Os derbices do Cáucaso enterravam os mortos que faleciam antes dos 70 anos. Depois dessa idade os degolavam e só os parentes mais próximos tinham o direito dos comer.

Os cáspios tinham o hábito de expor no deserto os corpos dos setuagenários, depois dos deixar morrer de fome.

Os bactrianos abandonavam vivas, aos cães, todas as pessoas impotentes, em consequência de doença ou velhice, cães que eram mantidos expressamente presse fim e que tinham o nome de coveiros.

Os ceienos, povo grego, davam cicuta a beber a todos os homens que ultrapassavam 60 anos.

Os hibernianos e os bretões fixavam o termo da vida aos 70 anos. Comiam os velhos.

Estrabão narra que os irlandeses *comiam o corpo dos pais*.

Os maracos da Etiópia, que têm afinidade com os galas, tinham, cerca de 1880, o costume de matar todos os velhos, homens e mulheres. Aqui todos matam o pai, a mãe e os amigos. (Goleillet)

Algumas vezes tentam suavizar o termo da vida. Por exemplo, quando um guerreiro era ferido ou estava gravemente doente, os persas o levavam à floresta mais próxima, lhe deixavam pão, água e um pau. O homem, abandonado assim, morria, devorado pelos animais. Se voltava a aparecer o consideravam como um demônio e o submetiam a purificação antes de retomar a vida comum.

O velho que, *sentindo se aproximar o fim*, se retira à solidão obedece a um costume de termo da vida. William Eastlake, escritor ianque, que se dedicou a assuntos referentes ao Novo México e seus habitantes índios (hopi, pueblo, navajo), contou a história de Tomas Tomas, feiticeiro-curandeiro, que tinha 100 anos e 11 mulheres, e que, compreendendo que morreria, pôs o saco de feitiçaria nas costas e abalou à floresta, sozinho, esperando a última hora.

O que se segue se passava em Costa do Marfim, cerca de 1875. A narrativa é copiada do real e é o autor de *Trader Horn* quem disse:

...Esta gente veio pra assistir o afogamento duma velhinha que sobreviveu a sua geração. Era uma lei dos evils matar os velhos. Depois de rápidos colóquios, em que a vítima não manifestou emoção, o homem que investido do direito legal da matar a agarrou e precipitou ao rio. Depois, toda a gente foi embora, sem olhar atrás. A velha era boa nadadora mas desapareceu, dali a pouco, nos rápidos do Samba.

Na África central, entre o sanga, afluente do Congo, Zanzibar, até os últimos anos do século 19 matavam os velhos e os comiam. Isso se passava com os ndrys e um grupo étnico designado pelo nome de Niams Niams, de *niam*, comer, e *niama*, carne. Conservavam e honravam a ossada.

Em janeiro de 1971 anunciaram que descobriram México, no estado de Santa Cruz, uma cidade, com cerca de 100 casas, com 5000 anos.

Assinalaram vestígio de morte violenta nos túmulos e se falou de eutanásia. Mais verossimilmente se tratava de termo da vida.

Este pequeno número de casos, escolhidos em todas as épocas e no mundo inteiro, mostram que o termo da vida foi um rito importante e não um costume ocasional e local.

As explicações que habitualmente se dão, a eutanásia e a supressão de bocas inúteis, não resistem a um exame sério.

As tribos só se davam ao trabalho de matar os velhos e, às vezes, os comer, cum cerimonial e o concurso dum feiticeiro, porque isso era um rito ancestral, importante pra eles.

O jubileu, cerimônia religiosa considerada renascimento ou renovação, substituiu o termo da vida. Depois de reinar durante 30 anos, o faraó Amenófis

III (-1405—1370) celebrou um jubileu (festa de Sede) do qual fazia parte o rito dum simulacro de morte.

AS CRIANÇAS

A morte ritual das crianças esteve demasiadamente generalizada nos tempos históricos pra não ter sido praticada na pré-história. Os pequenos esqueletos não provam, todavia, que houve sacrifício. Assinalemos, sem comentário, o que encontramos:

No vestibulo dum túmulo uma machadinha ao lado dum esqueleto de criança. Em Ferrassie (Dordonha), numa pequena fossa, duas crianças de 3 e 5 anos. Numa caverna de Isturitz, Baixos Pireneus, um crânio de criança e vários esqueletos.

Quantas lendas existem sobre a história do príncipe *enjeitado* ao nascer! O bebê sobrevive miraculosamente. Umaz vezes se torna o assassino do pai, outras vezes é reconhecido por ele e o sucede.

O enjeitar, quer dizer, o abandono dos recém-nascidos, é um substituto do assassinio.

Na mitologia grega, Zeus e Perseu são crianças enjeitadas.

Réia, filha de Urano e de Gaia, era uma titã, ou gigante. O esposo, Crono, se impôs a obrigação de devorar todos os filhos à medida que ela os fosse parindo. Réia se esforçava, com todos os meios, pra salvar a criança a nascer. Pra ocultar ao esposo a dor do parto, contava com a ajuda dos curetas, que se comprimiam em redor dela e executavam, ao som do tambor e doutros instrumentos sonoros, uma dança com arma, provocando um tumulto, com o fim de desviar a atenção de Crono e facilitar o rapto do recém-nascido. Os curetas eram jovens, sacerdotes de Réia e guerreiros dançarinos.

Outra lenda diz que Réia substituiu o filho por uma pedra, que Crono devorou em vez do recém-nascido, porque temia ser destronado.

O enjeitamento dos recém-nascidos é um costume geral na antiguidade clássica:

Édipo, tragédia de Sófocles, século -4, narra a história dum príncipe grego. Ao nascer, um adivinho predisse que Édipo mataria o pai e desposaria a mãe. Os pais o enjeitaram mas foi recolhido e criado por um pastor. Quando se fez homem realizou a profecia.

Rômulo era filho de Marte e de Réia Sílvia. Quando nasceu o puseram, num cesto, à água do Tibre. Foi amamentado por uma loba e recolhido pelo pastor Fáustulo. Mais tarde matou o irmão Remo.

Rômulo impôs restrição ao direito de enjeitamento e ordenou que todos os filhos e filhas primogênitos fossem criados pelos pais.

Quando acabava de se dar um nascimento o pai pegava no filho e o erguia

com os braços bem levantados. Parece que era um rito destinado a substituir (pelo gesto contrário) o rito de enjeitar as crianças, que consistia em as colocar no chão.

Quando desaparece um costume desumano o conservam em casos que parecem o legitimar. Em muitos lugares adquiriram o hábito de eliminar os seres débeis.

Em Esparta, quando uma criança nascia, a apresentavam a uma comissão, que a deixava viver se era bem constituída. Levavam todas as crianças enfezadas a um desfiladeiro, junto às montanhas, ou as lançavam a um precipício (*apothetes*).

O rito de supressão da criança existira entre os islandeses, e os germanos também o usaram. Nas épocas históricas só matavam os recém-nascidos doentes.

Explicavam esse costume dizendo que as verdadeiras mães das crianças disformes eram as sereias. Entravam de noite nas casas e os punham no lugar dos bebês normais, que roubavam. Era possível as obrigar aos entregar lançando à água os monstros que deixaram, os metendo num forno ou abandonando num carrinho-de-mão à porta dalguma casa.

Os trogloditas matavam os recém-nascidos doentes ou disformes.

Em Roma, no tempo do império, abandonavam as crianças disformes.

O costume das primaveras sagradas, sendo um modo de substituir o enfeitamento das crianças, está também em relação com o voto (*devótio*) a uma divindade, assim como com a preocupação de colonização.

O voto consistia em consagrar aos deuses tudo o que nascesse no decorrer da primavera, inclusive as crianças.

A seguir a um voto desses, uma quantidade de jovens desceu da montanha à planície que se estende até o Adriático e se estabeleceu ali com o nome de picentes. Os guiara o pássaro de Marte.

Durante um ano de fome os sabinos consagraram a Marte todas as crianças que nascessem naquele ano. Quando essa geração cresceu a mandaram criar uma colônia.

Um touro servia de guia aos jovens emigrantes. O touro se deitou quando chegou ao território dos opiques. Os sabinos expulsaram os opiques e se instalaram no lugar, depois de imolar o touro a Marte.

Algumas narrativas lendárias se referem a supressões coletivas de crianças, as quais tinham como origem a decisão dum monarca que desejasse se desembaraçar dum rival que acabara de nascer.

Esses acontecimentos, apresentados como históricos, devem ter ligação com o assassinio ritual das crianças. Fixavam um dia, por um presságio, e todos os seres que nasciam nesse dia tinham de ser oferecidos a um deus. Quer dizer, tinham de ser mortos.

No arredor de Belém, na aldeia de Rama, Herodes, o Grande, ordenou que matassem os inocentes e depois os transportassem à colônia (?), inocentes que eram 14 mil.

Joabe queria exterminar Hadade, pelo que mandou matar todos os habitantes machos de Edão. Hadade escapou à matança fugindo ao Egito.

Querendo Nimerode suprimir o pequeno Abrão, mandou chacinar, todos os primogênitos do reino.

Um faraó ordenou que matassem todos os primogênitos judeus.

O senado romano procurou suprimir Augusto.

No Êxodo, Deus disse a Moisés: Sacrifiques a mim teu primogênito, porque me pertence... Então apresentarás ao eterno tudo o que nascer em primeiro lugar... Tudo o que tiveres que seja macho será do eterno... Darás a mim teu filho primogênito...

Os hebreus praticavam o velho rito semítico do infanticídio ritual. Os reis hebreus lançavam os filhos nas goelas dum boi de bronze aquecido ao rubro. O rei dos judeus tinha o costume de sacrificar o filho preferido. Nos cananeus, os particulares imolavam os filhos. Abrão quis sacrificar o filho Isaque.

Ismael, como Isaque, esteve quase a ser mandado matar pelo pai.

O rei Davi sacrificou sete príncipes da família real, filhos do rei Saul, os mandando enforcar *perante Jeová*.

O rei de Moabe ofereceu seu primogênito em holocausto.

O rei Hiel imolou dois dos filhos quando da fundação de Jericó.

Os reis Achaz e Manassés *mandaram passar os filhos no fogo do sacrificio*.

Amílcar imolou o filho no cerco de Agrigento.

Maleus sacrificou o seu a Baal.

O profeta Miquéias gritou: Darei meu primogênito por minhas faltas? O fruto de minhas entranhas pelos pecados de minha alma?

O rei grego Meandro, pra não desobedecer à tradição, sacrificou o filho. Mas teve um desgosto tão grande que se lançou ao rio que ficou com seu nome.

Os romanos sacrificavam criança aos lares e, mais tarde, substituíram as crianças por dormideiras.

Queimavam criança nos altares de Adra-Melech, deus dos assírios.

Nos dias de festa acendiam uma grande fogueira no interior da estátua de Baal, deus fenício. Os pais chegavam, trazendo ao pescoço um filho recém-nascido. Colocavam a criança nas mãos abertas do deus, enquanto um mecanismo fazia mover os braços e a criança caía no meio do braseiro.

Em Tiro uma colossal estátua de bronze representava o deus Saturno. A estátua era oca e encerravam lá dentro as crianças. Depois aqueciam a estátua ao rubro.

Os que não tinham filho compravam os filhos dos pobres. Se a mãe a quem iam buscar o filho deixava escapar uma queixa ou uma lágrima, não pagavam,

mas a criança era sacrificada da mesma forma. O ruído dos tambores e das flautas ecoava em volta da estátua do deus. (Plutarco)

Em Cartago, do século -7 ao século -2, a imolação solene de crianças do sexo masculino era obrigatória às famílias nobres. Cerca do ano -300, depois duma derrota militar, Diodoro contou que foram queimadas 300 crianças nobres.

Mas se deu o caso de que alguns nobres substituíram os filhos por crianças estrangeiras ou escravas. Sendo descoberta a falcatrua, foi considerada um sacrilégio a ser reparado: 300 cidadãos de Cartago se sacrificaram enquanto 200 crianças nobres foram imoladas.

Milhares de urnas de sacrifício, cheias de ossada queimada de criança, foram descobertas por arqueólogos na muralha do santuário de Tanite, em Cartago.

Aquele costume cruel foi substituído por outro costume menos cruel e mais proveitoso. Em vez de enjeitarem as crianças, nas classes pobres as vendiam como escravo. No princípio do século 4 estava solidamente enraizado o costume de reservar à escravatura uma parte dos filhos. Constantino tentou acabar com isso.

Na China, -1000, matavam as crianças que nasciam nos dias nefastos. O enjeitamento dos recém-nascidos era um juízo de Deus (ordálio). Se punham a escutar os primeiros vagidos do bebê porque indicavam se devia ser abandonado ou salvo.

Os nagates, astrólogos do Ceilão, decidiam se o recém-nascido devia viver. No último caso, os pais o sacrificavam.

Os mingrélios, no século 17, matavam os recém-nascidos, quando eram tão pobres que os consideravam um peso pra ser alimentados, quando os achavam fracos ou doentes, ou ainda os vendiam ou trocavam por vestuário e alimento.

O infanticídio ritual aparece nas tradições, nos contos, nas lendas do folclore das províncias francesas, sob a forma de histórias sinistras, que correspondem a antigos ritos ou a antigos costumes, que o cristianismo fez desaparecer.

Uma lenda do Berry evoca a imagem de mães culpadas que batem e torcem constantemente algo que se parece com uma peça de roupa molhada, mas que, de perto, se reconhece ser o cadáver duma criança. Cada mãe tem a sua.

Em Ille-et-Vilaine as mães infanticidas tentam, em vão, fazer desaparecer os vestígios de seu crime.

No Centro, no lavadouro de La Fond, estão três mulheres, uma das quais estendeu a um camponês um objeto lívido e impalpável. Ao clarão dum relâmpago, o homem reconheceu o filho mais novo, que no ano anterior morrera ao cair duma árvore.

Os kannerez noz da Baixa Bretanha apresentam aos viajantes uma criança recém-nascida que chora, enquanto se vê o seu sangue correr.

Em La Creuse as lavadeiras lavam, nos pântanos, ao clarão da Lua, cadáveres de criança.

Em toda parte da Europa, a feitiçaria praticou o infanticídio ritual. As feiticeiras roubavam as crianças não batizadas, as levavam aos cemitérios e as furavam, com longas agulhas, a cabeça ainda mole. Ou então, atirando as crianças ao ar, as deixavam cair sobre os túmulos que não eram cristãos. Tinham unhas recurvas, das quais se serviam pra escavar a terra, a fim de enterrar as pequenas vítimas. Outras as coziam numa panela e arrancavam o cabelo, sufocavam ou atiravam a dentro de forno.

Na idade média, na Europa, o modo como as feiticeiras procediam devia ser análogo ao das comadres do Haiti há cerca de 100 anos:

Na costa sul do Haiti uma velha parteira estava no leito de morte, rodeada de vizinhas. Se debatia e gritava, quando, de súbito, a ouviram exclamar: Não posso morrer em paz. Escavai o chão, sob minha cama.

Fizeram o que a mulher dissera e encontraram vários pequenos esqueletos. Eram os restos das criancinhas que a parteira comera. Segundo Moreau de Saint-Méry, comer recém-nascidos era um hábito dos mondongos.

Em 1786 uma parteira negra do arredor de Jeremias foi surpreendida comendo uma criança que acabara de ajudar a parir e que fora inumada por estar morta. Mas a negra confessou que a matara praquele fim.

Em 1878 foram presas duas mulheres numa cabana junto a Porto-Príncipe por estarem comendo a carne crua duma criança da qual sugaram o sangue.

Em 1869 um padre francês perguntou a uma mãe como fora capaz de comer a carne dos filhos, ao que respondeu: Á! Quem teria mais direito do fazer que eu? Não fui quem os fez?

Muitos hábitos pagãos persistiram, durante muito tempo, nos costumes cristãos. As crianças que as prostitutas sagradas pariam eram consagradas à divindade (como as mães) ora eram mortas. Ossadas de recém-nascidos, descobertas perto dos templos, tanto podem ter aquela origem quanto podem corresponder a sacrifícios comuns.

Llorente, historiador da Inquisição, disse que, na Espanha, existia, em todos os conventos femininos, uma vala comum onde deitavam os corpos de crianças estranguladas à nascença. Irmã Águeda confessou ao tribunal (da Inquisição) que, tendo sido mãe várias vezes, tanto provocava abortos como estrangulava os filhos, que enterrava com a ajuda do irmão João. Pesquisando, puseram a descoberto uma quantidade de ossos de criança.

O infanticídio ritual frequentemente tem relação cum tabu:

Marius Cazeneuve, que em 1896 estava na corte da rainha de Madagascar, Ranavalo, conta que ela não devia ter filho. *Não sendo o marido de raça nobre, os filhos não poderiam reinar. Se os tivesse os estrangulariam ao nascer.* Ouviu contar que Ranavalo tivera filhos mas que os fizeram desaparecer.

Na Austrália, a criança que nascia duma união proibida era morta à nascença. Esse crime era um espetáculo ao qual a tribo assistia, enquanto a mãe se

entregava às vulgares manifestações das carpideiras, fazendo correr o sangue sobre o rosto, se ferindo com pedra e depois rebolando no pó.

O aborto e o infanticídio se difundiram entre os canacas e outros grupos da Oceania. Em 1807 James Grant observou:

As mulheres da Nova Holanda, na Austrália, matam algumas vezes os filhos à nascença e mesmo depois. Uma pediu a uma mulher deportada emprestar uma enxada pra enterrar o filho, que estava vivo.

O enfeitamento das crianças, quer dizer, o abandono, era um uso generalizado na China, no século 17, e os jesuítas, não os podendo criar, os batizaram.

20 mil a 30 mil bebês eram abandonados todos os anos. Os jesuítas de Pequim batizaram 3400 dessas crianças em 1694, 2600 em 1695 e 3700 em 1696.

Era uma coleta certa ao Paraíso, que não estava sujeita, como a conversão dos adultos, a uma nova queda no pecado ou na idolatria. (Extrato de *Cartas edificantes e curiosas*)

O extermínio dum sexo, a fim de assegurar a supremacia do outro, corresponde à passagem do matriarcado ao patriarcado, do qual ainda há vestígio.

Os árabes, antes de Maomé e os rajeputras da Índia (até meado do século 19), matavam as filhas.

Um testemunho de padre Labat, missionário no Marrocos, no princípio do século 18:

Nos três meses que precederam nossa chegada a Mequinez nasceram 40 filhos ao rei de Marrocos, não se contando nesse número alguma filha, porque as mandava estrangular pelas parteiras, conservando apenas as filhas das quatro mulheres principais, que são obrigatoriamente de origem muçulmana. Depois as casa com os xerifes de Talifete, que são seus parentes.

Temba n'Dunba, rainha africana, no século 16, promulgou um código chamado Quixilles, que dizia o seguinte:

Todas as crianças do sexo masculino de sangue jaga [que era o das tribos que a rainha comandava] devem ser mortas.

Temba n'Dunba degolou seu único filho. Como, por essa razão, não havia rapaz, os guerreiros eram substituídos por jovens prisioneiros.

A principal ocupação dos jagas era a caça às cabeças, sendo uma parte dos prisioneiros chacinados imediatamente e a outra reservada aos sacrifícios e os festins.

Entre os maias o enterro duma criança tomava o aspecto duma festa alegre, com dança, música e foguete. Padre N. Teletor passou uma parte da vida entre os índios da Guatemala e disse: Se uma criança morre antes dos dez anos, atiram fogo artificial desde casa até o cemitério e a enterram ao som da marimba. Aquela morte dá lugar a uma festa. O pai dança com a madrinha do pequeno morto.

Essa estranha cerimônia talvez seja uma substituição do sacrifício da criança. Em todo caso há uma aglomeração tolteca de sepultura de criança em Azcapozalco que parece realmente provar que os antigos mexicanos praticavam esse gênero de sacrifício.

Enquanto o assassinio ritual que se pratica normalmente é uma comemoração da morte, o sacrifício da criança é um vestígio do extermínio dos monstros nascidos da coabitação da mulher com os animais.

Os homens disputavam as esposas aos animais e matavam os rebentos híbridos nascidos dessas uniões.

Apresentamos um texto significativo, sob esse ponto de vista. Segundo H. Cordier, membro da academia das inscrições, numa comunicação oral ao instituto sobre a China: Na China existe uma tribo que considera que o primeiro filho não é legítimo. É um filho que não conta, que se considera como se não pertencesse à família.

O primeiro filho é híbrido, semi-humano, semianimal. Confirma essa tradição o tema de centenas de lendas escandinavas ou célticas:

O pai come o primogênito, que na realidade é filho dum animal totem.

A mulher afasta o filho a longe da faca sagrada, sempre pronta pro sacrificar. Alimenta e cria secretamente o filho, que se torna seu aliado contra o marido. A mãe desposa o filho, gerando uma nova raça.

A noção do pecado original, que o batismo apaga, corresponde à mancha que fica das relações sexuais das mulheres com os animais.

Um livro grego, Sobre a ação dos demônios, traduzido ao latim em 1577, menciona as teópsias (visões divinas) dos maniqueus:

Na noite em que se celebra a paixão de Cristo se reúnem moças numa casa. Se apagam todas as luzes. Todos os homens que participam na cerimônia tomam, na escuridão, a primeira mulher que lhes aparece, sem saber se é a filha ou a irmã. Depois, mandam as mulheres até casa. (Não se pode ver nessa *cerimônia* uma manifestação de deboche ou de excesso sexual. Se adivinha, no contexto, que estavam interditas as relações sexuais durante determinado período, antes e depois da referida cerimônia) Ao fim de nove meses, chegando a altura, as mesmas mulheres voltam àquele lugar. Quatro dias depois do parto, tiram as crianças das mães. As retalham cuma navalha de barba e recolhem em vasos o sangue que corre das feridas. As crianças são amontoadas numa pira e queimadas enquanto ainda respiram. Apanham as cinzas e as misturam com o sangue contido nos vasos, com o qual fazem uma massa que serve de alimento.

Se encontra esse estranho sacrifício das crianças combinado cum rito cristão, tomando diversas formas noutras seitas mais ou menos ligadas ao nome de Manés, que viveu de 215 a 276, seitas que conservaram, prolongando até o século 14, práticas arcaicas, lhes dando laivos de cristianismo. E assim se mantiveram restos de canibalismo, suicídio, assassinio e cópula ritual.

Os *fraticelli*, fraticelos, begardos ou beguinos, heréticos do século 13, na Itália, se reuniam na noite. Depois de cantar alguns hinos, apagavam as velas e assim se entregavam ao parceiro do sexo oposto que o acaso lhes dava.

Levavam a criança nascida desse comércio a uma nova reunião, onde a criança passava em redor, de mão a mão, até que expirava, sendo aquele nas mãos do qual morria considerado o grande pontífice.

Noutros casos os sectários queimavam uma dessas crianças e despejavam a cinza num vaso, que enchiam de vinho, bebendo todos nele.

As crianças que nasciam dum cópula sagrada forneciam, nove meses mais tarde, uma refeição sagrada (um alimento sagrado). Seu nascimento resultava dum graça divina. Logo, consagravam essas crianças a Deus, a quem as ofereciam as matando.

Estas práticas aberrantes mostram a persistência, até os tempos históricos, de reflexos atávicos provenientes de ritos de nossos antepassados.

Numa caverna do lugar dos Mousseaux, comuna de Denezé-sous-Doué, a 15km de Saumur, ocorreram cenas análogas no século 11. Nas paredes dessa caverna existem esculturas onde se reconhece uma mulher que tem sobre os joelhos uma criança morta, um sacrificador cum machado, assim como muitas personagens nuas, algumas pegando no sexo. [\[11\]](#)

Se realizava, precisamente em Saumur, uma peregrinação a uma virgem Maria que tinha, sobre os joelhos, Cristo descido da Cruz, numa atitude que lembrava a da mulher da caverna dos Mousseaux. Apenas coincidência?

OS ANIMAIS

O canibalismo ritual foi substituído pelo banquete totêmico, a respeito do qual existe uma abundante documentação.

Há uma passagem do historiador Flávio Josefo, que explica como o governador da Judéia, na época de Nero, se arranjou pra calcular o número de habitantes de Jerusalém.

Durante a festa da Páscoa, desde as 9h até as 11h, não deixam de imolar vítima, cuja carne as famílias comem em seguida. Nesse ano sacrificara 255.600 carneiros. Se contando simplesmente dez pessoas pra cada animal, a população de Jerusalém seria então de 2.556.000 pessoas.

Parece que a Páscoa judia foi originariamente um banquete totêmico. Segundo Salomão Reinach, o cordeiro fora o antepassado do clã de Raquel, cujo nome quer dizer *ovelha*. O comeriam acompanhado de ervas amargas, pra celebrar um rito agrário que, com o tempo, se tornaria um rito religioso, ulteriormente ligado à fuga do Egito.

Anteriormente, a Páscoa judia dava ocasião a um sacrificio humano. Era antes do Êxodo, a grande festa da primavera. Na história de Abrão, Isaque devia

ser sacrificado, mas foi substituído por um carneiro. *Bar Abbas* (Barrabás) era a expressão consagrada pra designar a vítima anual.

O banquete totêmico dá lugar a vários ritos:

Refeição de carne crua.

Esquartejamento.

Maculação pelo sangue, que é um rito distinto do esquartejamento.

Os aissauás do Marrocos fazem uma refeição ritual sangrenta, frissa, durante a qual despedaçam um carneiro degolado segundo o rito muçulmano. O comem cru, tendo a preocupação de se lambuzar com o sangue do animal, e aparecem em público com as faces e as mãos ensanguentadas.

Descreveremos, segundo Christine Garnier, como se celebra o Ramadã no Senegal:

As ruelas das aldeias muçulmanas se transformam em redis de carneiro, com o pescoço enfeitada com amuleto. Os habitantes da aldeia, de túnica nova, vão ao campo de oração. O imã sacrifica a primeiro carneiro, o que é um sinal. Em todos os pátios o chefe da família também degola um carneiro. O rito manda que as mulheres, nesse momento, abracem o marido na cintura. As crianças olham com os olhos espantados.

No mesmo instante são degolados carneiros aos milhares. Em seguida esquartejam a carne. Põem em bacia os pedaços ensanguentados e assam a carne em braseiro.

As crianças correm, cada uma levando na cabeça um embrulho de carne. São os *presentes de carneiro*, oferecidos aos parentes, amigos e pobres.

Outrota, era um morabito que devia cortar as goelas do carneiro, em qualquer ocasião, e nenhum devoto muçulmano comeria carne dum animal morto por um leigo.

A raça bovina se sacrifica em toda parte onde há rebanho.

Na Indochina, entre os cas, amarram o búfalo a uma vara comprida, no cimo da qual rodopia uma quantidade de casca de bambu.

Um indígena, armado cum punhal, criva a vítima de pequenos golpes até ficar reduzida a uma massa sangrenta. Em seguida outro indígena corta o pescoço, enquanto um terceiro recolhe o sangue num vaso ritual. Entretanto ressoa o gongo.

Marco Polo (1254–1323) assistiu a dois sacrificios do carneiro:

Os capalicas, adoradores do deus Bairava, quando chega a altura da festa dedicada ao deus, vão procurar o grande cã, suplicando que lhes dê carneiro pros sacrificios.

Fazem grandes iluminações e queimam perfumes, depois cozem os carneiros, espalhando o caldo sobre os ídolos.

Os habitantes de Tangute alimentam um carneiro em honra a seu deus e, no fim do ano, na festa desse deus, todos os que engordaram o carneiro o conduzem,

com os filhos, diante da estátua, fazendo uma grande reverência, assim como as crianças. Depois cozem o carneiro e o levam a junto da estátua. O deixam lá, durante o ofício religioso, e oram pra que o deus lhes proteja os filhos.

Depois, vão buscar a carne, a levam a casa e comem com os parentes e os amigos. Quando acabam do fazer, juntam os ossos com todo o cuidado e guardam numa ucha (arca onde se conserva comestível).

Quando uma tribo tem um animal ritual, o sacrificam em qualquer ocasião. Assim os patagões imolam um cavalo no funeral dum guerreiro:

Enquanto mantêm o animal deitado no chão, com a cabeça voltada ao nascente, o feiticeiro abre o peito, arranca o coração, pendura na ponta dum lança e a multidão fica vendo o sangue correr. Pndem o animal morto, enrolado numa cobertura (numa manta), ao dorso doutro cavalo, a que partem uma perna, e que o conduz à sepultura, onde são sacrificados outros cavalos.

Se sacrifica o animal ritual pelos motivos mais diversos, funeral, rito agrícola, guerra. Os cafres, quando se realizará uma expedição militar, reúnem os guerreiros em volta do feiticeiro, que, todo enfeitado com pluma, pele de animal e serpente, se agita, enquanto os guerreiros cantam, até que chega o momento de designar o boi a ser sacrificado.

Dominam o animal e cortam uma das pernas da frente, que cozem num caldeirão ou assam sobre brasa. O feiticeiro pratica uma incisão na pele de todos os guerreiros e a esfrega com a cinza do sacrificio. Em seguida acabam com o boi e o comem.

Todos os anos ofereciam um boi (morto cuma pedra, e nunca doutro modo, o que indica que se trata dum rito da idade da pedra) a um deus chamado Gimawong, que tinha um templo em Labode, na África ocidental.

Notícia que fará compreender melhor a importância do banquete totêmico: O imperador Maxêncio, ano 311, só admitia a sua mesa a carne dos animais sacrificados aos deuses nos templos, luxo que só um imperador se podia permitir.

A título de curiosidade, uma refeição de carne crua, durante a qual o animal continua vivo enquanto o comem.

James Bruce, que de 1768 a 1772 permaneceu na Abissínia, fala de banquetes rituais, que as pessoas importantes de Gondar davam pra se distrair na estação chuvosa.

Levavam, até a porta da sala do festim uma vaca ou touro, ao qual, pra satisfazer a *lei de Moisés*, começavam tirando algumas gotas de sangue, que caíam ao chão.

Em seguida, levantavam a pele do animal e a esfolavam entre o couro e a carne até o meio das costelas e sobre o lombo. Então esartejavam a carne sem tocar nos ossos.

À mesa cada conviva masculino ficava sentado entre duas mulheres, que cortavam os pedaços de carne em tiras finas.

Os homens, com as mãos apoiadas nos joelhos das vizinhas, com o corpo inclinado a diante e a boca aberta, apanhavam alternadamente um pedaço à direita e um pedaço à esquerda e *o que fizesse mais barulho ao mastigar e que engolisse mais pedaço era olhado como o que sabia viver melhor.*

Quanto ao animal, *não cortavam as coxas nem parte onde houvesse artéria, enquanto pudessem tirar a carne... Arrancavam o resto com os dentes.*

Depois da carne bebiam o sangue nos cornos. O festim terminava com dança, canto, combate simulado, que algumas vezes degeneravam em rixas sangrentas.

Se observou esse costume dos banquetes de carne crua (o *brundo*) na Etiópia, no fim do século 19. Mas o animal já não era esquartejado vivo.

O SUICÍDIO RITUAL

O suicídio, ritual, sobrevivência de práticas religiosas arcaicas, persistiu nas primitivas seitas cristãs.

Donat, sucessor de Majorin, em 314, arranhou prosélitos na África e em Roma. Os circonceliões, que sucederam aos donatistas, vagueavam no campo, gritando: Louvado seja Deus! Se precipitavam do alto das rochas, se lançavam ao fogo ou ao mar. Saíam ao caminho dos viajantes na estrada, pra os obrigar a os matar, ameaçando matar quem não obedecesse.

No tempo de Justiniano (527–565) os montanistas se encerravam nas igrejas, à qual incendiavam, pra escapar da perseguição das autoridades religiosas ou civis. Em 722, como um papa pretendia os forçar a receber o batismo, depois de fixar um prazo, se abarricaram em suas casas, às quais incendiaram, morrendo queimados.

O suicídio ritual aparece entre as práticas dos sectários do século 14. O endure dos albigenses consistia em se deixar morrer de fome, beber apenas água fresca, fazer sangria consecutiva ou comer planta venenosa ou vidro.

Os russos praticaram o suicídio ritual até no tempo moderno, se servindo dos processos mais extravagantes.

Por exemplo, conduziam um sectário a uma cabana desabitada, onde um pope lhe lia salmo. Então entrava um mujique trazendo vestida uma camisa vermelha e pousava um travesseiro sobre a cabeça do sectário, se sentando em cima e permanecendo assim até o outro se asfixiar.

Cerca de 1779 os suicídios rituais se multiplicaram no norte da Rússia e na Sibéria. Em Tobolsk, se efetuaram 700 num dia, e 300 em Tiúmen. Um monge morreu queimado, juntamente com 2700 adeptos, e um outro com 1000. Era a morte vermelha.

Na China, nas lutas feudais, impeliam à primeira linha os prisioneiros, que tinham o dever de cortar a garganta a si, soltando um grande grito. Esse suicídio coletivo fazia com que a alma se libertasse furiosamente, de modo que se

atiravam ao inimigo o votando a uma sorte nefasta.

Os chineses praticavam o suicídio como uma honra. No século 19 algumas pessoas importantes cortavam a garganta depois de matar o pai e as esposas, pra não terem contato com os brancos.

Contra um adversário muito poderoso o último recurso de todo chinês vítima duma injustiça era suicidar diante da porta dele.

No mesmo caso os celtas recorriam ao jejum de protesto.

Existiram na Índia lugares de suicídio religioso.

Em 1822, em Oncar, santuário de Siva, na ilha de Mandata, na ribeira Narbada, um homem jovem se lançou dum rochedo sagrado com 30m de altura.

Uma velha senhora, que prometera fazer o mesmo, hesitou no último momento. Tiveram de a empurrar.

Quando a vítima não ficava morta com o choque, uma sacerdotisa, armada duma adaga, acabava com ela.

Se lançando dum outro rochedo sagrado, a pessoa se tornava rajá, se não morresse na queda.

Na cavalaria japonesa o haraquiri é um suicídio ritual considerado testemunho de força de alma, de coragem e autodomínio. O samurai deve abrir o ventre cum sorriso. Outrora ensinavam o ponto exato onde deviam se ferir cum punhal de lâmina curta.

Numa festa dos Nagas, no nordeste da Índia, precipitavam dum lugar alto um cãozinho vestido de homem, ao mesmo tempo que um bezerro, que deixaram solto, era feito em pedaço pelos habitantes da aldeia. Era uma maneira de substituir o suicídio ritual ou o sacrifício humano.

O dia do Ano Novo no Vietnã, que tinha o nome de Tete, se celebrava com suicídios religiosos. O anamita acredita que, no princípio de todos os anos, o maqui, que é uma espécie de demônio, se instala em sua sombra e, pra se desembaraçar dele há apenas um meio: Destruir a sombra.

O inglês Hermann Norden narrou, 1931:

Durante o Tete há muitos acidentes na estrada. O europeu que conduz seu carro está sujeito a ver um indígena surgir inesperadamente na frente. Um magistrado indígena, depois de aplicar uma multa de 25 piastras a um francês que acabara de esmagar um anamita que se atirado ao meio da rua, disse a ele: A culpa do acidente não te é atribuída. O homem queria matar seu maqui. A multa é destinada a pagar o funeral.

O reflexo atávico explica muitos suicídios atualmente, porque o suicídio é o ato mais irracional, salvo no caso de sofrimento intolerável.

Em fevereiro de 1969 se observou uma epidemia de suicídio na Eslovênia: 725 tentativas de suicídio em 4 anos na Liubliana. Só num ano se efetuaram, realmente, 117 suicídios, além de 42 tentativas na mesma cidade. Jovens intelectuais fundaram um *clube de suicida*. Em cada reunião tiravam, à sorte, o

membro do clube que daria fim a seus dias.

Uma estatística de 1970 avaliou, na França, 135 mil tentativas de suicídio por ano, das quais são levados a cabo 15 mil suicídios.

Cerca de 610, os maias do México, que eram um povo muito civilizado, abandonaram as cidades, os palácios e as casas. A civilização maia desapareceu brutalmente.

Os maias, que tinham a mania do calendário, construíam edifícios e pirâmides pra obedecer às leis do calendário.

O calendário dos maias anunciara o fim do mundo. Pierre Ivanoff, em seu livro *Descobertas nas terras dos maias*,^[12] explicou que quando chegou a data prevista deixaram o país onde viviam havia séculos.

A realização dum ato anunciado por uma profecia, se trate de migração ou suicídio coletivo, está de acordo com o que se sabe sobre os hábitos dos povos antigos. A expectativa dum acontecimento importante ou duma personagem divina é um tema que frequentemente encontrado nas religiões.

Na cosmogonia hindu existem os iugas (períodos). No cristianismo se encontra o Apocalipse, o Juízo Final, o Ano 1000. A astrologia está cheia de especulação sobre a era de peixes ou sobre a era de aquário.

Basta que um acontecimento seja ardentemente esperado durante muito tempo, pra desencadear um fenômeno ou uma epidemia psíquica.

Se conta que o astrólogo Robert Burton, que predissera a sua morte aos 63 anos, em 8 de janeiro de 1639, suicidou quando chegou esse dia.

E se conhecem atos de misticismo inspirados pela aproximação do ano 1000.

AS MULHERES

Nas turfeiras da Dinamarca encontraram corpos humanos em ótimo estado de conservação. Entre eles o duma feiticeira sacrificada ritualmente.

A feiticeira, a quem chamavam a mulher de Haraldsjaer, devia ter aproximadamente 50 anos. Se supõe que estava viva quando a suspenderam na turfeira com ganchos feitos com ramos recurvos, presos ao peito e ao baixo-ventre.

Foi encontrado ao lado dela um cordão de couro com 1,6m de comprimento, cordão que era o símbolo das feiticeiras. Nos mistérios escandinavos, Volva, a profetisa, é a encarnação da deusa Morte. Volvo ou Voluspa. Volva (a loba) é a Lupa romana.

Os indivíduos encontrados nas turfeiras tinham as mãos finas e as unhas cuidadosamente cortadas. Se apresentavam com veste de pele ou de lã, jóia de bronze ou de vidro, boné e estavam calçados. Não só foram enterrados vivos nas turfeiras mas também foram enforcados, estrangulados, e mutilados. Muitas vezes tinham os dentes da frente enterrados no lábio, os braços fraturados, a parte

posterior da cabeça partida ou um fêmur fraturado.

Os mortos das turfeiras são vítimas rituais, que foram previamente sacrificadas e torturadas.

Se praticou o assassinio ritual feminino nas épocas históricas, nos ritos agrícolas, em virtude da analogia entre a mulher e a terra, ambas fecundas.

Os astecas imolavam uma moça, vestida, pintada e adornada como a deusa que estava encarregada de representar.

Se citam alguns casos de assassinios rituais de mulher, efetuados nos templos. Na Arcádia sacrificavam virgens, a chicotada, no templo de Baco.

O rito do chicote explica a razão da deusa Diana ser chicoteada durante suas aventuras mitológicas.

No Pegu (Sião), houve um pagode cujo serviço era praticado pelas moças mais nobres do reino. Todos os anos a mais bela era estrangulada no decorrer duma festa, por um padre, que lhe arrancava o coração.

Em geral as mulheres sacrificadas são consideradas esposas dum deus e o sacrifício é interpretado como um rito de casamento.

Em Iamato (Japão) todos os anos levavam virgens de sangue real a um monstro, a hidra de oito cabeças.

Um heróico guerreiro cortou as oito cabeças cum gládio flamejante, que se conservou no tesouro do micado.

Esse mito exprime, provavelmente, o estabelecimento do patriarcado sobre as ruínas do matriarcado e do totemismo!

Na China uma evolução análoga deu lugar a fatos diferentes:

No país de Wei havia feiticeiras (culto matriarcal) que sacrificavam, todos os anos, uma bela moça a um rio. Colocavam a vítima num leito nupcial, que deitavam à corrente.

Porém os senhores de Chen-si, que desejavam obter por si a proteção do deus desse rio, conquistaram o país em -417, e depois desse ano casaram com o rio (quer dizer, sacrificaram) uma princesa de seu sangue.

Se este livro tem um motivo, é o seguinte: O crime ritual conduz à divindade e à soberania. Não há deus, não há rei que, na origem, não fora sacrificado. A casta, senhora do poder, tem de fornecer as vítimas e, mais tarde, os sacrificadores. A posse dos lugares de sacrificio confere a legítima autoridade.

A imolação do inimigo ou do malfetor é uma degradação da idéia primitiva, mas a vítima, seja qual for, conservou algo de seu antigo prestígio até nos tempos históricos.

DEUSES, SACERDOTES E REIS

No fim de sua evolução o crime ritual se apresenta sob a forma que lhe conhecemos. Um deus recebe a oferenda duma vítima.

Essa forma tardia do sacrifício tem o inconveniente de velar o primitivo rito do deus, ao mesmo tempo morto e adorado.

Nos cultos totêmicos o deus é imolado sob a forma do animal que o representa. Sacrificam um touro a Mitra, que é um touro. Dioniso, deus-bode, recebe em oferenda um bode. Artêmis é um urso a quem se imola um urso.

O sacerdote, representante do deus, é, ao mesmo tempo, sacrificador e vítima, tanto em Roma quanto na religião védica (brâmane).

Nos séculos que precederam o cristianismo o crime ritual foi intelectualizado e sublimado.

No mito de Átis sua morte é a causa da criação. Átis se mutila se sacrificando, e o sacrifício é oferecido ao deus em quem se torna, em consequência de sua morte. E os fiéis serão iguais ao deus, por seu sacrifício e morte.

O acesso à divindade e à imortalidade começa sendo um privilégio real antes de se estender a todos os fiéis do deus.

Mayani observa: Pros hititas morrer significava virar deus, se falando dum rei.

A idéia que isso contém parece ser que a morte (na qualidade de vítima ritual) confere a divindade, mas só um rei é digno de ser imolado ritualmente. Assim tanto os hebreus quanto os germanos sacrificaram o rei, o filho do rei ou os descendentes das famílias mais nobres.

Jeú, filho de Crono, foi revestido da toga real, antes de ser imolado ritualmente.

O cartaginês Maleus pôs no filho as vestes reais antes do crucificar.

Só nas épocas de decadência os escravos e os prisioneiros substituíram os reis como vítimas e, a propósito disso, se julga ainda que, antes de os matarem, lhes concediam uma efêmera realeza.

Se os sacerdotes dos antigos cultos foram frequentemente sacrificadores, a verdade é que também foram vítimas. Assim, em Panuco, no México, na época da conquista espanhola, os feiticeiros-curandeiros, considerados deuses, eram queimados, no meio do regozijo público. Dançavam em volta da pira. Quando os ossos ficavam reduzidos a cinza os disputavam pra os dissolver no vinho ou engolir assim.

O costume de matar o rei foi difundido na África até meado do século 19.

Em 1504 os xilques, povo negro conquistador vindo da África central, transpuseram o Nilo Branco, venceram os árabes e fundaram o Senaar (Sudão egípcio).

A execução do rei hereditário podia ser decidida a todo o momento por uma espécie de conselho supremo. O sucedia o filho mais velho. Os outros filhos eram mortos ao mesmo tempo que o pai.

Assumia o cargo de matar o rei um membro da família real, o side-el-coom, que vivia na familiaridade do rei, durante seu reinado. O instrumento do crime era uma espada ritual.

Às vezes matavam o rei se sofria de imperfeição física. Entre os varosques, bastava que perdesse um dente ou o cabelo, pra que, atraído a uma cilada, o estrangulassem cum cordão negro. Se assinala mesmo o caso do rei que foi sacrificado porque o ouviram espirrar.

No Congo, o chitome é o título duma função sacerdotal. A pessoa do chitome é mais sagrada que os feitiços. Qualquer pessoa que deseje ser recebida pelo chitome deve se humilhar, se arrastar no pó, gemer e chorar, e fazer oferenda de valor. O chitome distribui, como uma preciosa graça, pedaços de madeira meio queimados, tirados do lar sagrado. Recebe uma parte das colheitas.

Quando o chitome está a morrer, acabam com ele a pancada ou é estrangulado por seu sucessor, que se torna chitome, de maneira que a função nunca deixa de ter um titular.

Os sacalaves, de Madagascar, na dinastia Volumena, quando o rei está à morte cortam a garganta dele, cuma faca especial.

Os ua, de Tanganica, quando o rei está entregando a alma, o estrangulam. O cadáver é cosido na pele duma vaca branca e dessecado. Em seguida, o colocam numa piroga e constroem uma cabana sobre a piroga.

O costume do assassinio ritual do rei teria se infiltrado nas cerimônias cristãs da idade média, como o pretenderam? Cerca do ano 1100 o rei Guilherme Rufo foi morto cuma flecha, por sir Walter Tyrrel, um de seus cortesãos. Thomas Becket, arcebispo de Cantuária e chanceler da Inglaterra no reinado de Henrique II, passou por ter sido uma *vítima substituída*, em vez do rei Henrique II. Foi assassinado na catedral por quatro cavaleiros, que ficaram impunes.

Estaremos na presença duma vítima real (ou, em seu lugar, um parente, um amigo) dos crimes rituais, sacrificada a uma divindade pré-cristã? Margaret Murray viu vítimas em Joana de Arco e em Gilles de Rais.

Um rito singular, no qual o rei mata, com sua própria mão, é possivelmente um substituto do sacrificio real. D'Holbach disse, em referência ao século 18:

Mouley Ismael, imperador do Marrocos, que era do sangue do profeta, degolou mais de 50 mil de seus vassalos. Fazia as execuções ao sair da mesquita e, várias vezes, foram suas vítimas os próprios filhos.

Os vassalos do soberano achavam uma grande honra perecer em sua mão, ou por sua ordem, porque *quem é morto pelo rei vai direto pro Paraíso*.

Não é um caso único, pois *os siberianos disputavam a honra de morrer na mão dos sacerdotes*. (Collin de Plancy)

O PRISIONEIRO, VÍTIMA SAGRADA

Em Sumer, na ocasião das festas do Ano Novo, o rei fazia uma entrada solene no templo e, depois desse momento, ao escravo e o senhor caminhavam lado a lado e a senhora se tornava a serva da escrava.

Em Roma, durante as saturnais, os senhores serviam os escravos à mesa.

Os persas, como os babilônios, celebravam os sacias. Durante cinco dias os escravos deixavam de ser escravos, enquanto um condenado à morte via lhe serem concedidos todos os privilégios da realeza. A festa terminava com o dia da Alegria. O rei despia a veste real, tomava uma refeição juntamente com os trabalhadores e permitia que todos se aproximassem.

Nos capítulos consagrados à guerra ritual, mostraremos que o escravo é uma vítima que não foi sacrificada.

O costume da *liberdade de dezembro* provém do caráter sagrado de qualquer vítima.

Se pode comparar a outro costume, encontrado nas tribos da América e da África, que consiste em prestar honra ao prisioneiro de guerra antes de o comer durante uma festa.

Em 1500 Damião de Góis, artista e diplomata português, teve contato com tribos do Brasil, das quais descreveu os costumes:

Depilam todos os pêlos do corpo dos prisioneiros cristãos. Dão mulheres pros servirem e dormirem com eles. O prisioneiro é muito bem tratado. Quando chega o momento de celebrar uma festa, a mulher com quem o prisioneiro viveu lhe passa uma corda em volta do pescoço e alguns homens o ligam a uma estaca pintada de muitas cores e ornamentada com pena de ave.

A festa dura três dias, durante os quais toda a tribo só faz come, bebe e dança. Libertam o próprio prisioneiro, de vez em quando, pra que participe no divertimento. O obrigam a dançar e lhe dão de beber.

Quando chega a altura as mulheres prendem o prisioneiro com cordas atadas em volta da cintura, que puxam em todos os sentidos. Atiram laranja e outros frutos, que

ele deve agarrar pra lhos lançar. assim o conduzem ao lugar da execução. No caminho os indígenas lhe dão de beber e, sempre bebendo, cantando e saltando, dizem que o matarão e comerão . O prisioneiro deve responder que isso lhe é indiferente. É corajoso. Também matou e comeu muitos inimigos. Os amigos vingarão sua morte.

O guerreiro que prendeu o prisioneiro avança assobiando e dançando. Tem no pescoço um colar de pena e o corpo pintalgado. Segurando na mão uma espada de madeira emplumada, trava um duelo com a vítima, que se defende, enquanto as mulheres continuam puxando as cordas.

O guerreiro dá o golpe final, que lhe faz saltar o cérebro. Corta a cabeça e as mãos da vítima. As mulheres pegam o corpo e o passam no fogo o chamuscando. O abrem cuma cana aguçada. A carne é cortada em pedaço e comida pelos guerreiros, que se divertem ruidosamente.

Os astecas, antes de sacrificarem os cativos, celebravam uma cerimônia análoga.

Quando um chefe inimigo era feito prisioneiro, o guerreiro que o capturara devia o afrontar uma segunda vez, num combate singular e com armas iguais.

Se o prisioneiro saísse vencedor da prova, tinha de afrontar mais seis adversários astecas, um a um.

Se conseguia chegar ao fim lhe concediam a vida, a liberdade e restituíam o despojo tirado.

Se usavam costumes idênticos nas tribos africanas. Às vezes o prisioneiro tinha o direito de se juntar a todas as mulheres (com exceção das esposas do feiticeiro). Quando recusava ou sua virilidade fraquejava, lhe cortavam as partes genitais, que não se podiam consumir durante o banquete ritual.

Não eram só os prisioneiros, mas também os criminosos vulgares, que eram tratados assim. Por exemplo em Semendo, Sumatra, ofereciam um festim aos adúlteros. Todas as famílias matavam, em sua honra, um frango. Escoltavam os culpados em procissão até o lugar onde os enterravam vivos. A multidão assistia seu suplício até o fim.

Mesmo os povos civilizados da antiguidade tratavam assim os cativos.

A grande preocupação dos gregos era formar guerreiros valorosos: Com esse fim organizavam uma caça aos escravos chamada a *emboscada*:

Os lacedemônios, segundo narrou Tucídides, ordenaram aos hilotas escolher os que julgassem mais valentes, prometendo conceder liberdade. Foram distinguidos 2000. os fizeram andar em procissão em volta dos templos, com a cabeça cingida de coroa. Depois os dispersaram fora das cidades.

Os educadores costumavam enviar ao campo os jovens que mostravam mais destreza e perspicácia. Os muniam de punhal e davam algum viver. Os jovens se dispersavam a todos os lados, permanecendo escondidos durante o dia. Na noite se espalhavam nos caminhos e degolavam os hilotas que encontravam.

É fácil ver na emboscada uma herança do modo como as tribos tratavam os cativos. Mas, como os gregos eram civilizados, a chacina servia de treino aos jovens guerreiros, portanto sendo útil, e se realizava no segredo da noite, o grande público o ignorando.

As religiosas do convento das Filhas de Deus apresentavam um copo de vinho e três pedaços de pão ao prisioneiro conduzido à forca de Montfaucon.

O copo de rum oferecido aos que serão guilhotinados é somente o que subsiste da tradição que exige que se conceda uma graça aos condenados à morte.

Nalguns estados civilizados pode se dar o caso do condenado obter perdão se prestar um serviço importante às autoridades. Eis dois exemplos:

Os navegadores portugueses embarcavam condenados à morte e os enviavam ao interior das terras desconhecidas que descobriam. Se os condenados voltavam sãos e salvos, os indultavam.

Nos costumes judiciais anglo-saxões, quando um dos suspeitos dum crime denuncia os cúmplices se torna testemunha do rei e se beneficia de impunidade.

O estrangeiro, o viajante, é algumas vezes escolhido como vítima ritual *enviada pelos deuses* e sua imolação faz parte da vida religiosa das algumas cidades da antiguidade:

Havia na Táurida uma deusa a que os gregos deram o nome de Artêmis, à qual sacrificavam todos os estrangeiros que os naufrágios arremessavam contra a costa do país.

Amicus, rei dos bébrices, desafiava habitualmente os estrangeiros pra lutar e os matava invariavelmente.

Um rei do Egito, Busíris, sacrificava os estrangeiros a Zeus.

Os viajantes observaram costumes análogos em vários lugares:

Marco Polo disse que os habitantes de Angrigã (Ásia do sul), quando podiam se apoderar dum homem que não conheciam o matavam e comiam imediatamente.

Nas Filipinas uma superstição fazia acreditar que, em certos casos, um membro dum família não tardaria a morrer a não ser que uma vítima o substituísse. Por isso, sendo possível, sacrificavam o primeiro viajante que encontravam.

Marco Polo disse ainda, se referindo a uma tribo da Ásia central: Quando um estrangeiro vai à terra deles o matam.

Quando os ingleses ocupavam a Índia sua ossada era a mais procurada pelos indígenas pra a cerimônia mágica. No princípio do século 20 houve um processo a propósito do cadáver dum inglês que fora exumado e cortado em pedaço pelos carões.

OS CONSAGRADOS

O termo *consagrados* designa as vítimas prometidas ao sacrifício e guardadas nos templos *presse fim*.

Os esclarecimentos que recolhemos anteriormente, a respeito desse assunto pouco explorado os mostram como a vítima no dia em que deixou de ser sacrificada se tornou, em certas igrejas, o recluso místico, como a divindade viva (por exemplo, o buda vivo) noutras.

O rei sírio Antíoco Epifânio (-175—164), desejoso de destruir a religião judia e introduzir no reino os deuses gregos, mandou espalhar a notícia de que encontrara, no templo de Jerusalém, um homem num leito suntuoso, tendo junto a si uma mesa com pratos delicados.

Essa história é propagandeada contra os judeus, de quem Antíoco foi inimigo, mas deve corresponder a hábitos de sua época. Eis a continuação da história:

O homem, muito surpreso, se ajoelhou aos pés de Antíoco, suplicando o libertar. Antíoco pediu que se sentasse e dissesse quem era, o que o levado àquele lugar e porque o tratavam com tanta delicadeza e suntuosidade.

O homem, suspirando e se desfazendo em lágrima, respondeu que era de nacionalidade grega e passando na Judéia fora aprisionado. O levaram àquele templo, onde estava encerrado e onde era assim tratado, longe de toda gente.

No princípio se sentira feliz mas, se informando junto dos que o serviam, sabe que o alimentavam assim no cumprimento duma lei inviolável entre os judeus. Essa lei os obrigava a prender, todos os anos, um grego e, depois do engordarem durante um ano, ao conduzir a uma floresta, o matar, oferecer seu corpo em sacrifício, praticando certas cerimônias, comer sua carne, lançar os restos a uma fossa e jurar continuar a ter um ódio imortal aos gregos.

Assim me restam apenas alguns dias de vida e suplico, pelos deuses gregos, que me liberteis do perigo em que me encontro.

Esse prisioneiro era tratado no templo de Jerusalém como o poderia ter sido pelas tribos do Brasil, 15 ou 16 séculos depois.

Havia consagrados nas muralhas dos templos egípcios. Nos faltando esclarecimento sobre sua qualidade e seu papel, os interrogamos se seria:

Prisioneiros de guerra ou escravos reservados ao sacrifício.

Profetas, possessos ou entusiastas que participavam no culto.

Religiosos, ascéticos, fanáticos, etc.

O direito de asilo nos templos, que existia na Síria, deve ter relação com os consagrados ou reclusos. O criminoso só escapava da justiça pra ser sacrificado no templo depois duma permanência mais ou menos longa de preparação e de purificação.

Uma narrativa de Estrabão permite compreender o obscuro papel dos consagrados, por causa da analogia entre o prisioneiro que se mantém recluso pro sacrifício e o louco sagrado ou profeta:

Entre os albaneses do Cáucaso a Lua tem um templo. Um sacerdote administra o território sagrado e vigia os hierodulos, entre os quais há muitos entusiastas e profetas. Às vezes acontece que um, tomado de loucura, numa crise que se prolonga, se isola e vagueia sozinho no bosque. Quando se dá esse caso o grande sacerdote o manda procurar, prende com corrente sagrada e o homem fica assim preso durante um ano. A alimentação é a mais apurada e a mais escolhida. No dia de aniversário da festa da deusa, o untam de óleo e conduzem ao altar.

Um soldado, segurando na mão a lança sagrada, que é o instrumento legal dos sacrifícios, sai das filas dos espectadores, atravessa o flanco do paciente e mergulha o ferro até o coração.

A vítima cai, e a maneira como se realiza a queda é assunto dum estudo, com o fim de estabelecer presságio. O levam a um lugar onde todos os espectadores o tocam com a ponta do pé, pra se santificar por meio desse contato sagrado.

Entre os celtas os que eram reconhecidos culpados dum crime, e que por isso tinham de ser punidos com a morte, ficavam presos durante 5 anos e então eram

empalados ou queimados em enormes fogueiras. Esta nota tem um tríplice interesse, como veremos:

A sanção judiciária se torna um sacrifício religioso.

Os 5 anos, durante os quais a futura vítima se mantém encerrada.

Se trata dum costume de nosso país, vários séculos antes da era cristã.

Quando Fernando Cortez, depois de desembarcar na costa do México, se pôs a caminho em direção ao México (Tenostitlã), viu em todas as localidades *casas de madeira, com gradeado, cheias de índios e de índias, que ali estavam engordando antes de serem sacrificados e comidos.*

Na religião cristã há as mesmas pessoas sagradas, ligadas às igrejas. Evidentemente que já não são sacrificados, mas o texto de Estrabão que citamos anteriormente é o elo que estabelece a continuidade do rito.

No século 13 todas as igrejas de Liege, Bélgica, tinham uma cela pra recluso, que vivia numa pequena casa ligada à igreja. Lhe era proibido sair mas recebia visita. Fazia voto de castidade, pobreza, obediência e tinha um diretor espiritual.

Eva, depois de ficar reclusa toda a vida, na igreja de São Martinho, foi beatificada. Os reclusos eram, muitas vezes, pobres de espírito ou doentes.

Na antiga Rússia, na proximidade das igrejas ou dos conventos, havia recluso que vivia em cela e a quem se pedia bênção ou consulta. Esses religiosos são frequentemente evocados nos romances de Dostoiévski.

O príncipe Iussupoff, depois de matar Rasputim, desejando obter aprovação, foi consultar uma reclusa de fama, que lhe disse que fizera bem.

Algumas pessoas, designadas à nascença ou na adolescência, são também consagrados, embora não estejam reclusas.

Num livro publicado em 1951, Marcel le Roy fala dum pequeno lago situado perto duma aldeia, em plena floresta africana. Na época da administração francesa o comandante do grupo soube, por um chefe da aldeia, que, certa noite, um rapaz se afogara. O tempo foi passando, depois o mesmo chefe da aldeia anunciou a morte acidental doutro jovem, que também se afogara no lago.

Mais tarde houve um terceiro afogamento. O francês verificou que os afogamentos se davam todos os anos na mesma data, e começou a desconfiar dum crime ritual. Mandou chamar o chefe da aldeia e lhe disse: Ordeno que doravante mais nenhum rapaz se afogue no lago.

Isso se passava na Guiné. Não houve mais afogamento mas Marcel le Roy concluiu: Devem ter se arranjado doutra maneira. Em geral se diz que o desaparecido foi vítima duma pantera.

O mesmo autor conta a história dum menino de cerca de 12 anos que, um belo dia, entrou no posto dum francês, em pleno mato, se colocando sob sua proteção. Parecia um animal perseguido. O francês não conseguiu arrancar declaração mas acabou compreendendo que o rapaz fora designado como futura vítima ritual. Desde então o rapaz viveu com os franceses, feliz e cheio de alegria, tendo

esquecido seu pavor.

Passaram vários anos, depois dois homens da aldeia vieram o ver e conversaram com ele várias vezes. Poucos dias depois, partiu com eles, parece, de boa-vontade.

Podem-se classificar como consagrados outras categorias de vítimas:

1 - O doente • Um feiticeiro ou um sacerdote, chamado pra ver o doente, declara que ele pertence a um deus (ao deus deles) e que por isso tem de ser sacrificado.

Era o que se passava na Índia no século 18. Eis a narrativa duma inglesa, senhora Graham:

Um pouco acima de Calcutá, em Colna encontrei um grupo de brâmanes que queriam lançar à água um jovem, de cerca de 18 anos, que se debatia em suas mãos. Ao intervir, obtive a seguinte resposta dos sacerdotes. — É um costume nosso. Não pode viver mais. Nosso deus lhe ordena que morra. — E só foram embora depois de afogarem o rapaz. Essa horrível superstição custa, todos os anos, a vida dum número incrível de vítima.

2 - O sacrilégio • A infração ao tabu, se considerando um sacrilégio, vota o culpado a morte imediata.

Louis de Freicynet, a propósito de sua escala em Dili, Timor, nas ilhas da Sonda, em 1817, contou o seguinte:

O governador português mostrou a mim, ao sair da cidade, uns caminhos onde era proibido passar, sob pena de ser chacinado pelos indígenas, porque eram *pamali* (sagrado, tabu).

3 - O bode emissário • Nos grupos primitivos, que não têm prisão, a expulsão da tribo é o castigo comum. Se pode pensar que esse uso, a expulsão, se relaciona à cerimônia chamada bode emissário. Se sabe que o grande sacerdote dos judeus todos os anos apresentava um bode ao tabernáculo, e o expulsava ao deserto, com impreciação, depois do acusar de ser culpado dos pecados de Israel.

A expulsão tomou o lugar do sacrifício. Antes do cristianismo, em Marselha, à primeira ameaça de peste, escolhiam um homem pobre. O alimentavam, o vestiam, o passeavam em todas as ruas do bairro e o expulsavam da cidade.

Esses costumes permitem compreender melhor os temas religiosos do resgate dos pecados e do salvador divino.

O DÉCIMO TERCEIRO

Nas festas celebradas em Babilônia, reuniam um grupo de 13 pessoas, provavelmente sacerdotes-atores, cujo papel consistia em encarnar os deuses no mistério.

O décimo terceiro, que ocupava um lugar superior aos outros, se sentava num tronco. No fim das festas o matavam. O chamavam o zogone. Parece que essa

décima terceira personagem era designada à sorte.

Jesus, rodeado dos 12 apóstolos, é a décima terceira personagem dum grupo sagrado. É a vítima ritual.

A personagem do traidor, como Judas, ou Ganelão (na canção de Rolando), é um décimo terceiro, um número 13.

O número 13 é, ao mesmo tempo, um amuleto: Dá sorte e é um número fatídico. O 13 passa por ser benéfico no jogo e na loteria. Mas, quando se reúnem 13 pessoas à mesa, se diz que uma morrerá durante nesse ano.

Os astecas contavam o tempo em períodos de 13 anos. Depois de 4 períodos de 13 anos, ou seja, 52 anos, se dava uma grande renovação, que celebravam com festa.

A dúzia (o número 12) é um número sagrado. Há 12 signos zodiacos, o carneiro, o touro, os gêmeos, o caranguejo, o leão, a virgem, a balança, o escorpião, o sagitário, o capricórnio, o aquário e os peixes. Há 12 horas no dia e 12 meses no ano. Heródoto diz que os gregos foram buscar aos babilônios o costume de dividir o dia em 12 partes.

Na antiguidade os colégios religiosos eram sempre formados por 12 membros.

Em Roma o serviço religioso de todas as divindades era praticado por um colégio de 12 sacerdotes.

Os gálatas da Ásia menor tinham um conselho composto por 13 tetrarcas.

Os principais deuses romanos eram 12, 6 de cada sexo. Júpiter, Netuno, Vulcano, Apolo, Mercúrio, Marte, Juno. Minerva, Ceres, Vênus, Vesta e Diana.

Os deuses gregos são também em número de 12. Filipe da Macedônia lhes acrescentou sua estátua, se tornando assim o décimo terceiro deus.

Reis e imperadores imitaram os deuses. Carlos Magno se rodeou de 12 paladinos.

Todas as tribos de Israel tinham ligação cum signo zodiaco e cum uma pedra preciosa.

No século 13, na ocasião da entronização do papa, enviaram a ele uma pequena bolsa de seda vermelha contendo 12 pedras preciosas, que devia pendurar na cintura.

O setenário tem também um lugar importante nos costumes religiosos. A festa da Feitiçaria era conduzida por sete pares. O principal papel pertencia ao diabo totêmico e à sacerdotisa matriarcal.

Os 7 dias da semana correspondem aos 7 planetas que os antigos conheciam: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

Capítulo 7

OS SACRIFÍCIOS

São crimes rituais decadentes, porque têm em vista objetivo de benefício ou prestígio pessoal.

OS SACRIFÍCIOS NOS TÚMULOS

Na Espanha, região de Niebla, numa grande sepultura neolítica, encontraram esqueletos que conservavam a roupa: Uma mulher sentada numa pedra, com roupa curta de amazona, e, em volta, formando raios, doze homens com túnicas longas.

Em 1928 Wooley descobriu na Mesopotâmia o túmulo intato duma mulher chamada Xubá, inumada, com jóia de ouro, prata e pedra preciosa, ano -2500. Em virtude do cerimonial que rodeou sua morte, se pensou que Xubá seria uma rainha. Foram imoladas vítimas, quando da inumação, possivelmente os esposos!

Encontraram na China vestígios de sacrifício nos túmulos reais:

Em 1952, numa fossa sacrificial, vizinha duma sepultura, em Aniangue, 300 esqueletos humanos.

Os artistas e operários que prepararam o túmulo de T'sin Che-Huang-ti, em -211, assim como suas esposas que não lhes deram filho, foram enterrados com o soberano. 700 mil escravos, previamente castrados, escavaram o imenso fosso.

Os imperadores chineses tiveram esposas principais e secundárias e o rito exigia que sacrificassem as primeiras em seus túmulos. Se libertando desse dever, as vindouras deixaram de exigir o sacrifício de seus concubinários em suas próprias sepulturas. Assim caminha o mundo!

Muitos fatos históricos e lendas, contadas pelos autores antigos, se referem ao sacrifício das viúvas.

Dido (ou Elissa), que fundou Cartago 72 anos antes de Roma, se imolou sobre uma pira, invocando o nome de seu esposo, Acerbas.

Nana se queimou com Bálder. Brunhilda se deitou sobre a pira, ao lado de Sigurde.

Os russos e os vendes imolavam as mulheres no túmulo dos esposos.

Os natchez imolavam os filhos, assim como as esposas e os principais dignitários, sobre a túmulo dos chefes.

Os gauleses fizeram como os outros povos. Ainda na época da conquista romana, sacrificavam os escravos e os familiares na altura da morte dos chefes.

Os romanos fizeram os gauleses perderem o hábito de imolar nas tumbas. Mas continuou a existir entre os germanos, que o observam no século 6, no séquito dos

merovíngios.

Fazem menção desse caso na ocasião dum acontecimento insólito. Morrendo Austregilda, esposa de rei Gontrão, em consequência duma doença, os dois médicos que a trataram foram enterrados consigo. É de notar que Gontrão (525-593), rei da Borgonha, figura entre os santos.

No túmulo de Childerico (inunado em 481) encontraram dois crânios, que correspondiam verossimilmente à imolação de dois prisioneiros.

O que se passava no México quando da morte do rei:

O escravo que tinha a cargo acender os candeeiros era o primeiro a ser degolado. Então era a vez de 200 escravos, homens e mulheres, inclusive os anões e os bobos. Encerravam os restos do soberano numa pequena gruta ornamentada que continha sua imagem. No quarto dia sacrificavam perante esse relicário 15 escravos, 5 no vigésimo dia, 3 no sexagésimo e 9 no fim dum ano.

No Peru, quando da conquista espanhola, os crimes rituais se davam excepcionalmente. Todavia, nos funerais de Huayna Capaque, as mulheres desse inca, assim como as virgens do Templo do Sol e muito mais pessoas, num total de 1000 indivíduos, foram sacrificadas.

Na Ásia, no reino de Mechoacã, na ocasião dos funerais do rei, que era queimado, matavam a pancada, com uma moca, sete moças coroadas de flor, que lançavam ao braseiro. Se dizia que a primeira tinha a sua conta guardar as jóias do rei, a segunda lhe apresentava a taça pra beber, a terceira lhe lavava as mãos, a quarta cozinhava, a quinta lhe tratava da roupa interior, etc.

Uma de suas mulheres, o escanção, o cozinheiro, um escudeiro, uns 50 escravos e muitos cavalos, tudo era queimado com o corpo do rei dos Tártaros.

Os habitantes do reino de Tenduque queimavam, junto com o corpo do defunto, os escravos, as mulheres, os cavalos e as armas.

Nas exéquias do grande cã, inunado nos montes Altai, os animais e as pessoas que, por acaso, se encontrassem no caminho do cortejo, eram imediatamente sacrificadas.

Na altura do enterro dum príncipe mongol, matavam quem quer que estivesse à passagem do préstito.

Na China, até a segunda metade do século 17, enforcavam as viúvas. Se efetuava nessa altura uma cerimônia pra se fazer convite. O cortejo atravessava a cidade com os músicos e os carrascos. Então se erigia um monumento comemorativo.

Na Índia do século 18 a imolação das viúvas se desenrolava assim:

Assim que o marido morre, a viúva deixa de comer e masca bête|[1131](#) continuamente, pronunciando o nome do deus da seita ao qual pertence.

Os parentes, as amigas e mesmo os brâmanes lhe fazem longos discursos pra a dissuadirem de se sacrificar, o que é apenas formalidade. Uma vez tomada a decisão, é irrevogável.

Veste os fatos mais belos e se adorna com suas jóias. Os padres lhe dão uma bebida, que contém ópio. Deve ir à fogueira com ar sereno, persuadida de que sentirá simplesmente uma pequena dor ao cair na chama e que poupará ao esposo o sofrimento no outro mundo.

Lançam a viúva, ao lado do cadáver do marido, à fogueira de lenha seca, onde derramam óleo, manteiga e perfume.

As mulheres e as moças cantam e soltam gritos, enquanto se ouvem instrumentos de música. Os brâmanes rodeiam a viúva de exortação e hino.

Geralmente as viúvas iam à morte como heroína. As que, no último momento, se arrependiam da decisão e tentavam fugir eram geralmente mortas pelos parentes. Se as deixavam viver, doravante eram consideradas como se não pertencessem à casta, e tinham de romper com todos os laços familiares.

As viúvas que sobreviviam aos maridos raspavam a cabeça, faziam unicamente uma refeição por dia, nunca mais dormiam numa cama nem tornavam a usar jóia e não podiam tornar a se casar.

Nalguns lugares da Índia, os brâmanes enterravam as viúvas vivas até o pescoço, lhes torciam o pescoço, e lhes cobriam a cabeça de terra, que calcavam com os pés.

Esse costume foi abolido em 1829, em virtude duma intervenção dos ingleses, por Rajaram Mohan Roy.

Em 1877 duas das esposas do Djung Bahadour, regente do Nepal, quiseram se sacrificar sobre o seu túmulo.

Em 1913 dois hindus foram sujeitos a uma condenação porque determinaram que uma viúva se queimasse com o cadáver do marido.

Da Ásia passemos à África. Num trabalho publicado no século 18 e intitulado *Anedotas do reino de Benim*, figuram pormenores horripilantes:

No reino de Benim, na ocasião de funeral de senhor, degolam sobre o túmulo 30 ou 40 escravos.

Quando o rei de Benim se aproxima da morte, perto do palácio escavam uma fossa profunda, mas de tal modo estreita que chega uma pedra larga pra fechar. Começam pondo ali o corpo do soberano.

Os súditos que pertenciam à casa real disputam entre si a honra de serem enterrados com o defunto. Então precipitavam à fossa os a quem reconhecem mais mérito, e fecham o túmulo.

O abrem no dia seguinte, pra perguntar às vítimas ainda vivas se viram o rei. Depois tornam a colocar a pedra.

Todas as manhãs abrem e tornam a tapar a fossa, do mesmo modo, até o dia em que os enterrados vivos já não soltam gemido. Dizem então que encontraram o rei e que o acompanham na viagem.

Os indígenas manifestam alegria bebendo e embriagados percorrem a aldeia, degolando os homens e os animais que encontram, deitando os corpos

ensanguentados no túmulo do rei.

O horror da cena que acabamos de descrever é ultrapassado pelos funerais de Casongo:

Depois de desviar um rio, escavam no leito uma enorme fossa, atapetando o fundo com mulheres vivas. Uma das esposas do defunto se agacha sobre os joelhos e os cotovelos, pra lhe servir de assento. Outra se senta aos pés e é assim segurada por todos os lados pelas outras. Todas se adornaram com seus ornamentos mais preciosos. A esposa favorita é então degolada. Depois enchem a fossa. Em seguida, espalham encima o sangue de cerca de 50 escravos, e o rio volta ao curso.

Casongo, a oeste do Tanganica, no Quivu atual, era outrora o nome duma região e um título real. O fato que transcrevemos foi relatado por tenente Cameron, que atravessou a África de Zanzibar a Luanda (1875).

O que pode parecer estranho é a semelhança entre os funerais de Casongo e os de Alarico em 410 (segundo Royou): Os godos desviaram o Busentin, um pequeno rio que banha as muralhas de Cosenza, na Calábria, e escavaram no leito uma fossa, onde colocaram o corpo de Alarico, rodeado de muita riqueza, e depois chacinaram todos os prisioneiros empregados nesse trabalho.

Em Daomé os ibos e os aminas sacrificavam vítimas humanas sobre o túmulo real.

Na África a colonização fez desaparecer os sacrifícios em túmulo no fim do século 19.

Passemos à imensa Oceania. Nas Fiji enterravam escravos e mulheres com o cadáver do chefe.

Os caingues de Bornéu sacrificavam escravos durante as cerimônias fúnebres. Eram as mulheres que começavam a lhes infligir ferimentos e depois os homens acabavam com eles.

Nos lugares onde se praticava a caça às cabeças, na ocasião da morte dum rajá, sacrificavam uma cabeça ou duas.

O crime ritual consecutivo a uma morte pode tomar a forma dum crime comum, como é o caso da história seguinte:

Um magistrado inglês tinha a seu serviço um indígena que perdeu a mulher por doença. O viúvo pediu ao patrão um dia feriado pra, segundo o costume de sua tribo, matar uma mulher doutra tribo.

O magistrado recusou e, a partir desse dia, o indígena, roído de remorso, começou a definhar. Um belo dia desapareceu, voltando alguns meses mais tarde, cheio de saúde e de boa disposição, cumprira seu *dever*.

A imolação de vítima e o enterrar objeto precioso no túmulo deu lugar a um costume de substituição muito espalhado na Ásia, que consiste em queimar imagem solenemente.

Ainda no princípio do século 20, se vendia reprodução de casa, de móvel, de

fato e outros objetos, de cartão pintado e de papel dourado. Os queimavam não só na ocasião dos funerais, mas também nos aniversários.

Costumes que substituíram a imolação de mulher: Um aniversário de lamentação (na China).

Em Bizâncio, a viúva seguia o cortejo dos funerais encerrada num saco. Vem dali, provavelmente, o véu negro, de crepe.

Na Córsega, antes da guerra de 1914, era imposta a clausura à viúva durante vários meses. As portas das janelas do quarto, donde não saía, permaneciam fechadas.

OS SACRIFÍCIOS AGRÍCOLAS

Se realizavam sacrifícios humanos, durante a celebração de festa, em determinadas datas que se relacionavam com o desenrolar da vida do campo (sementeiras, ceifa, etc.).

Também se recorria a sacrifício em casos excepcionais. Por exemplo, com o fim de esconjurar uma calamidade (seca, epidemia).

As antigas festas do campo davam lugar, sobretudo, a ritos sexuais, em relação com a fecundidade da natureza, mas foram assinalados ritos imitativos, como a aspersão do solo com sangue humano ou o enterramento duma vítima, em relação aos crimes rituais.

As festas agrícolas, na ocasião das quais se desenrolavam sacrifícios humanos mais característicos, eram:

A que os astecas celebravam, em relação com a cultura do milho (que consideravam uma verdadeira religião). No equinócio do outono, decapitavam uma virgem, recolhendo o sangue, que servia pra regar as sementes da planta. Tiravam a pele, e um sacerdote, revestido com essa pele ensanguentada, dirigia uma dança procissionial.

Na Índia os konds esartejavam a vítima, depois do sacrifício ritual, vítima que era igualmente uma moça (*meriá*). Espalhavam minúsculos pedaços do corpo no campo e celeiros.

Algumas vezes introduziam a *meriá* viva no tronco duma árvore parcialmente fendida em duas e ela tinha morte lenta por esmagamento.

Ainda se cita a festa da Ceifa, que os was (Birmânia) celebravam no século 19, cum sacrifício seguido dum banquete de carne humana.

Mesmo em lugares onde não é praticado, se reconhece o crime ritual sob disfarces engenhosos, em festas às vezes pitorescas:

Numa tribo do Himalaia a vítima ritual era substituída por um acrobata. Começavam o fazendo tomar um banho de leite, o vestiam de novo, o adoravam como a Maadeque e o levavam em procissão no campo. Feito isso, dançava na corda bamba (*beduart*). Quando acabava de dançar, cortavam seu cabelo, assim

como a corda, que dividiam entre os habitantes da aldeia.

As tribos que praticavam a pecuária faziam sacrifício de animal.

Os garos, nas montanhas de Assã, entre Bengala e Birmânia, tinham um rito de fertilidade que consistia no sacrifício dum cavalo.

Das cerimônias védicas de Asvameda e Panchasaradia faziam parte sacrifício de cavalo, touro e vaca.

Em volta da bacia mediterrânica e no norte da Europa, os agricultores e os pecuaristas celebravam, na antiguidade, os mesmos ritos que as tribos asiáticas do século 19.

Os romanos celebravam a Ceifa, a Vindima e a Colheita por meio de festas chamadas *feries*. Esse nome, que vem da expressão *feriendis victimis* (sacrificar vítima), indica que na origem se realizava sacrifício humano (donde vêm as feiras e os dias feriados). Os sacrifícios eram acompanhados de procissão, banquete, dança e jogo.

No norte da Europa celebravam festa em honra a uma deusa no *floor*, quer dizer, na eira (o lugar onde batiam o trigo). Por isso a deusa teve o nome de Flora, enquanto a rosa e a violeta, que eram seus emblemas, tiveram o nome de flores.

Flora é a deusa romana das flores e da primavera, festejada de 28 de abril a 1º de maio.

A palavra grega *orgas* designa o bosque sagrado onde se realizavam os *mistérios* (donde o termo *orgia*). Se pode estabelecer um paralelo entre *orgas* e a palavra inglesa *orchard* (vergel).

São frequentemente assinalados sacrifícios excepcionais aos quais se recorria em caso de calamidade:

Cerca de 1800, um reneiro da Cornualha, depois de esgotar todos os meios pra acabar cum a epidemia que dizimava o gado, sacrificou seu veado mais belo, o queimando vivo.

Em 1969, no estado de Orissa, Índia oriental, os cultivadores duma aldeia, em virtude duma má colheita, raptaram uma garotinha de 4 anos, e, a escondendo na floresta, a sacrificaram e cortaram em pedaço, no decorrer duma cerimônia. Os restos foram enterrados nos quatro extremos dum campo sagrado.

OS SACRIFÍCIOS DE FUNDAÇÃO

O sacrifício de fundação é um crime ritual realizado quando se começa uma construção.

Como prolongamento do sacrifício de fundação se realizaram cerimônia como a colocação da primeira pedra e a inauguração do edifício. O gesto (religioso) da bênção, assim como o gesto (laico) da aspersão de champanhe, substituíram o derramamento de sangue, quando enterrar um objeto

comemorativo substituiu o emparedamento.

A degolação e o emparedamento (ou enterramento) são duas formas de sacrifício de fundação (sangrento ou não sangrento).

O arqueólogo Pierre Montet escavou no delta egípcio e publicou, em 1942, Tanis, onde diz: Sob a muralha descobrimos, junto a um canto, um sacrifício de fundação, onde estava um esqueleto deitado na areia, ao lado duma grande jarra de barro contendo um esqueleto de criança.

Se encontrou outro sacrifício de fundação, idêntico ao primeiro, mesmo no meio da porta, ao lado dum grande cubo de cerâmica que continha, provavelmente, as oferendas destinadas às vítimas.

Os hebreus faziam o mesmo. Um rei cananeu edificou Jericó sobre os cadáveres do filho mais velho e do mais novo.

Os antigos eslavos designavam pelo nome de *dietinets* (valentão) tanto a fortaleza quanto o homem sacrificado antes de a construírem.

No século 5 raptaram Merlim da ilha de Sein, por ordem do rei Vortigern, pro enterrarem sob o alicerce duma torre da Grã-Bretanha, que, reconstruída todos os dias, se afundaria todas as noites.

Apesar da pouca idade, apenas 16 dias, Merlim explicou o mistério dizendo que um dragão vermelho e um dragão branco se guerreavam no subsolo. E assim escapou ao sacrifício.

Em 1952 na Índia, decapitaram um rapaz e o sangue serviu pra ungir um novo altar num templo de Siva.

O sacrifício fundacional é um ato religioso em toda parte considerado indispensável.

Deixou profundo reflexo na consciência humana e o encontraremos, nos tempo moderno, sob a forma da degola duma ave de capoeira.

No princípio do século 20, em Deville, a 3km de Ruão, um arquiteto chamado Vesly viu uma velha que levava um frango negro na mão, se dirigindo a uma casa recém-construída. Transpondo o limiar, prendeu o animal entre as pernas e lhe cortou o pescoço cum a faca. Depois borrifou a entrada da casa com o sangue e, enquanto o animal expirava, deitou as últimas gotas no limiar. Em seguida assaram o frango pra refeição de inauguração.

Essa mulher procedia do mesmo modo com todas as construções. Não havia quem quisesse habitar uma casa nova sem que espalhassem algumas gotas de sangue no limiar.

Eis outro exemplo, que mostra realmente o poder do reflexo:

Em 1845 se acabou de construir a câmara municipal de Varzy, perto de Nevers, e, na primeira vez se celebraria ali um casamento. Enquanto o oficial do registro civil pronunciava a fórmula oficial um dos rapazes do acompanhamento, que ficara na casa ao lado, degolou um franga, que levava dissimulado sob o fato. O rapaz pensava que se daria uma desgraça se não fosse observado o rito.

No caso seguinte o rito de aspersão foi precedido dum ato de magia divinatória:

No condado de Antrim, Irlanda, antes de construir uma casa separavam e tiravam do lugar quatro torrões de terra. Esperavam três dias a ver o que acontecia (por exemplo, se algum dos torrões voltava a ocupar o buraco donde o tiraram). Se ficava tudo na mesma (bom presságio), degolavam uma galinha e deitavam o sangue, de gota a gota, nos buracos.

Quando acabavam de abrir uma cova o operário mais novo se deitava no fundo, com a cabeça protegida por um avental. Despejavam encima um copo de uísque, gritando: Te prepares! E, fingindo que lhe colocavam uma pedra sobre as costas, ao mesmo tempo que lhe batiam, três vezes, nos ombros, cum a colher de pedreiro.

Na Alta Bretanha, antes de começar uma estrada, cavavam um buraco no chão, onde derramavam vinho.

Se o rito da aspersão de sangue não deixou vestígio, não se deu o mesmo com o de emparedamento, ao qual se devem provas tangíveis dos sacrifícios de fundação.

Encontraram:

Esqueletos de gato sob o alicerce de antigas casas de Quiberão.

Quando se reformou o castelo de São Germano uma pedra de cantaria com a qual foi emparedado, em 1547, um gato vivo.

Outro gato, cerca de 1885, em Saint-Quentin, num dos pilares duma igreja antiga, dedicada a São Jaques.

A oferenda de sangue foi substituída pela oferenda de vinho tinto.

No princípio o vinho servia pra borrifar o chão. Os operários, depois, tomaram o hábito de beber uma parte e, finalmente, o bebem todo.

Vejamos como se procedia na Escócia, no fim do século 18:

Na baixa Bretanha mandavam entrar em todas as casas novas um cão, um gato ou uma galinha. Não sacrificavam o animal, que, no entanto, era considerado a vítima ritual, que não tardaria a morrer.

É o que se chama uma superstição. O animal substitui o homem, porque o primeiro ser, seja qual for, que entre na casa, é prometido à morte, e de qualquer modo sacrificado pelo destino (e não pela ação humana).

A cerimônia da primeira pedra substitui o emparedamento. A personagem que coloca a pedra é o sucessor do feiticeiro que emparedava um ser vivo.

Em Franche-Comté o filho mais velho do proprietário coloca a primeira pedra, na qual dá três pancadas. Em Dinã é uma moça que bate na pedra. A moça leva uma bilha de cidra e beija os operários. Em Hainaut o proprietário oferece tantas rodadas de vinho quantas as pancadas dá com a colher de pedreiro sobre a pedra. Etc.

Não se limitavam a sacrificar um indivíduo por cada edifício. Com o fim de

fazer cada vez mais e melhor, sacrificavam um em cada parte importante da casa, da qual a lareira, com a chaminé, é o centro.

A lareira se tornava o objeto de rito de consagração. Havia um cerimonial que acompanhava a colocação da cremalheira.

Antes de acender o fogo numa chaminé nova a aspergiam com água benta. A primeira vez que se cozia um ovo se devia queimar a casca. A colocação da cremalheira ainda dá lugar a uma festa, à qual se convidam os amigos.

Pela mesma razão o pau-de-fileira deu lugar a ritos protetores.

Na Auvérnia, quando acabam o telhado, colocam no ponto mais alto um grande ramo de flor, enquanto o proprietário manda servir vinho aos operários.

Algumas vezes metem as garrafas e os copos utilizados pra libação no interior duma parede, sobre a entrada ou na cumeeira da casa.

Às vezes, não tendo ramo de flor nem copo e garrafa, os operários metem dentro do cimento ossada humana ou animal.

A construção de ponte é um trabalho delicado. Nas lendas muitas vezes se fala sobre ponte que desaba. Essas catástrofes são, muitas vezes, obra do Diabo.

No Loire-Marítimo, as fundações da ponte de Os foram feitas sobre a ossada de agressores que acabavam vencidos no curso duma batalha.

Quando as pontes de Rosporden, Finisterra, foram destruídas, uma feiticeira declarou que tinham de enterrar no alicerce um menino de 4 anos, metido num vasilha sem fundo e tendo numa mão uma candeia benta e na outra um pedaço de pão. Uma mãe entregou o filho, reconstruíram a ponte as a noite se ouviu a criança chamar a mãe, se lamentando de que a, candeia se apagou e de já não ter mais pão.

O nome de *pontifex*, que se conservou pra designar o magistrado supremo, indicava originariamente o feiticeiro que presidia à construção das pontes sobre o Tibre. Pra assegurar a solidez imolava vítimas humanas ao rio. Era um rito tão importante que, mais tarde, as vestais foram encarregadas de o manter, atirando todos os anos ao Tibre 24 bonecos de vime.

Eis uma história referente às abóbadas:

Nos altos Alpes, em Gape, em 1877, na altura onde colocavam o último arco da abóbada, os operários declararam que ela não se seguraria se não lhes dessem a beber um copo. Levaram duas garrafas de vinho. Uma despejaram na argamassa empregada pra fixar a última pedra da abóbada. A segunda dividiram entre os operários.

De todos os animais que serviram pra sacrifício de fundação o mais usual foi o galo.

E tendo um galo metálico substituído o animal degolado, se pode dizer que o cata-vento é um derivado afastado do crime ritual. A efígie substituiu o animal vivo, que também substituíra a vítima humana.

Eis alguns costumes onde se vê o papel desempenhado pelo galo:

No princípio do século 19, em Quimperlé, se espalhava o sangue dum galo sobre as primeiras pedras de todos os edificios em construção.

Em Neuville-Champ-d'Oisel, Seine-Marítimo, até cerca de 1860 ninguém consentiria habitar uma casa nova se o limiar não fosse aspergido pelo sangue dum galo, que se comia em seguida.

Outros costumes: Em lugar de comer o galo, o enterram, lançam fora com as penas, atiram a cabeça do animal a cima do telhado e as paredes exteriores eram aspergidas com o sangue.

Antes de colocar o galo sobre a torre da igreja, andavam com ele nas ruas da cidade. Na costa Azul percorria a localidade sobre uma padiola decorada com grinalda de verdura. Ofereciam bebida e dinheiro aos operários.

O costume de enterrar um objeto comemorativo no alicerce duma construção deriva do emparedamento duma vítima viva, humana ou animal.

Em 1890 o lançamento da primeira pedra da ponte de Conflans-sur-Seine se efetuou na presença dum ministro. Enquanto colocavam na obra em construção uma caixa que continha o processo verbal da operação, alguém disse que deviam lá pôr uma moeda dum milésimo do ano de 1890. Ninguém tinha. Se retardou a cerimônia até achar a moeda.

Os sacrificios de fundação estão em ligação com os perigos dos quais as pessoas desejariam se proteger. O homem não aprendeu dum dia ao outro a construir casa de pedra. As primeiras que edificou desmoronavam facilmente. O sacrificio, qualquer que seja sua forma, é uma súplica a uma divindade protetora.

Em toda parte onde há ameaça dum perigo há a imolação duma vítima humana ou animal e, na época moderna, costumes derivados dessas imolações.

Contou Mungo-Fark

Temendo ser atacado na entrada do bosque pelos habitantes de Bondou, Isaaco (nome dum mandinga das margens do Gâmbia) sacrificou um carneiro negro depois de fazer as devidas preces.

O homem multiplicou os ritos referentes aos barcos, pra se preservar do risco que aquelas construções, outrora tão frágeis, o faziam correr. Quando o barco saía do estaleiro se regava com sangue humano ou animal. Depois se limitaram a quebrar contra o casco ou sobre a ponte uma garrafa de vinho.

Atualmente substituem o vinho pelo champanhe ou pelo uísque (na Escócia).

Os calafates de Bengala derramam algumas gotas de seu sangue na cavidade dum mastro, cuidadosamente rebocada encima.

Frequentemente se introduzem cerimônias religiosas nos velhos ritos:

Na alta Bretanha, depois da bênção do barco, se distribui pão bento ou se desfaz biscoito na ponte, e o patrão quebra uma garrafa de vinho, pronunciando uma fórmula apropriada. O padrinho e a madrinha apanham a migalha dos biscoitos e lambem as gotas de vinho.

O sacrifício dum animal aquático se impõe nos usos marítimos. Na Gironda, pregavam um sapo na carcaça dos barcos no estaleiro.

Quando os barcos dobravam um cabo passavam dum mar a outro ou transpunham um desfiladeiro perigoso, se recorria a sacrifício humano. Mais tarde o crime ritual foi substituído por um batismo ou voto.

Henrique IV, indo a Saint-Malo no mar de La Rochelle, teve de se submeter a um batismo ao passar a ponta do Raz.

O embaixador inglês na corte da China, lorde McCartney, relatou um sacrifício no rio Amarelo, a 2 de novembro de 1793:

O piloto, rodeado de toda a tripulação, subiu à proa. Cortou a cabeça dum galo, a lançou ao rio, aspergiu com o sangue do animal diversas partes da embarcação, fixando algumas penas nas portas de cada camarote.

Queimaram círio perfumado e folha de papel de prata, atiraram foguete, se prosternaram, com as mãos erguidas. Então lançaram à água oferenda de óleo, chá, aguardente e sal, enquanto uma oferenda de carne era partilhada entre a tripulação.

O batismo da linha é ainda imposto aos viajantes que transpõem o Equador na primeira vez. Outrora, fazia parte disso uma mascarada. O Pai Equador chegava numa pipa, escoltado por um diabo, um postilhão, um cabeleireiro e um moleiro.

O passageiro era, em primeiro lugar, frisado e empoado, depois o borrifavam com água ou tomava banho. Podia se resgatar dando de beber aos marinheiros.

É provável que os sacrificadores permitiram às vítimas resgatar a vida com oferenda, o que permite dizer que a vulgar gorjeta deriva de obscuras traficâncias em redor do crime ritual.

Quando um reflexo se instala na consciência, se pode combinar com quaisquer outros sentimentos.

Geralmente, os primitivos não protestam contra os antigos sacrifícios, mesmo os mais cruéis, desde que lhes sejam impostos pelos sacerdotes ou feiticeiros da tribo.

Mas o temor infundado dum crime ritual ordenado por uma autoridade estrangeira, às vezes, é o bastante pra desencadear acessos histéricos de xenofobia:

Na Índia os sacrifícios fundacionais se tornaram objeto de terror supersticioso.

Em janeiro de 1929 correu em Bombaim o boato de que seriam levadas crianças à construção duma ponte em Baroda. Se deu um ataque contra os patãs e mataram um engenheiro grego, um carpinteiro hindu e 17 patãs, donde resultou um pânico que causou ainda a morte de dois muçulmanos e de três hindus, sem contar os feridos. A questão degenerou em motim onde pereceram cerca de 150 pessoas.

Os sacerdotes nos templos, os mágicos nas cidades, os feiticeiros nos campos fazem todos o mesmo.

Todavia os ritos religiosos estão em relação com a salvação da tribo (ou do estado), enquanto os ritos dos mágicos e dos feiticeiros têm um fim mais modesto, o êxito dum empreendimento, a cura do consulente, a eliminação dum rival.

A feitiçaria e a magia conservaram os ritos dos antigos cultos. Porém enquanto a magia se tornou um cerimonial a feitiçaria conservou o costume de sacrifício sangrento.

Geralmente são sacrificadas crianças, parece que pela simples razão da facilidade com que se arranjam as pequenas vítimas.

Os sírios matavam criança pequena torcendo o pescoço. Cortavam a cabeça, salgavam e embalsamavam. A cabeça era exposta num tabuleiro mágico, rodeada de círio, e adorada. Lhe faziam pergunta.

Justino conta que, sendo Cartago devastada pela peste, degolaram homens e crianças nos templos, pra apaziguar os deuses.

No ano de 717, tendo os sarracenos cercado Pérgamo, os mágicos, a fim de tornar invencíveis os habitantes da cidade, arrancaram uma criança da entranha duma grávida, cozeram a carne e todos os sitiados meteram a mão direita no caldeirão.

Estes quatro casos, todos no Mediterrâneo, se deram em 15 séculos. Quantas crianças sacrificaram, com fim análogo, durante esse período!

Na Síria, num meio cristão e no século 5, em Beryte (Beirute), os estudantes da faculdade de direito degolaram um escravo no circo. O fim do sacrifício era permitir a um deles obter os favores duma mulher que lhe negava.

Os estudantes foram denunciados. Em casa apanharam livros de magia, que o bispo mandou queimar depois de ler algumas passagens inspiradas pelo Demônio.

Até o século 19 houve sacrifício mágico de criança (ou com a utilização de cadáver de criança) na Europa.

Em fevereiro de 1857 foi julgado um gatuno chamado Vautrin, de 24 anos, pelo assassinio dum bebê de 11 meses, a quem cortou a cabeça porque ouviu dizer que o crânio duma criança assassinada tinha a propriedade de tornar invisível quem o levasse e permitir a um gatuno, que se serviria dele como duma lanterna, penetrar impunemente nas habitações.

Em março de 1877, na Prússia, mutilaram no túmulo o corpo duma criança. Se serviram dum bocado de carne do cadáver pra curar uma criança doente.

Um jornal de 14 de agosto de 1910 contou o caso dum tuberculoso espanhol que, em Godor, a conselho dum curandeiro, bebeu o sangue duma criança, no

pescoço da qual fizeram um grande golpe. Depois lhe puseram no peito um emplastro da carne sangrenta da vítima.

O sacrifício mágico se perpetuou na Índia até hoje. No leste do país o crime ritual tem o nome de *grupta puja* (rito oculto), cujo fim é assegurar a prosperidade duma pessoa, casa, família.

A *smeriás* são vítimas preparadas desde a infância pra morrer voluntariamente no altar, a fim de conseguir vitória da tribo em combate e abundância em colheita.

Em julho de 1920, uma mulher, suspeita de levar a cólera a uma aldeia, foi condenada à morte pela denúncia duma possessa, no corpo da qual entrara a deusa adorada nessa aldeia.

Em Budaum suspeitaram que um *chamar* lançara mau-olhado a um rapaz. Foi amarrado a uma estaca e maltratado, com intervalos regulares, enquanto vigiavam os sintomas da pretendida vítima, a ver se melhorava.

No princípio de 1930, no Guzerate, uma mulher de 20 anos matou um bebê de 12 meses, com ácido sulfúrico, pra deixar de ser estéril.

Em 1931 um *santal* de Dambá decapitou o filho pequenino depois de o coroar de flor, pra se curar duma doença.

Em 1928 sacrificaram um rapaz, em Bagalpur, porque uma mulher estava possessa dum demônio. Em 1930, na véspera da festa do Dasera, dois feiticeiros de Sambalpur sacrificaram um rapaz. Em novembro de 1931, num templo de Laore, espancaram uma jovem hindu até a morte, pra a curarem, pois estava possessa.

No Chot Nagpur doutores em feitiçaria, chamados socas, têm como função descobrir os responsáveis pelas calamidades e epidemias.

Contou capitão Canot:

Havia vários meses que o feroz Amamar estava bloqueado em seu forte, cercado de tapume. Os guerreiros de Shiakar o sitiavam.

Não havia outra saída: Morrer de fome ou tentar sair dali. Mas o inimigo era muito superior em número. Apesar disso Amamar escolheu a segunda solução e convidou o feiticeiro a indicar o momento mais propício.

O feiticeiro, depois das habituais cerimônias mágicas, declarou que a saída seria coroada de êxito se as mãos de Amamar estivessem tintas com o sangue do filho. O feiticeiro tinha em vista um rapaz que, indo a junto da família da mãe, não estava no campo sitiado.

Mas Amamar tinha outro filho, de 2 anos, que estava junto a si. O pegou, atirou a dentro dum almofariz de arroz e o esmagou. Então se realizou a saída. Amamar, à frente, armado com o maço do almofariz ensanguentado. Os sitiados, surpresos, fugiram.

O autor de *Trader Horn* relatou:

Subindo em direção aos lagos e às fontes de Ogoê e dos rios Angani,

encontramos uma grande piroga que pertencia a um chefe isogí, que estava doente. A bordo estava uma mulher jovem acusada de lhe ter lançado mau-olhado. A levavam prá executar no templo de Evilis. Estava sentada, muito direita, resignada com a sorte. Seria mais um crânio a juntar aos do templo. As execuções tinham lugar imediatamente a seguir à chegada, sem cerimônia. O carrasco dava volta ao edifício, erguendo a cabeça, donde corria o sangue, enquanto os espectadores gritavam: — Isoga! — Aquela mulher era a segunda vítima executada por causa da doença do chefe e, como ele era irmão do rei de todas as ribeiras, as execuções deviam continuar até a cura completa.

Soleillet, durante a exploração na Etiópia, encontrou o reino de Zindjero, num maciço montanhoso:

Lá fazem sacrificio humano todas as vezes que o rei ou um membro da familia está doente, todas as vezes que se desejar obter um beneficio ou evitar desgraça.

Na Malásia, se um rajá cai doente ou empreende uma viagem, se compromete a fazer o sacrificio duma cabeça de homem em caso de cura ou de viagem sem incidente.

O sacrificio humano é considerado, em toda parte, uma panacéia. É eficaz, qualquer que seja o objetivo.

Uma feiticeira africana da Tanzânia, Hadija Aljani, compareceu, em novembro de 1965, perante um tribunal de Daressalã. Drogara e matara, em seguida, o marido, o sultão de Mierembu, a pedido dum congresso de feiticeira no qual participara.

Em Tanganica, em 1966, em poucas semanas, seis crianças foram vítimas de homens-leões.

No mesmo ano, em Santiago do Chile, depois dum tremor de terra, um grupo de índio imolou uma criança de 6 anos.

Ainda em 1966, um inglês, conhecedor de ocultismo, pretendia que no decorrer duma missa negra sacrificaram um bebê em Brighton.

Nos servimos dum artigo duma ilustração, assinado por Aniceto Kashamura, donde reproduzimos o esclarecimento seguinte, sobre o qual o leitor pensará o que quiser:

Em 17 de janeiro de 1961 Lumumba, Okito e Mpolo chegaram ao aeródromo de Elisabetevila e foram mortos por mercenários na presença de Godofredo Munongo e de Kibwe. Arrancaram o crânio, o coração, o sexo e as mãos a Lumumba.

No dia seguinte mandaram o crânio a Kalondji, chefe casai. O coração foi enviado a Txombé.

Na tribo de Txombé, pensaram que a posse do coração lhes daria força pra tornar a conquistar o poder em Leopoldovila. Mas tendo cometido a imprudência de dormir cuma mulher enviada pelo serviço secreto de Nandaca, o amuleto, o

coração dissecado, foi roubado e enviado aos inimigos. Desde então começou a sofrer revés. Os feiticeiros do novo regime de Quinxasa o enfeitiçaram e foi raptado do avião. Morreu em 6 de junho de 1969 numa prisão de Argel.

Aniceto Kashamura acrescentou a propósito de Alberto Kalondji:

Em Bacuanga, capital casai, a mentalidade arcaica tornou a aparecer assim que os brancos deixaram o país. Bacuanga apresenta todos os contrastes da vida moderna e das tradições. Parece que em todas as lunações se dá sacrifício humano.

Extrato dum artigo assinado por Yao Koffi (inquérito de Diaby Salif) num jornal da Costa do Marfim de 23 de abril de 1972:

Se diz que grandes equipes de futebol têm morabitos que pedem, por exemplo, o holocausto de três mulheres bonitas e de criança.

Em maio-junho de 1973 se soube que quatro pescadores do Alto Volta e do Níger foram capturados por cinco oficiais, um sendo um capitão chamado Sio, e entregues a feiticeiros do sul do país prum sacrifício com objetivo tomar o poder na Costa do Marfim.

A NECROMANCIA

A necromancia é a arte de evocar os mortos ou de prever o futuro pelo exame de cadáver.

Na Espanha houve, em Sevilha, Toledo e Salamanca, escolas de necromancia em gruta.

O clero israelita declarou a impureza do cadáver com o fim de lutar contra a necromancia.

Faz também parte da necromancia a utilização religiosa ou mágica de cadáver. O culto às relíquias é uma espécie de necromancia.

A necromancia estava muito difundida no antigo oriente.

A prática do crime ritual tinha como consequência a promiscuidade com o cadáver, que, por essa razão, não inspirava repulsa.

Menos conhecidos que os astrólogos, que existiram nas cortes suntuosas até o princípio do século 17, na Europa, os necromantes foram também conselheiros dos soberanos. Em 1398 o duque de Borgonha teve a serviço um necromante chamado Jean de Bar.

Os feiticeiros da Tessália, Grécia, aproveitavam a noite pra mutilar os cadáveres ainda não em decomposição. Por isso mandavam guardar os mortos. Pra impedir o guarda de se deixar vencer pelo sono, o preveniam de que se no outro dia na manhã o corpo não fosse encontrado intato lhe cortariam o pedaço de carne correspondente ao que tirarem do cadáver.

Lucano, autor latino, descreveu uma feiticeira que se entregava à necromancia. Operava sobre o cadáver dum soldado romano:

Começava fazendo uma incisão na garganta, onde enterrava uma grande enxada, se servindo da qual o arrastava até o fundo duma gruta consagrada.

Uma vez no antro, a feiticeira vestia o fato de cerimônia. Tirava uma víbora que tinha aninhada na cabeleira, com a qual cobria o rosto.

Lambuzava o peito do cadáver com sangue quente e preparava uma mistura com produtos como baba de cães danados, entranha de lince, osso da hiena, olhos de dragão, serpente alada do deserto, cerasta, [\[14\]](#), etc.

Em seguida a feiticeira começava com o exorcismo por um murmúrio que, pouco a pouco, se transformava e se assemelhava a grito de animal, ladrar de cão, uivo de lobo, coaxar de sapo, piar de mocho, assobiar de serpente, bramido marinho, sussurro florestal, ribombar do trovão.

O exorcismo terminava no canto mágico do ritual da Tessália, do qual damos uma passagem: Vos ofereci corpos inteiros, friccionados cum cérebro ainda quente. Vos ofereci taças feitas de cabeça e entranha de criança.

A feiticeira fustigava o cadáver cuma serpente viva e mantinha um diálogo com os espíritos, as eumênides, o Estige, o Caos, Plutão, a Morte, Perséfone, Hécate, Cérbero, as parcas.

No fim atiravam o cadáver do soldado à chama.

O ordálio (juízo divino) foi, muitas vezes, uma necromancia. Quando cometiam um crime, colocavam o corpo da vítima, nu, numa urna. Todos os suspeitos eram obrigados a o tocar.

Se notando um movimento dos olhos, da boca ou em qualquer parte do corpo e, sobretudo, se a chaga sangrava, a pessoa que tocava o cadáver no momento era considerada culpada.

Em Flandres os criminosos, no século 12, tinham o hábito de comer e beber sobre o cadáver da vítima. Julgavam que agindo assim o morto ficaria paralisado e não poderia os denunciar no caso de ordálio pela urna.

Quando, no século 12 mataram Carlos, o Bom, os assassinos procederam assim, comendo e bebendo sobre o corpo. Nem por isso deixaram de ser presos e castigados.

A adivinhação por meio do cadáver se praticou de vários modos. Vejamos como, segundo Heródoto, os cáspios se arranjavam nessa circunstância:

Expunham os moribundos e os observavam de longe.

Os moribundos que fossem despedaçados pelas aves-de-rapina eram considerados bem-aventurados, enquanto os devorados pelos cães eram desventurados dignos de lástima.

Na Gália a vítima designada pra ser oferecida ao deus recebia uma sabrada no flanco. Os vates (adivinhos) tinham a seu cargo predizer o êxito ou o malogro dum empreendimento observando e interpretando as convulsões do moribundo. Outras vezes matavam a vítima a flechada ou a crucificavam numa muralha sagrada.

Na Indochina fazem a mesma coisa com os animais.

Uma jovem indígena consulta o feiticeiro de sua aldeia prum assunto de amor. O feiticeiro sacrifica um galo, espiando as últimas convulsões. A observação dos espasmos sacudidos dos esporões lhe permite responder às perguntas da consulente.

Em Babilônia praticavam o exame do fígado animal. Em Bornéu, quando um daiaque hesita em tomar uma decisão se dirige ao feiticeiro, que mata um porco pra examinar o fígado. Se o presságio é nefasto o feiticeiro sacrifica outro porco, depois um terceiro, etc.

O cadáver pode ter outra aplicação: Entre os cafres, na tribo dos bacuéim, os feiticeiros (*baloi*) utilizam certas partes do corpo pra fazer talismã que cura ou preserva de doença, provoca chuva e permite triunfar contra um adversário.

CRIMES RITUAIS ATÁVICOS

Alguns crimes, sem causa aparente, têm como causa o reflexo atávico. Eis um exemplo:

Quarta-feira, 31 de março de 1965, 3h da manhã, Hiattin Konaté, estudante guinéu de 28 anos entrou no quarto do vizinho, Kaba Mamady, de 26 anos, e lhe deu três facadas: No coração, no ventre e no braço. O crime foi executado na rua Boileau, 14, em Paris XVI^e, no centro Eduardo-Rist.

Hiattin Konaté, muçulmano, consagrava longas horas à oração. Dava sempre a impressão de que saía dum sonho. Era susceptível e extremamente nervoso. Um simples olhar o irritaria, ameaçava e batia, e um instante depois pedia desculpa. O pai era um camponês de Mali, com algo de feiticeiro, segundo se dizia. Na semana precedente Hiattin comprara uma faca de cozinha.

Kaba Mamady, também muçulmano, quase não rezava. Uma testemunha, Gastão Ebib, contou: Cerca das 3:30h fui despertado por um grito. Vi Hiattin entre as ombreiras da porta. Tinha o olhar fixo e empunhava uma faca ensanguentada. Me precipitei pra pedir socorro. — Também queres que te mate? — Disse a mim, e se ajoelhou.

Quando a polícia entrou no quarto Hiattin rezava, com os olhos perdidos no vazio. Vestira a longa túnica branca tradicional de seu país (*bubu*). Em volta do pescoço e dos pulsos tinha amuleto e rosário muçulmanos.

— Matei porque os deuses me ordenaram que o fizesse.

Antepassados afastados de Hiattin Konaté praticaram crime ritual, antes da conversão de sua família ao islamismo. O reflexo despertou um dia em virtude dum crise de exaltação religiosa.

Na medida em que se pode dar fé às histórias de *assassinatos da lua cheia*, esse gênero de crime deve se atribuir a um reflexo atávico e não à influência do astro. ^[15] Durante muito tempo, os crimes rituais, nos cultos lunares, tiveram

lugar nessa altura.

Na Malásia se diz que um indígena corre atrás dum muque (ou mouco) quando se precipita à rua, de arma na mão, matando todas as pessoas que encontra, até que o matam. Cerca do ano de 1775, em Batávia, era raro se passar uma semana sem que um desses loucos furiosos, que têm o nome de amouco, 161 não fosse executado.

Pouco antes de 1914, perto de Malaca, Nor Nalla viu um homem chamado Abu decapitar tranquilamente o filho mais novo, depois a mulher e sucessivamente os outros dois filhos e a sogra, se servindo de seu parangue (facão). Como o pai se aproximasse, pro acalmar, lhe abriu a cabeça em duas, dizendo: Não tenho culpa. Essas coisas acontecem...

O amouco, considerado uma loucura assassina, que se dá particularmente na Malásia, é provavelmente a reparação dum gesto atávico. E não seria o amouco (*muk, mok*) malásio o vampiro?

O ch'i dos chineses é uma crise, como a amouco, mas não é tão terrível. Acontece, na China, que na ocasião duma violenta cena de cólera uma mulher salta a cima do telhado da casa. Se o caso se dá cum homem, se postará à entrada duma viela. Então o ch'i começa a berrar injúria, como só um oriental sabe fazer, até que fica sem voz. O acesso termina em suicídio, a não ser que um *pacificador* consiga dar fim.

A guerra santa dos muçulmanos parece ser o desencadeamento e a utilização, pruma causa religiosa, dum reflexo idêntico ao amouco. Kesnin-Bey escreveu em 1886:

É o que se entende por guerra santa. Assim que o sultão tira a bandeira verde da tenda das relíquias do profeta, todos os muçulmanos devem, segundo a lei religiosa, degolar a mulher e os filhos, queimar a casa e destruir tudo o que o pode ligar à vida. É a guerra aonde se parte pra não voltar, com único pensamento: Matar o maior número possível de inimigos antes de acabar.

Rafael de Nogales, oficial venezuelano ao serviço da Turquia durante a guerra de 1914, contou, se referindo aos soldados turcos:

Assim que ressoa a ordem de ataque, a baioneta, marcham, gritando **Alá!**, prontos pra se deixar matar até o último.

AS DIVINDADES

O que distingue as religiões entre si é a razão de morte dum ou de vários protagonistas, assim como a natureza dessas mortes. Porque os deuses são vítimas rituais às quais o clero deu nome, personalidade e atributo.

OS SACRIFÍCIOS CHINESES

Os chineses, como todos os outros povos, praticaram a morte ritual, começando na imolação do ser humano e terminando no sacrifício simbólico.

Celebraram rito de comunhão, depois o banquete de carne crua, até a partilha dum bolo.

Multiplicaram as imolações em túmulo e alicerce, assim como em todas as circunstâncias da vida pública ou privada.

Adoraram uma multidão de divindade e de gênio e, em primeiro lugar, o Céu (donde a expressão *filho do Céu*) e a Terra soberana.

Por causa da feição de seu espírito sistemático, os chineses estabeleceram relações entre o Céu, compreendendo o Sol e as estrelas, o princípio iangue e o homem.

Os antigos chineses sacrificavam vítimas masculinas nos pontos mais elevados das montanhas, no sentido dos quatro pontos cardeais, em pilares fálcos colocados sobre montes de calhau.

À Terra soberana imolavam vítimas femininas, sobre montículos baixos, com a forma de anca feminina. A Terra se relacionava à água, Lua, mulher e princípio im.

A destreza do sacrificador, vítima humana ou animal, tinha algo de prodigioso. O sacrificador foi a personagem mais importante da vida religiosa das tribos nas antigas civilizações.

Pra compreender bem a alma do passado, tem de se imaginar essas festas cruéis e maravilhosas, com seus reis-sacerdotes, que, com veste cintilante, foram incomparáveis mestres-de-cerimônia, que conduziam solenemente a festividade, na China ainda mais que em qualquer outra parte.

Havia muito tempo que as hierarquias sociais se estabeleciam em relação com os homens do gesto (os ritualistas) quando apareceram os homens da idéia (filósofos e legistas).

Os velhos livros chineses falam muito a respeito dos sacrifícios:

O senhor fazia a guerra pra ter o direito dos celebrar no lugar do vencido. A conquista territorial era uma consequência, não um fim. E o imperador da China foi o senhor que se apoderou do maior número de lugares de sacrifício em todos os cantos do país.

Um sacrifício mal feito descontentava os deuses, fazia perder o valimento ao oficiante e à família e pressagiava desgraça pro povo.

Os homens usurparam às mulheres os sacrifícios à Terra soberana. Às vezes elas o retomaram e roubaram mesmo os sacrifícios ao Céu.

Os bandos gesticulantes, as mímicas e gritos terríveis, as exhibições dançantes da ópera chinesa são a sobrevivência dos espetáculos que acompanhavam os sacrifícios humanos, na primavera e no outono, no alto das montanhas da China.

OS DEUSES MEXICANOS

Os mexicanos tinham costumes decentes: Moral, ensino, arte, técnica, indústria e comércio. Esse alto grau de civilização não os impedia de imolar, todos os anos, 20 mil indivíduos. Quando fizeram cálculo pra inauguração dum templo, que se efetuou em 1486, reservaram 70 mil vítimas, sacrificadas uma a uma.

O cacique Magiscatzim dizia que os mexicanos não se podiam habituar à idéia dum verdadeiro sacrifício a não ser que um homem morresse pra salvação dos outros.

O templo do México, quando Fernando Cortez chegou, em 1594, se erguia no alto duma pirâmide de 114 degraus. Dominava toda a cidade e a laguna com as aldeias.

No interior, no lado direito ao entrar, estava o altar de Huitzilopostle, cuja estátua estava coberta de pedras preciosas, ouro e pérola. Tudo aplicado através duma cola fabricada com raiz. O rodeavam serpentes de ouro e pedraria.

O deus tinha numa mão um arco e na outra flecha. Ao lado, uma pequena estátua lhe apresentava uma lança e um escudo. O deus tinha no pescoço um colar feito de pedras preciosas, com cabeças de ouro e corações de prata.

Três corações humanos recém arrancados ardiem em fogareiros com incenso. As paredes e o chão estavam cobertos de crosta de sangue. O cheiro era pestilento.

Um sacerdote batia num tambor gigantesco pra chamar os fiéis a assistir os sacrifícios.

Cingiam o templo 40 torres de 100 degraus, onde os principais senhores do México tinham suas estátuas e suas sepulturas.

Durante um combate contra os soldados de Fernando Cortez os mexicanos fizeram prisioneiros espanhóis ou indígenas aliados.

Levaram esses prisioneiros a uma plataforma do templo, que conduzia às capelas onde estavam as estátuas dos deuses.

Os sacerdotes puseram penas na cabeça deles e deram um leque a cada um. Em seguida os obrigaram a dançar assim diante dos ídolos.

Depois dos prisioneiros terem dançado, os sacerdotes os derrubaram sobre

mesas de sacrifício, lhes abriram o peito com facão de pedra e arrancaram o coração, que ofereceram, ainda escorrendo sangue, aos deuses.

Depois empurraram, com o pé, os corpos, que rolaram nos degraus até o piso, onde outros sacerdotes cortaram os braços e as pernas, pra os comerem durante um banquete.

Ofereciam o sangue e o coração aos deuses. Os troncos e as entranhas eram lançados aos tigres, leões e às serpentes, animais encerrados num templo especial.

As principais festas de Huitzilopostle ocorriam em maio. Sacrificavam codorniz e queimavam incenso entre de canto e dança.

O deus era representado pelo prisioneiro de guerra mais belo e mais jovem, que sacrificavam no decorrer da principal cerimônia. O alimentavam, tratavam e, 20 dias antes de ser sacrificado o juntavam a quatro virgens.

No dia do sacrifício marchava diante do cortejo, ao lado da estátua do deus, e a multidão lhe prodigalizava sinais de veneração.

O conduziam a um templo fora da cidade, onde o matavam, oferecendo o coração ao deus.

Contrariamente ao que era habitual, o assassinio do prisioneiro se efetuava mesmo nos ombros dos sacerdotes e não sobre o altar. Dividiam o corpo entre os membros mais favorecidos da casta sacerdotal e da nobreza.

Em 25 de dezembro se celebrava a morte de Huitzilopostle, esculpindo sua estátua com farinha de milho dissolvida no sangue de crianças sacrificadas presse fim. Depois duma série de purificação, jejum, lustração, penitência, procissão e outros ritos, um sacerdote trespassava o peito da estátua cum dardo. O rei, que presidia à cerimônia, comia o coração de massa, enquanto o resto, dividido em mil pedaços, se distribuía exclusivamente à população masculina, das crianças aos velhos.

Os mexicanos celebravam uma grande festa no fim de cada período de 52 anos. Renovavam então as estátuas de todos os deuses, lavavam os templos e se dirigiam, em procissão, à montanha de Huixtlã, que é um pequeno vulcão abrupto, na beira das lagunas, cujo cume se vê de todo o vale do México.

Nessa ocasião, os mexicanos partiam a louça, apagavam o fogo e se entregavam a correria frenética.

Na noite do último dia todos os sacerdotes do México, paramentados com suas insígnias, iam até o cimo do monte Huixtlã. Subiam à pirâmide, que se elevava no alto do monte, e esperavam perscrutando o céu.

À primeira claridade da madrugada se ouviam instrumentos musicais, assim como hinos e cantos alegres. Na cidade havia, em todos os lados, danças e exercícios de agilidade. Levavam um escravo ou um nobre, que devia ter nascido 52 anos antes, na mesma hora. Um sacerdote lhe abria o peito, enquanto outro sacerdote, no instante em que as plêiades chegavam ao zênite, acendia

sobre a chaga aberta o novo fogo, esfregando dois pedaços de madeira seca. Esse fogo ficava aceso, sem interrupção, durante 52 anos. Queimavam, em seguida, o cadáver do homem sacrificado numa fogueira de cedro misturado com plantas e resinas odoríferas.

Toda a população masculina do México tinha o olhar fixo em Huixastla. As mulheres e as crianças, com o rosto tapado com folhas de milho, ficavam encerradas em casa.

À vista da chama, que jorrava do alto da montanha, a alegria se manifestava com gritos e faziam todos uma incisão na orelha.

No templo do México, se incendiava uma enorme porção de resina aos pés da estátua do deus. Era o novo fogo. Alguns homens corriam até lá em cima acender tocha, com as quais punham a arder grandes fogueiras, que se elevavam em todas as encruzilhadas. Era onde todos os chefes de família buscavam lume pra reacender o lar apagado.

Na altura da festa se renovavam os móveis e o vestuário. Em todas as moradas faziam sacrifício e banquete religiosos com milho e mel.

Na Nicarágua a cerimônia mais importante em honra de Tomagata, o Sol, consistia em oferecer uma vítima humana no princípio de cada ciclo de 15 anos.

Assim que começava o novo ciclo, escolhiam uma criança numa aldeia que tinha o privilégio de fornecer as vítimas pro culto ao Sol, aldeia que tem hoje o nome de São João da Planície.

A criança era transportada a Sogamosa, onde era criada. Quando atingia 10 anos a conduziam a diferentes localidades, seguindo o itinerário percorrido outrora por um deus chamado Bochica. A viagem durava 5 anos e terminava onde pretendiam que Bochica deixara a Terra.

Em procissão levavam o rapaz, que tinha o nome de Guesa ou Quihica, até um lugar no centro do qual se elevavam colunas dedicadas ao Sol. Os sacerdotes, mascarados e disfarçados, o rodeavam e o seguiam.

Ligavam a jovem vítima a uma das colunas e a flechavam. Arrancavam o coração e ofereciam ao Sol. Recolhiam o sangue em vasos sagrados.

No decorrer de duas grandes festas anuais em Xiutecutle, lançavam as vítimas vivas, previamente embriagadas, a braseiros ardentes.

As tiravam de lá, meio queimadas mas ainda vivas, pra degolar sobre o altar, segundo os ritos.

Os corpos dos prisioneiros sacrificados pertenciam aos que os aprisionaram, os quais os comiam, com os parentes e amigos.

Os astecas praticavam duas espécies de sacrifício:

O sacrifício do coração. Abriam o peito da vítima e arrancavam o coração pra o oferecer à estátua.

O esfolamento. Se trata duma pele embebida em sangue que tem o nome de Pazilizepe. Tiravam a pele da vítima e a apresentavam, ensanguentada, ao deus.

Nas cidades mexicanas os sacrifícios se realizavam sobre altares edificadas numa plataforma que coroava uma pirâmide formada por um quadrilátero truncado.

Os instrumentos de sacrifício que os astecas e os maias usavam eram uma taça, onde deitavam o coração da vítima, e uma faca de sílex branco.

Os sacrificadores eram quatro.

Amarravam as vítimas ao barroto do sacrifício.

Em Chichén-Itza empilhavam no tzompatle (terraço dos cadáveres) os crânios das vítimas, que rolavam à parte sob a grande pirâmide.

O rito que consiste em abrir o peito e arrancar o coração, se bem que seja uma particularidade da América, se praticava em Ubangui, África central, no costume do termo de vida aplicado ao rei, previamente estrangulado.

A cerimônia seguinte foi observada na América Central, entre os pueblos do México, por doutor Hammond:

Em cada tribo escolhem uma espécie de rei em virtude de sua beleza e virilidade. É um adolescente. Os espanhóis o chamavam o *amujerado*, efeminado.

O sujeitam a um tratamento que o transforma em eunuco, sem recorrer a cirurgia. O submetem à masturbação manual com extrema frequência e deve passar uma parte do tempo sobre um cavalo sem sela. Logo os testículos se atrofiam, assim como o pênis, e a ejaculação se torna difícil. O efeminado é um eunuco. Depois de passar essa metamorfose consideram a encarnação do Sol sobre a Terra.

Em seguida se efetua uma cerimônia da qual são excluídas as mulheres.

Toda a que for surpreendida tentando assistir era imediatamente morta.

Conduzido a um lugar sagrado, o efeminado tinha de suportar a efetivação (cópula) do ato pederástico com cada um dos sacerdotes. Depois o sacrificam numa fogueira, enquanto os sacerdotes entoam cantos religiosos.

E observará a longa duração dos ritos preparatórios e a sua minúcia. Se poderia quase dizer que, se o sadismo, a sensualidade e a crueldade fossem o motivo dessa cerimônia, não teriam achado melhor forma de expressarem.

A ÁRVORE DE ODIM

O êxito da religião cristã, suspendendo o desenvolvimento do culto a Odím, o impediu de evoluir. Mas o mito de Odím, cuja religião se prolongou até o século 10, continha as virtudes capazes de gerar o mundo moderno.

Odím corresponde a uma ação coletiva sacerdotal, a uma revolução religiosa.

Odím, senhor dos guerreiros (Herjã), foi o chefe dos ases, povo nórdico que se encontrou em seguida entre o Ponto Euxino e o mar Cáspio.

Odím é pro norte o que Ram foi pros celtas, Orfeu pros gregos, Zoroastro pros

persas. Odim foi o primeiro a falar do paraíso chamado Valhala, reservado aos guerreiros e aos heróis.

No mito de Odim os deuses se reúnem em volta da árvore do mundo (Igdrasil), onde Odim ficou pendurado durante 9 dias e 9 noites pra aprender o segredo das runas (o que corresponde à descoberta da escrita).

O tema desse mito é o sacrifício voluntário. Odim, nas runas, disse: Sei que estive pendurado na árvore, agitado pelo vento e ferido pela lança, oferecido a Odim, oferecido a mim.

Os objetos sagrados de Odim eram o caldeirão e a árvore. Seu culto, conservando o assassinio ritual, não era sangrento (não se derramava sangue).

Em Upsália estrangulavam ou enforcavam a vítima.

Nos últimos tempos ofereciam o sacrifício de 9 a 9 anos, no meio do inverno, e ocídia com uma assembléia geral do povo.

Sacrificavam animais e seres humanos. Imolavam 9 indivíduos de cada espécie de ser vivente.

Do ritual, que se praticava em Upsália, faziam parte danças e representações onde entravam sacerdotes-atores, enquanto retinia campanha.

Em volta do templo de Upsália, como nos outros lugares sagrados de Odim, se elevavam árvores que chamavam a atenção pela idade e altura. Algumas vítimas estavam ali permanentemente penduradas.

Os temas religiosos mais importantes dos antigos e, conseqüentemente, o crime ritual, se encontram na idade média, no tarô, onde o enforcado é uma figura bem conhecida:

O enforcado não toca no chão e tem a cabeça inclinada ao chão.

O representam segurando sacos donde caem moedas de ouro e de prata.

A árvore que o suporta tem seis ramos cortados. A casca é azul.

O enforcado está seguro por uma travessa de lenha seca. As pernas desenham uma cruz, enquanto os braços formam um triângulo.

O enforcado está ligado a Perseu, Plutão e Mercúrio.

Uma superstição, muito difundida outrora, é a seguinte: Quando se tem uma corda de enforcado na algebeira se ganha (se tem sorte) em todos os jogos.

Um pedreiro do Orne, no século 19, se enforcou simplesmente com o fim de deixar a corda à família, assim a deixando livre de necessidade.

O fato da corda do enforcado ser considerada, até hoje, um talismã, é a prova de que outrora, na Europa, esteve em uso o enforcamento ritual.

A vítima, o patíbulo e a corda forneciam relíquias muito procuradas. O corpo dos enforcados continha ingredientes mágicos. A gordura servia pra fabricar um linimento que aliviava os membros do reumatismo, e antecipadamente compravam, do carrasco, a mão, que, uma vez dessecada, era a mão-da-glória.

Antes de chegarem ao culto à árvore, como existe na religião de Odim, e como os druidas o praticam também, houve várias espécies de ritos florestais, de

que os semões, povo germânico entre o Elba e o Óder, oferecem um exemplo.

Os semões tinham uma floresta onde se reuniam com o fim de oferecer um sacrifício humano.

Uma espécie de jogo desportivo realçava o pitoresco da cerimônia.

Todos os participantes deviam ter os membros ligados, ao chegarem à floresta (era uma espécie de corrida de saco), e, no caso de caírem, era proibido se levantar, sozinhos ou com a ajuda de alguém. Tinham de voltar a casa rastejando.

Áltis, o bosque sagrado de Zeus, na Élide, ficava próximo a uma planície ornada de templo e de estátua e que se chamava Olímpia, onde se celebravam os jogos com o nome que derivava dali (olimpíadas).

Os galeses tinham um bosque sagrado perto de Marselha.

A ilha de Mona (Anglesey), no País de Gales, importante centro druídico, tinha um bosque sagrado do qual C. Suetônio Paulino mandou abater as árvores.

Esse Paulino era o governador da Grã-Bretanha (59 a 62). Em 61 derrotou os icênios de Norfolque, que chacinaram 70 mil soldados romanos e devastaram Londres. A rainha, Boadicéia, suicidou, e dizem os textos latinos que *os bretões de Boadicéia faziam sacrifício humano a uma deusa no bosque sagrado*.

O VUDU

O vudu do Haiti é um culto popular, cum clero, práticas bem estabelecidas e um panteão. Sobreviveu substituindo o sacrifício humano pelo sacrifício animal. É rico em fenômenos psíquicos (transe), como todos os cultos populares. O encontramos no Brasil, em seitas como a macumba. A antiga feitiçaria européia devia apresentar muitas analogias com o vudu.

O deus vudu é uma cobra não venenosa, encerrada numa pequena caixa cuma clarabóia numa das paredes.

Os membros do vudu têm um grande sacerdote e uma grande sacerdotisa, que também têm os nomes de rei e rainha, senhor e senhora, papá-lei e mamã-lei.

Os fiéis se reúnem num lugar afastado, cuidadosamente fechado. Ao entrarem, calçam sandália e rodeiam o corpo de pano vermelho.

Um lenço vermelho cinge a frente do papá-lei. A mamã-lei tem uma echarpe da mesma cor. Se conservam ambos ao fundo numa sala, junto a um altar, onde está a cobra sagrada.

O papá-lei invoca e responde às perguntas dos fiéis. Depois, colocando no chão a caixa, com a cobra encerrada dentro, manda a mamã-lei subir. A mamã-lei é tomada de tremor convulsivo e profere oráculo.

Colocam o adepto no interior dum grande círculo traçado a carvão. O papá-lei começa por lhe dar um pacote com erva, semente, corno ou ossada. Lhe bate na cabeça cuma espátula de madeira e canta o hino do vudu. A assistência o repete

em coro, e o adepto começa a tremer e a dançar, chegando rapidamente a um estado de excitação que se aproxima do paroxismo.

Nesse estado está numa completa insensibilidade física. Se viu uma mulher jovem se elevar, cum salto, a uma altura de 1,5m, dar meia-volta no ar e tornar a cair, verticalmente, sobre a cabeça, sem se machucar.

O neófito presta juramento sobre a cobra, depois começa a dança do vudu. Basta que o papá-lei toque na caixa onde está a cobra pra que a parte superior do corpo comece a se agitar e a tremer, como se deslocando.

Essa agitação desordenada se transmite, gradualmente, a todos os assistentes, sendo todos arrastados num turbilhão vertiginoso.

A mamã-lei agita os guizos que guarnecem a caixa da cobra. Se ouvem risos, soluços, uivos.

Os menos resistentes acabam caindo, sem sentido. Todos os participantes, dançando e rodopiando, passam a uma sala próxima e na treva, ajudados pela embriaguez e pela promiscuidade, se desenrolam cenas de bacanal.

O vudu dava lugar ao sacrifício dum garoto ou duma mocinha.

Presentemente a vítima é um animal, geralmente um cabrito ou uma cabra, muitas vezes aves de capoeira e algumas vezes um boi.

Os assistentes bebem o sangue ainda quente da vítima, misturado com tafiá.

Cerimônias assim custam a corresponder à idéia que temos da religião, mas temos de nos convencer que todos os cultos começaram em forma ainda mais selvagem, frenética e grosseira e que até nossos antepassados fizeram o mesmo.

OS RITOS EGÍPCIOS

Das cerimônias religiosas egípcias faziam parte libações, fumigações e apresentação de oferenda. Todas essas cerimônias eram dirigidas por um sacerdote.

Entre os sacerdotes havia atores, recitadores, servos, videntes e profetas. O sacerdote encarregado de libação era profeta, o que equivale a dizer que profetizava num estado eufórico vizinho da embriaguez.

O grande mistério da morte e da ressurreição de Osíris começava às 6h da noite, pra terminar no dia seguinte, na mesma hora. Compreendia 24 pequenos dramas completos. No decorrer de todos eles Osíris morria e ressuscitava.

Noutras palavras, o espetáculo recomeçava de hora a hora, sempre com o mesmo tema, e se desenrolava com mitos e fórmulas diferentes.

Mulheres, chorando e soltando o cabelo, salmodiavam litânias que exprimiam sucessivamente a dor e a alegria.

Em hora determinada entrava um cortejo no santuário onde estava Osíris. Eram sacerdotes que representavam Hórus, Anúbis e Tote, cada um levando um instrumento mágico. Por exemplo, uma vareta em forma de serpente.

Os acessórios eram vasos cheios de água fresca e de incenso, boiões com pintura pro rosto e óleo pra unção.

Um sacerdote trazia um vaso cheio de água do Nilo e outro dizia, em fórmulas rituais, que, graças à água do Nilo, um deus morto se transformaria em Ra, quer dizer, no deus originário, o Num.

Osíris, uma vez ressuscitado, subia ao Céu. Queimavam incenso, sempre salmodiando.

O oficiante: O Céu se reúne à Terra.

A grande carpideira: A alegria do Céu desça à Terra. O oficiante: Viva o deus! Prestai homenagem a deus.

A grande carpideira: A alegria do Céu desça sobre a Terra, etc.

Depois de cada fórmula o oficiante ou a grande carpideira batiam num tamboril.

Depois toda a gente salmodiava: A Terra e o Céu estão em alegria e vos regozijai. Nosso Senhor está em sua casa e já não tem medo.

Na segunda hora da noite traziam um segundo vaso de água do Nilo.

No santuário havia um leito onde estava a múmia divina (Osíris), assim como coroa, cetro, arma e incensório de perfume.

Além dos deuses já citados figuravam Xu, pai de Osíris, Gebe, o avô, os filhos de Hórus, Ísis e Néftis, mulher e irmã de Osíris. A múmia divina estava guardada e vigiada.

O deus-sacerdote ficava junto à entrada, pra evitar que os inimigos de Osíris se aproximassem.

O mistério do enterro de Osíris se celebrava em 22 de Tote, depois da ceifa.

Colocavam a estátua de madeira do deus numa barca ligeira com a cabina de madeira de sicômoro e de acácia incrustada de ouro, de prata e de lápis-lazúli. Vestiam Osíris e o adornavam com suas coroas e cetros e se formava uma procissão. Depunham a estátua do deus na margem do Nilo. Um cão, que representava Anúbis ou Sete, o procurava até o encontrar.

Então se travava um combate entre os partidários de Osíris e os partidários do Cão. Os primeiros, que eram invariavelmente os vencedores, instalavam o deus na barca funerária, enquanto a procissão se formava, guiada pelo grande sacerdote.

Se note de passagem:

As cerimônias religiosas dos antigos eram espetáculos como os mistérios da idade média. Os sacerdotes antigos eram atores, dançarinos e cantores. As sacerdotisas, dançarinas.

Os sacerdotes sális dançavam e cantavam dando a volta ao altar de Marte.

As almás dos israelitas (alméias, dançarinas orientais) dançavam o cântico dos cânticos nos lugares santos.

Entre os cristãos da Etiópia, que permaneceram fiéis à tradição, a maior parte

das cerimônias religiosas consistia em salmodia acompanhada de tambor e de sistro.

ÁTIS

Os povos da Ásia menor tinham um deus cujo culto tem semelhanças com o culto de Jesus e que, conforme os lugares, usa o nome de Tamuz, Adônís ou Átis.

Na Mesopotâmia Tamuz morre e desce aos infernos, onde fica prisioneiro duma deusa. Outra deusa, Istar, tenta o libertar.

Na Síria Adônís é castrado por um javali. Da ferida corre um rio de sangue.

Na Frígia Átis se castra, morrendo disso. Seu sangue se derrama todo sob um pinheiro.

Os camponeses da Anatólia celebravam, no alto do monte Ida, onde crescia pinheiro, o culto a Átis e a Cibele.

A deusa, levada num carro, lamentava a morte de Átis e os fiéis a escoltavam, gritando, acompanhados com flauta, tamboril, castanholas e tímpano de cobre.

No princípio de nossa era, se celebrava em Antioquia a morte e a ressurreição do deus Tamuz, na encenação seguinte:

Tamuz sofrer uma morte cruel da qual ressuscita pra subir ao céu.

No dia de sua morte arranjam um boneco pro funeral. O manequim era lavado e unguento.

No dia seguinte festejavam a ressurreição com grande regozijo.

A ascensão, na presença dos fiéis, era o ato final da festa.

Em Roma, no tempo do imperador Cláudio (ano -10 até 51), esposo de Messalina e de Agripina, as festas de Átis tinham lugar de 15 a 27 de março.

Em 15 um cortejo onde transportavam uma árvore, comemorava a descoberta de Átis, abandonado quando criança na margem do Sangário, na Frígia.

Em 22 derrubavam um pinheiro, onde pregavam uma imagem do deus. Depois transportavam a árvore ao templo do Palatino. Envolviam o pinheiro, como um cadáver, em faixa de lã, com grinalda de violeta.

O dia seguinte era um dia de tristeza. Os fiéis jejuavam e se ouvia lamento ao pé do pinheiro.

Em 24 de março um sacerdote, personificando Átis, fazia jorrar sangue dum braço. Era o dia em que os habitantes do País de Gales se flagelavam, se punindo com mortificação até sangrar, enquanto os neófitos, no cúmulo do frenesi, sacrificavam a virilidade se servindo duma pedra cortante.

Durante toda a noite o sepulcro de Átis estava iluminado interiormente, pra mostrar que estava vazio. Sacerdotes se dirigiam até lá.

Era uma noite de velada na qual continuavam as lamentações fúnebres pelo deus morto.

Em 25 o sacerdote proclamava a ressurreição esperada. Era o dia das hilárias. Se passava da tristeza a uma alegria delirante. Se festejava a ressurreição do deus cum banquete, batismo e uma promoção de iniciado.

Depois de 24h de descanso a festa terminava, em 27 de março, cum procissão do clero, autoridades, soldados, músicos e uma imensa multidão.

Cibeles não ficava esquecida. Levavam sua estátua de prata, num carro, ao regato de Almo, onde a banhavam.

O santuário de Átis se elevava na colina do Vaticano, onde se construiu a igreja de São Pedro de Roma.

O culto a Cibele e a Átis continuou durante vários séculos depois do aparecimento do cristianismo.

No século 4 o carro da deusa era puxado por bois, e transportavam o pinheiro sagrado nas festas da primavera. Os lenhadores, que cortavam a árvore divina, tinham a seu cargo, quando havia incêndio, derrubar as traves das casas em chama.

Cibele, sentada num trono sobre o carro, ao som duma música excitante, era conduzida por sacerdotes de veste cintilante, sobrecarregados de amuleto, precedidos dos iniciados e de membros das confrarias, de pés descalços, com suas insígnias.

Em Sevilha, na época cristã, se celebravam as festas de Adônis, transportando num carro a estátua da deusa Salambô. Ao redor dançavam mulheres e outras faziam o peditório.

A grande procissão, que os fiéis acompanhavam descalços, terminava quando se lançavam a um poço sagrado bonecos representando Adônis morto.

A CRUZ

A cruz, como instrumento de suplício, tomou o lugar da árvore e, na origem, se confundiram.

A *suspensão no madeiro*, de qual se fala na Bíblia, consiste tanto em expor na cruz como em pendurar numa árvore até que o morto se esvaia. Em grego a palavra *pendurado* (enforcado) se emprega muitas vezes pra designar um crucificado. Este suplício, que não é uma tortura, não é sangrento. A vítima é *exposta*. A exposição não tinha o caráter infamante que depois tomou. A vítima exposta, no tempo antigo, tem caráter divino.

A cruz foi usada em Babilônia, pelos persas, fenícios, cartagineses e gauleses. Em Roma era um gênero de morte reservado aos escravos e aos criminosos de condição inferior.

A cruz não era muito alta. Os pés da vítima se apoiavam numa saliência. Não os pregavam. Ligavam os braços geralmente à travessa, e às vezes cravavam um pequeno prego nas palmas da mão, o que não provocava grande ferimento.

Uma cavilha, que passava entre as pernas e se metia no poste, segurava o corpo.

Havia um costume que mandava que com a principal vítima fossem mortas outras ao lado.

O culto ao crucifixo substituiu o culto à árvore. Mas a cruz é algo mais que um instrumento de suplício.

No país dos casias, nas margens do Bramaputra, na Índia, há muitas pedras erguidas, sempre acompanhadas dum banco horizontal (mesa, altar).

A pedra levantada e o altar de sacrifício formam uma cruz, o que explica que a cruz anuncia e simboliza um lugar de culto.

A pedra levantada, ou obelisco, a estaca sagrada, o mastro, etc., indicam, em todo o mundo, a presença dum lugar de culto.

O que inicialmente distinguia as igrejas cristãs dos edifícios correntes era a presença dum mastro que, mais tarde, se incorporou ao edifício e se tornou a torre, o campanário.

Só tardiamente a cruz entrou no cristianismo, do qual se tornou o emblema.

O CADÁVER COM ODOR DE SANTIDADE

Em nenhuma parte o culto ao cadáver é mais impressionante que na história póstuma dessa religiosa do século 15 de quem só ficou o primeiro nome, Catarina.

Faleceu em 1463, num convento de Bolonha, com a idade de 40 anos. Então, *seu rosto se tornou florescente de beleza e a pele delicada como a duma criança.*

Mas comecemos no princípio. A enterraram sem caixão. As duas irmãs que estavam ao pé da cova estenderam um pano sobre o rosto e depois uma tábua, tão desastrosamente que a terra caiu sobre o rosto e o corpo.

Imediatamente aconteceram milagres. Houve doentes que recuperaram a saúde. As irmãs se arrependeram de terem enterrado Catarina sem caixão e a sepultura foi aberta oito dias depois do enterro.

Encontraram o rosto machucado e desfigurado pela tábua, mas retomou imediatamente a forma natural. A defunta se tornou branca e bela e deitava um cheiro delicioso, tanto a almíscar quanto a violeta e a cravo ou aos perfumes mais requintados. Um odor que de vez em quando se extinguiu. Não era contínuo. O corpo tinha sangue na cabeça, na garganta, nas pernas e nos pés, onde estivera em contato com a tábua.

Catarina de Bolonha, de branca que estava anteriormente, começou a ficar vermelha e escorria nos membros um suor perfumado. Tão depressa estava incandescente como uma brasa, como empalidecia e destilava um líquido límpido como a água ou como água misturada com sangue.

A notícia tendo se espalhado em Bolonha, doutor Marcanova inspecionou o corpo, acompanhado por um grupo de eclesiásticos e médicos.

O bispo afirmou que vira ao menos 300 corpos em estado de santidade mas nenhum lhe tinha parecido tão belo quanto o de Catarina. Permitiu que a expusessem à veneração dos fiéis durante 7 dias, à grade do coro. E toda a gente a pôde ver, cor-de-rosa, ou mudando de cor de vez em quando.

O bispo mandou construir um monumento em forma de altar pra ali pôr a urna, que fecharam com duas chaves, dando uma ao confessor e ficando a outra no convento. Na sexta-feira seguinte o corpo foi visitado. Estava coberto dum suor que, ao secar, espalhava um odor delicioso. Se soltou um pedaço de pele dos pés, donde começou logo a correr sangue. Os olhos pareceram se enterrar nas órbitas, quase que não se viam.

Fecharam a urna, que tornaram a abrir na noite de Páscoa. Um dos olhos estava aberto e muito belo. Três meses depois da morte derramou sangue no nariz duas vezes.

Toda a Itália correu a Bolonha pra ver Catarina. A colocaram numa capela particular, sentada numa cadeira de braço, ricamente vestida e com as mãos nos joelhos.

Parecia uma pessoa viva mas as partes expostas ao ar foram escurecendo pouco a pouco.

O DIA DO SANGUE

O islamismo, a última das grandes religiões a aparecer, não tinha cerimônia como as de Átis, de Osíris ou do cristianismo. Os santos do islamismo não têm estátua nas mesquitas mas seus túmulos são lugares de peregrinação. A comemoração do assassinio de Ali e de seus filhos pelos chiitas dá lugar a manifestações que fazem recordar o culto a Átis.

Ali, esposo de Fátima, filha de Maomé, teve dela dois filhos, Hussém e Hassã.

Mohawijah mandou matar, por seus soldados, Ali, que era seu concorrente ao califado, na mesquita de Cufa. Os filhos de Ali, Hussém e Hassã, foram chacinados com as famílias e 72 partidários, em Querbela, no Iraque atual, que era então um deserto. Surgiu uma cidade em volta dos túmulos de Hussém, o mais venerado dos três, de Hassã e de Ali. Depois os chiitas persas quiseram se fazer imolar em Querbela, cuja mesquita se tornou uma das mais ricas do islã.

A comemoração do triplo assassinio se realiza a 10 de *moharren*, o primeiro mês do ano muçulmano (17 de julho). Dá lugar a procissões, chamadas *tazieh* (mistérios), que se realizam em Teerã e em Constantinopla, sendo Ali, Hussém, Hassã, suas esposas e filhos representados por atores.

Um cavalo leva um palanquim, que simboliza a tenda onde Hussém foi morto com a família. Através de reposteiros azuis e negros, se entrevê uma mulher jovem e crianças pequenas. Cavaleiros vestidos de negro marcham ao lado, atirando ao ar punhado de palha branca.

Cobrem outro cavalo cuma gualdrapa branca com manchas vermelhas, que são as gotas de sangue. Duas pombas, as pontas das asas tingidas de vermelho, esvoaçam sobre a sela ao lado de duas longas flechas de ouro. São as almas de Hussém e de Hassã.

Em seguida vêm persas, que batem no peito nu com o punho, gritando cuma voz cavernosa: Hussém... Hassã... Depois, homens vestindo blusa bordada com letras brancas, com as costas nuas até a cintura, seguram com ambas as mãos longas cadeias de ferro que fazem cair cadenciadamente sobre a espinha nua, se ouvindo soar as pancadas ao ritmo dos címbalos.

Nalguns lugares o cortejo se compõe de homens vestidos com longa túnica e de cabeça descoberta. Caminham se agarrando todos com uma mão na cintura do que vai na frente, enquanto, com a outra mão, brandem um canjar,^{17} com o qual batem na testa. O sangue jorra das feridas, cobre os rostos, corre nas blusas até o chão.

A horda uiva. O sangue coagula nas túnicas brancas, ao clarão dos archotes.

Em todos os antigos cultos há rito do sangue. Nas cerimônias arcaicas o sangue das vítimas, sejam humanas ou animais, serve pra aspergir o altar, um objeto sagrado ou até os fiéis.

Mais tarde, nas principais religiões, a comemoração dum acontecimento sangrento, que tanto imaginário quanto histórico, serviu de pretexto pra continuação do rito de sangue, que se tornou o dia do sangue.

Os romanos tinham um *dies sanguinis*.

A Sexta-Feira Santa é o dia do sangue cristão. Os cortejos de penitentes devem se ter assemelhado às procissões de Teerã e de Constantinopla.

A cerimônia do tapete, celebrada outrora no Cairo, é um *dia do sangue*.

O xeque aparece montado num cavalo que só sai da cavalaria nesse dia do ano. Imediatamente os crentes se prosternam, se deitando de barriga a baixo e formando um tapete humano, com várias centenas de metros de comprimento.

O xeque lança o cavalo a galope sobre toda a extensão daquele tapete vivo, partindo braços e pernas, se dando mesmo o caso de quebrar espinha dorsal e esmagar cabeça. Os fiéis gritam de fanático entusiasmo.

Depois da cerimônia os estropiados se levantam. Se diz que a recompensa, aos mortos, é ir direto ao paraíso de Maomé.

A grande procissão Jaganata^{18} se realiza todos os anos na Índia em 5 de agosto.

Em 1847, quando o gigantesco carro do ídolo saíria, cinco exaltados se postaram junto do pagode de Báli, sem que algo fizesse suspeitar de seu projeto, e se precipitaram sob as rodas, invocando Visnu, e foram esmagados no mesmo lugar.

Diante disso o entusiasmo da multidão chegou a tal estado de excitação que sem a intervenção dos agentes da autoridade o carro esmagaria uma centena de

vítimas durante o percurso.

Então os ingleses ameaçaram proibir a procissão, se acontecessem novos suicídios.

Capítulo 9

A GUERRA RITUAL

A finalidade das guerras primitivas era arranjar vítima pra sacrifício. A caça às cabeças era uma forma de assassinio ritual. O prisioneiro, poupado quando prestava serviço, virou o escravo. A escravidão substituiu a imolação. O escravo, e depois o servo, conservaram, no entanto, algo de seu antigo caráter sagrado de vítima, o que explica os costumes da liberdade de dezembro.

A CAÇA ÀS CABEÇAS

No caso de Tiquenu veremos a imolação do homem substituída pela incineração duma parte da cabeleira.

O punhado de cabelo, do mesmo modo que o escalpo é um substituto da cabeça cortada.

Foi assinalado o costume dos guerreiros rasparem a cabeça, deixando uma mecha de cabelo na parte de cima, entre os hati, na Síria, no milênio -1, nos suevos, nos germanos do século 3, nos samurais (Japão feudal) e nalgumas tribos do tempo moderno.

Queimam a roupa de baixo do guerreiro vencido, o que substitui o sacrifício humano. Mais tarde o vencedor a guarda como troféu. Quanto ao prisioneiro, em vez do imolarem ao deus, lhe raspam a cabeça, que é o sinal de escravidão, de renúncia à atividade guerreira. Antes de 1914 um rosto glabro caracterizava as profissões servis.

Consequentemente a tonsura, que se impõe o sacerdócio virgem ou castrado, representa o impulso espiritual em detrimento da combatividade.

O crescimento de pêlo nunca acaba. Assim o cabelo se tornou o símbolo da irradiação espiritual, do eflúvio manásico. Como tal, o cabelo do sacerdote encerra um poder mágico perigoso e é sujeito a um tratamento ritual. Enterravam as aparas de cabelo que cortavam ao flâmine romano junto a uma árvore sagrada.

Algumas tribos da Índia, Assã e Birmânia atribuíam um caráter sagrado ao cabelo. Consideravam a cabeça a sede do mana. A cabeleira, que substituiu a cabeça, estava impregnada de mana.

Quando um naga morria longe de sua aldeia os companheiros traziam a cabeleira e a fixavam na cabeça duma estátua de madeira, que enterravam com o cerimonial usual.

Eis alguns usos dos caçadores de cabeça da Índia:

Os bils penduravam nas árvores da aldeia a cabeça dos inimigos, que matavam.

A palavra persa *sarparra* (cortadores de cabeça) designava um clã dos brauis.

Os nagas associavam os menires (pedras longas) e os dolmens (mesas de pedra), as figueiras e os eufórbios, com sua seiva leitosa, à caça à cabeça.

O fato de cortar uma cabeça estava frequentemente ligado a tabus referentes à alimentação, cuidados de limpeza (lavar das mãos), casamento, sementeira, etc.

Os cafires do norte da Índia, isolados num país atrasado, conservavam ainda no século 19 os costumes dos arianos, que invadiram a Índia cerca do século -15. Eram caçadores de cabeça. O cafir que entrasse na aldeia com uma cabeça cortada era festejado com uma aspersão de semente. Entre os estranhos costumes dos cafires, que se serviam de vasos de madeira dum modelo escandinavo e tripeças de tipo grego, um consistia em tirar o coração e o fígado do morto antes de o queimar num altar, comendo a cinza.

Os condes, grupo do norte da Índia, onde os caçadores de cabeça usavam extraordinários toucados de pluma de cores resplandecentes, encarniadamente resistiram aos ingleses, pra conservar seus costumes. Algumas famílias condes tinham o dever hereditário de fornecer os meriá (vítima ritual). Em 1882 se revoltaram contra os ingleses e fizeram circular, como sinal da revolta, dedos cortados e cabelo.

Mexicanos, mongóis e tártaros edificavam arcos de triunfo com troncos de árvore ligados por varas compridas, onde enfiavam, nas fontes, cabeças humanas cortadas de fresco.

Na China, séculos antes de nossa era, o senhor feudal que matava um indivíduo se tornava o proprietário de seu nome, com a condição de lhe enterrar a cabeça embaixo da porta.

Os gauleses, quando da conquista romana, cortavam a cabeça dos inimigos mortos e a prendiam ao pescoço dos cavalos, depois as pregavam às portas das casas. Conservavam as dos chefes inimigos em óleo de cedro, o que lhes causava orgulho.

Em -216 colocaram a cabeça do cônsul romano Postúmio no templo dos bosques cisalpinos.

Os germanos cortavam a cabeça, como troféu. No ano 9, depois duma derrota romana, pregaram cabeças às árvores na floresta de Tentbergue. O guerreiro franco expunha a cabeça do inimigo no cimo duma estaca. Se alguém a levasse seria punido com multa.

No século 19 os turcos, durante a guerra da Criméia, e os árabes, na conquista da Argélia, cortavam a cabeça dos inimigos desarmados, mortos ou vivos.

Um missionário, padre O. Michel, recebeu a confidência dum jovem indígena da aldeia de Bontoque, Filipinas. Foi um documento revelador do estado de espírito dum caçador de cabeça:

Frequentemente ficávamos em emboscada. A sorte só nos favorecia depois de muitos dias de espera em vão. Éramos cinco, escondidos havia muitas horas, e o

Sol começava a descer quando um reparou em três homens, que pareciam vir de Bituagã, andando uns atrás dos outros, todos de lança na mão.

Quando chegaram perto de nosso esconderijo, escolhi o último e, como movido por uma mola, me atirei a ele e enterrei minha lança no meio do peito.

Sem perder tempo, saltei ao matagal, no outro lado do caminho, temendo que os outros me perseguissem, mas já fugiam a toda a pressa. Depois voltei, a um sinal de meus companheiros, e cortei a cabeça da vítima, Era minha primeira cabeça.

Então voamos todos numa corrida a Bontoque. Ao chegarmos à aldeia lançamos o canto de vitória. Fui rapidamente levar a cabeça cortada ao ato (templo). Ficou num cesto oblongo preso a um pilar, no pátio, e toda a aldeia se reuniu uns momentos.

Uma européia que deu a volta ao mundo, no século 19, Ida Pfeiffer, recebeu hospitalidade numa tribo daiaque.

Pra lhe serem agradáveis, os indígenas colocaram uma cabeça cortada de fresco sobre a cama.

Ida Pfeiffer conservou boa recordação:

Os daiaques são honestos, bons e reservados. Levam uma vida patriarcal, gostam dos filhos e respeitam os velhos. Têm uma boa moral, costumes puros, melhores que os dos malaios.

Os daiaques ficam em emboscada e esperam dias inteiros. Se um homem, mulher ou criança passa a seu alcance, atiram uma flecha envenenada. Separam a cabeça do tronco, com único golpe, a e colocam num pequeno cesto, destinado a esse fim e ornado de cabelo humano.

A tribo da qual mataram um dos membros se arma e só se desarma depois de exercer represália. Trazem as cabeças cortadas em triunfo e as penduram num lugar de honra, o que dá lugar a festa que dura um mês.

Amboíno, ilha vizinha de Java, era habitada por montanheses sobre os quais Stavorinus diz o seguinte: Os homens não podem desposar uma mulher enquanto não trouxerem a cabeça dum inimigo que tenham abatido. Pra isso se dirigem, em bando, a uma aldeia afastada e esperam, encobertos pelos ramos das árvores, o momento propício pra surpreender alguém. Rápidos como tigre, lançam um dardo às costas, depois cortam a cabeça.

Antes de construir um novo templo têm de trazer algumas cabeças de homens. Usam em volta do pescoço e nos braços tantas conchas brancas quantas cabeças humanas cortaram.

Esses cortadores de cabeças, os alfurus, eram altos, robustos e bastante claros.

Algumas tribos índias do Amazonas têm diversos processos pra mumificar as cabeças cortadas que trazem das expedições. O explorador Roger Courteville viu um bando de guerreiros surpreender uma aldeia, fazer uns quinze mortos ou feridos, aos quais cortavam a cabeça com conchas aguçadas e lançar os corpos

decapitados a dentro de cabanas às quais incendiavam. Os verdadeiros primitivos não se importam com a eficiência, muito menos com a estatística. Não procuram bater recorde. Se sabe duma tribo índia que empreendeu uma longa expedição pra trazer um escalpo.

Ao contrário, são terrivelmente agarrados a suas armas tradicionais. Antes da colonização da Nova Caledônia os canacas tinham quatro espécies de arma: Cacete, machado, azagaia e físga. A seus olhos deve ser sacrilégio modificar, seja no que for, o aspecto, os materiais ou o modo de fabricar essas armas.

Polir do cacete exigia meses e mesmo anos de trabalho. Havia o cacete de paz, apenas utilizado nos pilus, um cacete reservado aos feiticeiros pra imolar as vítimas, etc.

Outro guerreiro primitivo, o tугue, usava como única arma um cordão e não podia conceber que a trocasse por outra.

Nos povos que não sofreram influência da civilização cristã se encontram tabus e regras de conduta que espantam os europeus. Eis alguns exemplos:

O assassinio puro e simples, perpetrado a traição, dá um benefício moral ao assassino. Nalgumas tribos o guerreiro que matava se tornava tabu e ninguém tinha o direito de o tocar.

O explorador Soleillet, que viajou na Etiópia em 1880, disse que ali qualquer assassinio dava direito a uma distinção honorífica, uma pluma branca, bracelete, brinco e, se tratando de inimigos mortos na guerra, cabelo trançado.

Nas tribos germânicas, só concediam o título de guerreiro a um jovem depois de matar o primeiro inimigo em combate. Então tinha o direito de cortar o cabelo e a barba, sobre os despojos do morto, ou então, noutros casos, de tirar o anel de ferro, símbolo de escravidão, que lhe puseram na puberdade.

Os búlgaros do século 5 (vindos das margens do Volga, donde vem seu nome) tinham fama de ferocidade. Reina a igualdade entre eles. Pra obter um título é preciso matar um inimigo.

No leste africano homem, pra ter o direito de se casar, tinha de usar, como amuleto, os órgãos sexuais dessecados de cinco inimigos mortos por si. Quem não tivesse dado prova de coragem era indigno de se casar.

A FESTA

As expedições guerreiras dos primitivos tinham o fim de conseguir vencedor, de cabeça cortada ou de vítima, pruma cerimônia a que daremos o nome de *festa*.

É uma festa religiosa e uma orgia. Comporta sacrifício, libação, dança. É um ajuntamento popular. Na festa sul-americana há procissão e pequena capela, círio e imagem devota.

Os astecas só anexavam um território com o fim de ir buscar vítima, quando

os sacerdotes diziam que os deuses tinham fome.

Na África não havia festa sem prisioneiro e sacrifício.

Ao ver os primitivos terem tanto trabalho pra arranjar cabeça ou vítima, se disse que sua razão de viver era a caça à cabeça. Não era bem isso. Sua razão de viver era a festa.

Mas era indispensável haver uma cabeça ou uma vítima pra que se realizasse a festa.

A sequência da confissão do jovem cortador de cabeça filipino, feita ao padre O. Michel, mostra como uma cabeça desencadeia uma longa série de festa. Uma vez exposta no templo da aldeia a cabeça sangrenta começa a festa.

Se matou um grande cão. Enquanto os jovens dançavam ao ritmo dos gongos os velhos comiam a melhor parte.

Na manhã do dia seguinte os velhos levaram a cabeça à beira do rio e acenderam uma grande fogueira. Os guerreiros dançaram em redor durante uma hora, depois se lavou a cabeça ensanguentada, a segurando no cabelo enquanto a mergulhavam várias vezes no rio.

O cortejo voltou em seguida ao templo, onde arrancaram o maxilar inferior, que puseram a cozer pra tirar a carne, e que ficou a ser minha propriedade pessoal, fazendo com ela um punho pra meu gongo.

Na noite enterraram a cabeça sob as grandes pedras do ato e recomeçaram as danças rituais. Eu trazia o machado de combate, ainda vermelho do sangue de minha vítima, preso à cintura. Era o herói da festa.

Estávamos todos animados por uma alegria guerreira que fazia ferver o sangue de nossos antepassados. Foi um mês alegre. Se sacrificou uma porção de porco, búfalo, galinha e cão. As mulheres moíam arroz, celebrando com canto o herói, que era eu, e evocando as vitórias de outrora.

Como ainda não estava tatuado, me imprimiram no corpo a marca indelével de minha coragem e a recordação de minha primeira ação guerreira. Foi uma operação dolorosa mas nem dei por isso, na sobreexcitação do canto, dança e contínua festa.

O explorador Roger Courteville descreveu uma festa noturna, que se sucedeu a uma expedição de caça à cabeça, numa tribo do Amazonas. Os índios sujeitam as cabeças a um tratamento que as reduz ao tamanho dum punho. Começam dispendo as cabeças em círculo, em volta do feiticeiro, que executa uma interminável dança. Toda a tribo participa nas operações, à claridade dos braseiros. Por mais desagradável que seja o objetivo, nos dá um maravilhoso exemplo do trabalho rítmico dos primitivos, do qual falou Rudolf Kassner.

O explorador Pierre Ivanoff assistiu a festa dos cortadores de cabeça de Bornéu:

Depois de pendurarem solenemente a cabeça na grande galeria da casa coletiva (o templo), começa a festa. No dia dançam em volta da árvore sagrada.

Na noite a dança tribal arrasta todos os habitantes da aldeia, mesmo as crianças, numa imensa e monótona roda.

Os primitivos têm festa e os civilizados dão espetáculo.

Estrabão contou que romanos ricos, que se tornaram proprietários das planícies da Sicília, se dedicaram à criação de cavalo, boi e ovelha e levaram até lá seus escravos. Muitos desertaram, formando bandos de salteadores que saquearam as cidades.

Um escravo desertor, chamado Seluro, se tornou assim o chefe dum verdadeiro exército. O chamavam o filho do Etna porque percorria as encostas dessa montanha. Finalmente foi preso e como suplício levantaram no circo um grande andaime, muito alto, que representava o Etna, e o colocaram cimo.

Imediatamente o andaime desmoronou, o precipitando no meio dos animais ferozes que estavam na pista.

Essa execução, que é um espetáculo, substituiu a festa dos primitivos.

Na idade média se reservava a execução dos criminosos pros dias de festa. Era um espetáculo.

Os autos-de-fé da Inquisição aconteciam na ocasião da subida ao trono dum soberano, do nascimento dum príncipe ou dum aniversário memorável.

A cerimônia começava cum a cavalgada, um mês antes do auto-de-fé. Ergiam um teatro, três anfiteatros, tribunas pros juizes e púlpitos pros pregadores, um dossel pro grande-inquisidor, um camarote pro rei e a corte, bancos pro povo e jaulas pràs vítimas.

A procissão era formada pelos carvoeiros, pois forneciam lenha prà fogueira, os monges, os senhores, os penitentes, os condenados (os que não eram queimados), as estátuas de cartão das vítimas que morreram antes de ser julgadas (cujos ossos eram levados em cofre), sem falar dos estandartes nem dos condenados à fogueira (na roupa dos quais pintavam diabos e chamas), que levavam um boné de cartão.

Outra execução espetacular foi a duma rainha chinesa do século 16, da qual Mendes Pinto deixou a descrição:

Cenário: 20 forcas da mesma altura e um catafalco sobre um pedestal, tendo na parte de cima um dossel, rodeado dum gradeado de liana, prà rainha.

Cortejo: 2 elefantes, cavaleiros de lança na mão, soldados a pé, 60 sacerdotes, 300 crianças nuas até a cintura, com a corda ao pescoço, levando cada uma um círio, uma retaguarda de soldados e de elefantes e no centro as vítimas, 140 mulheres, precedendo a filha do rei de Pegu com seus quatro filhos. A rainha, Nhay Canato, filha do rei de Pegu, era a esposa do rei Chaubainha, que se revoltara contra o suserano.

A tradição da vítima ritual e da festa se perpetuou nos combates rituais, que são pequenas batalhas travadas no decorrer de festas na ocasião da cerimônia.

Na associação de operários os associados se provocavam com cantos rituais e

levavam a cabo duelos assassinos e contendas sangrentas. Era o remate de festas em que se reuniam pra beber e doutras cerimônias corporativas.

Autum, na Borgonha, festejava são Lázaro em 29 de julho. Os cônegos, paramentados com a sotaina, sobrepeliz, com a murça e levando um grande ramo, montavam a cavalo, com uma escolta de burgueses armados de espingarda. Precedia a cavalgada um cavaleiro cuma lança na mão.

A procissão dava a volta a Autum e voltava à praça da câmara municipal, onde construíram um forte com faxina e gabião.^[19] Um bando de burgueses defendia o forte.

Os cônegos e os partidários subiam assaltar o forte. Se trocavam tiros de espingarda. Os cônegos eram repelidos. A batalha chegava ao auge.

Às 7h da tarde os sitiados arvoravam a bandeira branca e se rendiam. Os assaltantes entravam numa brecha, demoliam o forte e faziam uma grande fogueira com o destroço.

A partir desse momento os cônegos se tornavam senhores da cidade durante três dias e recebiam, durante esse tempo, todos os direitos senhoriais, a quinta ou a quarta parte do objeto vendido. Durante esses três dias os cônegos usufruíam todas as prerrogativas ligadas a seu domínio senhorial.

Essa festa, que todos os anos atraía muitos curiosos a Autum, foi abolida pouco tempo antes da revolução.

No fim de dezembro de 1971, na província de Natal, África do Sul, se efetuou um combate tribal na ocasião das festas de Natal, onde participaram 200 guerreiros negros armados de machado de guerra e de lança.

Esse combate tribal, mais violento que os dos anos anteriores, causou 13 vítimas na aldeia de Unzinto, a sul de Durbã.

O HOLOCAUSTO

Os primeiros empreendimentos guerreiros importantes tiveram o fim de aniquilar tribo ou grupos de tribo.

Depois duma batalha, o chefe vitorioso edificava um enorme altar de terra, o túmulo onde sacrificava uma parte dos prisioneiros, comendo os guerreiros a carne, ritualmente.

No século 18 os maoris de Nova Zelândia comiam os cadáveres dos vencidos, mesmo no campo de batalha. Diziam que os mortos eram o alimento dos deuses. Os comer era uma forma dos oferecer.

Em seguida submetiam as cabeças a uma preparação especial antes das enviarem aos lugares consagrados.

Essa cerimônia era acompanhada de dança e canto. Foi nessa circunstância que se entoaram os primeiros poemas épicos da humanidade, os hinos mais antigos.

Nesse tempo distante os guerreiros nunca consentiriam combater por conta dum senhor. Os conquistadores, portanto, conservavam apenas as mulheres e as crianças, de quem nada tinham a temer e que formaram as primeiras gerações de escravo.

Todavia nem todos os prisioneiros eram sacrificados. A alguns estropiavam, o que os tornava inofensivos. Vazavam os olhos ou cortavam uma mão, e assim se tornavam instrumentos passivos e dóceis que o vencedor utilizava a sua vontade. Essas mutilações, realizadas sobre os túmulos, também se consideravam sacrifício oferecido aos deuses.

Os antigos não mutilavam simplesmente os prisioneiros.

Marcel Granel disse que nobres senhores guardavam as portas das cidades, na China, e que, pra melhor se manter no posto eram cortados os pés.

No que diz respeito aos prisioneiros, a castração e o escalpo são vestígios das mutilações que sofreram antigamente.

Raspar a cabeça, substituto anódino do escalpo, foi o frequente castigo das mulheres que infringiam os tabus sexuais. Como tal o vimos tornar a aparecer na Europa, em 1945.

Os primeiros guerreiros que conservaram os prisioneiros, pra fazer deles escravos, não pensavam que realizavam um ato de humanidade. Antes pesava na consciência agir assim, privando os deuses de vítimas que lhes pertenciam.

Os reis de Assur, de -1314 a -625, se glorificavam nas tabuinhas, de incendiar cidade e aterrorizar população, esfolar e decapitar os prisioneiros e de edificar pirâmide de cabeça cortada ou túmulo de cadáver.

O reino de Urarto, em volta do lago de Vã, Ásia Menor, tinha uma civilização requintada, mas o intervalo entre dois terraços dum templo estava cheio de ossada humana sem cabeça. Eram prisioneiros decapitados, sacrificados ao deus Hâldis (século -8).

Políbio, historiador grego das guerras de Roma contra Cartago (-264), contou:

Senhores das muralhas, os romanos se apressaram às percorrer e no caminho precipitavam todos os inimigos que encontravam. Chegados à porta desceram pra quebrar os gonzos. Assim que Públio, o chefe, julgou suficiente o número de homens introduzidos na cidade, enviou, segundo o costume, a maior parte contra os sitiados, com a ordem de matarem todas as pessoas que aparecessem, sem poupar alguém, e de aguardar apenas determinado sinal pra se entregarem à pilhagem. O extermínio foi um uso que os romanos adotaram. Por isso se via, frequentemente, nas cidades das quais se apoderavam, não só homens degolados mas cães despedaçados.

Em -355, após uma vitória sobre os romanos, os etruscos degolaram 358 prisioneiros.

Quatro anos depois os romanos chacinaram a população da Tarquinia, exceto 258 nobres, que conduziram a Roma, pra ali serem decapitados depois de

chicoteados.

Em 405, no fim da guerra do Peloponeso, os espartanos chacinaram 4000 prisioneiros atenienses.

Os etruscos, não hesitando em se sacrificar, ofereciam sacrifício humano aos deuses. Se vêem, nos baixos-relevos de seus túmulos, homens nus trespassando vítima a espadeirada, enforcamento, tortura por fogo e outros suplícios.

Os citas sacrificavam a centésima parte dos prisioneiros de guerra. Bebiam o sangue do primeiro inimigo que matavam e, antes de o escalar, apresentavam ao rei a cabeça de todos os inimigos caídos sob suas armas. Guardavam o crânio e usavam como taça pra beber nos festins.

Os hérulos do século vi sacrificavam todos os prisioneiros e diziam que os monges eram as vítimas preferidas das divindades.

Na Ásia e na África a única atividade de muitas tribos fora a razia (sangue). A existência dos cavaleiros turcomanos se passava em pilhagem, rapto e emboscada. Levavam os prisioneiros aos caravançarás, cujos proprietários faziam o tráfico de escravo.

Em Bocara e em Quiva se celebrava todos os anos uma cerimônia religiosa que consistia em chacinar os escravos que não encontraram comprador durante o ano entre todos os que passaram nas caravanas.

Às vezes a própria razia era uma manifestação religiosa. Os maratas celebravam uma festa na primavera, realizando em data fixa uma expedição de pilhagem, razia.

A festa indiana de Dasera tinha fama por ser propícia às expedições de pilhagem.

AS CONFRARIAS

As confrarias das quais trataremos são as antigas polícias de estado através do conselho dos dez e da Santa-Veme.

Vivendo à margem da sociedade, fora da lei, marcados por uma espécie de selo sagrado, tanto justiceiros quanto guerreiros de choque, se pode ver nos membros das confrarias uma geração de assassinos rituais. No tempo antigo foram também dançarinos e sacerdotes.

Os sicários, os zelotas, os assassinos, os tugues, os arreóis têm pontos comuns entre si.

Os arreóis polinésios se assemelhavam muito aos curetes gregos, guerreiros que participavam nas cerimônias religiosas e impressionavam a assistência com danças sagradas e evoluções tumultuosas executadas ao som de flauta, tambor, de címbalo e do tinir das armas, com o acompanhamento de gritos estridentes.

Os coribantes, cabiros, dátulos, ideus, telchines designam confrarias similares de entusiastas. O nome *coribante* vem do especial movimento de cabeça com o

qual os dançarinos acompanham os passos de dança. Se encontra o coribante em coro e pregão.

Os cabiros tinham uma iniciação. O adepto, depois das provas, presidia a uma orgia noturna, sentado num trono, rodeado de tochas e coroado cum ramo de oliveira e cum cinto de púrpura. Os outros cabiros dançavam em volta.

Num túmulo de Torslunda (Suécia), encontraram representações de guerreiros mascarados executando a dança ritual das armas.

Bouganville falou dos alfurus das Molucas, que não querem as bugigangas que os europeus dão ou vendem em troca da liberdade, e que têm como prazer favorito uma espécie de dança guerreira na qual manifestam extraordinária destreza.

Em Miranda, Portugal, a dança dos pauliteiros, executada com paus, lembra a dança das espadas.

Havia entre os chates, tribo do estado do Hesse, uma confraria guerreira, que lembrava, ao mesmo tempo, os bersegues ^[20] escandinavos, os curetes gregos e os arreóis da Polinésia.

Tácito disse o seguinte sobre eles: Têm o hábito de pintalgar o corpo de branco, formando assim uma primeira linha, durante o combate, pra chamar a atenção do inimigo.

Eram tropas de elite mas tinham um caráter religioso porque, acrescentou Tácito, com nada se preocupavam, nada possuíam, sendo albergados e alimentados pelos outros.

Era o caso dos arreóis da Polinésia.

Tácito localizou entre o Óder e o Vístula uma tribo, os harienos, onde os guerreiros, particularmente ferozes, revestiam o corpo cuma pintura negra, tinham escudos negros e escolhiam a noite pra combater.

Quando se preparavam pra combater, os celtas se coroavam com flor. Ao atacarem o inimigo entoavam um canto guerreiro, uivando, batendo no escudo com a espada e agitando a cabeleira flutuante. Feriam o adversário como o lenhador se atira a uma árvore, com um movimento de todo o corpo.

Não se menciona seita de guerreiros dançarinos entre os gauleses mas se diz o seguinte a respeito deles:

Iam ao combate ao som duma trombeta cuja parte mais larga representava um animal. Era o carnux. A um dado sinal toda a primeira fila, todos nus, se atirava ao assalto.

O guerreiro dançarino de Intercácia (Espanha tarragonesa) era um gaulês. Em -158 Cipião Emiliano travou um combate singular contra um bárbaro de Intercácia, que avançou entre os dois exércitos, tomando atitude de dançarino.

Os hebreus tiveram assassinos religiosos ou fanáticos que formavam corporações ou seitas:

Os harodins deviam ser homens de ação ao serviço dos templos. Na Bíblia, são

homens audaciosos e grosseiros, uma espécie de policiais investidos do direito de levar perante os juizes as pessoas que lhes indicavam.

Os mais conhecidos são os zelotas e os sicários.

Em 66 começou a rebelião zelota em Cesaréia. Em 70 o templo foi destruído. Os zelotas preferiram sacrificar a vida a se submeter aos romanos. Mil homens, tirados à sorte, degolaram os outros e então suicidaram se ferindo com a espada.

Flávio Josefo (37–95), autor de *Antiguidades judaicas*, falou dos sicários:

Não era na noite mas no dia e nas festas mais solenes que faziam sentir os efeitos de seu furor. Apunhalavam no meio da multidão os que decidiram matar. O primeiro que assim assassinaram foi Jônatas, grande sacrificador, e não se passava dia que não matassem várias pessoas da mesma maneira. Quando os sicários ouviam um incircuncidado falar da lei, ameaçavam o matar se não se circuncidasse. Traziam longos punhais sob a túnica e matavam até nas ruas de Jerusalém.

A seita dos assassinos pertencia ao ramo chiita do islã. Os jovens fanáticos, chamados os fidais, os consagrados, tomavam uma droga que tinha o nome de *khashish* ou *hachisch*. A seita se formou cerca de 1090, se apoderando da fortaleza de Alamute, na fronteira da Pérsia, no alto duma montanha escarpada, onde foi a residência do Velho da Montanha. Os nomes que designam a seita provêm da corrupção da palavra *Hassã*. Chamavam o Velho da Montanha, o senhor dos punhais. Estava em guerra contínua contra os príncipes muçulmanos, das margens do Nilo ao mar Cáspio. Eram pagos por um sultão pros desembaraçar dum inimigo. A seita matou assim uma quantidade de grandes senhores muçulmanos. No tempo das cruzadas, seu zelo religioso se voltou contra os cristãos. Conrado, marquês de Montferrat, foi vítima deles.

Os sucessores de Hassã, atacados pelos mongóis e pelos egípcios, foram vencidos em meado do século 13. Sobreviveram pequenos grupos nas montanhas da Síria.

Na Oceania havia uma associação hierárquica de iniciados, que percorriam as ilhas realizando rito especial, dança, grito, música. Os iniciados eram rigorosamente obrigados a matar os filhos logo que nasciam.

Eram senhores de fazerem tudo o que queriam em toda parte onde andavam. Dispunham dos bens, assim como das mulheres de todos os habitantes, a sua vontade. A instituição dos iniciados estava ligada a deuses gêmeos.

Capitão Cook foi quem primeiro falou deles:

Os que fazem parte dessa sociedade têm assembléias que os outros insulares não assistem. Os homens se divertem lutando e as mulheres dançam em liberdade a *timorodê*, com o fim de excitar desejo, que satisfazem imediatamente.

Os arreóis, originariamente guerreiros, eram, no fim do século 18, sobretudo turbulentos dançarinos, que andavam de ilha a ilha. John Thurnbull, que deu a

volta ao mundo de 1800 a 1804, se referiu a eles:

Os insulares estavam reunidos a 1,5km do lugar onde atracáramos e festejavam um bando de arreóis vindos de Otaiti. Ouvíamos distintamente o ruído dos tambores. Se não fossem os arreóis, que reduziam à miséria todos os lugares onde passavam, certamente seríamos mais bem tratados. Assim, foram todas as atenções pros arreóis.

Eis o que disse Bouganville a seu respeito: Pela mais estranha inversão de idéia, os arreóis são respeitados pelo povo como seres superiores.

Há grupos de jovens que usufruem, noutros lugares, o mesmo respeito e o mesmo privilégio que os arreóis:

Na Tartária, nos reinos de Tangute e de Barantoléia, um dia em cada ano, grupos de rapazes, desvairados e possuídos por delírio frenético, se espalhavam nas ruas e matavam, em honra ao deus Manipa, todas as pessoas que encontravam.

Entre os germanos algumas festividades davam lugar a cortejos de jovens que, graças a um disfarce animal, entravam nas casas e gozavam de todos os direitos.

Se vê que o atual Carnaval, com as pequenas liberdades que se lhe toleram, é um vestígio desses costumes, e podem eles próprios estar ligados ao crime ritual.

Os tugues, se conduzindo como salteadores de estrada e saqueando as vítimas, praticavam verdadeiros crimes rituais.

Em primeiro lugar consultavam os presságios, antes e durante as expedições. Um dos membros do bando levava a enxada sagrada (picaxe) que servia pra escavar a fossa das vítimas. Outro levava uma garrafinha cheia d'água, que segurava entre os dentes por meio dum cordel. Se a água se derramava o desastrado morreria durante esse ano.

Ao chegarem a determinado lugar, antecipadamente marcado, o bando ficava esperando um presságio, que se manifestaria vindo do lado esquerdo. Se um burro zurrava nesse lado era bom sinal.

Os tugues tinham um alimento ritual, o goor, açúcar mascavo e ervilhas cozidas. Realizavam frequente jejum, faziam sacrifício à enxada sagrada, espíavam o vô das aves e tinham uma iniciação. O neófito tomava banho, vestia um fato novo e depois o conduziam junto a uma árvore, esperando que um corvo levantasse vô, o que era interpretado como a aprovação da deusa. Recebia então a enxada sagrada, colocada sobre um pano branco, pegava com a mão direita e levantava a esquerda pra prestar juramento a Cáli, sobre o Corão. Em seguida, comia o goor, jurava exterminar qualquer ser vivo que estivesse a sua mercê e era ungido com óleos perfumados e marcado com três traços vermelhos na frente.

Em último lugar aprendia a *destreza* (a dar o jeito a mão) que lhe permitisse estrangular com o *roomal*, uma espécie de lenço que terminava num nó onde

estava metida uma moeda de prata. O togue trazia quase sempre o *roomal* escondido no cinto. pra matar pegava o lenço no lado do nó, com a mão esquerda, enquanto a mão direita segurava a outra extremidade.

Entre as duas pontas do lenço haveria um espaço com largura suficiente pra apertar um pescoço humano. As mãos deviam estar fechadas, com as palmas viradas a cima.

Quando o togue atirava o lenço sobre a cabeça da vítima, apertava, torcendo o lenço. Ao mesmo tempo lhe batia, com os punhos fechados, na nuca, a desarticulando. Quando o movimento se realizava corretamente a morte era instantânea.

Depois o *butotee* (estrangulador) deixava de apertar, enquanto outros tuges se apoderavam do corpo e o levavam pra enterrar numa sepultura já preparada. A seguir ao enterro, amontoavam terra sobre o corpo, a pisavam, aplanavam.

Depois de cada sacrifício, os tuges praticavam um rito, o *tuponee*. Escavavam um buraco no chão, onde punham uma porção de açúcar (*goor*) e uma moeda de prata. Diziam uma oração, aspergiam a enxada com água e recebiam todos um pouco de açúcar e bebiam um gole de água.

Os tuges não foram a única seita desse gênero na Índia. Se citam também os hurs, criminosos de caráter religioso, que chegaram com os árabes, em 711, levando à frente um chefe hereditário chamado Pir Pagaro.

A DESCENDÊNCIA PROFANA DO CRIME RITUAL

As instituições religiosas e sociais proliferaram tendo como origem o crime ritual, como as famílias em volta duma árvore genealógica.

O RITO DE DESTRUIÇÃO (FRATURA RITUAL E POTLATE)^[21]

O rito da destruição, que figura na etnologia sob duas designações (fratura ritual e potlate), consiste em partir, fragmentar, queimar ou torcer os objetos. É o crime ritual aplicado às coisas.

A agricultura e a metalurgia provêm do rito da destruição.

Seria esse ato que levou o homem, da primeira vez, a bater um objeto na terra, o que se chamou depois lavar e cultivar?

Quando o homem tirou das entranhas da terra coisas que lhe eram desconhecidas (os metais), como tivera a idéia das expor ao fogo?

O homem, praticando destruições rituais, descobriu (por acaso, temos do dizer) as técnicas.

Porque, resumindo, todas as técnicas consistem em queimar, em cortar, em triturar ou em amassar vários materiais.

O homem tentou queimar as pedras, o que foi uma tentativa em vão, depois experimentou as cortar aos pedaços, o que originou os megalitos.

O homem quis queimar as árvores e descobriu assim uma indústria (o aquecimento, a iluminação). Ao cortar as árvores fabricou as tábuas e inventou a marcenaria.

Cortar, queimar, enterrar, esmagar são invariavelmente as práticas do crime ritual e dos sacrifícios.

Marcel Granet disse, a propósito dos ferreiros chineses:

A liga e a fusão dos metais se obtiveram segundo os ritos do casamento.

A agricultura e a metalurgia provêm de imitações mágicas de ritos funerários. A agricultura corresponde ao enterramento e a metalurgia à incineração. Siret disse que o bronze e a metalurgia foram trazidos à Espanha por um povo que queimava os mortos.

Há uma identidade de gestos, portanto de rito, quando a relha do arado, de pedra ou de ferro, penetra na terra e quando a do sacrificial mergulha no coração ou no corpo dum homem ou dum animal.

Amassando e queimando as plantas, o homem descobriu as bebidas fermentadas e as drogas.

O uso do álcool e dos produtos alucinógenos impulsionou as faculdades

intelectuais e espirituais e contribuiu pro desenvolvimento da inteligência. Os estupefacientes tiveram um papel a desempenhar nos oráculos e nas profecias.

Se habituando a comer a carne dos sacrifícios, que era passada no fogo (portanto cozida, assada), os homens perderam o hábito de se alimentar exclusivamente de carne crua e de beber sangue, o que contribuiu pra tornar os costumes mais suaves.

Começemos no esquartejamento de cadáver.

No trabalho de Alexandre Moret, *Mistérios egípcios* (1923), se pode ler: No princípio do tempo histórico a presença de cadáver despedaçado, nas necrópoles, imitação dos ritos relativos a Osíris, prova que não recuavam perante a consequência prática dessa teoria (a reconstituição do corpo desmembrado de Osíris).

Alexandre Moret parte do pensamento, geralmente aceito, de que os ritos são como uma aplicação ou cenário das doutrinas ou das mitologias.

Outros autores, particularmente JA Dulaure e Bertrand de Jouvenel, sustentaram o contrário, ou seja, que as mitologias e as doutrinas foram inventadas pra explicar e justificar os ritos, que existiam havia muito tempo. O presente trabalho se funda completamente nessa teoria, muito mais conhecida que a primeira.

Assim, é provável que o rito do esquartejamento do cadáver, do qual se encontram exemplos noutras partes, além do Egito, inspirasse a lenda de Osíris e de Tífon.

A destruição sistemática dos objetos encerrados nas sepulturas, ao mesmo tempo que o cadáver, foi tão difundida que os etnólogos lhe deram o nome de *quebrar*, fratura ritual.

O *quebrar* ritual, ou fratura ritual, fazia parte dos usos dos celtas. Em muitas sepulturas (Normandia, Champanha, vales do Ródano e do Reno, Suíça, norte da Itália e Hungria) que datam dum milênio negativo se encontraram espadas torcidas ou quebradas em dois, três ou quatro pedaços. Quando não podiam quebrar as espadas as torciam.

Os bagos de Serra Leoa, quando alguém morria, queimavam tudo o que havia em casa, disse René Caillé (1828).

A família, que fica arruinada, é sustentada pelos habitantes da aldeia até a próxima colheita, porque nem o arroz escapa da chama.

Um costume funerário do Limusã obrigava os pais dos defuntos a partirem as escudelas e os copos sobre uma pedra da fonte de São-Dulcê.

Nalguns lugares queimam em vez de partir. Assim, no Egito, os túmulos reais de Nedada e de Abido revelaram vestígio de incineração, não somente nos corpos mas também nas coisas.

Na terceira civilização egípcia, do princípio do milênio 4, encontraram um grande túmulo dividido em dois jazigos. Num estava instalado o corpo. No outro

todas as riquezas cuidadosamente quebradas e, nas paredes, afrescos representando a imolação dos servos.

Os maias, depois de decapitarem os prisioneiros, cortavam os cadáveres em pedaços, que lançavam a uma cova.

No Peru os mainas destruíam tudo o que pertencera ao defunto, que enterravam num lugar secreto, e queimavam a cabana.

Retiraram uma grande quantidade de arma e de objeto guerreiro das turfeiras e pântanos da Dinamarca.

Em Hjortspring (ilha de Als) encontraram fossas de sacrifício de -500. Os objetos enterrados estavam, com muita frequência, partidos.

Em Trondholm, um carro solar, enterrado num pântano, fora previamente partido.

Nos dolmens da Inglaterra e do País de Gales, muitas ossadas estão despedaçadas, pela mão do homem.

No dólmen de Montreuil (Seine-et-Oise), encontraram cem esqueletos, entre eles o duma criança muito pequena, uns queimados e outros não. Nenhum crânio estava intato. Os ossos longos estavam fendidos.

No potlate, a destruição pura e simples foi substituída pelo esbanjamento, pelo gasto, pela prodigalidade. No fundo é a mesma coisa.

A palavra *potlate*, tirada da linguagem das tribos índias da costa noroeste americana, consiste numa série de festa.

Os chefes dos clãs, que se reúnem, começam se desafiando mutuamente, a ver quem será o mais generoso, distribuirá mais riqueza.

Portanto o vencedor se torna teoricamente o mais pobre mas se dando o caso de ser o vencedor do concurso, os chefes dos clãs vencido são obrigados a lhe entregarem seus totens (os antepassados).

O vencedor se torna proprietário duma impressionante série de antepassados-totens, o que lhe vale um aumento de prestígio, enquanto os outros chefes, que perderam os antepassados, se tornam seus vassalos.

Se notaram costumes análogos aos do potlate na Melanésia, nas ilhas Trobriã. O cula é uma espécie de grande potlate. (Mareei Mauss)

Como explicar o fato (no tempo moderno, na Europa, narrado por Manuel Danvilla num estudo, *O reino de Carlos III*), acontecido numa aldeia espanhola situada perto de Almeria, Nijar, em 3 de setembro de 1759, quando foi proclamado rei Carlos III?

Logo que a notícia foi anunciada, levaram à praça vinho e aguardente, e dali a pouco todos os ânimos se aqueceram. A multidão, soltando aclamações, entrou na granja comum da aldeia e lançou todo o trigo a fora.

A prata, que consistia em 900 reais, e o tabaco foram dispersados e destruídos. As pessoas entraram nas lojas e entornaram tudo o que havia pra beber e comer.

O clero participava da festa. As mulheres foram convidadas a jogar fora tudo

o que tinham em casa: Pão, trigo, farinha, centeio, prato, caldeirão, almofariz e cadeira.

Os folguedos duraram até já nada mais haver na aldeia.

Se podem comparar os *folguedos* de Nijar com o de 119 anos antes:

Na ocasião do casamento de Carlos II de Espanha e Maria Luisa de Burbão (1680), figurava no programa das festas um auto-de-fé de 118 vítimas.

Se assinalou o mesmo rito na América do Sul:

Na morte dum indígena os parentes e amigos se reúnem em sua morada, pegam o cadáver na cabeça e nos pés, e o atiram à ribeira.

Depois devastam a casa. Arco, flecha, louça. Partem tudo. Espalham a cinza da lareira. Devastam a plantação e cortam as árvores, rente à terra. Em seguida incendeiam a cabana.

Os maoris da Nova Zelândia partem e enterram com o morto os objetos que ele possuía.

O testemunho mais alucinante, referente ao rito da destruição, está presente numa obra de A. Le Hérissé, *O antigo reino de Daomé*, 1911:

Um luto tem como efeito provocar raiva destrutiva na família do desaparecido.

Ainda há pouco, na ocasião da morte do rei, toda a população parecia tomada de loucura. Os indígenas batiam no peito e reboavam no chão.

Na casa do rei as numerosas esposas, que formavam o harém real, assim como os guardas, partiam mobília, utensílio, jóia. Tudo o que tinha valor.

Feito isso as mulheres matavam as outras e havia muitas vítimas. Em 1793 285 mulheres morreram assim. Em 1798 o número se elevou a 595.

Philippe de Félice descobriu uma história referente ao rito da destruição:

Em 1856 dois indígenas duma tribo da África Austral, os xosa, aconselharam a matar todo o gado e destruir as colheitas de grão. Os espíritos ordenaram. Krelí, grande-chefe dos xosa, obedeceu. Mataram o gado e destruíram a semente.

Quando a tribo ficou em completo estado de penúria caminhou à colônia do Cabo e milhares de homens morreram durante o trajeto.

Quando existe um reflexo num homem ou num grupo, se perde todo o bom-senso. O reflexo de matar e de destruir se revela assim que lhe dão uma ocasião ou um pretexto.

No tempo moderno o rito de destruição se utilizou nas lutas dinásticas e políticas.

Nabu Assar, rei de Babilônia, mandou apagar todas as inscrições e partir as mesas de bronze, assim como queimar os papiros referentes à história anterior a seu reino.

Os romanos destruíram os livros de Numa, os escritos dos trácios e dos voscicos.

Na China o imperador Tsin Che-Hoang proibiu, sob pena de morte, conservar

todo monumento com inscrição anterior a seu reino.

O rito da destruição subsistiu nas sanções penais. Os objetos, como os animais, aliás, mereceram castigo. Quando se dava um crime memorável numa casa, a demoliam.

No século 14 um barbeiro matava os clientes e um vizinho, que era pasteleiro, fabricava pastéis com a carne deles.

Foram ambos queimados e as casas demolidas.

Jean Chatel saiu dum casa da rua de la Vieille-Draperie pra assassinar Henrique IV. Demoliram a casa e erigiram no lugar uma pirâmide.

CÉRBERO

O crime ritual está na origem de todas as atividades culturais e de todas as instituições, principalmente do calendário:

Pros antigos um período cósmico representava uma vida divina. O ano, *annus dei*, tinha como símbolo a serpente enroscada, enrolada sobre si e mordendo a cauda (*annulus*).

A origem dum período tem relação com um ato de geração, que se realiza no segredo da noite.

Hércules representa o Sol em luta contra a Noite. Os monstros, contra os quais tem de lutar, se transformam em signos do zodíaco.

O termo de cada período era um termo de vida, a morte dum deus, a morte dum mundo.

Hércules acabou morrendo na chama, vestido com a túnica ensanguentada do centauro Nesso, e sua pira foi edificada no monte Ceta.

No plano religioso a vida divina dava lugar a cinco dias de festa. Na noite do último dia, no momento em que o último crepúsculo do ciclo desaparecia no poente, queimavam o deus com grande pompa. O encarnava um homem cuja imolação podia ser voluntária. No caso de não ser, se tratava dum escravo. Ou ainda vestiam um boneco cuma túnica púrpura.

O cão é um devorador de cadáver e um limpa-ossada. É um túmulo vivo. Os habitantes da Pártia, os medos, os iberos e outros povos lhes dão os cadáveres.

Os habitantes da Pártia, segundo Justino, conheciam só um meio de sepultura, que era entregar os mortos aos cães e às aves de rapina. Em seguida enterravam a ossada, limpa de carne.

Os bactrianos sustentavam cães enormes, cuja única função era devorar os cadáveres. O bactriano venerava o cão que devorou seu pai.

O padre Huc descreveu os costumes funerários do Tibete:

Cortam o cadáver em pedaço, que dão a comer aos cães. Enquanto o pobre tem de se contentar com cães vadios, nos sítios onde os lamas vivem criam cães sagrados, aos quais dão a comer os cadáveres dos privilegiados.

Em dezembro de 1771 James Bruce estava em Gondar, quando, depois duma revolta dos *rás* (senhores feudais), muitos rebeldes foram mortos a sabre e cortados em pedaço, sendo proibido lhes dar sepultura. James Bruce contou: Em minha casa entram frequentemente cães com pedaços de carne humana na boca.

Foi se queixar ao rei Tecla Haimanut, que se divertiu imenso com a pieguice dos europeus: O quê? Iagubei será então uma tímida mulher, mocinha ou criança?

Por ser um comedor de cadáver, em toda a parte se associa à idéia da morte o cão, que tem um papel a desempenhar nas cerimônias fúnebres.

Quando um persa entrava em agonia, os parentes buscavam um cão e lhe abriam a boca junto da boca do moribundo, pra que recebesse seu último suspiro.

No Egito estavam cães-de-guarda à entrada dos templos e dos túmulos.

Segundo a religião mexicana os defuntos chegavam à beira duma ribeira e só podiam alcançar a margem do outro lado com a ajuda dum cão vermelho. Se sacrificava igualmente um cão vermelho, cuma flecha na goela, em todos os funerais, e se queimava o corpo do animal com o morto.

No Egito e no México ia sempre um cão à frente do cortejo fúnebre.

O cão funerário mais conhecido era Cérbero.

No folclore grego há um lobo divino que devora os homens mas não os come inteiramente. Leva o resto, que devorava nos infernos.

O lobo se tornou Kerberos, Camenteli, Cérbero, o que significa comedor de carne. A goela é a porta de entrada ao outro mundo. Se sustenta com a carne dos finados. Cérbero, guarda do império de Plutão, se tornou um herói e lhe acontecem aventuras. Hércules o prendeu com corrente. Foi o undécimo de seus trabalhos. Também o chamam o bicho das cem cabeças por causa da quantidade de serpentes das quais suas três jubas são ornadas.^[22]

Há no Zodíaco um cão chamado Sírío, que sofreu tribulações que resumiremos:

Originariamente, no Egito, o cão era o animal divino do Sol. Em Heliópolis, ao nascer do dia, celebram uma cerimônia em honra a Sírío.

Sírío ocasiona o calor mais forte do verão, que tem lugar nos dias chamados caniculares, de 24 de julho a 26 de agosto.

Provam a divindade solar do cão os crimes rituais celebrados em sua honra.

Manetão contou que numa cidade chamada Ilítia se realizavam sacrifícios de homens no fogo, durante a canícula, e que os indivíduos que queimavam vivos, com grande cerimônia, tinham o nome de tifonianos.

Com o correr do tempo, em lugar de sacrificarem homem ao deus Sol, passaram a imolar simplesmente um cão ao Sol. Os romanos sacrificavam, todos os anos durante a canícula, um cão arruivado.

Depois Sírío deixa de ser um cão solar e dão seu nome às estrelas, a

constelação do Cão Maior, chamada Sírio, e a do Cão Menor, Prócion.

Nos primeiros tempos da história do Egito, a estrela Fomalhaut ficava coberta pela lua cheia. Se considerava que o deus Lua estava fecundando a estrela. Em termos elevados se diz obumbração ou ocultação.

O Tempo, portanto o calendário, nasceu da união do deus Lua e da extrema Fomalhaut.

Ora Fomalhaut é uma palavra árabe que se pode traduzir por *boca de peixe*.

Fomalhaut, estrela de primeira grandeza, da constelação do Peixe Austral, era a estrela de Oanes, divindade da Assíria. O nome Oanes é a forma helenizada de An (mãe universal, deusa-mãe). No Egito, Anate, a mãe divina é representada pelo peixe em todo o Oriente. Vênus e Derceto são deusas-peixes.

Um dia, a estrela Fomalhaut deixou de estar na órbita lunar em virtude de mudanças que se deram no mapa do céu. A consequência desse fenômeno astronômico foi que o deus Lua deixou de fecundar Fomalhaut e passou a cobrir a estrela Sírio na constelação do Cão Maior.

Sírio era um deus masculino, como o deus Lua (Lunus). E assim se mudou o sexo de Lunus, que se tornou um deus feminino, Lua.

Na região arqueológica de Lepenski Vir (Iugoslávia), nas margens do Danúbio, explorada depois de 1964 e que data de mais de -5000 (2000 anos antes de Sumer), encontraram pedras fluviais esculpidas cuja forma evocava irresistivelmente uma *boca de peixe*.

Lepenski Vir descobriu igualmente esqueletos sem cabeça e uma mandíbula cuidadosamente conservada.

Havia, porém, nessa época, no Oriente, um deus cão chamado Sete. Sete aparece na Bíblia com o nome de Xadai. Os chamitas arameus tinham um deus Sete. Segundo os rabinos, Sete fora o primeiro a dar o nome aos signos celestes e a dividir o ano.

Os panegíricos, ou festas de Sete (Hebe Sete), se celebravam quando se renovava um ciclo, de 30 a 30 anos, e os faraós tinham o nome de *senhores das festas de Sete*. Sete é o deus egípcio do calendário. Donde vem a expressão de ano sotíaco.

Os egípcios consideravam a Lua uma deusa, a que chamaram Néftis e a quem deram Sete como esposo.

O casal Sete e Néftis desempenha um longo e importante papel na história egípcia.

Sua glória ficou ofuscada com o aparecimento doutro casal, Osiris e Ísis, ao mesmo tempo esposa e irmã de Osiris.

Osiris, no tempo mais antigo, roubara de Sete a divindade solar. Quanto a Ísis, era o antigo deus Lua (Lunus), que se tornara uma divindade feminina, a dupla de Néftis.

Osiris e Ísis tinham um filho chamado Horos, deus-falcão, o que indica que

essa família de deuses pertencia a tribos do Falcão, enquanto Sete pertencia a tribos do Cão. Resumindo: Toda a rivalidade entre Osíris e Sete vem duma guerra entre totens: O totem do Cão, mais antigo no Egito, e o totem do Falcão, mais recente.

Eis um resumo dessa celebérrima história:

No princípio Osíris e Sete eram considerados irmãos e Ísis e Néftis irmãs, o que deve corresponder a um compromisso ou equilíbrio de forças entre as tribos do Falcão e as tribos do Cão.

Sete, com o nome de Sótis, prestou grande serviço de ordem intelectual antes de se tornar o inimigo de Osíris, cujo corpo cortou em pedaço, e espalhou. Ísis partiu procurando os pedaços do corpo de Osíris. Os encontrou e reconstituiu Osíris.

Infelizmente faltava o falo, mas ela fabricou um de madeira.

Se desencadeou a guerra entre os partidários de Sete e os de Osíris, que o levaram declarando Sete ser o princípio do Mal.

(Na mitologia egípcia, apareceu outro deus-cão, Anúbis, na realidade mais chacal que cão, e que se imagina ser um duplo de Sete.)

Desenrolada a evolução, depois do triunfo de Osíris, Ísis tinha todas as dignidades da irmã e rival Néftis.

Se produziu, nas mitologias antigas, um fenômeno de concentração. A deusa mais recente tomar o nome e os atributos da deusa precedente. É por isso que Ísis, esposa de Osíris, se tornou a rainha do céu noturno, a Lua, e substituiu Fomalhaut, assim como as antigas deusas-mães, Anate, Derceto... A Virgem Maria será a continuação de Ísis, será também a rainha do céu noturno, estrela da manhã, etc.

Falta falar dos êmulos de Cérbero, conhecidos pelos nomes de Candaule e de Silvano.

Outrora, na Assíria, se celebrava o culto a um deus caçador, no monte Sambulos. O deus, chamado Camblés, se confundiu com Hércules (Hércules). Na palavra *Camblés* está a raiz *cana*, *cão*.

Na época homérica os povos da Lídia se chamavam meônios, tendo o rei um nome tradicional, Candaules, que quer dizer estrangulador de cão.

O rei lídio Candaule, que tinha também o nome de Mirsilo, se assemelhava a um leão divino.

Se trata de sobrevivências totêmicas e vestígios de canibalismo ritual, como o indica uma lenda que tem como herói um rei lídio chamado Camblés:

Camblés se aproveitou da noite pra despedaçar a mulher. Chegou a comer. No dia seguinte, na manhã, quando os servos entraram no quarto, tinha uma parte do braço da vítima na boca, como Cérbero.

Noutras regiões da Ásia menor, na Lídia e na Frígia, o cão e o lobo substituíram o javali.

O animal sagrado de Cibele e de Átis é o javali. Originariamente, Cibele devia ter sido uma leoa e Átis um leão. A grande deusa frígia Cibele é representada num carro puxado por leões ou rodeada de leões. Nos motivos artísticos do mesmo país se vê o lobo, o cão ou o leão comendo o homem. Algumas vezes um herói lendário, deus ou rei, substituiu o animal.

Numa época em que já havia muito tempo que não lhe davam cadáver pra devorar, o cão se tornou motivo artístico.

No século -6 fabricavam tampas de bronze e selos gravados onde aparecem os carnívoros antropófagos.

Na arte romana frequentemente há representação de fera. Um baixo-relevo de Feydes-Metz, do século 9, reproduz um leão com a mão dum homem na goela. O bronze de Fouqueure (Charente) representa um carnívoro devorando um homem do qual só se vêem as pernas. Se encontra a mesma imagem num bronze de Oxforde. Não são cenas de caça. O homem devorado simboliza um atributo do deus animal.

Na Itália se celebrava o culto a um deus-lobo no monte Soracte. O lobo era um animal devorador de cadáver. O consideravam uma divindade infernal e, na mitologia, as divindades infernais são antropófagas. O deus-lobo do monte Soracte exigia, portanto, vítimas humanas. Seu serviço religioso estava a cargo de sacerdotes que tinham o nome de híрпи. Híрпи era o nome do lobo entre os samnitas.

Mais tarde o deus-lobo tornou um caráter bonachão e familiar e se transformou em Silvano, divindade florestal.

Silvano era, ao mesmo tempo, lobo e caçador de lobo. E o antigo animal totêmico é igualmente o animal familiar do deus-homem.

Acontece que, em casos assim o animal acaba assassinando o deus, a não ser que o deus escolha o animal como vítima ritual.

Silvano tem como esposa Sílvia, a habitante da floresta, que pare dois gêmeos, os quais são amamentados por uma loba. Os Silvi, de Alba, eram uma dinastia de lobo.

OS JAINAS

As práticas religiosas arcaicas, suicídio, assassinio, aborto, cópula, etc., são, a nossos olhos, contrários à religião porque, em virtude de nossa formação cristã, religião é sinônimo de moral.

Em tempos muito afastados mas não tão antigos, antes do cristianismo, apareceram outros ritos religiosos: Respeito à vida, abstinência alimentar e sexual, etc.

O cristianismo parece ter recebido a herança dessas práticas e, se adaptando às idéias, aos costumes e às novas aspirações, criou a moderna civilização

ocidental.

Mas o que é assombroso é ver que, quando apareceram, esses novos ritos eram tão estranhos, sob nosso ponto de vista, quanto os ritos arcaicos:

Se passa do canibalismo ao vegetarianismo, da orgia sexual à abstinência forçada.

As sacerdotisas tanto são virgens quanto prostitutas. Se mata, degola, faz correr sangue. E tudo isso é sempre ato religioso.

Se respeita a vida a ponto de poupar um inseto nocivo. Continua a ser um ato religioso.

Essas práticas, contraditórias a nossos olhos, são frequentemente contemporâneas, próximas entre si e até se confundem.

Se impõe uma conclusão. O que chamamos moral não provém da idéia. A passagem do crime ritual ao respeito à vida corresponde a uma mudança de rito e de tabu.

Vejamos como a lenda explica o budismo:

Buda, ao passear no campo, observou a *erva dilacerada*, os insetos e os ovos esmagados por uma charrua. Esse espetáculo de destruição o impressionou. Então resolveu ensinar o respeito à vida, a todas as formas da vida.

De fato, o rito, que tomava o sentido contrário da destruição, existia antes de Buda. O nome de Buda é o símbolo duma tendência que se substituiu como a matéria da doutrina dum certo clero.

Essa tendência, o respeito à vida, se encontra noutros lugares e noutros tempos:

Quando prosperava o crime ritual se assinalam tribos ascéticas. Em cerca de século -5 Heródoto mencionou tribos vegetarianas:

Os misios, povo trácio, eram um povo sossegado, que se abstinha de comer ser vivo e, por essa razão, se abstinha de comer a carne dos rebanhos. Se alimentavam de mel, leite e queijo.

Muito tempo depois Marco Polo encontrou sectários aos quais chama *gioghi*, iogues:

Não cobriam parte do corpo. Uma vez por mês ingeriam uma beberagem, confeccionada por si, composta de soro e de enxofre misturados com água. Os iogues não matavam animal, nem inseto, usavam simplesmente, como prato ou escudela, folhas secas, sendo considerado vivo tudo o que está verde.

Na Grécia, no século -6, os pitagóricos se abstinham de sacrifício sangrento, veneravam a castidade, buscavam a pureza, tomavam banho com frequência e usavam roupa branca.

As seitas pré-cristãs aperfeiçoaram essa tendência:

Perto de Alexandria os terapeutas se entregavam à contemplação e ao estudo, vivendo em celas e se abstendo de vinho e de carne.

Os essênios, que levavam uma vida monacal, pretendiam se oferecer em sacrifício pra obter a salvação de homens culpados de revolta e de infidelidade, o

que pressupunha uma das grandes idéias cristãs.

Mas o grupo humano que professou com mais veemência o respeito à vida foi o dos jainas, donde veio o título que demos a este capítulo, sendo o nome *jaina* tomado simbolicamente.

Os jainas são os adeptos da religião jaina fundada por Jina no século -6. O jainismo é uma heresia do bramanismo. Comporta uma moral, uma cosmologia e avias» (meios, caminhos). Admite o suicídio por jejum (portanto sem violência nem sangue).

Os gentus, sobre quem Stavorinus falou e que viu em 1774, em Surate, trazem o nariz e a boca cobertos cum pedaço de seda, pra não engolir inseto ao respirar.

Outros trazem na mão uma vassoura, que serve pra varrer o chão enquanto andam, pra não esmagar minúsculo ser vivo.

Nenhum animal é morto pela mão dos gentus, que nunca se alimentam de carne.

Se no passado muitos templos se assemelhavam a matadouro, houve também templo parecido a hospital pra animal não carnívoro velho, estropiado e doente.

Stavorinus, comandante da esquadra holandesa, estava em Surate, na costa ocidental da Índia, em 1775, escreveu:

Os banianos e os gentus dedicaram uma parte de seu bem (provindo do comércio) a mandar construir uma espécie de hospital no bairro Sagarampura, perto da porta de Madjara.

O chefe dos banianos o administra. Os lucros, que se elevam a 9000 florins, servem pra manter 40 homens e pra comprar 100 mil feixes de feno por ano, assim como grande porção de trigo e de leite todos os dias.

É um estabelecimento em 80km², rodeado por altas muralhas com muitos telheiros. Ao lado da entrada há um edifício de pedra, que contém um imenso celeiro.

Os banianos e os gentus vão até lá deixar os grãos cheios de bicho. As sementes (e os bichos) ficam guardados até que nada reste além de poeira, que então espalham nas terras lavradas. Alimentam nesse hospital piolhos e toda a bicharia. Recolhem as aves em viveiro. Os quadrúpedes andam em liberdade.

Stavorinus não viu lá carnívoro, mas uma grande quantidade de macacos de todas as espécies, doentes ou estropiados. Havia também uma enorme tartaruga cega que lá estava havia 72 anos e que alimentavam com leite, e que morreu em 1777.

Em cerca de 1880 havia em Adem um hospital pra animal, análogo a esse, fundado por uma colônia baniana.

Algumas das maiores revoluções da história se produziram pela inopinada conversão dum monarca a uma seita. Aproximadamente 6 séculos antes de Constantino, e ainda mais tempo antes de Henrique VIII, Asoca levou milhões de homens a um novo caminho, e ainda hoje essa revolução continua se

propagando, uma vez que a não violência apareceu no país de Asoca.

No século -3 Asoca, soberano da Índia, ordenou aos súditos não matar ser vivo.

Dando o exemplo aboliu os pratos de carne de sua alimentação.

O pavão era o alimento ritual da dinastia de Asoca, dinastia que usava o nome do Pavão. Asoca devia, por razões mágicas, se alimentar quotidianamente de carne de pavão. No entanto, ordenou que mesmo o pavão não fosse morto todos os dias.

Algumas tribos arianas que invadiram o norte da Índia, depois do milênio -2 tinham o boi como animal ritual. Imensas manadas de boi as acompanhavam nas expedições. Estas tribos eram, ao mesmo tempo, criadoras de gado e guerreiras, e o boi era o alimento quotidiano.

Depois da reforma de Asoca, deixaram de comer boi. O boi se tornou o animal sagrado da Índia, onde os habitantes ainda o tratam como a uma divindade.

Na segunda metade do século 18 os europeus começaram contatar os maratas do Decão e ficaram desconcertados com seus costumes:

São soldados natos. Se deslocam a cavalo com grande rapidez: 100km/dia. Estão habituados à pilhagem. Dispersam os rebanhos, destroem as casas, queimam as aldeias. Os povos fogem ante sua aproximação.

Já se sabia isso tudo na Europa. Mas o que assombra é o seguinte:

Nada comem vivo e se abstêm de matar mesmo os insetos. Têm escrúpulo de matar os animais mais prejudiciais ou os insetos mais desagradáveis. O que não os impede de exterminar seus semelhantes.

A cidade santa dos jainas, na Índia ocidental, é Almedabá, onde, há mais de 2 milênios, nenhum homem fez mal a animal. O esquilo, o estorninho, os macacos, os papagaios, os busardos não têm medo dos homens.

Enquanto em Almedabá nunca se prende ave nem animal, por estranho contraste o asceta jaina se fecha numa jaula com varões de ferro, vivendo como fera num circo.

O SALTO DE LEUCADES

Mostraremos, com exemplos que buscamos na Grécia, México e Taiti, como outros ritos, derivados ou simbólicos, substituem, pouco a pouco, o assassinio ritual.

Leucades é, com a rocha Tarpéia, o mais célebre rochedo de prática ritual.

Leucades era um antigo lugar de culto, onde, nos tempos históricos, se continuava praticando o crime ritual, se tomando toda precaução pra que, no fim de conta, a vítima saísse indene do sacrifício. Mais uma das sutilezas a que nos habituou o espírito grego!

A ponta sul da ilha de Leucades, 80km ao sul de Corfu, donde se fazia a

travessia à Itália, é um estreito promontório de pedra branca: Leucades. Ali se elevava o templo de Apolo-Leucades. Era num desses rochedos sagrados que se tinha o costume imemorial de precipitar as vítimas. Diziam que só o *salto de Leucades* curava os males de amor. Desdenhada por Faonte, Safo se atirou dessa rocha resplandecente invocando o Amor.

Havia o costume de sacrificar ali um criminoso no dia da festa de Apolo. Mas tomavam a precaução de revestir o corpo do homem de pena lhe amarrando um certo número de voláteis vivos, que, abrindo as asas, podiam suster e amortecer a queda. Além disso, sob o rochedo havia pescadores que aguardavam, colocados em círculo, em suas barcas, com o fim de o levar a longe se o salvamento fosse bem-sucedido.

No condado de Antrim, na Irlanda, as mulheres de idade eram arremessadas ao mar dum rochedo elevado.

Os fenícios, que buscavam estanho na ilha de Portlândia, Mancha, depunham oferenda em Coré, no alto dum pico erguido no mar.

Em 15 de março de 1973 a notícia:

O presidente da república do Gabão, Albert Bernard Bongo, em vez de executar os condenados à morte por fuzilamento decidiu os mandar lançar dum avião ao estuário do Gabão. Salvarão a vida se conseguirem alcançar a costa.

É uma versão moderna do salto de Leucades.

As grandes religiões se fundaram fazendo desaparecer os sacrifícios humanos.

Nas tribos do médio oriente, anteriormente à época clássica, se celebravam três gêneros de assassinios rituais, donde três cultos diferentes.

As pessoas sacrificadas eram o velho (termo de vida), a mulher (rito de fecundidade) e o adolescente (artes e técnicas).

Essas três personagens se conservaram como divindades e apareceram nas mitologias.

Em primeiro lugar falemos do velho. Se exprime em linguagem melodiosa e suave e lhe atribuem a abolição dos sacrifícios sangrentos e do canibalismo.

A mulher ensinou a agricultura.

O adolescente ensinou aos homens o modo de produzir bebida fermentada, cozer a carne, se vestir, construir casa, fabricar instrumento musical. Esse terceiro deus era bissexuado (hermafrodita).

Assim temos:

Júpiter, Zeus, Jeová, deus-pai (velhos).

Ceres, Deméter e outras deusas relacionadas aos cultos vegetais.

Mercúrio, Apolo, Baco, etc.

Na Grécia, na terceira categoria, Dionísio, filho dum deus e duma mortal, é representado com o aspecto dum jovem barbado. É quem produz o vinho pros homens, dita lei, ensina arte e civilização.

O desaparecimento do crime ritual se explica, nas mitologias, pela mudança

de nome e de caráter das antigas divindades e pelo aparecimento de heróis:

Cécrope, primeiro rei da Ática, aboliu o sacrifício sangrento (humano) e instituiu o culto aos deuses (masculinos).

Hércules substituiu pelo culto ao fogo a imolação das vítimas humanas.

O canibalismo fazia parte do culto a Baco, que Orfeu quis suprimir, o que provocou uma luta encarniçada entre o sacerdote de Baco e o sacerdote de Orfeu.

A agitação provocada pelo desaparecimento dos sacrifícios humanos deixou vestígio nas lendas.

Numa povoação da Arcádia, onde havia o costume de matar os rapazinhos os lapidando, muitas mulheres abortaram. Consultaram os sacerdotes, que aconselharam como remédio prestar honra fúnebre às jovens vítimas e acabar com o costume.

Na época em que Zeus vivia ainda na Terra, Licaonte, rei dos arcádios, lhe deu a comer carne humana. O deus, irritado, transformou Licaonte em lobo e o condenou a vagar no bosque, uivando como lobo.

Doravante quem provasse fígado de criança (os arcádios costumavam imolar crianças a Zeus) se transformava em lobo.

Na Arcádia era costume tirar, todos os anos, a sorte um membro da família de Antos, que era conduzido à beira dum lago, onde, depois de se despir, pendurava a veste num carvalho antes de atravessar o lago a nado.

Na outra margem chegava a um deserto onde se transformava em lobo e vivia com outros lobos durante nove anos. Se durante esse período se abstivesse de comer carne humana voltaria à primitiva forma, atravessaria o lago a nado, voltaria a vestir seus fatos e se tornaria homem outra vez.

Plínio contou que Demeete, que obteve o prêmio de pugilato nos jogos olímpicos, se transformara em lobo nesse processo.

O culto a Mitra mostra como o assassinio e o canibalismo rituais, evoluindo, foram capazes de alcançar a comunhão cristã. Nas cerimônias em honra a Mitra o homem, que inicialmente era sacrificado, foi substituído pelo touro quando Zoroastro aboliu os sacrifícios humanos, que, no entanto, continuaram como prática oculta.

Mais tarde se introduziram no culto a Mitra ritos de origem agrícola, mais depurados, se transformando na taça (o vinho substituiu o sangue) e no pão (o cereal substituiu a carne).

A religião de Mitra, muito antiga, apareceu no mundo romano cerca de -68 e só foi oficialmente abolida em 378. Durante todo esse tempo os três cultos, o assassinio ritual, o sacrifício do touro e a oferenda da taça e do pão coexistiram. O assassinio desapareceu e a oferenda se desenvolveu somente noutra religião, o cristianismo.

A prova do apego dos fiéis aos usos antigos nos é dada por simulacros como os

seguintes:

Nos mistérios de Dionísio os fiéis comiam um bolo com a forma duma criança.

Nalgumas comunidades cristãs se comia um pão com a forma do corpo de Jesus: Um comia os dedos, outro uma orelha, o último os olhos. Este costume foi proibido pelo papa Pelágio I (556-561).

Eis algumas efemérides da supressão do assassinio ritual na antiguidade clássica:

No Egito o costume de estrangular os servos e os animais do faraó que morria foi suprimido no ano -2800.

No templo cartaginês de Hadrumeta as urnas de sacrificio do século -6 continham apenas ossada humana. As mais recentes simplesmente ossada animal.

Vencidos em Carmes, por Aníbal, os romanos, pra esconjurar a má sorte, imolaram aos deuses dois prisioneiros gregos e dois gauleses e os enterraram vivos no Fórum (216).

As festas latinas, que duraram 12 séculos, ainda eram célebres no ano 396 (em 400 já desaparecidas). Compreendiam uma fogueira acesa no alto do monte Cavo, balanço, sendo os corpos que andavam de balanço substituídos por vítimas humanas, e, finalmente, o sangue dum prisioneiro supliciado ou dum gladiador morto em combate servia pra aspergir a estátua de Júpiter, a quem faziam a festa, O senado romano proibiu os sacrificios humanos no ano -97. Na Gália estavam ainda em uso no ano -8.

No tempo de Júlio César sacrificaram dois soldados a Marte.

No tempo do imperador Tibério (14 a 37) foram imoladas crianças a Saturno, na altura das festas populares.

Em Creta e na Sardenha sacrificavam velhos ou prisioneiros.

Cerca do ano 40 os druidas gauleses faziam correr sangue sobre o altar, mas sem matar a vítima.

Os jogos do circo romano, que substituíram os crimes rituais, marcam a passagem da sociedade religiosa à laica. Os prisioneiros de guerra, em vez de serem sacrificados nos altares, o foram nas arenas, sob os dentes das feras. Constantino acabou com esse costume no império romano em 25 de agosto de 365.

Os combates entre animais, entre homens, entre animais pouco perigosos e homens, se prolongaram até o século 19. Permanece ainda a corrida de touro.

As religiões se distinguem umas das outras pelos tabus. Nas frequentes rivalidades que opunham os príncipes e os religiosos bizantinos, o castigo reservado aos vencidos era vazar os olhos. Nos é permitido pensar que se não os matabam não era por indulgência mas pra não infringir o tabu cristão do respeito à vida humana.

O tabu foi revogado quando, em 1187, o papa Lúcio II declarou: A morte no fogo é a que deve ser aplicada aos heréticos. Os povos do norte, convertidos pouco depois, tinham o costume das fogueiras (piras).

O auto-de-fé, que é um sacrifício humano oferecido a uma divindade, enquadrado numa cerimônia, se praticou durante quatro séculos, até cerca de meado do século 17.

No México os maias-quichês, partidários da supressão do assassinio ritual, e os astecas, que o queriam manter, eram vizinhos.

Se extinguindo o fogo dos maias-quichês três vezes, seus sacerdotes ofereceram aos astecas metais preciosos em troca do fogo.

Os sacerdotes astecas, que tinham a sua guarda o fogo, declararam que só dariam o fogo se os maias-quichês desistissem de fazer sacrifício humano.

Os maias-quichês começaram protestando mas cederam.

No entanto, seguidamente, substituíram o sacrifício humano por sacrifício animal e novas determinações religiosas explicaram que o fim do sacrifício era alimentar as facas sagradas (esculpidas em forma de cabeça humana e adoradas sobre estelas). Ora os gêmeos, os deuses, decidiram alimentar, doravante, as facas de sílex com a carne e o sangue animal.

No Peru um casal de deuses, Manco Capaque e Mama Oelo, que apareceu nas margens do lago Titicaca, fundou a cidade de Cusco, erigiu um templo ao Sol, aboliu o crime ritual e o canibalismo, instituiu o casamento, etc.

A ilha de Taiti, descoberta a 9 de junho de 1767 por capitão Wallis, teve o nome de Nova Citera, dado por Bougainville, e os ingleses o chamaram Otaiti.

Os taitianos não conheciam os metais, não tinham moeda pra efetuar troca nem escrita. Mas cum machado de pedra e uns quantos instrumentos fabricados com osso ou escama, edificavam casa, construía piroga, talhavam pedra, deitavam abaixo, cortavam, esculpam e poliam madeira (Cook).

Bougainville escreveu sobre esse assunto: Nunca encontrei homens fisicamente mais bem proporcionados. Pra pintar Hércules ou Marte não se encontrariam tão belos modelos. Nada distingue suas feições das dos europeus...

E o capitão Cook Seus movimentos são cheios de vigor e de espontaneidade, o andar é agradável, as maneiras nobres e generosas. Têm um caráter corajoso e sincero. Ignoram a suspeita e a perfídia e não têm inclinação à vingança e crueldade. Lavam todo o corpo em água corrente três vezes ao dia e notei que durante as refeições lavam as mãos e a boca quase a cada dentada. Não se lhes vê nos fatos nem em si mancha de sujeira.

Os taitianos, muito evoluídos, apesar de não serem civilizados industrialmente, já não praticavam o assassinio ritual nem o canibalismo. Mas, presos a antigos costumes, celebravam uma cerimônia que exigia uma vítima humana, que se efetuava em casos graves ou em certas solenidades.

Essa cerimônia é extremamente importante e curiosa porque não há imolação

num altar, efusão de sangue, esquartejamento nem banquete canibal (substituído por um simulacro). Desapareceu do costume taitiano no fim do século 18, sem interferência dos europeus.

Vejamos como se desenrolava a cerimônia dos taitianos, segundo as memórias de capitão Cook

De tempos a tempos, o *earee-rahie* (rei), provavelmente por instigação dos sacerdotes, exigia uma vítima que um *earee* (senhor e vassalo) devia lhe entregar. Escolhiam uma pessoa entre os indivíduos que tivessem cometido um delito e, não havendo delinquente, tomava seu lugar um vagabundo. Então o homem era atacado inesperadamente e morto a paulada ou a pedrada, por servos.

A vítima, chamada *taata tabu* (homem consagrado), era apresentada durante uma cerimônia, que tinha o nome de *Pooreeree* (a oração do chefe), a qual só podia se realizar na presença do rei.

Durante a noite o deus (*eatooa*) vinha se alimentar com a parte imaterial (alma, maná) da vítima, que permanecia em volta do morai. A finalidade da cerimônia era geralmente obter um favor ou a proteção do deus. Por exemplo, a vitória sobre um inimigo.

Um grande número de padres e de sacristãos participavam na cerimônia, que se realizava diante do morai e exigia a presença de dois objetos sagrados: O *maro* (tanga real com franja, emblema do poder) e um tabernáculo em forma de colméia (residência do *eatooa*).

A cerimônia, que começava no princípio da tarde e acabava, com aclamação, no cair da noite, se desenrolava na presença dum público exclusivamente masculino. Não impunham o recolhimento. Se podia assistir conversando e passeando, como numa festa. Traziam numa barca a vítima morta, inteiramente coberta com folha de árvore, depois a colocavam na margem. Em primeiro lugar os pés voltados ao mar, depois paralelamente. Em seguida a colocavam sob uma árvore e finalmente sobre o morai, antes de ser enterrada numa cova.

Durante o período em que o cadáver estava sob a árvore um sacristão arrancava um olho e cortava um punhado de cabelo do cadáver. Essas coisas eram apresentadas ao rei sobre uma folha de árvore. O rei abria a boca como pra engolir mas não tocava.

A cerimônia, além dos ritos relativos à vítima, comportava longas orações, quase de meia hora cada uma, salmodias, gritos agudos de criança, o deslocamento do *maro* e do *eatooa*, utilização de penas vermelhas, de ramos e de folhas de árvore e o sacrifício dum cão, cujo corpo, depois de passado no fogo, colocavam num cadafalso com cerca de 2m de altura.

Um viajante inglês, que deu a volta ao mundo de 1800 a 1804, John Thurnbull, menciona dois fatos que testemunham o desaparecimento do costume:

Em primeiro lugar, um sacerdote, a quem Pomare exigia, segundo o costume,

uma vítima humana, pôs muita dificuldade pra entregar, pretextando que não encontrava alguém na condição.

Em segundo lugar, o mesmo rei Pomare fez, nos últimos tempos de reinado, um sacrifício humano que *provocou a cólera dos deuses*. Com outras palavras, os súditos ficaram descontentes. Houve perturbação e Pomare se refugiou em Matavai.

Quanto aos sacrifícios nos túmulos reais, ninguém duvida de que nos tempos antigos foram praticados no Taiti como no resto do mundo mas em 1776 desapareceram e foram substituídos pelo uso que transcrevemos:

Expunham o monarca defunto, sentado e coberto com roupa escarlate, no *tupapu*, numa plataforma segura por seis barrotes, a pouco mais de 1m do chão.

Durante os primeiros dias, seus antigos servos, que ninguém pensava em matar, rodeavam o cadáver, como se esperassem ordem. Depois iam embora.

A RESSURREIÇÃO

Só muito mais tarde apareceram os ritos e a idéia de ressurreição. A idéia de ressurreição, desejo de sobrevivência e de imortalidade, era desconhecida nos grupos mais antigos e mais primitivos.

Se fica bastante surpreso ao ver, no Egito, o assassinio ritual conduzir a um rito de ressurreição, depois de fórmulas intermediárias, e a vítima sacrificada viva se tornar a alma do defunto.

Eis como se deu a metamorfose:

Originariamente, degolavam um homem no túmulo.

A vítima humana foi substituída, no princípio do milênio-3 por uma gazela.

A pele, arrancada fresca da gazela, em seguida revestia um sacerdote chamado o tiquenu.

Depois faziam uma cavidade na terra e queimavam ali a pele da gazela. Queimavam também as coxas e o coração do animal, assim como uma madeixa de cabelo do sacerdote.

Depois dessa cerimônia consideravam o tiquenu o duplo do defunto e o conduziam à sepultura, onde se deitaria num leito baixo, em posição inclinada.

Ficava assim algum tempo e depois se levantava, gesto que se interpretava como a entrada da alma no Além.

Assim a vítima humana, sacrificada no túmulo do defunto, portanto se tornava o duplo do morto. O duplo dos egípcios corresponde à alma na religião cristã.

De transformação a transformação se deu a substituição da pele da gazela por uma mortalha sarapintada.

Os egípcios julgavam que existia tanto na mortalha quanto na pele (sangrenta, portanto viva) uma força geradora capaz de a transformar num veículo ao Além.

O tiquenu desempenhou um papel importante nos cultos egípcios durante 3000

anos. A palavra *tiquenu* designa exatamente o sacerdote, a pele, a mortalha, o duplo.

O *mistério da pele* e o *renascer na pele* necessitam explicação.

Se deu, relativamente à pele, o mesmo fenômeno que com o tiquenu.

A pele é um saco feito com pele animal, onde encerram o morto. Era uma forma de o imobilizar e de impedir voltar como vampiro.

Mas a posição do cadáver no saco era a mesma que a do feto na matriz.

Os egípcios se lembraram pois de considerar o saco como uma nova matriz, donde sairia o morto ressuscitado (o duplo).

O egiptólogo Maspero disse que o *renascer na pele* é o grande rito da religião egípcia.

Os egípcios pensavam que pra ter o privilégio da sobrevivência deviam deitar o morto num leito funerário, sobre uma pele ou numa mortalha, o enfaixando.

O uso de faixa vem do hábito primitivo de ligar o cadáver dobrado.

A mortalha é um substituto da pele.

Pele, faixa, mortalha são a mesma coisa sob formas diferentes.

Esses fatos explicam os acessórios funerários dos egípcios, que compreendiam:

A pele da gazela, preparada em forma de odre, chamada pele-berço.

A faixa funerária, tira de tecido estreita e muito comprida.

A banda, que apertava a cabeça como uma coroa (derivada da faixa).

A cinta funerária de Osiris.

Por não ser cômoda, a posição dobrada do morto foi abandonada no sarcófago, mas conservada nas cerimônias fúnebres e nos símbolos.

Se prova a importância das peles sagradas pelas fórmulas assinaladas nos templos egípcios:

— Sou o que passa na pele... — Me deitei na pele... — Me cingi com a pele...

— A pele é a mãe Nute, que leva o morto ao Céu.

A expressão *passar na pele* equivale a renascer (viver no Além).

O rito egípcio da pele contribuiu pra difundir a crença em dois corpos: Um material e o outro espiritual que sobrevive ao material.

Nalgumas cerimônias o sacerdote que desempenhava o papel de Osiris *passava sobre* a pele-berço, onde tomava a atitude encolhida do embrião, numa capela erigida no terraço do templo de Dendera. Então um sacerdote salmodista proclamava que Nute concebera Osiris, enquanto outro sacerdote levantava um pilar.

A ciência antiga (magia) consiste unicamente em aproximar ou comparar, e deduzir. Se partia da fórmula *desde que...* ou *pois que...*, e se deduzia uma consequência que se impunha aos antigos, mais que aos modernos, porque lhe falta a experiência e o controle (o terceiro tempo).

Os egípcios se sentiram impressionados com os animais que mudam de pele.

Viram nesse fenômeno uma espécie de ressurreição.

A idéia da reencarnação talvez nasceu da observação dos sáurios.

Os antigos consideraram um tornar a nascer o caso de animais como a rã, que abandona um primeiro invólucro. Na língua céltica a rã se chama *frog*, donde veio a palavra francesa *defroque*, roupa usada, espólio, designando o resto do morto, que fica no fundo da urna.

Nos túmulos há hieroglifos que representam serpente, tartaruga, salamandra, animais que mudam de pele durante o inverno.

Escaravelho. O nome nobre do besouro se tornou um animal sagrado porque aparece no momento das festas da primavera.

Uma rã ou um sapo numa flor de lótus era a forma escolhida pràs candeias dos templos, onde aparecia a frase: Sou a ressurreição.

Gravavam deusas rãs sobre as múmias, o que se pode ver no museu do Cairo.

Depois dos animais os vegetais:

A semente enterrada na terra faz nascer o vegetal. A vida substitui a morte.

Em muitos túmulos da 18ª dinastia havia quadros de pano cobertos cum a camada de húmus, desenhando a silhueta de Osíris. Nesse húmus puseram sementes e rebentou a erva.

Acompanhavam as múmias semente de cereal ou cebola florida.

Se empregou o esperma pra *ressuscitar os mortos*, antes do substituírem por substâncias que oferecem semelhança com o líquido seminal, o óleo, etc.

Apresentamos uma cerimônia egípcia que é uma espécie de rito da ressurreição:

Conduziam um homem ao templo de Ísis, considerado a morada dos mortos. O deixavam lá algum tempo, o buscavam e levavam em procissão, levando na mão a mortalha onde fora envolvido. Era uma cerimônia à qual davam o nome de descida aos Infernos e da ressurreição do deus Rapsito.

Quando os antigos desejavam uma coisa lhe prestavam um culto.

O desejo da imortalidade era frequente entre os gregos, e veio dali o culto da ilha santa de Delos, no mar Egeu, onde nenhum cão podia penetrar e onde ninguém seria enterrado.

Todos os túmulos foram levados de Delos. Era proibido nascer ou morrer ali. Os doentes tinham de se transportar a uma ilha próxima. Delos estava mesmo ao abrigo de devastação guerreira.

Eis outra receita de imortalidade: As personagens sagradas, que se sucedem na mesma função, são consideradas a mesma pessoa sob diferentes invólucros carnaís.

Logo que um grande lama morre a maior preocupação é descobrir onde não tardará a voltar à vida.

Enquanto a viúva do lama multiplica os jejuns e as orações, uma delegação vai consultar o *tchurchum* (adivinho), que, no meio de rezas, abre os livros de

adivinhação e finalmente declara, enquanto os lamas o escutam de joelhos: Vosso grão-lama voltou à vida em tal família, a tal distância donde habitais.

Basta ir ao lugar indicado, buscar a criança recém-nascida (o chaberão).

Entre os maias os gêmeos, que eram deuses, se queimavam, se cortavam em pedaço, se matavam mutuamente. Mas se curavam e ressuscitavam instantaneamente. E tinham a faculdade de se ressuscitar mutuamente.

Entre os chortis, esquartejavam, faziam em pedaço (começando nas pernas) um homem que personificava o deus.

Os pedaços de carne, reconstituindo o corpo, eram expostos voltados ao oriente e depois apresentados à multidão de fiel.

Os antigos sacerdotes não consideravam indigno recorrer à escamoteagem. A prestidigitação saiu dos templos. A nota seguinte pode deixar supor que as cenas de ressurreição foram desempenhadas por jograis:

Os feiticeiros dos huaxtecas costumavam fazer crer que queimavam casas. O que não era verdade. E por meio de práticas que se aproximavam muito da prestidigitação, davam a impressão de que se cortavam em pedaço. O que não passava duma aparência. (*O Popol Vuh*, Raphaël Girard)

OS REIS ADORMECIDOS

A lenda do judeu Errante, os contos que têm como heróis pessoas adormecidas (a bela adormecida), o mito do elixir da juventude são temas folclóricos derivados de ritos da ressurreição.

Começemos nos adormecidos:

Endimião, um jovem pastor, dormia na gruta de Latmo. Uma deusa o viu e ficou encantada com sua beleza e fez com que ficasse dormindo eternamente jovem, pro poder encontrar todas as noites e, com seus beijos despertar em sonhos a paixão dele.

O pastor Epimênides, da ilha de Creta, procurava uma ovelha perdida. Acalorado, descansou à sombra duma gruta e adormeceu. Despertou 57 anos depois e recomeçou a procurar a ovelha.

Os japoneses tinham uma divindade que dormiu durante 10 mil anos: Combadoxo.

Os alemães acreditavam que seu rei Frederico Barba-Roxa adormecera num subterrâneo do castelo de Kiffhausen e que a barba continuava crescendo. [{23}](#)

No conto *A bela adormecida* uma princesa dormiu durante cem anos. Um príncipe encantador tirou do sono.

A lenda dos sete adormecidos conta que, no ano de 250, no tempo do imperador Décio, durante uma perseguição, sete jovens funcionários cristãos perseguidos se esconderam numa caverna perto de Éfeso. Se chamavam Maximiano, Malco, Marciano, Dinis, Serapião, Constantino e tinham um cão,

Cratim.

Adormeceram. O sono que se prolongou durante 2 séculos. Despertaram em 450, no reinado de Teodósio o Jovem, e ficaram muito espantados ao saberem que no oriente e no ocidente reinavam imperadores cristãos.

Essa lenda apareceu no Corão porque, ao acordarem, os sete adormecidos predisseram o nascimento da religião muçulmana e seu triunfo. Os turcos e os persas a adotaram, a modificando.

Na igreja bretã de Vieux-Marché (perto de Plouaret, costas do norte), edificada no século 5, ao lado dum dólmen e duma fonte, existem as estátuas dos sete adormecidos.

A lenda se confundiu cum a história céltica de sete irmãos adormecidos, donde veio o nome da ilha de Sein, ilha do Sono. Algumas aldeias da península do Raz têm, depois do nome, a palavra *sizun*, sono. O nome da ilha de Sein seria uma contração de duas palavras bretãs que queriam dizer 7 sonos.

Nessa região há a baía dos finados, que tanto podem estar adormecidos quanto mortos. Sizun é uma localidade no Finisterra, a 8km de Landivisiau.

O sono se assemelha à morte. Uma pessoa que se julgue morta pode voltar à vida de repente, o que explica que nos mitos e nas lendas se compare o sono à morte e o despertar à ressurreição. A personagem do adormecido é uma variante do deus morto. O deus ou o rei, em vez de morrer e ressuscitar, dorme e desperta. É o mesmo mito. Como é muito mais fácil de imaginar, de simbolizar, o mito do adormecido deu origem a uma série de tradição.

O adormecido geralmente repousa em gruta (mais tarde, em palácio), o que aumenta o caráter sagrado, santo. O consideram morto. A morte é uma condição de santidade. Seu despertar terá um caráter miraculoso.

Isso explica que a personagem mítica se usara em rito de iniciação, como aconteceu no norte da Europa, onde aparece um adormecido que desperta e tem o nome de *chil*.

Chil significa adormecido. *Chil minar*, a casa do adormecido, na Pérsia, é um termo que designa um túmulo.

O adormecido se torna rei ao despertar, tal era o quadro das Florálias, festa agrícola que se celebrava na primavera, porque se associava o despertar da natureza ao despertar do *chil*. Os ritos referentes ao homem imitam as fases da germinação.

Faziam parte da festa provas guerreiras porque o candidato tinha de realizar proezas que mostrassem seu valor antes de ser reconhecido *o mesmo*, quer dizer, dotado das mesmas qualidades do predecessor, e como ele da *raça dos deuses*.

A última cerimônia era a entronização do novo rei, que proclamavam *embratur*, palavra relacionada a âmbar, sugerindo que seria ungido com âmbar. No norte o âmbar desempenha o mesmo papel que o azeite nos países mediterrânicos. Provavelmente se trata de âmbar amarelo, mineral combustível.

O rei era, pois, em consequência da unção, proclamado *embratur*, palavra que derivou *imperator* e *imperador*.

O herói grego Aquiles é um chil em redor de quem se formou uma lenda.

Na costa ocidental da Irlanda há uma ilha com o nome de Achill. Aquiles é filho do rei Peleu e de Tétis. Nascido em Mirmecião, na margem do Palus Meotide, no país dos citas, foi expulso por causa de sua arrogância. Se estabeleceu na Tessália. Tinha cabelo ruivo e os olhos azuis, como os irlandeses. Deram ao filho o nome de Pirro, pela cabeleira cor de fogo.

A mãe, pro tornar invulnerável, o mergulhou na água do Estíge o segurando no calcanhar. Oculto sob a roupa feminina, foi à casa do rei Nicomedes e recebeu o nome de Pirra.

Aquiles, considerado um guerreiro que morre em combate, é uma personagem cuja morte foi predita. Dormia na planície de Tróia e Ulisses o encontrou numa caverna funerária.

O culto a Aquiles se celebrava nos promontórios de Sigéia e de Matapão, rochedos sagrados. Seu nome se associa a uma fonte e a uma ilha do mar Negro.

Foram os cruzados que trouxeram da Palestina a lenda do judeu errante. Se fixa na primeira metade do século 13, mosteiro de Santo Albano, Inglaterra, 1228.

O judeu errante então se chamava Cartafilo e era porteiro do tribunal onde Jesus foi julgado.

Tornou a aparecer no século 16 (Hamburgo, 1542). Asvero, sapateiro em Jerusalém, repeliu Jesus, quando levava a Cruz e quis descansar em sua casa. Caminhes, disse. Então Jesus lhe respondeu: Caminharás eternamente.

O judeu errante num lado é imortal e noutro lado ficará perpetuamente desperto. É o contrário do Adormecido.

Em 1774 tornou a aparecer em Bruxelas, com o nome de Isaque Laquedém. Deu sua quinta volta ao mundo. Nada possui mas todas as vezes que mete a mão na algibeira encontra 5 dinheiros.

Gustave Meyrink (1868-1932) escreveu um romance esotérico, *O rosto verde*, onde uma personagem se chama Chidher, o Verde. Chidher, o Verde é outro nome do judeu errante. Meyrink deu ao rosto verde de Chidher um sentido místico. A cor verde é o símbolo do despertar à vida espiritual. Os iniciados estão despertos.

Existe numa lenda persa um chidher imortal, como o judeu errante, porque descobriu a fonte da vida eterna (a fonte da juventude), onde bebeu e ficou sendo seu guarda.

Chidher é o vizir dum rei adormecido chamado Keikobad.

Esse pormenor, sem importância à primeira vista, é significativo. Nos leva ao assassinio ritual.

Porque, politicamente falando, os antigos só admitiam um poder legítimo, o

dos deuses, das vítimas rituais, dos mortos.

Só um homem sacrificado, um morto, tem o direito de reinar. A história abunda em estratégias que têm o fim de respeitar essa condição na forma, embora sofismando o fundo.

E o mais engenhoso desses estratégias é realmente o do adormecido e o do vizir. O rei, escondido, portanto invisível e rodeado de mistério, busca legitimidade numa morte aparente, depois de delegar o poder a um vizir, realmente vivo e acessível aos súditos. O vizir, executando as ordens do rei adormecido e mantendo sua dedicação, sofre casualmente o efeito do descontentamento popular. Mas, enérgico e ativo, frequentemente elimina o adormecido, vítima duma vida preguiçosa e debochada.

Tal é a origem do monarca que reina e não governa, assim como a dos reis indolentes (que não exercem realmente o poder).

Tal é a origem dos vizires, que desempenham um papel tão importante nos contos orientais.

Se encontra a mesma raiz e a mesmo significado em palavras como *wise* (inglês), *weise* (alemão), *vigário*, *guise* (francês), *guisa*, *maneira*, *costume*, *vydsa* (sânscrito).

No Tibete há dois grandes lamas.

A mesma partilha da soberania existia no século 18 entre os maratas. Stavorinus diz acerca disso: O rajá, ou príncipe, passava, entre eles por santa personagem e o fecharam mesmo quase como uma divindade. O poder executivo reside noutro ramo da família. A residência do primeiro soberano era em Poona e a do segundo em Sattarah.

Em 1880 um reino etíope, o Cafa, tinha como rei uma personagem, com o nome do Tatino, invisível aos vassalos. Não sabiam seu nome, e se houvesse alguém que lhe visse o rosto, o matavam. Era um vizir, o *catama-racho* (administrador do palácio) quem governava o país.

Se encontra a mesma divisão nos estados modernos, poder temporal e poder espiritual, legislativo e executivo, presidente e primeiro-ministro.

OS FILHOS DO CÉU

Ano -1000, no tempo do matriarcado agrícola, se celebrava na China uma festa durante a qual se realizavam torneios onde as confrarias rivalizavam entre si.

Os homens se batiam em luta, corrida, acrobacia e exercício de destreza, como em arenga, bufonaria, escamoteagem, malabarismo e jogo de sociedade (jogo do xadrez, carta).

Uma das provas consistia em ver quem bebia mais. Continua a se usar o grito que saudava o vencedor: Viva o rei!

Os vencidos nos torneios eram sacrificados e o sangue recolhido num odre, que se suspendia sobre a cabeça do vencedor, que o trespassara com flecha.

Então o sangue o borrifava e o proclamavam *filho do Céu*.

Os arraiais conservam símbolos empregados nessas festas, o mastro de cocanha (mastro untado de sebo, cum prêmio no cimo), vara, anda, teatro-de-feira, máscara e disfarce (fato de mascarada).

Esses pormenores, que Marcel Granet buscou em antigos textos chineses, ajudam a compreender as florálias. O *filho do céu* explica o *embratur* (imperador).

Se encontra equivalência da iniciação do *chil* e do *filho do céu* na iniciação tribal e sacerdotal, onde aparece, no entanto, uma inovação progressista que, com o tempo, se tornou uma das grandes alavancas da história, a rivalidade, a emulação.

É a partir do espírito de competição da justa camponesa que se opera a passagem da tribo ao feudalismo e do feudalismo aos imperialismo.

A propósito da relação que deve ter existido entre os sacrificios e alguns jogos folclóricos, transcrevemos um exemplo curioso duma tribo da Colúmbia Britânica (costa noroeste da América):

Em setembro de 1788 capitão John Meares conheceu um chefe índio chamado Maquilla que costumava jogar cabra-cega pra escolher uma vítima ritual. Com os olhos vendados, a agarrava entre seus escravos, que fugiam desvairadamente. O homem era imediatamente degolado, feito em pedaço e comido. Entretanto os indígenas dançavam e cantavam em volta duma grande fogueira alimentada com óleo de baleia. Era uma cerimônia repetida em todas as luas novas.

O CULTO AOS ANTEPASSADOS

Os viajantes antigos que falaram da religião na China, no Japão e no Taiti estão de acordo quando dizem: Não havia cerimônia religiosa, apenas longos ritos funerários, muito numerosos e complicados.

O culto dos chineses, dos japoneses e dos taitianos está mais próximo das primitivas tradições religiosas que o cristianismo.

Em Sumer (Suméria) era costume enterrar os membros duma família num pequeno santuário doméstico. Descobriram sob as casas túmulos abobadados com o chão coberto de tijolo, onde os mortos estavam rodeados de oferenda.

Em Roma o lar familiar era tão respeitado quanto o fundador da família. As imagens dos lares, nas casas grandes, ocupavam lugares especiais. Ofereciam uma parte do alimento familiar e nas grandes ocasiões os enfeitavam com grinalda.

Os reis malaios de Cupangue tinham no palácio um jazigo sepulcral onde

repousavam os antepassados e que era cuidado e guardado dia e noite, sendo essa guarda um privilégio reservado aos rajás.

O autor do relato da viagem de lorde Macartney (1794) disse que os chineses voluntariamente abraçariam o cristianismo se os missionários lhes permitissem praticar as antigas cerimônias nos túmulos e nas moradas.

A grande censura que fazem aos cristãos é desprezarem o culto aos antepassados.

Nos tempos antigos conservavam os cadáveres dos chineses no leito mortuário, sob uma pilha de fatos, até se decomporem completamente. Tapavam as aberturas do corpo com jade, pra que, assim hermeticamente fechado, nenhum vampiro pudesse penetrar.

Depois de despojadas de carne, levavam as ossadas ao templo ancestral, onde colocavam uma tabuinha com o nome do morto, que passava a ter um culto pessoal, consistindo em sacrifício e oferenda de alimentos que variavam segundo a estação: Agrião, nenúfar, ovo de formiga ou de cigarra.

Cada família tinha apenas direito a certo número de antepassados, de acordo com a categoria. Quando atingiam esse número levavam as tabuinhas mais antigas, que deixavam de receber o culto pessoal, a um cofre de pedra, e a família podia usar o nome do morto, que voltava assim à massa ancestral.

O filho mais velho do morto observaria um luto rigoroso, se abster de mulher e de música, evitar toda agitação e distração, refrear o desejo, se retirar da comunidade dos vivos, falar a ninguém, jejuar, emagrecer, conservar apenas a força necessária pra cumprir a cerimônia.

Adoravam o filho mais novo, tido como representante do primeiro antepassado. Depois transferiram essa veneração às tabuinhas onde se inscrevem os nomes dos defuntos e cuja qualidade da madeira e tamanho são determinadas pela tradição.

Se reúnem numa espécie de santuário doméstico, onde fazem profunda reverência perante as tabuinhas dos antepassados, os tendo a corrente dos acontecimentos que se dão na família, fazem sacrifício, pedem conselho e proteção. Então põem o chapéu aos adolescentes que chegam à idade adulta e é também ali que celebram casamento.

Os imperadores, príncipes, letrados tinham templos, que lhes eram dedicados.

Quando da edificação dum palácio, começavam construindo a capela dos antepassados. Quando a construção estava pronta se procedia à aspensão com o sangue das vítimas: Carneiros e galinhas.

As tabuinhas dos antepassados dos príncipes e dos mandarins, desde o fundador da família até o último que morrera, se conservavam numa espécie de capela familiar.

O imperador da China, todos os anos, no dia da primeira lua nova, se dirigia ao templo dos antepassados e se prosternava perante as tabuinhas de seus avós.

Expunham os retratos dos antepassados no altar, onde acendiam círio e colocavam oferenda e perfume. A cerimônia, no canto duma sala ou na capela dos antepassados, se realizava de 6 a 6 meses.

Na altura dos aniversários se celebrava uma cerimônia pública no pagode:

As tabuinhas dos antepassados estão num tabernáculo tapado cum cobertura de seda, no altar principal. Tanto esse altar quanto outros menores, considerados altares secundários, estão cheios de carne animal (porco, galinha, cabra, peixe), assim como de fruto e de vinho. Também círio e defumador.

Colocam diante do altar um boneco de palha (maoxa), que representa o defunto.

O serviço religioso está a cargo dum sacerdote, ou sacrificador, dois ajudantes principais e vários servos.

O sacerdote tira as tabuinhas do tabernáculo, ao qual oferecem incenso e perfume, enquanto os assistentes se ajoelham.

Derramam sobre o maoxa uma garrafa cheia de vinho e oferecem carne às tabuinhas.

Faz parte do número dos sacerdotes secundários o mestre-de-cerimônia, *chy chy cu*, que pronuncia uma fórmula ritual enquanto o sacrificador ergue uma garrafa com vinha. O *chy chy cu* pronuncia outra fórmula, *Ju fo cheu*, e o sacrificador bebe o vinho.

Depois tornam a pôr as tabuinhas no tabernáculo e repartem a carne entre os assistentes. Queimam reproduções de moedas feitas de papel.

Uma vez no ano, no princípio de maio, vão ao túmulo dos antepassados, fora da cidade, frequentemente no alto duma montanha.

O culto aos antepassados se assemelha ao culto aos mortos que se pratica no Taiti, onde, assim como noutras ilhas da Oceania, os lugares do culto eram o *tupapu*, o morai e a casa grande.

Expunham o cadáver no *tupapu* (uma espécie de estrado rodeado duma palçada) até se decompor.

O morai era o altar onde se juntava a ossada. Na casa grande conservavam os crânios e os maxilares dos inimigos que mataram em combate.

O *tupapu* era um lugar de peregrinação. Depois dali colocarem o corpo, os parentes e amigos do morto iam até lá em peregrinação durante cinco luas. Todas as vezes o parente mais próximo do morto rasgava o rosto cum dente de tubarão e embebia no sangue que saía da ferida um pedaço de tecido, que colocavam sobre o *tupapu*.

Quando o cadáver se decompunha, raspavam e lavavam os ossos, os enterrando no interior ou no exterior do morai, segundo a classe à qual o morto pertencia.

A MORTE INICIÁTICA

O ensino deriva do crime ritual. As escolas e a pedagogia, a instrução e a educação derivam de antigas iniciações. O ponto de partida de qualquer iniciação é um simulacro de crime ritual. E a iniciação é a forma primitiva e antiga do ensino.

O objetivo da iniciação foi formar elite, guerreiro ou sacerdote.

A iniciação era um método de instrução e de educação através do gesto e do ato (criando reflexo), anterior ao texto escrito e mesmo ao texto falado (à linguagem e à escrita).

A iniciação é misteriosa simplesmente porque os sinais, as fórmulas e os símbolos, que serviam de veículo ao saber, deixaram de nos ser familiares. O texto escrito recolheu esse saber primitivo sob uma forma difusa, que produziu o que chamamos mitologia, história, ciência, filosofia, etc.

As iniciações egípcias, que se diz terem sido instauradas cerca de -2700, comportavam provas longas e dolorosas, abluções, uma rigorosa disciplina e um ensino (simbólico) que durava anos. Serviram de modelo às iniciações gregas.

Originariamente as provas eram tão perigosas que os neófitos muitas vezes morriam.

Os ritos arcaicos (suicídio, mutilação, suplício e sacrifício humano) se conservaram, durante muito tempo, nas iniciações. Contou Olivier, em sua *História das iniciações*: Nos mistérios praticados em Alexandria sacrificaram crianças dos dois sexos pra consultarem as entranhas e comer a carne.

A iniciação de Mitra se compunha de 12 provas, das quais se conhecem 8: Nadar, correr, atravessar uma fogueira, permanecer no deserto, suportar a fome e a sede, ser chicoteado. As quatro provas de que faltam esclarecimento se referiam ao touro (que tinham de dominar, o montando, antes do degolar) e a rito sexual ou sacrifício. O imperador Cômodo (180-192) cometeu um assassinio durante uma prova dos mistérios de Mitra, no qual se a iniciava.

As provas iniciáticas se depuraram ou se reduziram a gestos simbólicos ao passarem às seitas maniqueias (o maniqueísmo foi uma mistura de mitraísmo e de cristianismo) e depois aos gnósticos de Alexandria e aos cátaros. Mas os ritos de assassinio, suicídio, cópula e mutilação nunca desapareceram completamente e ainda estão nas chamadas seitas satânicas.

Jâmblico, autor esotérico do século 4, descreveu uma iniciação, absolutamente melodramática:

Se entrava numa gruta numa porta de bronze aberta entre as patas da frente duma esfinge. Se seguia num labirinto de corredor. O neófito era recebido pelos iniciados. Em seguida o conduziam, com os olhos vendados, ao longo duma escada espiral até uma sala circular.

Estavam ali dois iniciados, chamados guardas do rito, com túnicas brancas, um cum cinto de ouro, outro cum cinto de prata e ambos com máscara, um de leão e o outro de touro.

Uma personagem, levando uma foice, gritando: Desgraça a quem perturba o repouso dos mortos.

Depois tiravam a venda do neófito, que ia direto a um buraco negro que se abria na frente, onde uma escada caracol o conduzia a uma grade atrás da qual estavam esculpidas doze esfinges e outras tantas tripeças onde ardia óleo e incenso.

Passavam uma foice sobre a cabeça do neófito. Apareciam pessoas monstruosas. O introduziam numa estreita galeria, onde tinha de avançar se arrastando. Chegava diante duma cortina de chama e se lhe abria um teto sobre a cabeça, despejando um balde de óleo ao fogo. Tinha de passar através duma água escura, que chegava até os ombros. O chão se abria na frente, deixando ver um poço sem fundo. Tinha de se agarrar a uma argola. Lhe apresentavam duas taças de vinho, uma das quais conteria um veneno violento. Tinha de pegar uma delas sem hesitar e beber num trago.

Numa última prova dançarinas mascaradas, vestidas cum a túnica transparente, pretendiam o seduzir. Eram as sacerdotisas de Ísis. Duas lhe atiravam uma grinalda de rosa. Se resistia à provocação e quebrava a grinalda era admitido entre os adeptos.

Nas primitivas seitas cristãs a iniciação se compunha duma morte simulada e duma ressurreição. Estendiam o neófito no chão, como se estivesse crucificado, ou o ligavam a uma verdadeira cruz. O deitavam num sarcófago de pedra, assim ficava, durante três dias, na escuridão, silêncio e isolamento.

Os missionários e os exploradores falaram de seitas de algumas tribos africanas e das sua iniciação:

Fechavam os neófitos numa cubata. ^[24] Iniciados, com campainhas nos joelhos e um instrumento musical na mão, os buscavam pra levar ao campo (bada).

Os neófitos começavam a cantar, assobiar e correr. De todos os lados dos caminhos, os esperavam à passagem iniciados armados com chicote.

Perseguiam e batiam nos neófitos, que, num instante, ficam com as costas vermelhas de sangue.

Ao chegarem ao campo deviam se deitar no chão, com o rosto em terra. Era proibido levantar a cabeça, porque o antepassado comeria os olhos e ficariam cegos.

Então começava a morte ritual. O chefe subia a uma árvore chamava o pássaro sagrado, que respondia. O iniciador e os ajudantes entoavam um canto ritual, batendo sempre nos neófitos, ao som de tambor.

Com o gume duma espada sagrada, de madeira, depois com a outra face, o iniciador batia no neófito três vezes no sentido da espinha, três vezes de través. Em seguida batia cum a vassoura mágica.

Empregam frequentemente a droga, porque provoca uma morte aparente. Na

região de Setté Cama a primeira coisa que o neófito faz é mastigar raiz e beber uma cozedura de casca, que o mergulha na inconsciência, e então lhe põem uma liana em volta do pescoço.

Quando despertava, no fim de três dias, devia se hipnotizar, se servindo dum pedaço de vidro incrustado no ventre do ídolo (buiti), e dizer o que via.

Na América se usavam métodos de iniciação semelhantes:

Os caraíbas batiam na cabeça do futuro guerreiro cuma ave-de-rapina, que, morta assim, era posta a macerar numa infusão de grãos de pimenta, infusão que servia pra friccionar as feridas que o bico da ave fizera no jovem. Depois disso devia comer o coração da ave.

Pra ser chefe o guerreiro tinha de se submeter a um jejum absoluto durante seis semanas, a uma reclusão severa e a ser chicoteado, se sujeitando à defumação de ervas nauseabundas e às picadas das formigas e bebendo líquidos embriagantes.

Nas outras tribos os jovens eram flagelados e abandonados como mortos num vale. Tinham de beber bebidas narcóticas, depois se submetiam a um ensino, o que lhes dava o direito de exercer justiça.

As funções sociais provinham das práticas iniciáticas das tribos. Os lugares sagrados, onde se praticaram crimes rituais, se tornaram centros iniciáticos. Na África as matas sagradas. Noutros lugares as ilhas, montanhas, grutas. Tule é uma ilha.

As confrarias, seitas, sociedades secretas têm os mesmos ritos que a iniciação, morte simulada, derramamento de sangue, prova e sacrifício.

Cerca de 1927, um jornalista finlandês, Aleko L. Lilius, que, por gostar de aventura partilhou a vida dos piratas do golfo de Bias, no sul da China, se filiou a uma sociedade secreta, a sala dos heróis de coração reto.

Um dos ritos da cerimônia consistia em cortar a goela dum galo branco, recolher o sangue, o esquartejar, arrancar o coração, o comer ainda quente e beber o sangue.

O finlandês perguntou a Wong To Ping, chefe do bando, se comia o fígado ou o coração dos prisioneiros que assassinava quando não pagavam o resgate pedido.

— Nunca bebo sangue humano nem como o coração das pessoas mas alguns de meus homens o fazem.

A adesão a uma associação como a Máfia é marcada por um pequeno derramamento de sangue.

Na China faziam correr o sangue numa galinha branca pra selar os contratos comerciais e os juramentos de amor. Depois se substituiu o sangue pela tinta.

Algumas práticas das iniciações antigas se conservaram nos costumes religiosos cristãos:

Nas ilhas do lago de Dergue, na Irlanda, são Patrício descobriu uma caverna,

com 20m de comprimento e 15m de largura, que era um santuário primitivo. Foi ali construído um convento. Afluíram as peregrinações ao tugúrio de São Patrício. Cada peregrino era encerrado sozinho em sua célula, com água e tomilho, depois passava a noite na caverna. Era a forma mais simples de iniciação. O adepto ficava sozinho, na escuridão, quase sem alimento.

A PARTE DO DEUS

H. E. del Medico escreveu:

O rito mágico do sacrifício levou ao imposto. Por mais surpreendente que pareça, é verdadeiro. Porque só um deus tem o direito tirar uma parte dos bens alheios.

H. E. del Medico assistiu o sacrifício da vítima animal como se realizava outrora no próximo oriente.

A carne do sacrifício, depois de exposta sobre o altar, se dividia em três partes:

A primeira, queimada, a consideravam oferecida ao deus. A segunda era reservada ao sacerdote.

A terceira os fiéis partilhavam entre si durante um banquete sagrado.

H. E. del Medico acrescentou:

E o fiel não se atrevia a comer sua parte de carne sem pagar o dízimo.

O mesmo reflexo se traduz pela aceitação passiva do imposto que tomou o lugar do dízimo.

No entanto resta saber se tendo o sacerdote instituído o porta-voz de Deus, se a *parte do deus* é anterior à aparição do sacerdócio.

A parte do deus se originou nas práticas arcaicas, como o assassinio ritual e o rito da destruição. O ato religioso mais antigo é uma oferenda enterrada ou destruída ao lado da ossada cuidadosamente conservada e arrumada. Foi esta oferenda que o clero dividiu em três partes.

As partes, que pertencem antecipadamente ao clero e ao estado, se podem ligar a quatro costumes:

A primeira se refere aos sacrifícios, como acabamos de ver. A segunda se relaciona aos funerais.

A terceira está ligada à destruição ou à conservação da herança.

Quanto à quarta, que corresponde à propriedade de bem de raiz, chamemos o campo dos deuses.

Começemos falando sobre o funeral, que em todos os tempos foram o pretexto de imposições frequentemente abusivas.

Eis um texto sumério que data de cerca de -2400:

Pra deitar um morto na sepultura o sacerdote exigia 7 urnas de cerveja, 420 pães, uma grande quantidade de trigo, vestuário, 1 cabrito e 1 cama.

Com o andar do tempo o descontentamento provocou uma revolução e um

certo Urulagina fez reforma ou, mais exatamente, *restaurou a lei antiga*. O enterro passou a custar somente 3 urnas de cerveja, 80 pães, 1 cabrito e 1 cama.

Nunca mais acabaríamos de enumerar as manobras do clero pra se assenhorear duma parte da fortuna dos mortos, manobras que iam da aplicação dos ritos funerários de tarifas até se apoderar da propriedade (captando a herança).

Geralmente bastava especular com o orgulho ou o amor-próprio das famílias. Chardin explicou:

O luto arruinava as casas na Mingrelia. Mas a isso se é obrigado. O bispo dizia a missa e se apropriava do cavalo, dos fatos, das armas e da prataria do defunto.

Na China os sacerdotes vendiam certificados que garantiam recompensas no Além.

Em Madagáscar os hovas faziam da preparação da sepultura, como no antigo Egito, o assunto mais importante da vida. As cerimônias fúnebres eram muito dispendiosas.

Na França, no tempo da monarquia, a administração dos cemitérios a confraria da Igreja era uma importante fonte de lucro pro clero.

As cerimônias religiosas e a sepultura perderam importância com a evolução da sociedade. A parte do deus, em vez de ser adiantada na ocasião das cerimônias, passou a ser (pelo clero, depois pelo estado) sobre a herança.

A origem da arte está na sepultura, como a herança. Eis como:

Nos casos em que o antigo rito da destruição foi substituído pelo rito de conservação, começaram enterrando tudo o que o morto possuía: Arma, utensílio, jóia, bracelete, dinheiro.

Mas como estes objetos estavam muitas vezes deteriorados pelo uso, pensaram, no Egito e noutras partes, fabricar um mobiliário especial, tendo em vista o túmulo. Pouco a pouco o objeto usual foi substituído pelo objeto comemorativo, depois pelo objeto decorativo. No princípio a arte era funerária e se tornou religiosa e laica.

Na arte funerária se introduziu um tabu em relação ao vampiro, que depois deu lugar a grandes inovações religiosas:

A arte, sendo mágica, é evocação. A estátua comemorativa não se limita a evocar o defunto: Suscita o vampiro. É por isso que um tabu proibia toda representação humana nas sepulturas e depois nos templos. Os semitas conservam esse tabu.

As estátuas que figuravam nos antigos templos tinham o ar de pessoas vivas, pois estavam vestidas, pintadas, com cosmético e com pedras preciosas a fazerem de olhos.

Algumas religiões autorizaram representações muito sugestivas, como:

O corpo humano com cabeça de animal.

A imagem pintada ou ícone.

Nos lugares onde desapareceu o tabu da representação humana, se multiplicaram as estátuas: Nos túmulos, templos e palácios. Divinizando os santos e os príncipes, as estátuas desempenharam importante papel na vida religiosa e política. No islã, que não tem estátuas se mantém a veneração popular em peregrinação aos inumeráveis túmulos de personagem ilustre.

Voltemos à herança, enumerando o que continha a sepultura de Childerico I (436-481), filho de Meroveu e pai de Clóvis. Essa sepultura foi descoberta em Turné, Bélgica, em 27 de maio de 1653, por Adriano Quinquin, pedreiro e surdo-mudo de nascença, e continha 100 peças de ouro, 200 peças de prata, armadura corroida, uma espada de ferro, 1 cofrinho, 1 arma com a forma de cabeça de boi, jóia de ouro e de vidrilhos,^{25} 300 abelhas,^{26} uma agulha, colchetes, fivelas, anéis e um sinete.

O *tesouro* desse túmulo era realmente a herança tal qual a compreendemos. Era a *parte do deus*, a oferenda à morte e aos mortos, e essas riquezas ficavam perdidas aos parentes, clero e estado mas não à posteridade!

No século 5 já se estava longe de enterrar, com o morto, toda a fortuna. Mas muitos povos, particularmente os germanos, enterravam com o defunto o que ele tinha de mais precioso.

O clero se sentia frustrado com este hábito mas hesitava em o extinguir porque a religião é essencialmente conservadora.

A grande revolução ocorreu no século 13. Um Concílio decidiu a supressão da inumação do cadáver vestido. O mobiliário fúnebre desapareceu. A herança começou a ser tida em conta e os parentes e a Igreja disputaram os bens do defunto.

Os hábitos têm muita força. A Igreja só permitia alguns vasos nos túmulos. Mas em muitos lugares continuaram a enterrar o morto com o fato mais precioso ou enrolado em tecido de seda. Até o século 18, no sul da França, o morto era enterrado todo vestido.

Se conservou o costume de meter na urna insígnia honorífica, arma, objeto familiar e, naturalmente, cruz, Evangelho, rosário e livro de oração.

O povo não tinha grande riqueza pra guardar. Manteve a tradição de objeto na sepultura sob forma pitoresca. Eis uma lista de objetos enterrados com os defuntos:

Na Bretanha os dentes do morto, cuidadosamente conservados, Em Dol, na Bretanha, no túmulo dum velho, bolo e uma garrafa de vinho.

A garrafa de vinho era usual nos caixões, em Bordéus e na Gironda.

Nas costas do norte um camponês quis que pusessem no caixão seu grande guarda-chuva de algodão.

No norte da Alemanha o pente, a máquina de barbear e o sabão do morto.

Em 1868, em La Creuse, o cachimbo e a bolsa cheia de tabaco dum velho soldado.

Falta falar sobre o campo dos deuses.

Os lavradores tinham o costume de deixar inculto um campo no extremo dos que cultivavam. Diziam que era o campo dos deuses.

Em 1830 havia, nas costas do norte, um campo sagrado onde a relha da charrua nunca tocara. Há o mesmo costume na Escócia e no País de Gales.

Existia certo número desses campos na Europa céltica quando o clero cristão começou a influenciar. O campo de Deus se tornou o campo do Diabo, às vezes o campo das fadas e foi deixado ao folclore.

Nos referindo a um passado mais longínquo, encontramos em Sumer o campo dos deuses, que era o nome que davam aos domínios ligados ao templo. Os sacerdotes requisitavam bois e homens pra o lavar.

O *campo de Deus* dos jesuítas do Paraguai era um conjunto de exploração agrícola cujo lucro era destinado a encargo social (enfermo, doente) e militar (defesa do território), a calamidade natural e ao tributo ao rei da Espanha.

A ALMA E OS INFERNOS

A busca a documentos históricos referentes à alma e aos infernos fez aparecer um culto estranho, que contribuiu pra esclarecer o assassinio ritual: O culto à morte sangrenta, que se presta à vítima duma hemorragia.

É um fato que ajuda a compreender o sentimento dos primitivos em relação à morte e que parecem realmente se adquirir somente quando o sangue corre.

A morte sangrenta ou violenta é a única morte verdadeira. Tem o mesmo significado do assassinio ritual.

Existe, além disso, uma confirmação dessa hipótese: É que aos olhos dos antigos a morte natural, sem sangue, não era suficiente pra proteger o morto do perigo vampírico.

Muito tempo depois chegou ao pensamento cristão uma superstição contrária: O morto que volta a aparecer como fantasma foi vítima de assassinio ou suicídio.

Cerca de 1960, no Brasil, depois de rezar à virgem Maria e invocar os deuses brasileiros, uma moça matou uma criança, a filha do amante, chamada Tânia, por ciúme. Logo que encontraram o corpo de Tânia, a proclamaram santa. No campo onde se dera o crime rodaram com corda um quadrado de 2m, com vela nos cantos e estátuas de gesso e bilhas dispostas no meio. A multidão foi rezar e cantar e a água serviu pra fazer cura milagrosa. (Notícia relatada pelo jornalista ianque Davi Saint-Clair)

Esse culto só se pode explicar pela morte violenta de Tânia. Pela mesma razão o retrato de presidente John Kennedy figura nos templos brasileiros.

Se observou o culto à morte sangrenta na Índia. Os habitantes do Guzerate erigem pedras em bruto, gravadas ou esculpidas, em intenção aos que morrem assim, pedras que colocam num pequeno santuário, sob uma figueira.

Há na Índia do sul os chamados pudãs, santuários sem sacerdote, nos lugares onde se cometeu assassinio e onde se sacrifica animal, fazendo também correr algumas gotas de sangue humano.

No distrito de Tinnevely, um desses pudãs era consagrado ao espírito dum europeu que mataram nas guerras de Travancore. Lhe ofereciam cigarro e brândi, pão e galinha.

No paraíso mexicano os guerreiros mortos em combate ou imolados nos altares e as mulheres vítimas da guerra, degoladas nos sacrifícios ou mortas no parto usufruíam tratamento especial, como ser transformados em colibri, pássaro favorito de Huitzilopostle.

Também recebiam favor os afogados, os fulminados por raio e os que sucumbiam de doença repentina.

Se reservava uma morada tenebrosa e triste aos que morriam de velhice ou de morte natural.

O culto aos mártires, mortos pela religião, e dos heróis, mortos pela pátria, é uma transposição do culto à morte violenta.

Tanto uns quanto outros estão isentos da reprovação que, no mundo cristão, marca as pessoas assassinadas ou os suicidas.

O sacrifício da vida se considera meritório, com a condição de ser realizado em nome e em benefício de causa nobre.

O Além dos germanos compreende o Valhala, reservado aos guerreiros, e uma região escura, o Hel (Inferno), habitado pelas mulheres e pelos homens que não morreram combatendo.

A mulher, valquíria, é a recompensa do guerreiro no Valhala dos escandinavos e no paraíso de Maomé, huri. A fórmula de saudação Que a paz esteja contigo! deriva duma idéia religiosa.

É uma expressão à qual se está tão habituado que nem se pergunta: Por quê? De fato, os homens são mais ávidos de tumulto que de paz (no sentido de calma). Se pode, pois, perguntar por quê a saudação é um voto de paz.

A resposta é a seguinte: A paz é uma idéia religiosa, santa, sagrada. Perguntando por quê a paz é isso, se chega de novo ao vampiro. A pessoa que diz Que a paz esteja contigo não te deseja a paz durante a vida mas depois. Que a paz esteja contigo significa Que após a morte teu cadáver se decomponha em paz, se torne pó e ossada, que te seja evitada a sorte do vampiro.

Osiris significa Quem traz a paz. Salomão é Quem está em paz.

Na antiguidade houve lugares reputados pra oferecer toda a garantia ao cadáver, locais chamados *idades da paz*. Jerusalém é uma. Na cidade de Salomão, como nos santuários de Osiris e de Ísis, o cadáver encontra a paz definitiva.

Se enterram os mortos virados a oeste, onde o Sol se esconde, sendo o sol poente o símbolo da morte e Osiris o deus da morte.

Ísis, no culto egípcio, e Sulamita, na Bíblia, têm o mesmo significado: A que é a paz.

A palavra com a qual se saúda alguém é a mesma em árabe, em hebreu e em francês: *Salam, Chalom, Salut*.

Que repouse em paz é a tradução duma fórmula fúnebre egípcia.

A tradição vampírica, conservada na memória atávica dos homens, contribuiu pra formar a idéia da alma.

O vampiro é um *morto* que não sabe o que é o repouso porque foi privado dos ritos funerários.

Na religião cristã o vampirismo foi substituído pela condenação (castigo eterno). É a mesma idéia sob outro aspecto. O cadáver-vampiro sofre eternamente, como o condenado.

A alma é como uma transposição do vampiro nos sistemas religiosos.

A diferença é que o vampiro, considerado perigoso pros vivos e suportando tormento, podia e devia ser destruído, enquanto a alma, através de certas condições, pode conhecer a felicidade eterna e se tornar benéfica aos vivos.

A representação dos infernos variou muito. Nos cultos totêmicos são povoados de animais, uns perigosos, outros agradáveis.

No México há uma passagem guardada por uma grande serpente, depois oito desertos, em seguida um caminho onde duas horríveis cabeças de serpentes lançam a língua sobre os defuntos.

No Sião um dos infernos, chamado Alipata-Varanaroque, consiste numa floresta onde as folhas das árvores são gládios com dois gumes. Quando o vento sopra, as folhas caem sobre os mortos e os cortam em pedaço.

Aparece um inferno análogo na *Marcandeva purana*, da Índia. Também lá os mortos são feitos em pedaço pelas folhas cortantes das árvores.

Noutros infernos, os mortos são moídos e reduzidos a uma papa por duas montanhas que se aproximam mutuamente.

Os índios do Canadá, México e Guatemala só têm entrada no Além depois de afrontar muitos perigos. Como triunfar nessas provas?

Comprando dos feiticeiros ou dos sacerdotes objetos onde estão traçados sinais ou fórmulas mágicas (talismãs) ou, no tempo moderno, pedaços de papel onde vem escrito texto (bula).

Os cultos egípcios eram espetaculares e requintados mas estavam muito comercializados, como o prova a fórmula fúnebre da qual não é difícil imaginar a que tráfico deu lugar, sob o véu da equidade:

Em Mênfis o cortejo fúnebre parava na margem dum lago onde permanecia um tribunal composto de 40 sacerdotes (ou juízes).

O morto era julgado. Qualquer um podia o acusar ou reclamar o dinheiro que lhe devia. O tribunal pronunciava um veredito. Se era favorável, o funeral se realizavam. Em caso contrário lançavam o cadáver à vala comum.

Se encontra o mesmo gênero de tráfico nos *livros dos mortos*, que são fórmulas mágicas que os sacerdotes salmodiavam aos ouvidos do morto, pra permitir ao duplo (à alma) triunfar nas provas que o esperavam.

Eram fórmulas relativas os itinerários que conduziam ao Além e que compreendiam paragem, estação e prova.

As fórmulas, originariamente salmodiadas, foram transcritas sobre a urna, sobre o sarcófago, nas paredes da câmara funerária, e finalmente num rolo de papiro colocado junto da múmia ou sob a faixa.

São fórmulas mágicas ou orações que formam o *Livro dos mortos*. Todas têm um título, seguido duma série de desenho. Encontraram cerca de 180.

Numa evolução lógica das idéias e dos sentimentos, se prometeu o sofrimento dos vampiros:

Aos inimigos, a quem não se ama.

No *Popol vuh* se trata do castigo reservado aos chefes míticos da Guatemala, acusados de rebelião.

Aos que infringiram os tabus:

Na obra sânscrita intitulada *Pança-guti* há um inferno reservado aos que mataram animal.

Em nenhuma parte se prevê a paga das ações terrenas, boas ou más.

O Inferno e o Paraíso cristãos, ao sancionarem as boas e as más ações, criaram a moral.

Sendo os deuses antigas vítimas rituais, nas religiões sua morte tem muito mais importância que a vida.

Todavia, muito antes do cristianismo, nos ritos já se provava a preocupação com vida depois da morte.

Os ritos, reservados aos reis, nos primeiros tempos foram concedidos, em seguida, às pessoas importantes, antes de aos mortos simplesmente dignos de receber.

As seitas religiosas tiveram como fim, inicialmente, fazer com que os membros se beneficiassem de ritos que assegurassem a sobrevivência (a outra vida).

Na China a alma do homem do povo é tão frágil que se dissipa com a morte. Só os senhores têm verdadeira alma, que se torna mais forte com a velhice prolongada, com alimento requintado e bebida reconfortantes.

Os povos clássicos da antiguidade (egípcios, judeus, gregos e romanos) nunca tiveram a idéia duma alma imortal pra todos os homens. A outra vida do duplo somente se admitia pros privilegiados.

Se imaginava o Além sob a forma duma espécie de banquete. Se rezava pra que os mortos por quem se interessavam tivessem um lugar escolhido no banquete celeste.

Se encarava a outra vida (ou paraíso) sob uma forma absolutamente material.

Entre os muçulmanos, a idéia de ressurreição se liga à pessoa física. Quem ao morrer tiver única perna ou único braço ressuscitará assim.

Em 1857, na Índia oriental, tropas indígenas se revoltaram contra os ingleses e cometeram atos atrozos nas mulheres e crianças inglesas. Os rebeldes mais culpados foram amarrados à boca dos canhões e despedaçados em mil pedaços, pra impedir a ressurreição do corpo.

A mesma representação material das perspectivas espirituais existe na Índia, onde, quando estava preste a expirar, o moribundo se agarrava ao rabo duma vaca, pra que a alma, ao atravessar o corpo do animal, se purificasse das manchas. Também se dizia que a vaca o esperaria nos infernos pra o ajudar a passar o rio Vaicarane.

O grosseiro Além dos primitivos mudou de rosto quando apareceram os cultos solares e com a difusão da astrologia. Então se supôs que as almas dos mortos subiam ao Céu, onde atravessavam sete esferas planetárias. Alguns astrólogos situaram os campos Elísios na esfera das estrelas, outros na Lua, e Cícero pretendia que os que prestavam serviços à pátria tinham a promessa da imortalidade.

O Céu, considerado morada das almas, é uma idéia astrológica retomada pelo cristianismo.

A entranha da Terra é o lugar que mais geralmente se considera como os infernos. Foi dessa idéia que nasceram os plutônios (moradas de Plutão) da antiguidade.

Um plutônio célebre era o lago Arverno, entre Puzzoles e Cumes, na proximidade do qual ficava o antro da sibila de Cumes. Foi onde Enéias desceu aos infernos.

Outro era o Aorno. Perto de Nápoles, na Itália, Aorno é o nome dum golfo que confina a península situada diante da ilha de Prócida. Cerca do século -6 o Aorno era rodeado de habitações subterrâneas interligadas por galerias. Viviam ali sacerdotes, que só saíam na noite. Tinham um templo escavado na rocha.

Os navegantes não podiam entrar no Aorno sem oferecer *sacrifício segundo o rito determinado pelos sacerdotes, a quem foi reconhecido o domínio daqueles lugares.*

Na antiguidade abundavam locais desse gênero e cada um tinha sua divindade. O culto a Aorno era um oráculo de Ópis, uma deusa da morte e dos infernos. É Prosérpina, Perséfone, Réia, Cibele, Diana.

Diana é uma divindade terrestre, Prosérpina é uma divindade infernal. Ambas representam aspectos de Hécate. A tripla Hécate é Diana, Prosérpina, Hécate. Hécate, deusa da Lua, é infernal porque a Lua desaparece no mundo subterrâneo e a Terra recebe os mortos em seu seio (as almas dos mortos vão à Lua).

Hécate, encarregada de policiar os infernos, tem um rosto de mulher no centro, um rosto de cavalo à direita e um rosto de cão à esquerda (o triplo rosto

de Hécate).

Nos infernos, ao lado de Plutão e de Prosérpina, Caronte, barqueiro dos infernos, filho de Érebo, atravessa o Cocito e o Aqueronte. Só admite na barca as sombras dos mortos que receberam sepultura e pagaram passagem.

Prosérpina, deusa da morte, concede o salvo-conduto (um ramo de ouro) que permite penetrar no reino de seu esposo.

Rainha dos infernos, é filha de Júpiter e de Ceres. As Fúrias são suas filhas. É a esposa de Plutão, deus dos infernos, que a raptou.

Ópis é uma divindade dos cimérios, povo assinalado na Ásia central em -1200, dando o nome à Criméia e, igualmente, se dando crédito a Moreau de Jonnés, a Cambride.

Os cimérios tinham relação tradicional com os infernos. Habitaram em Palus Meotide, mar de Azove, onde havia um plutônio. Eram feiticeiros. Ulisses foi os procurar pra consultar os espíritos infernais.

Os sacerdotes cimérios do Aorno exploravam as minas e praticavam a adivinhação.

Se encontra Ópis, sob o nome de Cáli, na Índia, onde, deusa dos infernos e da destruição, é a esposa de Siva.

Cáli (ou Bhowanee) está coroada cuma tiara, tem o pescoço cingido por um colar feito com caveiras e seis pares de braços estendidos num movimento de dança, calcando sob os pés corpos inanimados. É a protetora dos tugues e, ainda no século 19, multidões hindus se precipitavam sob seu carro.

Os infernos ficam também situados nas ilhas. Na França, as ilhas de Brezes, do Paraíso, das Antilhas, de Arvert eram *vizinhas da morada dos deuses*.

Na Bretanha se pretendia que viviam seres divinos numa ilha onde os habitantes das costas mais próximas conduziam os mortos.

Na Auvérnia, os *poços* e as *cúpulas* (zimbórios) se formaram no fim do período glacial, após um novo período de atividade de vulcões extintos havia muito tempo. O aspecto insólito da Auvérnia, erichada de cratera, faz pensar que essa região era a morada de Plutão. Até a idade média as pessoas vinham de muito longe pra morrer e ser enterradas nas regiões do planalto central.

Nos monumentos religiosos, assim como nas cerimônias, que eram espetáculos com encenação preparada, os romanos representavam uma torre, debruçada das ameias, o templo das divindades infernais. O modelo lhes fora sugerido pelo pico agudo do monte Duro, que tem a forma dum torreão e é rodeado por muralhas.

Na atual província de Altier havia uma das principais oficinas de bronze do mundo antigo e os navegadores fenícios e egeus iam buscar produtos metalúrgicos às embocaduras do Loire, do Charente e do Gironda. Difundiram a idéia de que os países que visitavam, entre o Loire e o Gironda, ficavam sob a terra, o que estava de acordo com as noções dos antigos, que tinham deuses-

ferreiros: Hefestos dos gregos, Ftá dos egípcios, Vulcano dos romanos, Teutates dos celtas.

O que resta das especulações sobre a natureza espiritual do homem?

Duas palavras: A alma e o mana.

A idéia de mana é própria das culturas hindu e oceânica. É nobre e bela e exprime, melhor que a idéia da alma, a realidade psíquica que podemos apenas pressentir.

Na Índia, o *momiyai* é a essência da vida, o mesmo que o mana.

Fazendo pesquisas sobre o *momiyai* se descobriu que era uma palavra que designava inicialmente o betume ou uma substância análoga, empregada como remédio, um sucedâneo pra embalsamar os cadáveres. Os mercadores muçulmanos vinham de Cabul e traziam o *momiyai* da Índia.

Parece que realmente a idéia de mana provém da observação do betume, porque o betume se inflama facilmente e o mana é um *eflúvio ígneo*.

O termo *betume* designa matérias combustíveis naturais, também conhecidas pelo nome de pez ou de asfalto. Há fontes e lagos de betume. Empregado no antigo médio oriente, o betume serviu pra edificação de Babilônia, Nínive e Mênfis. Deus recomendou a Noé revestir o casco da arca de betume. O mar Morto é rico em betume.

Eis um resumo do que se refere à alma e ao Além:

Os primitivos tinham o único fim da destruição do cadáver, e a única preocupação era evitar o estado vampírico.

As únicas formas de matar o vampiro são a morte violenta ou o assassinio ritual, ou um modo especial de tratar do cadáver, como a realização de certos ritos, o enterramento, a exposição num lugar sagrado ou a sepultura.

Depois, todas estas práticas, ou outras por que foram substituídas, se consideraram como outros tantos métodos pra assegurar a outra vida do duplo, enquanto os sofrimentos do estado vampírico se tornavam as provações do Além.

O Veu-Pacha do Peru, o Popuguno dos índios da Virgínia, o Pij dos siameses, o Patala da Índia, etc, são infernos cheios de ciladas, contra as quais se pode triunfar cumprindo os ritos.

O Hades grego é a morada das sombras.

O Valhala escandinavo e o Paraíso de Maomé são a morada das valquírias e das huris.

A divisão do Além em Inferno e Paraíso é a consequência lógica dos sistemas religiosos anteriores ao cristianismo.

O Inferno cristão, lugar de suplício e de castigo das infrações aos mandamentos de Deus e da Igreja, substitui os tabus pelas provações de quem infringe os mandamentos. A alma imortal é uma idéia cristã. [\[27\]](#)

O termo *voto* é tão fraco que empregaremos o termo latino *devótió*, que é o sacrifício humano condicional.

A Bíblia dá um bom exemplo: Jefté prometeu votar a primeira pessoa que encontrasse ao regressar duma batalha, se vitorioso, e, como foi esse o caso, teve de sacrificar a filha, que correu a seu encontro pro felicitar.

O costume da devótió existia na Europa:

Na ano 58 houve um grande combate entre os hermúnduros e os chates. Os hermúnduros, vitoriosos, consagraram os inimigos. Quer dizer: Tudo, tanto os homens quanto os cavalos e as armas, seria destruído. No ano 105 Radagásio, chefe dos godos, prometeu sacrificar todos os cativos que fizesse na guerra contra os romanos. Em 539 os francos, depois de passarem o Pó, imolaram a as mulheres e os filhos dos godos.

Vercingétorix teria se salvo fugindo mas isso era contrário às tradições dos gauleses. Propôs aos chefes das tribos, de cuja coligação era o chefe, que morressem todos juntos, combatendo. Os chefes recusaram. Só restava se sacrificar sozinho, suicidando ou se entregando, como vítima, ao vencedor. Vercingétorix só podia esperar de César a morte depois dum longo suplício. A rendição foi, nesse caso, um sacrifício, que o enalteceu em vez do humilhar.

O direito deriva dos crimes rituais. Os contratos de devótió entre os romanos e seus deuses são verdadeiros textos jurídicos:

No momento crítico da guerra que travaram com os cartagineses, prometeram a Júpiter tudo o que nascesse na primavera (primavera sagrada) se o deus conservasse a república durante cinco anos. (Tito Lívio, *História romana*, Livro 22, #10.)

O imperador, antes de cercar uma cidade ou de começar um combate, salmodiava uma longa fórmula de devótió. Eis um extrato: Suplico a todos os deuses encher de medo, de pavor, de assombro, o exército (ou a cidade) inimigo que anteriormente designamos. Que vos seja votado e consagrado segundo as leis... Voto em nosso lugar, em vez de mim, do povo, romano, de nossas legiões e de nossos exércitos... [O sangue do adversário substitui o sangue dos romanos, que salvariam a vida em consequência desse contrato.] No meio da empresa que temos de conduzir faço esta substituição pra que vós (os deuses) conserveis minha pessoa, dignidade, poder, legiões e exército.

O suicídio dos chefes responsáveis não era costume entre os romanos. Quando se dava esse caso era considerado um ato de heroísmo.

Em lugar do sangue dos romanos o contrato com os deuses previa a imolação de três ovelhas negras, sacrificadas antecipadamente. Era um penhor.

O suicídio ritual dos chefes militares celtas era uma devótió.

O chefe militar, chamado o breno, (*brennu*), não tinha esperança de escapar à morte no caso de ser vencido. Era uso o general batido suicidar.

Houve um breno vitorioso que tomou Roma depois da batalha do Ália (16 de

julho de -390). Lhe atribuíram o *vae victis* e a chamada Lei de Breno: É uma lei justa e natural. E a mais antiga. Que o mais forte se apodere das coisas do mais fraco. É a lei que começa nos deuses e acaba nos animais. Esse não suicidou.

Outro breno invadiu a Grécia, em -279, à frente de 150 mil guerreiros a pé e de 60 mil cavaleiros. Profanou o templo de Apolo em Delfos, foi vítima duma tempestade, ferido e suicidou. Os sobreviventes de seu exército fundaram a Galácia.

Esse breno não suicidou pelo desespero de ser batido: Se matou porque, não podendo oferecer aos deuses o sacrifício do inimigo vencido, o único sacrifício possível foi o de si.

Arbogastes, chefe das milícias romanas, onipotente na corte de Valentiniano II, combateu as tribos francas. Vencido por Teodósio, se matou em 394.

Há historiadores que censuraram o fato dos chefes dos grupos primitivos serem déspotas. Se considerarmos *despotismo* sinônimo de *arbitrariedade*, não o foram, pois tiveram de se conformar com os costumes, e os costumes, às vezes cruéis e sanguinários, é verdade, não foram menos impiedosos pra eles.

O chefe gaulês (eleito durante um ano) chamado Vergoberto estava sujeito a sofrer o suplício do fogo em caso de calamidade ou de catástrofe. Chefes civis e reis eram em toda parte os penhores da prosperidade. Quando ela deixava de haver os matavam. Era o que ainda se passava, no tempo moderno, na China. Uma desgraça nacional provocava uma revolução e estrangulavam o imperador.

O patriotismo colocava os etruscos perante o dilema matar ou ser morto. Tanto num caso como noutro as divindades tinham uma vítima.

No túmulo de Francisco, um herói etrusco enterra a espada no peito dum inimigo vencido, exclamando: Darás a vida a Venó.

A deusa Venó, representada com duas serpentes na cintura, é a protetora dos mortos, o país natal a que as almas dos mortos pertencem, o que é uma glória.

O brinde, equivalente nórdico da devócio, é uma prática religiosa. O brinde pode ter como consequência o suicídio ou o assassinio. O brinde se usa durante os banquetes. Os banquetes são refeições sagradas. Na civilização escandinava e na germânica fazem parte dos ritos corporativos banquetes. As cartas de nobreza e o caráter religioso do brinde vêm do costume de beber num crânio a bebida ritual.

O crânio de libação era um crânio bem limpo, polido, decorado, com um pé de madeira ou de metal. A atual taça de champanhe e o cibório são os seus equivalentes modernos.

O crânio ritual só devia servir pra a bebida ritual ou líquidos e misturas especiais, segundo determinados usos.

A libação num crânio era acompanhada dum cerimonial. Se levantavam pra beber, seguravam o crânio com o braço estendido, o saudavam.

Nas grandes ocasiões, pra firmar um brinde importante (uma devócio), o partiam, acompanhando o gesto duma fórmula ou dum grito ritual.

Se empregou o crânio de libação em feitiçaria. Nesse caso continha sangue menstrual, sangue vulgar, pequenos pedaços de carne e outros ingredientes mágicos.

Se serviram do crânio de libação pra beber substâncias que provocassem uma exaltação artificial.

Nas ilhas de Tonga, Polinésia, a preparação da bebida sagrada, o cava, reservada à classe dirigente, dava lugar a uma cerimônia que lembra os ritos de libação.

As libações num vaso (*kufe, kuebel*) eram tidas em apreço no culto a Odim.

Perto do lago de Zurique os alemães ofereciam libação de cerveja numa enorme taça, que se chamava *wodan*.

Em 567 Albuim, rei dos lombardos, tendo matado, com o próprio punho, o rei dos gépidas, Cunimundo, mandou fazer uma taça de seu crânio *segundo o uso dos povos do norte*. Então desposou a filha de Cunimundo, chamada Rosimunda, segundo outro hábito de então.

Em 573, num festim em Verona, mandou buscar a dita taça e, depois de beber a apresentou a Rosimunda, a convidando a beber *com seu pai*.

Rosimunda, tomada de horror e de raiva, mandou matar o esposo por Perideu, um oficial intrépido, que era seu amante. O assassinio do esposo pelo amante era outro uso corrente.

O Graal, ou o santo Graal (de sangue real, *sanguis realis*), é uma adaptação cristã dos ritos referentes à taça de libação. O Graal é uma taça que sangra perpetuamente. Se associa a uma lança. A lança e a taça são talismãs.

O Graal, sendo um vaso ou um cálice, é um substituto do crânio humano, do mesmo modo que a lança é o substituto nobre da moça ou do machado de combate.

O Graal é uma história lendária feita de reminiscência, que buscou na Bíblia, nos mitos célticos e escandinavos.

O mito do Graal se desenvolveu na Europa no século 6 e existe na Índia e na Pérsia.

Creuzer estudou as idéias místicas ligadas aos vasos (taças e outros recipientes dos tempos arcaicos) da antiguidade. Menciona as taças de Baco, Osiris, Mitra, Jemchide e José: A taça, que se assemelha a uma boca, é um símbolo de veracidade e lealdade.

Gregório de Tours se refere a um estabelecimento que existia na região de Colônia. Deu o nome de templo, que, no entanto, servia apenas pra banquete ritual, em volta dos quais as confrarias se reuniam, em certas épocas, se entregando a excesso de comida e de bebida. As libações se efetuavam em honra a um deus. Prestavam juramento sobre as cerdas do varrasco de Freia.

Na altura da oferenda pronunciavam uma fórmula de consagração sobre a taça ou o corno cheio, ao qual chamavam *consagrar a taça*. Faziam três brindes,

a Odim, a Niorde e a Freia.

Depois de beber na taça, o que primeiro pronunciou a fórmula a passava, segundo determinada ordem, aos outros convivas, que bebiam cada um em sua vez.

Havia um brinde de comemoração, que se fazia pelos heróis mortos. Na altura da bênção da bebida se indicava o fim da oferenda pra obter a vitória, boa colheita, etc. Se pronunciava voto solene. Se bebia por Odim (mais tarde, por Cristo). A palavra céltica *guild* designa a vítima animal, carneiro ou touro, depois o banquete, e, mais tarde, a associação corporativa *Ghilde*.

Esses banquetes, que terminavam em orgia, dando ocasião a prodigalidade e deboche.

Daquele termo viriam as palavras *girl* (moça), *girdle* (cinto) e *gold* (ouro).

A moça gaulesa escolhia o esposo durante um banquete, lhe oferecendo uma taça.

Na China feudal, antes da era cristã, o senhor vitorioso oferecia uma taça ao senhor vencido. A aceitando, o vencido reconhecia sua vassalagem. Bebia pra resgatar a derrota e o vencedor bebia pra resgatar a vitória.

O verdadeiro brinde inglês se realizava ainda há pouco, somente entre os homens, depois de refeição. Começavam a beber pelo sexo feminino, indicado, nessa circunstância, por um termo indecente. Em seguida, cada conviva designava a pessoa em nome de quem fazia o brinde, e era a altura de pronunciar fórmulas que punham em evidência a personalidade dos bebedores.

Algumas fórmulas de brinde são muito belas, como este brinde dinamarquês a um irmão de arma: Acima de ti... Nunca! Abaixo de ti... Nunca! A teu lado... Sempre!

As extravagâncias a que os brindes davam lugar no século 18, na Inglaterra, permitem fazer um paralelo entre esse costume e o potlatch.

Fazendo um brinde a uma mulher, um fidalgo destruíra ou lançava ao fogo um acessório do vestuário ou até jóia. Os outros convivas deviam o imitar, o que era um ponto-de-honra.

Um dia Charles Sedley chegou a um botequim, orgulhoso com a sua gravata nova de fina renda. Tomou parte no grupo dos que bebiam e outro conviva fez um brinde lançando a gravata ao fogo. Todas as pessoas presentes, incluindo Sedley, foram obrigadas a fazer o mesmo.

Sedley prometeu tirar a desforra. Alguns dias depois, se encontrando no mesmo botequim com os mesmos convivas, pediu ao criado chamar um dentista. O dentista chegou, tirou a Sedley um dente estragado, que doía, e as regras de honra tornavam um dever, pra todos os convivas, sacrificar um dente. Foram, sucessivamente, todas obrigados a o fazer.

Em 1659, pouco tempo depois da chegada de Carlos II a Londres, cinco realistas decidiram beber à saúde do rei, se servindo do próprio sangue, e depois

de cortarem todos um pedaço das nádegas pra fazerem um grelhado.

Esse programa foi executado pelos quatro primeiros. No momento em que o quinto os imitaria, entrou na sala a esposa, armada de tenaz. Esgrimia tão bem que o traseiro do marido ficou inteiro.

RETORNO AOS REFLEXOS E CONCLUSÃO

Ao longo duma vida humana, se pode observar uma perpétua mudança de idéias, de interesses e de condições econômicas. Os reflexos hereditários ou adquiridos durante a infância é que quase não mudam. De tal modo que é possível encontrar a origem dum homem já velho estudando apenas seus reflexos.

Foi esse o método que presidiu à elaboração do presente livro. Uma vez que os reflexos são indelévels, devem permitir reconstituir o passado e, de modo mais particular, a origem da humanidade.

As práticas religiosas arcaicas, quer dizer, a morte ritual, os cultos sexuais e as mutilações, são revoltantes, mas, destrinchando a cadeia sem fim dos reflexos, podemos os ligar a nossas concepções atuais.

Nossos antepassados distantes expunham os restos sangrentos de homens ou de animais sobre mesas de pedra, diante de pilares também de pedra.

Muito tempo depois objetos de ouro cinzelados, incrustados de pedras preciosas, foram também expostos em ricos altares cobertos de tecidos maravilhosos, diante de estátuas ou de quadros, que eram obras-primas, no meio do fumo de incenso.

Como é possível não ver que se trata do mesmo rito, modificado pela evolução dos sentimentos e da técnica?

Esse rito é a resposta a um tremendo reflexo, que nos permite chegar a um tempo em que havia seres psíquicos, à existência dos quais os primeiros homens não podiam pôr termo sem se tornarem seus assassinos.

Os seres psíquicos, que aparecem em todas as tradições religiosas e em todos os folclores, temíveis ou benéficos, anjos e demônios, deuses ou diabos, espíritos ou larvas, são os vampiros!

Nota da tradutora

Os ritos estranhos são ritos de morte. Se referem tanto a funeral quanto a necromancia, a sacrifício humano quanto a imolação simbólica duma divindade, ao canibalismo quanto ao culto a relíquia. Se a mais amiga prática religiosa foi a morte ritual, o primeiro a ser sacrificado foi o rei-sacerdote. E quando o substituíram por um escravo, ele recebeu honra real. Os ritos estranhos não são explicados pela crueldade ou superstição. Tiveram origem numa razão profunda. Qual? É a essa pergunta que este livro responde, demonstrando a origem psíquica do homem. Nada mais fascinante que os ritos que geraram, no mundo, uma florescência de uso, costume, instituição, tradição, cerimônia, lendas, alegorias, símbolo e de idéia: Por exemplo, os reis e as rainhas de carnaval, as mocinhas consagradas à virgem e os véus negros da viúva, o galo do campanário, a passagem da linha (equador), a incineração (o forno crematório), a taça ou a garrafa quebrada (em inauguração), as fogueiras dos dias festivos, símbolo de alegria, os jogos folclóricos, como as corridas de saco, a cabra-cega, o mastro-de-cocanha (pau-de-sebo), etc. Este livro mostra por quais desvios imprevistos os ritos estranhos dos primitivos conduziram o mundo à civilização.

Bibliografia

- ALAU (Gustave d'): *L'empereur Soulouque et son empire*, 1856
- ALLEGRO (John M.): *Le champignon sacré et la Croix*, estudo da natureza e da origem do cristianismo nos cultos à fecundidade do antigo e próximo oriente, 1974
- ANIANTE (Antonio): *Vie et Aventures de Marco Polo*, 1938
- ANSON (George): *Voyage autour du monde*, de 1840 à 1844
- AUGE (Lucien): *Les tombeaux*, 1879
- BAISSAC (Jules): *L'âge de Dieu*, 1890
- BARDECHE (Maurice): *Histoire des femmes*, 1968
- BARRIÈRE-FLAVY: *Etude sur les sépultures barbares tes wisigoths*, 1892
- BAUDIN (capitaine): *Voyage aux terres australes*, 1800-1804
- BERGOUNIOUX (F. M.): *Les premiers hommes*, 1943
- BERTRAND (Alexandre): *La Gaule avant les gaulois*, 1889
- BONNEUIL (Mario-Ildith de): *Bivouac aux étoiles*, 1938
- BOUGAINVILLE: *Voyage autour du monde*, de 1766 a 1769
- BRUCE (James): *Voyage en Nubie et en Abyssine*, de 1768 à 1772
- BUSNOT (Le Père): *Voyage entrepris pour obtenir le rachat des captifs, sous le règne de Mouley Ismaël, sultan du Maroc*, en 1710-1712
- BYRON (Commodore): *Voyage autour du monde*, de 1764 à 1766.
- CAILLÉ (René): *Voyage à Tombouctou, dans l'Afrique centrale*, de 1824
- CANOT (capitaine): *Vingt ans de la vie d'un negrier*, de 1820 a 1840, 1856
- CARTAILHAC: *La France préhistorique*, 1889
- CAZENEUVE (Marins): *A là cour de Madagascar*, 1868
- CERAM (G. W); *Des dieux, des tombeaux, des savants*, 1952
- *Le premier américain*, 1972
- CHANTAL (Suzanne): *Le Portugal*, 1944
- CHARDIN (Jean): *Voyage en Perse*, de 1670 à 1675
- CHARENCEY (Comte de): *Epreuves et châtements de l'autre vie d'après les mexicains et les bouddhistes*, 1905:
- COLLIN DE PLANCY: *Dictionnaire critique des reliques et des images miraculeuses*, 1821; *Dictionnaire infernal*, 1863; *Dictionnaire féodal*, 1819
- COOK (capitaine): *Voyage dans l'hémisphère austral*, de 1772 à 1774
- COURCELLE-SENEUIL: *Les dieux gaulois*, 1910
- COURTEVILLE (Roger): *5000 kilomètres en Amazonie*, 1946.
- CURNE DE SAINT-PALAYE: *Mémoires sur l'ancienne chevalerie*, 1759
- CUMONT (Franz): *Les religions orientales dans le paganisme romain*, 1929
- DAREMBERG et SAGLIO: *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, 1896

- DELETTREZ (Jean-Marie): Rome et l'Étrurie, 1963
- DEROLEZ (R. L. M.): *Les dieux et la religion des germains*, 1962
- DESFORGES (Jacques): *Quarante siècles autour du monde*, 1964
- DOTTIN (Georges): *Manuel pour servir à l'étude de l'antiquité celtique*, 1915
- DU CHATELLIER (F): *Exploration du tumulus de Kerhué-Bras en Ploneour Lanvern (Finistère)*
- *Les trois tumulus de Kerven en Plozevet (Finistère)*
 - *Le cimetière gaulois du Mont-Blanc, à Étrechy (Marna)*, 1877-1880-1882
- DUCROCQ: *Le coq prétendu gaulois*, 1908
- *Des ossuaires et des boîtes à crânes de la Bretagne armoricaine*, 1884
- DU MARSAIS: *Des tropes*, 1824
- DUMONT D'URVILLE: *Voyage de la corvette l'astrolabe*, de 1826 à 1840
- DUPERREY (Cdt): *Voyages autour du monde de la corvette la Coquille*, 1822-1825.
- EVANS (John): *L'âge du bronze*, 1822
- FABRE (Gabrielle): *Les civilisations proto-historiques de l'Aquitaine*, 1952
- FABRE D'OLIVET: *La langue hébraïque restituée*, 1816
- FAURIEL: *Histoire de la Gaule méridionale sous la domination des conquérants germains*, 1836
- FÉLICE (Philippe de): *Foules en délire, extases collectives, essai sur quelques formes inférieures de la mystique*, 1947
- FLAVIUS (jôsèphe) (37-95): *Antiquités judaïques*, traduction d'Arnaud d'Andilly, 1646
- GALLES (René): *Etude sur le Manné-Lud (Vannes)*, 1864
- GARNTER (Christine): *Sénégal, porte de l'Afrique*, 1962
- GIRARD (Raphaël): *Le Popol-Vuh, histoire culturelle des maya quichés*, 1954
- GLASS (Justine): *La sorcellerie*, 1971
- GOERRES: *La mystique divine, naturelle et diabolique*, 1854
- GONZÈS (Emmanuel): *Les danseuses du Caucase*, 1876
- GOPALJEE-SAMBOO: *La médecine dans l'Inde*, 1963
- GRAHAM (Mistriss): *Voyage aux Indes orientales (XVIII^e siècle)*
- GRAHAME-CLARK: *Les chasseurs de l'âge de la pierre*, 1967
- GRANET (Marcel): *La civilisation chinoise*, 1929
- GUIGNEBERT (Ch.): *Jésus*, 1933
- GUIRAUD (Jean): *Questions d'histoire et d'archéologie chrétienne*, 1906
- *L'inquisition médiévale*, 1928
- HAMMER (Joseph de): *Mithriaca*, 1833
- HEBRAS (Ch.): *La sépulture mégalithique de l'île Malo*, 1967
- DOMO (Léon): *De la Rome païenne à la Rome chrétienne*, 1950
- HORN (Aloysius): *La côte d'Ivoire aux temps héroïques*, 1875. (Trader Horn, 1932)

- HORNSTEIN (Édouard): *Les sépultures*, 1868
- HOWELL (Thomas): *Retour de l'Inde par terre*, 1787-1788, suivi de *Voyage dans l'Inde en passant par l'Égypte*, 1778
- HUBERT (Henri): *Les celtes depuis l'époque de la Tène et la civilisation celtique*, 1932
- Les Germains, 1952
- HUBERT (Henry): *Mission scientifique au Dahomey*, 1908
- HUBERT (Jean): *L'Europe des invasions*, 1967
- HUC (Père Évariste-Régis): *Souvenirs d'un voyage dans la Tartarie, de Pékin à Lhasa*, 1844 à 1846
- HUTTON (J. H.): *Les castes dans l'Inde*, 1949
- IVANOFF (Pierre): *Chez les coupeurs de têtes*, 1955
- *Découvertes chez les mayas*, 1968
- JUSTIN (II^e siècle): *Histoire universelle*, 1838
- KASSNER (Rudolf): *Livre du souvenir*, 1942
- KESNIN-BEY: *Le mal d'orient*, 1888
- KLAPROTH: *Voyage au mont Caucase*, 1807
- KOTZEBUE: *Voyage de Saint-Petersbourg à Tauris*, 1817
- LACROIX (Paul) (Bibliophile Jacob): *Moeurs, usages et coutumes du Moyen Age*, 1871
- LA LIBORLIÈRE: *Vieux souvenirs, Poitiers avant 1789*, 1846
- LANDER (Richard et John): *Voyages dans le but d'explorer le Niger*, 1830-1831
- LA PEROUSE: *Voyage autour du monde*, de 1785 à 1788
- LE ROY (Marcel): *Au pays du Mamou aux confins du Libéria*, 1951
- L'ESTANCELIN: *Recherches sur les voyages et découvertes des navires normands aux Indes Orientales, en Amérique, etc.*, 1832
- LE VAILLANT (P. F.): *Voyage en Afrique de 1780 à 1785*
- LILIUS (Aleko L.): *Pirate volontaire*, 1938
- MACARTNEY (Lord): *Voyages en Chino et en Tartarie*, 1792-1793
- MAUNY (R.): *Les sculptures de Denezé-sous-Doué* (in *Archéologie*, 1973).
- MAURICE-VINCENT (J. B.): *Les canaques de la Nouvelle-Calédonie*, 1895
- MAZIÈRE (Francis): *Fantastique île de Pâques*, 1965
- MAYANI (Zacharic): *Les étrusques commencent à parler*, 1961
- MEADOWS-TAYLOR: *Mémoires d'un thug*, 1942
- MEARES (capitaine John): *Voyages de la Chine à la côte nord-ouest de l'Amérique*, 1788-1789
- MICHEL (P. O.): *Chez les coupeurs de têtes* (Iles Philippines), 1947
- MINVIELLE (Pierre): *Sur les chemins de la Préhistoire*, 1972
- MONTELIUS: *Les temps préhistoriques en Suède*, 1895
- MOREAU DE JONNES (Alexandre): *La France avant ses premiers habitants*,

1856

MORET (Alexandre): *Mystères égyptiens*, 1923

MORGAN (Jacques de): *L'humanité préhistorique*, 1921

MOSSE (Fernand): *La sage de Grettir*, 1933

MUNGO-PARK: *Voyage dans l'intérieur de l'Afrique pendant les années*

1795-1797

NICOLAZO DE BARMON: *Romains et venètes*, 1872

NIEBUHR: *Voyage en Egypte et en Arabie*, 1761-1763

NIEL (Fernand): *La civilisation des mégalithes*, 1970

NOAILLES (Vicomte de): *Souvenirs d'Amérique et d'Orient*, 1920

NORDEN (Hermann): *A travers l'Indo-Chine*, 1931

NOR-NALLA: *Souvenirs d'un agent malais*, 1934

NOUGIER (Louis-Rcné): *Géographie humaine préhistorique*, 1959

NUMELIN (Ragnar): *Les origines de la diplomatie*, 1945

PEIGNOT (G.): *Dictionnaire critique, littéraire et bibliographique des principaux livres condamnés au feu, supprimés ou censurés*, 1806

PETIT-RADEL (L. C.): *Recherches sur les monuments cyclopéens*, 1841

PHILLIPS (P. O.): *Les nomades de la Steppe*, 1966

PINTO (Fernand-Mendez): *Voyages aventureux*, 1537.1558

PITTARD (Eugène): *Les races et l'Histoire*, 1924

PREVOST-PARADOL: *Essai sur l'histoire universelle*, 1875

QUATREFAGES (Armand de): *Histoire générale des races humaines*, 1889

- *L'espèce humaine*, 1877

- *L'homme fossile et l'homme sauvage*, 1884

REINACH (Salomon): *Orphéus, histoire générale de religions*, 1909

- *Manuel de philologie classique*, 1884

RENÉ (F.): *Les dolmens de Roche-Vernaize*, 1902

RENOOZ (Céline) (Mine Mozo): *L'ère de vérité*, 1921.1933

RIALLE (Girard de): *La mythologie comparée*, 1878

RING (Maximilien de): *Histoire des peuples opiques (Osques)*, 1859

ROYOU (Jacques-Corentin): *Histoire du Bas-Empire (de Constantin à 1453)*,

1814

RUTILIUS-NUMATIUS (Claudius): *Sur son retour (en Gaule)*, vers 417

SACHOT (Gustave): *Nègres et papous*, 1879

SAINT-CLAIR (Davi): *Macumba, énigmes et mystères du Brésil*, 1972

SALIN (Édouard): *Les fouilles de sépultures du V^e siècle au VIII^e siècle*, 1945

SCHMOKEL (Hartmuth): *Sumer et la civilisation sumérienne*, 1964

SEBILLOT (Paul): *Le paganisme contemporain chez les peuples celto-latins*,

1908

- *Le folklore de la France*, 1904

SOLEILLET (Paul): (explorateur, 1842-1886): *En Ethiopie*, 1881-1883

- SOLIS (Antonio de): *Histoire de la conquête du Mexique*, 1684
- SMITH (William): *Dictionnaire de biographie, mythologie et géographie ancienne*, 1884
- SPENSER-SAINT-JOHN: *Haiti ou la république noire*, 1886
- STAVORINUS: *Voyage par le cap de Bonne-Espérance et Batavia à Samarang, Macassar, Amboine, Surate (an VII)*
- THURNBULL (John): *Voyage autour du monde*, 1800-1804, suivi du *Voyage de James Grant dans la Nouvelle-Hollande*, 1807
- VAILLANT (Georges C.): *Les aztèques du Mexique*, 1951
- VALENTIN-SMITH: *De l'origine des peuples de la Gaule transalpine*, 1866
- VERGIAT (A. M.): *Les rites secrets des primitifs de l'Oubangui*, 1951
- VINCENT (Maurice): *Les canaques de Nouvelle-Calédonie*, 1895
- VIRMAITRE (Ch): *Paris historique*, 1896
- WEIGALL (Arthur): *Sapho de Lesbos*, 1932
- *Survivances païennes dans le monde chrétien*, 1934
- WELTER (G.): *Les croyances primitives et leurs survivances*, 1960
- *Histoire des sectes chrétiennes*, 1950
- XXX: *Singularités anglaises*, 1814
- YERKES (Royden Keith): *Le sacrifice dans les religions grecque, romaine, et dans le judaïsme primitif*, 1955
- ZELLENINE (D.): *Le culte des idoles en Sibérie*, 1952

{11} [No original impresso Lawra de Kiev] No império russo, Quieve foi um centro primitivo cristão, atraindo peregrino, e o berço de muitas das mais importantes figuras religiosas do império. Mas até o século 19 a importância comercial da cidade se manteve marginal. Era o centro histórico e cultural da civilização eslava oriental e uma base importante pra cristianização da Rús Kievana. Através dos séculos manteve importância cultural e até em tempo de relativa decadência permaneceu o centro do cristianismo ortodoxo oriental. Seus locais sagrados, que incluem *Pecherska Lavra* (em ucraniano Печерська лавра, *Mosteiro das Cavernas*), e a catedral de Santa Sofia são provavelmente os mais famosos, atraíram peregrinos durante séculos e agora, reconhecidas como patrimônio mundial da Unesco, permanecem como principais centros religiosos, bem como as principais atrações turísticas. Esses locais também são parte das sete maravilhas da Ucrânia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kiev> Nota do digitalizador

{2} Ver o plano dum *ahu-morai* na página 85 de Fantástica ilha de Páscoa, de Francis Mazière (editado pela Livraria Bertrand na coleção Enigmas de todos os tempos). Se observará a plataforma da exposição dos mortos.

{3} Na verdade ocorre o oposto. Nota do digitalizador

{4} A cordilheira dos Balcãs, ditos em búlgaro e sérvio *Stara planina*, *Velha montanha*, forma uma extensão dos Cárpatos, separada pelo rio Danúbio. Extensão de 560km do leste da Sérvia, através da Bulgária central, até o mar Negro. O ponto culminante é o Musala, 2925m, localizado na cordilheira Rila. O termo *Balcãs* tem origem da palavra turca pra *montanha*, *monte*, *local alto*. Antigamente essas montanhas eram conhecidas como os *Haemus Mons*, nome que, se acredita, deriva do trácio *Saimon*, significando cadeia. <http://pt.wikipedia.org/> nota do digitalizador

{5} Não encontrei referência a catanágua, nem noutro país. Rio Magni, idem, misterioso. Nota do digitalizador

{6} Em *A antropofagia na África equatorial*, de Sílvio Marcus de Souza Correa, o seguinte trecho: Em 1878 doutor Lenz publicou um livro no qual dedica um capítulo aos *fangs*, *povo antropófago*, no qual reconheceu que comem carne humana em *ocasiões solenes*, por exemplo *uma vitória*. Lenz abordou a antropofagia diferentemente do tratamento sensacionalista dado por Chailly mas suas informações não acrescentam muito por se ter dado a generalização. Nota do digitalizador

{7} Os índios, saliva, em castelhano *sáliba*, são uma etnia que habita Colômbia e Venezuela. Falam idiomas da família salibana, aparentados ao piaroa. Na Colômbia habitam sobretudo na zona do Meta. Na Venezuela vivem no norte do estado de Amazonas e estão em processo de assimilação total. <http://es.wikipedia.org/> Nota do digitalizador

{8} Não consegui especificar a expressão *em forma de soco*. Talvez em forma de punho. Creio ser erro de tradução. A tradução reversa leva a *punch*, *soco*, *ponche*. Nota do digitalizador

{9} É chamado caixa-chinesa caixas contidas uma dentro da outra, continuamente. O conceito se estende, na literatura, a poemas dentro de poemas. Na literatura árabe é comum o conto dentro dum conto dentro dum conto... Nota do digitalizador

{10} Jutlândia (em dinamarquês Jylland e em alemão Jütland) é uma península onde ficam a parte continental da Dinamarca e o extremo norte da Alemanha.

Nota do digitalizador

{11} A capa dum número da revista Arqueologia, consagrada aos subterrâneos (1973), reproduz um impressionante baixo-relevo da gruta de Denezésous-Doué

{12} Editado por Livraria Bertrand, na coleção *Enigmas de todos os tempos*. Nota do editor

{13} Noz-areca ou pinangue é a semente da palmeira areca (*Areca catechu*), que pode crescer até 20m e tem folhas com 1m de comprimento, especialmente difundida na Ásia e na África oriental. Mascar a semente dessa espécie vegetal faz parte de muitas culturas asiáticas sendo que as técnicas de preparação variam em cada região. A ilha de Penangue recebeu o nome por causa da pinangue. Às vezes é designada incorretamente noz-de-bétel devido a ser consumida quase sempre em combinação com as folhas provenientes da planta que produz a pimenta de bétel, a *piper betle*, da família das piperáceas. <http://pt.wikipedia.org/>

Nota do digitalizador

{14} *Cerasta*, *ceraste*: sf (grego *kerástes*) Serpente (*Cerastes cornutus*) do próximo oriente, que tem uma protuberância na cabeça. Também chamada vibora cornuda. <http://www.dicio.com.br/cerasta/> nota do digitalizador

{15} Já está comprovada a influência lunar. Durante a lua cheia é maior a incidência de crime. Um estudo completo sobre a influência lunar, solar e estelar é *As ligações cósmicas (The cosmic bonds)*, de E. A. Laurence, editora Record, sem data. Nota do digitalizador

{16} *Amouco*: Vem de *amok*, palavra de origem javanesa que, em psiquiatria, designa atos criminosos inexplicados, sem motivo aparente. Com fácil acesso a armas uma pessoa considerada normal vai matando a todos os que encontra na frente, suicidando depois. Segundo o dicionário KingHost: sm Índio de Malabar, que jura morrer por seu chefe. (figurativo) Homem subserviente, bajulador, que toma sempre o partido de seus superiores. (adjetivo) Condenado, desesperado. O mesmo que *amoque*. Nota do digitalizador

{17} Canjar: Uma arma-branca oriental. Nota do digitalizador

{18} O termo *juggernaut* pode ser traduzido, a português, a *monstro destruidor*. Em inglês o termo é usado pra descrever força literal ou metafórica, tida como incontrolável, que acaba com tudo no caminho. Na Inglaterra também é usado pra se referir a caminhão grande e pesado. A palavra é derivada do sânscrito jagannātha, que significa *mestre do universo*, e que é um dos vários nomes de Crisna das escrituras antigas dos vedas, na Índia. Durante o período colonial britânico na Índia os missionários cristãos promulgaram um mito de que os devotos hindus de Crisna eram lunáticos fanáticos que se jogavam sob roda de trem de forma a conseguir a salvação. O fato é que alguns devotos foram acidentalmente mortos quando um trem fora de controle os matou. A visão da tragédia levou os ingleses a chamar *juggernaut* todas as forças destruidoras incontroláveis.

<http://en.wikipedia.org/wiki/juggernaut> Nota do digitalizador

{19} **Faxina** no sentido de feixe de ramo ou pau curto com o qual se entopem os fossos duma praça ou se cobrem os parapeitos duma bateria, usado antigamente em campanhas militares. **Gabião**: sm (italiano *gabbione*) Cesto grande, para transporte de adubo, estrume, terra, etc. Cestão de vindimar. Engenharia: Cilindro oco de fita de ferro, cheio de pedra, pra servir em barragem, dique, etc. <http://www.dicio.com.br/> Nota do digitalizador

[20] Bersegues (*Berserks* ou *berserkers*): Foram guerreiros nórdicos ferozes que juraram fidelidade ao deus viquingue Odim. Entravam em fúria assassina antes da batalha. Há divergência sobre o vocábulo nórdico *baresark*, que se referiria a camisa simples ou ao uso da pele de urso em batalha (significando *camisa de urso*, em nórdico), da mesma forma como os *ulfhedgar* usavam pele de lobo. Outra tradução possível é *sem camisa*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Berserker> Nota do digitalizador

[21] O potlate (*potlatch*) é uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os haida, os tlingite, os saliche e os cuacuquiltle. Também há um ritual semelhante na Melanésia. Consiste num festejo religioso de homenagem, geralmente envolvendo um banquete de carne de foca ou salmão, seguido por uma renúncia a todos os bens materiais acumulados pelo homenageado. Bens que devem ser entregues a parentes e amigos. A própria palavra significa dar, caracterizando o ritual como de oferta de bens e de redistribuição da riqueza. A expectativa do homenageado é receber presentes também daqueles aos quais deu seus bens, quando for a hora do potlate deles. O valor e a qualidade dos bens dados como presente são sinais do prestígio do homenageado. Originalmente acontecia somente em certas ocasiões da vida dos indígenas, como o nascimento de um filho, mas com a interferência dos negociantes europeus passaram a ser mais frequentes, pois havia bens comprados para serem presenteados, e nalgumas tribos surgiu uma verdadeira guerra de poder suscitada pelo potlate. Nalguns casos s bens eram simplesmente destruídos após a cerimônia. Os governos canadense e ianque proibiram o potlate no fim do século 19, por considerar o ritual uma perda irracional de recurso. Com a compreensão do significado do potlate, a proibição desapareceu em 1934 em Eua e em 1954 no Canadá. Algumas tribos ainda praticam a cerimônia e os presentes incluem dinheiro, taça, copo, manta, etc. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Potlatch> Nota do digitalizador

[22] Em *O mistério de Sírio*, de Robert Temple, no capítulo *As matilhas do Inferno*, página 183: Há pouco vimos que Acteão estava associado não só à cidade minia de Orcomenos, pois era o fantasma que atirava pedra (ecos de Deucalião, [o noé grego]), mas a uma matilha de 50 cães do Hades e a um reino de 50 meses. Esses vínculos vão ainda mais longe. Na obra de Pausânias (34, 4) o monte Lafístião é assim descrito: **E sendo mais elevado ainda (a partir do lugar onde o carneiro com velo de ouro se lançou ao ar), é encontrado o Hércules de olhos de fogo, monte que, dizem os beócios, Hércules escalou com o cão do Hades.** Ora, esse *cão do Hades* é Cérbero, que originalmente tinha 50 cabeças! (Mais tarde esse número foi simplificado a 3 cabeças, assim com Hécate, também do Hades, numa época em que 50 cabeças já não fazia sentido e provavelmente dificultava muito a pintura nos vasos. Mas, é claro, o número 3 também é significativo. Na página 156, capítulo *Os 50 sagrados*: Finalmente, o ponto principal sobre a constelação de Orião é ser a companheira visível de Sírio e, como tal, era substituta e representante da companheira invisível, Sírio B. Portanto é de extrema importância localizar uma evidência antiga da afirmação de que Orião tinha 50 filhos, por ser evidente o reconhecimento de quão antigo é esse aspecto de 50 da companheira visível de Sírio, assim como de sua companheira invisível, cuja órbita se completa em 50 anos. Nota do digitalizador

[23] Os ingleses com rei Artur dormindo na ilha de Avalão, que despertará quando seu país estiver em perigo. Os portugueses têm o rei dom Sebastião...

Nota do digitalizador

{24} *Cubata*: Choça de folha. Nota do digitalizador

{25} Vidrilho: sm Cada um dos pequenos tubos de vidro que, enfiados à maneira de conta, servem de enfeite ao vestuário. <http://www.dicio.com.br/> Nota do digitalizador

{26} Só encontrei as seguintes definições cabíveis pra *abeille*, *abelha*: **Bordado**. Ponto de aquecimento em forma estilizada de abelha, bordado, feito cum cordão de seda. A forma e arranjo dos fios dão aspecto estilizado de abelha. **Costura ou indústria têxtil**. Pra designar um ornamento em forma de ninho (também chamado avental) obtido com trabalho de tecelagem. Mas os itens listados são todos objetos metálicos. Talvez se trate de broche, algo com alfinete, que lembra abelha. Nota do digitalizador

{27} Podendo o presente texto dar a impressão de que apóia certas teses materialistas, o autor deseja precisar que acredita na natureza psíquica do homem, o que implica a possibilidade do estado vampírico, fenômeno que escapa, entre muitos outros, ao controle da ciência e da razão. Dostoievski disse: A razão é uma coisa muito boa mas é uma insignificante coisa.